Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes

Adaci Aparecida Oliveira Rosa da Silva

**Formação e Trabalho do Profissional da
Informação na Contemporaneidade: subsídios
para o ensino de graduação**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Doutor em Ciência da Informação.

Área de Concentração: Cultura e Informação

Orientadora: Profa. Dra. Asa Fujino

SÃO PAULO

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa desde que citada a fonte.

Assinatura: _____

Data: _____

Versão Corrigida (versão original disponível na Biblioteca da ECA/USP)

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Silva, Adaci Aparecida Oliveira Rosa
Formação e Trabalho do profissional da informação na contemporaneidade:: subsídios para o ensino de graduação / Adaci Aparecida Oliveira Rosa Silva ; orientadora, Asa Fujino. -- São Paulo, 2018.
266 p.: il.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.

Bibliografia
Versão corrigida

1. Ciência da Informação 2. Formação 3. Trabalho 4. Ensino
I. Fujino, Asa II. Título.

CDD 21.ed. - 020

Elaborado por Sarah Lorenzon Ferreira - CRB-8/6888

SILVA, Adaci A. O. Rosa da. **Formação e Trabalho do Profissional da Informação na Contemporaneidade**: subsídios para o ensino de graduação. 2018. 266 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2018.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Asa Fujino - Orientadora

Instituição: ECA/ USP

Julgamento _____ Assinatura _____

Profa. Dra. Mirian Vieira Cunha

Instituição: UFSC

Julgamento _____ Assinatura _____

Profa. Dra. Ariadne Chloe Furnival

Instituição: UFSCar

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. José Augusto Guimarães

Instituição: UNESP

Julgamento _____ Assinatura _____

Profa. Dra. Anna Maria Marques Cintra

Instituição: ECA / USP

Julgamento _____ Assinatura _____

Aprovada em:

____/____/____

Dedicatória

À

Ignês Maria e

Ao Sr. José Rosa

AGRADECIMENTOS

À todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a execução deste trabalho: amigos, pesquisadores, autores, professores, colegas de turma...

Agradeço, especialmente, à minha professora-orientadora, Asa Fujino, pela paciência e direcionamento no trabalho. Pelo companheirismo e a boa vontade sempre presente. Agradeço pela sua amizade, conversas boas e muito incentivo.

Aos meus amigos e amigas: Celso e Celeste e seus meninos.

Em especial, às minhas estrelas da sorte : Ana Maria Roma, Amanda Moura, Bruna Bacalchini, Graziela Jackman, Luciana Miranda, Graciela Morgado e Thaís Tinucci.

Ao apoio dos meus professores da PPGCI da ECA, na banca de qualificação e todos os outros dias, e aos funcionários da secretaria do CBD, da pós-graduação, Miriam , Tamara e Izabela, e aos amigos que fiz nas bibliotecas: os bibliotecários.

Aos meus familiares, que me ajudaram com muito carinho: Bárbara, Beatriz e Sara, Valter e Adalberto. À tia Araci pelas orações...

À CAPES, pelo apoio financeiro e oportunidade da realização deste trabalho.

Aos de casa, José Eduardo e Raquel, meus amores..., e aos meninos : Francisco, Juca e Kiwi... que nunca se cansam de me esperar.

Agradeço à Força Maior que nos mantém aqui, para sermos melhores e felizes.

Ao meu amor José Eduardo, cantarei...

*Não preciso que me digam
De que lado nasce o sol,
porque bate lá meu coração...*

***Ele nasce no céu azul
dos olhos da nossa linda Raquel
porque batem lá nossos corações...***

*... o tempo andou mexendo com a gente, sim
eu não esqueço, a felicidade é uma arma quente*

adaptado de Belchior, 1976

RESUMO

SILVA, Adaci A. O. Rosa da. **Formação e Trabalho do Profissional da Informação na Contemporaneidade: subsídios para o ensino de graduação**. 2018. 266 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2018.

Formação e Trabalho do Profissional da Informação na Contemporaneidade: subsídios para o ensino de graduação

No contexto das atuais mudanças no mundo do trabalho associadas aos movimentos socioeconômicos da sociedade informacional, esta tese teve por objeto de estudo a problematização da formação e atuação dos profissionais da informação, em especial, bibliotecários, arquivistas e museólogos, no Brasil. A partir da hipótese de que há divergências na sociedade e na comunidade científica nas interpretações do que é o trabalho do profissional da informação, que repercutem na formação acadêmica, e dispersão quanto aos caminhos que a categoria profissional deve tomar, mediante o estabelecimento da “sociedade da informação”, este estudo se propôs a responder a seguinte questão: *a pesquisa brasileira sobre formação do profissional da informação aponta caminhos para o ensino de graduação neste novo contexto?* Assim, apresenta um panorama quali-quantitativo sobre a produção científica brasileira sobre Formação do Profissional da Informação, abrangendo o período de 2007 a 2016. A metodologia adotada é exploratória e documental, de caráter quali-quantitativo envolvendo: levantamento, seleção e revisão bibliográfica sobre o tema formação e trabalho. Sustenta-se na literatura da área, na produção acadêmica da pós-graduação desenvolvidas nos Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação [mestrados e doutorados]; nos artigos científicos publicados nos Anais do ENANCIB, e artigos de periódicos na base BRAPCI. A investigação contemplou pesquisas sob o enfoque da formação e trabalho, desenvolvimento e perspectivas do campo da educação na área da Informação. A análise dos dados foi executada a partir dos métodos bibliométricos e análise de conteúdo. Os resultados demonstram que esses profissionais têm reconhecimento na sociedade, mas ainda estão associados aos lugares tradicionais de acervos físicos, para o senso comum; são valorizados nas áreas de ensino, pesquisa e inovação, de modo que podemos afirmar que essas profissões deixaram de atuar na função “meio”, para se tornarem “profissões fim”; há evidências sobre a necessidade de mudanças quanto aos conteúdos curriculares, mas percebe-se divergências, que alcançam o escopo da profissão e sua identidade. Como sugestões para subsidiar as discussões, a fim de realinhar a formação na Graduação, deve-se considerar empreender esforços para superar o impasse na implementação do estágio curricular, que tem enfrentado tensões entre seus objetivos acadêmicos e a limitação imposta pelas associações e conselhos de classe, que, ao exigirem profissionais credenciados nos respectivos conselhos para orientação do aluno na instituição concedente de estágio, acabam por limitar a exploração de novos espaços profissionais pelos futuros graduados; urge incentivar a aproximação entre entidades de classe, pesquisadores e profissionais da área para o desenvolvimento de projetos compartilhados a formação qualificada.

Palavras Chave: Formação. Trabalho. Ensino. Ciência da Informação

ABSTRACT

SILVA, Adaci A. O. Rosa da. **Academic Formation and Work of the Information Professional in Contemporaneity: subsidies for undergraduate education**. 2018. 266 p. Doctoral thesis (PhD in Information Science) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2018.

Academic Formation and Work of the Information Professional in Contemporaneity: subsidies for undergraduate education

In the context of the current changes in the world of work associated with the socioeconomic movements of the information society, this thesis had the purpose of studying the problematization of training and the work of information professionals, especially librarians, archivists and museologists in Brazil. Based on the hypothesis that there is a divergence in the interpretation of the work of the information professional in society and in the scientific community, which has repercussions on the academic formation and dispersion as to the paths that the professional category should take by establishing the "information society", this study proposes to answer the following question: does the Brazilian research on information professional training point out ways to undergraduate teaching in this new context? Thus, it presents an analysis on the work world of the information professional and the new demands for the professional exercise and a qualitative-quantitative panorama on the Brazilian scientific production on Information Professional Training covering the period from 2007 to 2016. The methodology adopted is exploratory and documental one, with a qualitative and quantitative character, involving: survey, selection and bibliographical review on the subject of training and work. It is based on the literature of the area, from the postgraduate developed in the Postgraduate Programs in Information Science [masters and doctorates]; scientific articles published in the Annals of ENANCIB, and periodicals related articles on the BRAPCI database. The research contemplated research under the focus of training and work, development and perspectives of the field of education in the area of Information. Data analysis was performed using bibliometric methods and content analysis. The results demonstrate that these professionals have recognition in society, but are still associated with the traditional places of physical collections, for common sense; are valued in the areas of teaching, research and innovation, so that these professions leave out to function in the "middle" function, to become "end professions"; there is evidence about the need for changes in curricular content, but there are differences that reach the scope of the profession and its identity. As suggestions to subsidize the discussions in order to realign graduation training, efforts should be made to overcome the impasse in the implementation of the curricular internship, which has faced tensions between its academic objectives and the limitation imposed by the associations and class councils, which, by requiring accredited professionals in their respective boards to guide the student in the granting institution of internship, end up limiting the exploration of new professional spaces by future graduates; it is urgent to encourage the approximation between class entities, researchers and professionals in the area for the development of shared projects to qualified training.

Keywords: Academic Formation. Work. Education. Information Science

SUMÁRIO

Lista de Tabelas	11
Lista de Quadros.....	12
Lista de Figuras.....	13
Lista de Abreviaturas e/ou Siglas	14
1 INTRODUÇÃO.....	22
1.1 TEMA E DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	28
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA	36
1.2.1 Hipótese.....	36
1.2.2 Objetivos Geral e Específico	37
1.2.3 Justificativa.....	37
1.2.4 Resultado Esperado.....	39
1.2.5 Estrutura do Trabalho.....	39
2 REFERENCIAL TEÓRICO	40
2.1 SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E MUNDO DO TRABALHO	44
2.1.1 Educação e Trabalho	50
2.1.2 Profissões e Profissionalismo.....	61
2.1.3 O Campo de Trabalho dos Profissionais da Informação.....	69
2.1.3.1 As Profissões da Informação e Profissional da Informação.....	70
2.1.3.2 Tendências.....	87
2.2 O CAMPO DA INFORMAÇÃO.....	94
2.2.1 A CI e as Trajetórias da Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia	95
2.2.2 Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil.....	99
2.2.2.1 Desafios da Pós-Graduação em Áreas Aplicadas.....	102
2.2.2.2 Grupo de Pesquisa GT6 ANCIB – Informação, Educação e Trabalho.	105
2.2.3. O Ensino de Graduação	107
2.2.4.1 Formação do Profissional da Informação	110
2.2.4.2 Processo de Ensino e Aprendizagem.....	127
2.2.4.3 Experiência de campo – estágios curriculares	130
2.2.4.4 Formação Continuada e Ensino a Distância	135
2.2.4.5 A atuação da ABEBD e ABECIN	141
3 CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA	145
3.1. CONSTRUÇÃO DO PANORAMA TEÓRICO	145
3.2. MÉTODOS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA.....	146
3.2.1 Análise Bibliométrica da Literatura.....	155
3.2.2 Análise de Conteúdo.....	159
4 RESULTADOS DA AVALIAÇÃO BIBLIOMÉTRICA	161
4.1 ESTUDO BIBLIOMÉTRICO DA BASE DA PÓS-GRADUAÇÃO	162
4.2 ESTUDO BIBLIOMÉTRICO DA BASE ENANCIB	179

4.3 ESTUDO BIBLIOMÉTRICO DA BASE BRAPCI.....	186
4.4 CONSOLIDAÇÃO DOS ESTUDOS BIBLIOMÉTRICOS	192
5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO - DADOS QUALITATIVOS	201
6 CONCLUSÕES.....	223
7 REFERÊNCIAS.....	231
APÊNDICES	248
<i>APÊNDICE 1 - Tabela A1-1 – Quantidade de artigos publicados em periódicos (2007 a 2016) com as temáticas da pesquisa (Base Brapci).....</i>	<i>249</i>
<i>APÊNDICE 2 - Tabela A2-1 – Seleção POS-GRAD de pesquisas por ano, IES, autor, título, orientador. período (2007 a 2016)</i>	<i>251</i>
<i>APÊNDICE 2 - Tabela A2-2 – Seleção BRAPCI de publicações por ano, autor, título e periódico (2007 a 2016).....</i>	<i>252</i>
<i>APÊNDICE 2 - Tabela A2-3 – Seleção ENANCIB de artigos do GT-6 por ano, IES, autor, e palavras-chave, período (2007 a 2016).....</i>	<i>254</i>
<i>APÊNDICE 3 – Trabalhos apresentados nos ENANCIB VIII (2007) a XVII (2016)</i>	<i>256</i>

Lista de Tabelas

<i>Tabela 1 - Origem acadêmica dos autores selecionados na amostra PPGCI.....</i>	<i>175</i>
<i>Tabela 2 - No presente os autores estão exercendo as atividades de:</i>	<i>176</i>
<i>Tabela 3- Distribuição das pesquisas por orientadores com maior ocorrência,.....</i>	<i>179</i>
<i>Tabela 4- Distribuição da produção x autores –ENANCIB - Período de 2007 a 2016</i>	<i>182</i>
<i>Tabela 5- Frequência de autores x produção – ENANCIB Período 2007 a 2016.....</i>	<i>183</i>
<i>Tabela 6- Ranking de periódicos indexados na Base BRAPCI.....</i>	<i>189</i>
<i>Tabela 7- Número de dissertações, teses, trabalhos em eventos com artigos publicados em revistas e periódicos, por IES, no período de 2007 a 2016.</i>	<i>193</i>

Lista de Quadros

<i>Quadro 1- Papéis e funções dos profissionais da informação.....</i>	<i>82</i>
<i>Quadro 2- Modelo de múltiplos papéis de Ulrich para profissionais da informação.....</i>	<i>84</i>
<i>Quadro 3- Perspectivas para mercado de trabalho dos profissionais da informação</i>	<i>90</i>
<i>Quadro 4- Características desejadas no processo de ensino na universidade.....</i>	<i>110</i>
<i>Quadro 5- Marcos históricos na Biblioteconomia no Brasil</i>	<i>113</i>
<i>Quadro 6- Resultados - A influência da CI nos cursos de graduação</i>	<i>120</i>
<i>Quadro 7- Taxonomia das Disciplinas Grad x Pós-Grad, IES núcleo comum (recorte).....</i>	<i>121</i>
<i>Quadro 8- Pressupostos metodológicos de abordagem pedagógica em ICT</i>	<i>130</i>
<i>Quadro 9 - Características dos trabalhos selecionados do ano 2007.</i>	<i>166</i>
<i>Quadro 10 - Características dos trabalhos selecionados, ano 2008.</i>	<i>167</i>
<i>Quadro 11 - Características dos trabalhos selecionados, ano 2009.</i>	<i>167</i>
<i>Quadro 12 - Características dos trabalhos selecionados, ano 2010.</i>	<i>168</i>
<i>Quadro 13 - Características dos trabalhos selecionados, ano 2011.</i>	<i>168</i>
<i>Quadro 14 - Características dos trabalhos selecionados, ano 2012.</i>	<i>169</i>
<i>Quadro 15 - Características dos trabalhos selecionados, ano 2013.</i>	<i>170</i>
<i>Quadro 16 - Características dos trabalhos selecionados, ano 2014.</i>	<i>171</i>
<i>Quadro 17- Características dos trabalhos selecionados, ano 2015.</i>	<i>172</i>
<i>Quadro 18- Características dos trabalhos selecionados, ano 2016.</i>	<i>172</i>
<i>Quadro 19- Palavras chave com mais de 10 ocorrências nos trabalhos PÓS-GRAD.</i>	<i>176</i>
<i>Quadro 20- Tipologias das palavras chave encontradas na pesquisa.....</i>	<i>178</i>
<i>Quadro 21- Métodos de Pesquisa das Teses e Dissertações em CI.....</i>	<i>195</i>
<i>Quadro 22 - Características gerais das pesquisas sobre egressos reunindo dados das bases PÓS-GRAD, ENANCIB e BRAPCI, no período de 2007 a 2016.....</i>	<i>196</i>
<i>Quadro 23- Composição da amostra nas fases quanti- qualitativa da pesquisa.....</i>	<i>202</i>
<i>Quadro 24 - Categoria 1 - Formação</i>	<i>206</i>
<i>Quadro 25- Categoria 2 – Educação Continuada / Ead.....</i>	<i>209</i>
<i>Quadro 26- Categoria 3 – Propostas Pedagógicas</i>	<i>211</i>
<i>Quadro 27- Categoria 4 – Currículo</i>	<i>213</i>
<i>Quadro 28- Categoria 5 – Mercado de Trabalho - Estudos de Egressos.....</i>	<i>215</i>
<i>Quadro 29- Categoria 6 – Trabalho – Atuação e Profissionalidade.....</i>	<i>217</i>
<i>Quadro 30 - Categoria 7 – Trabalho – Competência Informacional</i>	<i>219</i>
<i>Quadro 31- Categoria 8 – Trabalho – Estágio.....</i>	<i>221</i>

Lista de Figuras

<i>Figura 1- Evolução do número de trabalhadores nas Ocupações da Família Profissionais da Informação</i>	<i>76</i>
<i>Figura 2 - Distribuição por Região no Brasil dos Cursos de PPGCI e Graduações em Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, em 2016</i>	<i>102</i>
<i>Figura 3 - Trabalhos e participações nos encontros ENANCIB.....</i>	<i>107</i>
<i>Figura 4 - Taxonomia das ementas PPGCI x Graduação</i>	<i>122</i>
<i>Figura 5- Roteiro Esquemático Metodológico da Pesquisa</i>	<i>154</i>
<i>Figura 6 - Distribuição das IES no Brasil em função dos Programas e Cursos de Pós-Graduação em CI</i>	<i>162</i>
<i>Figura 7- Pré-seleção - IES x Número de estudos (teses e dissertações)</i>	<i>163</i>
<i>Figura 8- Pré-seleção IES x Número de estudos (teses e dissertações)</i>	<i>164</i>
<i>Figura 9 - Total Teses e Dissertações - PPGCI - Período 2007 a 2016.....</i>	<i>165</i>
<i>Figura 10 - Teses e Dissertações por IES - Período 2007 a 2016.....</i>	<i>173</i>
<i>Figura 11- Distribuição percentual dos trabalhos selecionados por nível (ME/DO) .</i>	<i>174</i>
<i>Figura 12- Distribuição de trabalhos nos ENANCIB- GT6 - 1994 a 2017</i>	<i>180</i>
<i>Figura 13- Trabalhos x participação de autores nos ENANCIB- GT6 - 1994 a 2017</i>	<i>181</i>
<i>Figura 14- Trabalhos e autores – ENANCIB 2007 – 2016.....</i>	<i>184</i>
<i>Figura 15- Titulação dos Autores – ENANCIB – GT6.....</i>	<i>185</i>
<i>Figura 16 - Número de artigos publicados por subtema – (Período 2007 a 2016).....</i>	<i>186</i>
<i>Figura 17- Número de autorias e coautorias dos trabalhos (Período 2007 a 2016) ..</i>	<i>188</i>
<i>Figura 18 - Titularidade dos autores da base BRAPCI (Período 2007 a 2016)</i>	<i>188</i>

Lista de Abreviaturas e/ou Siglas

ABECIN	Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação
ABEBD	Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação
ANCIB	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
ARQ	Arquivologia
BB	Biblioteconomia
BIREME	Biblioteca Regional de Medicina
BRAPCI	Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
BU	Biblioteca Universitária
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CI	Ciência da Informação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
GT	Grupo de Trabalho
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
IBBD	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica
ICT	Inovação em Ciência e Tecnologia
IES	Instituição de Ensino Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
MTE	Ministério do Trabalho e do Emprego
MUSEO	Museologia
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
PNAD	Pesquisa Nacional por Amstras de Domicílios
PPGCI	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
PPGCOM	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Comunicação
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina

UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UnB	Universidade de Brasília
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo

APRESENTAÇÃO

Nas primeiras décadas do século XXI, a informação está reconhecidamente na centralidade da economia mundial e contrapõe-se com o valor do conhecimento. Juntos atuam e influenciam o peso crescente do campo econômico sobre o campo das profissões associadas à produção e ao uso da informação sistematizada. Denota-se um período favorável e exigente ao exercício profissional dos trabalhadores da informação e comunicação.

A proposta desta pesquisa sobre a interação entre a pesquisa em Ciência da Informação e a formação dos profissionais da informação surgiu a partir do desenvolvimento da minha dissertação de mestrado defendida em 2012, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da Universidade de São Paulo¹ (USP), cujo objetivo principal foi analisar as mudanças no mundo do trabalho dos comunicadores, em especial dos jornalistas, face ao momento de transformações tecnológicas impactantes, com os novos processos de produção e apropriação do valor da informação.

No mestrado verificamos, no âmbito do mundo do trabalho dos profissionais jornalistas, que a transformação da profissão muito se confunde com a evolução das mídias e dos meios de comunicação e confronta a formação acadêmica tradicional, generalista e conteudística. Tratou-se do perfil profissional e dos discursos sobre as práticas do jornalista. Constatou-se que, embora as práticas tecnológicas sejam crescentes, a dimensão das exigências do perfil do novo profissional permanece ancorada, no imaginário da profissão, nas credenciais da competência no texto e, portanto, do conhecimento registrado e da ética profissional. Concluiu-se que, para a profissão dos jornalistas, as tecnologias da informação e comunicação - TIC, embora tão evidenciadas, se encontram na periferia do quadro de referências profissionais, suscetíveis às mudanças rápidas e conjunturais, enquanto no cerne, na estrutura, se concentram as referências às qualidades superiores da análise, da crítica, da analogia e apropriação do conhecimento, a serem obtidas, desejosamente, durante o processo de formação educacional e profissional.

Observou-se, entretanto, acentuada crítica dos empregadores da área de comunicação quanto à formação teórica dos jovens jornalistas, ao dizerem que, ao mesmo

¹ A referida dissertação de mestrado intitulada: "O mundo do trabalho dos jornalistas na realidade e na ficção" foi orientada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM), está disponível integralmente na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP: <www.teses.usp.br>. Cf. Silva (2012).

tempo pronunciada, porém, está ultrapassada e insuficiente para as demandas da profissão na modernidade². Os empregadores desejam que os jovens profissionais sejam capazes de transitar nas grandes áreas do conhecimento, tenham flexibilidade para atuar em vários contextos e maturidade comportamental no ambiente de trabalho, sugerindo experiência prévia no campo de trabalho, elevando as exigências para se alcançar os postos de trabalho. Denota-se que competência profissional, produtividade e concorrência são os elementos definidores de posições nesse campo de trabalho.

O setor da comunicação assumiu relevância na economia mundial. Verifica-se que o ambiente se apresenta propício para o trabalho com informação e comunicação, todavia, ao se abrir a perspectiva sobre as mudanças na cadeia produtiva do setor da comunicação, no Brasil e em outros países, no decorrer das transformações tecnológicas, percebe-se a extinção de várias profissões intermediárias. No contexto das transformações dos meios, da digitalização e a convergência de plataformas, observa-se que novas formas de organização e gestão do trabalho foram adotadas, tendo como diretrizes a polivalência dos profissionais remanescentes, para a adequação às multitarefas a serem desempenhadas no cotidiano de trabalho, e requalificações constantes passaram a ser exigidas³.

Em grande parte, hoje, as atualizações profissionais⁴ são custeadas pelo próprio trabalhador, devido às flexibilizações das relações trabalhistas, onde funções individuais nos postos de trabalho estão sendo transformadas em prestação de serviço, alterando as modalidades de “trabalhador com registro em carteira” para “pessoa jurídica” e/ou nas “terceirizações de operações” e são impulsionadas pela competitividade no mercado de trabalho.

² A pesquisa denominada *Comunicação e trabalho. As mudanças no mundo do trabalho nas empresas de comunicação* foi um projeto apoiado pela FAPESP (2008); subsidiou projetos de pesquisa de alunos da pós-graduação e pode ser acessada em: <www.eca.usp/comunicaçãoeotrabalho>.

³ Santana (2005, p. 2) afirma que: “[...] o processo de reestruturação das atividades produtivas, [...] inclui inovações tecnológicas e novas formas de gestão do trabalho. O resultado tem sido um aumento significativo nos índices de produtividade, profundas alterações no relacionamento entre empresas e nas formas de organização da produção, interferindo nas relações de trabalho e no processo de negociação com as instituições de defesa dos trabalhadores”. Harvey (1992) ressalta que mudanças profundas vêm ocorrendo e ultrapassam uma visão de processo decorrente da globalização dos mercados: “[...] quando confrontadas com as regras básicas de acumulação capitalista, mostram-se mais como transformações de aparência superficial, do que como sinais do surgimento de alguma sociedade pós-capitalista ou mesmo pós-industrial inteiramente nova” (HARVEY, 1992, p. 7).

⁴ Cabe ao trabalhador investimento próprio na sua formação em especialidades e idiomas, aquisição de equipamentos tecnológicos e adequação do espaço de trabalho – *homeoffice*, participação em eventos culturais e sociais, etc.

O comunicólogo Carlos Scolari (2008), estudioso do mundo do trabalho dos comunicadores, assim se manifesta:

Todas las profesiones de la comunicación, desde el periodista hasta el técnico de sonido o el fotógrafo, no sólo han vivido en carne propia una profunda mutación de las rutinas de trabajo y las modalidades de realización de su producto: también se han ido desenfocando los límites que separaban sus respectivos campos laborales⁵. (SCOLARI, 2008, p. 203).

Soma-se outra questão: as jurisdições profissionais também estão sendo afetadas no contexto das mudanças no mundo do trabalho na contemporaneidade. No caso dos jornalistas, ainda está em tramitação a votação da PEC do Diploma dos Jornalistas. Trata-se de um recurso imposto pelos sindicatos da categoria profissional contra a suspensão da obrigatoriedade da diplomação em nível superior para o exercício da profissão, decisão tomada pelo Supremo Tribunal Federal em junho de 2009, favorável aos pedidos do Sindicato das Empresas de Rádio e Televisão no Estado de São Paulo (Sertesp) e do Ministério Público Federal (MPF), que solicitaram a extinção da obrigatoriedade do diploma⁶.

O fato de iniciar carreiras profissionais sob o impasse da desregulamentação profissional estará no futuro de muitos formandos, podendo ocorrer, inclusive, com os profissionais da informação. Observa-se, na sociedade e na academia, que os debates sobre as mudanças no mundo do trabalho permanecem ativos e se intensificam, com a incessante introdução de novas e novíssimas tecnologias digitais e informacionais, tanto a respeito da manutenção dos postos de trabalho, quanto ao se tentar prever as probabilidades e quais profissões podem ser extintas ou sofrerem mudanças radicais.

Esses sinais antecedentes, de profissões que foram profundamente alteradas no processo do avanço tecnológico, se repetem em outras profissões associadas à informação como objeto ou produto. O discurso das transformações profissionais, advindos da sociedade informacional, apontam que nas “profissões do futuro” as capacidades de

⁵ assim, todas as profissões de comunicação, do jornalista ao técnico de som ou ao fotógrafo, não apenas experimentaram em sua própria pele uma profunda mutação das rotinas de trabalho e das modalidades de realização de seu produto: os limites também foram desfocados, os que separavam seus respectivos campos de trabalho (SCOLARI, 2008, p. 203, tradução nossa).

⁶ Matéria veiculada no Portal de Notícias G1: “A exigência do diploma foi derrubada em junho de 2009 pelo Supremo Tribunal Federal (STF). Relator do processo, o presidente do STF, Gilmar Mendes, concordou com o argumento de que a exigência do diploma não está autorizada pela Constituição. Ele disse que o fato de um jornalista ser graduado não assegura qualidade aos profissionais da área. ‘A formação específica em cursos de jornalismo não é meio idôneo para evitar eventuais riscos à coletividade ou danos a terceiros’, afirmou na ocasião.” Cf.: Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/11/ccj-da-camara-aprova-exigencia-de-diploma-para-jornalistas.html>. Acesso em: 01 dez. 2017.

adaptabilidade e autonomia do espaço e tempo de trabalho evoluem em função da desterritorialização do trabalho.

Os profissionais da informação hoje atuam, e a tendência aponta para um incremento nesta prática, em plataformas de trabalho onde suas fontes, clientes ou usuários e os próprios profissionais se encontram em situação diacrônica. Essas capacidades remetem a qualificadores para os ocupantes de postos de trabalho⁷ com maior desenvolvimento da margem decisória do trabalhador em relação ao trabalho executado e quanto ao ambiente físico. A disposição para mudanças se tornou um elemento importante na mesa de negociações dos benefícios para o trabalhador. A formação para o trabalho, considerando a expansão do entendimento das possibilidades de atuação em diversos espaços de trabalho, se destaca nesse contexto.

Nos estudos sociológicos de referência sobre estratificação e mobilidade social, sistemas de produção e reprodução no mundo contemporâneo desenvolvidos pelos estudiosos Pierre Bourdieu (1975) e J. Claude Passeron (1975), Robert Castel (2005) e Raymond Boudon (1981), com suas obras consagradas, entre outros autores, como Scalon (1999) e Arretche (2015), ao analisarem os padrões e tendências nos estudos sociais no Brasil, destacam a importância do fator educação no acesso às oportunidades no mercado de trabalho, podendo influenciar a mobilidade na estratificação social.

Percebe-se que as profissões tecnocriativas e informacionais são carregadas de alto valor simbólico pelos vínculos que assumem com as novas tecnologias, na expectativa do trabalho criativo e na cultura de consumo da informação, inseridas no contexto de uma sociedade cognitiva, revelando novas relações e áreas de trabalho, determinando carreiras “de prestígio e de valorização identitária”, na compreensão de autores como Y. Moulrier-Boutang (2003) e Úrsula Huws (2015), entre outros.

Entretanto, no Brasil atual, as nossas condições sociais e educacionais ainda não podem proporcionar os meios objetivos de acesso a esse mundo do trabalho idealizado, que assim restrito, criam um abismo entre as profissões desejadas e as ocupações possíveis, especialmente entre os jovens (ARRETCHÉ, 2015). A evasão dos alunos dos cursos de

⁷ ZARIFIAN (2003) considera que uma forma social estabelecida pode esconder uma outra, assim destaca a conformação do conceito de “posto de trabalho”, de modo que, concomitantemente fala-se em “profissões”, “classificações de profissões”, e de outro se impõem as demandas dos postos de trabalho, que se institucionalizaram a partir dos anos 1950-60, nas grandes empresas. Atualmente, torna-se mais visível que os sistemas de postos de trabalho evoluíram para “supostos sistemas de gestão de competências profissionais, [mas] ainda são apenas formas modernizadas do modelo de postos de trabalho” (ZARIFIAN, 2003, p. 48-9).

graduação está associada a essa falta de perspectiva futura, entre outros fatores (EZCURRA, 2009; COMIN; BARBOSA, 2011).

No contexto de transformações incessantes, há que se reconhecer o papel fundamental da educação e da formação profissional frente ao desenvolvimento de novos papéis profissionais na dinâmica competitiva impulsionada pela sociedade da informação e do conhecimento.

Pressupõem-se que as instituições educacionais devam debater sobre suas políticas de formação profissional, avaliando sistematicamente seus projetos pedagógicos e programas curriculares. É necessário assegurar que os estudantes tenham qualidade na orientação acadêmica, acesso a informações relevantes acerca das oportunidades no mercado de trabalho no percurso da graduação, assim, preparando-os para fazer face à complexidade das demandas dos postos de trabalho e de um mercado de trabalho em mutação. Por isso, faz-se necessário pensar sobre os conteúdos do conhecimento específico de uma área de formação, da atuação profissional e da pesquisa no campo a que pertence, quando se observam novas perspectivas no contexto sociotécnico e político. Estes são os elementos que fundamentam a proposta de estudo desta tese que apresentamos sobre a contribuição das pesquisas em Ciência da Informação sobre a formação dos profissionais da informação para o mundo do trabalho.

Na perspectiva da ubiquidade e dinâmica que o trinômio informação, educação e trabalho tem demonstrado na sociedade atual, são exigidos esforços permanentes da Ciência da Informação (CI) para dirimir questões quanto à estreita relação entre as teorias que tratam do campo científico da área e sua prática, traduzida na complexidade do trabalho dos profissionais da informação, em especial, os bibliotecários, arquivistas e museólogos.

Esta pesquisa sobre a formação e trabalho do profissional da informação na contemporaneidade teve por objetivo buscar subsídios para o ensino de graduação desses profissionais. Considera-se importante colocar esta problemática desde a perspectiva do perfil dos profissionais reconhecidos em atividades de informação, os profissionais da informação, delineando suas jurisdições profissionais, com sua fundamental participação na organização e difusão de informações; e a dinâmica entre a formação profissional e os fatores relacionados à inserção no mercado de trabalho, no contexto sociotécnico.

Reconhece-se o valor da literatura científica da área e das pesquisas acadêmicas no âmbito da pós-graduação em CI, no Brasil, como espaço privilegiado da prática investigativa, tanto por subsidiar as pautas de pesquisas que orientam e dão suporte ao ensino de graduação, quanto pela ação organizacional das temáticas que refletem as demandas da área.

1 INTRODUÇÃO

Nas pesquisas acadêmicas em Ciências Sociais Aplicadas, onde se insere a Ciência da Informação (CI), se evidenciam propostas de discussões sobre os problemas contemporâneos, com o objetivo de compreender a relação entre a informação e sua circulação na sociedade, e, especialmente, revelam a dependência dos contextos de pesquisa para demonstrar o potencial de soluções que a área pode oferecer.

Smit e Tálamo (2007, p. 27) valendo-se dos referenciais clássicos, mencionam que a área da CI “[...] desde seus primórdios, foi sempre caracterizada por uma dupla missão, qual seja, tanto a pesquisa quanto a elaboração de soluções reais para situações concretas [...]”, e acrescentam que Saracevic⁸ (1992, p. 5, citado por SMIT; TÁLAMO, 2007, p. 27) afirma em um dos seus textos “ [que] a CI é um campo que envolve tanto a pesquisa científica quanto a prática profissional[...]”. As autoras concluem “que os efeitos daí decorrentes relacionam-se diretamente com a natureza CI” (SMIT; TÁLAMO, 2007, p. 27), e se pautam pela capacidade de atuar sobre os problemas teóricos e práticos da informação, advindos do elevado volume de informações circulantes na emergência das tecnologias da comunicação e da informação, no mundo contemporâneo.

O processo histórico de consolidação da área da CI é fortemente associado ao contexto mundial pós-guerra e a explosão informacional, na década de 1940 e seguintes. As contínuas mudanças tecnológicas impactaram sobre o conceito de informação e fizeram ampliar os estudos e as reflexões em muitos campos sobre a utilização ou manutenção do objeto informação.

Vários autores enfatizam que a prevalência do tratamento, guarda e recuperação da informação estavam a cargo de bibliotecários e documentalistas, até a metade do século XX. Essas profissões são estabelecidas sobre bases sólidas e reconhecidas socialmente, entretanto, a partir de 1940, viu-se emergirem movimentos de interesse e adesão de vários outros campos do conhecimento para lidar com o volume de informação produzida. Foram envolvidos vários profissionais: matemáticos; lógicos; filósofos; historiadores e cientistas

⁸ SARACEVIC, T. Information Science: origin, evolution and relations. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. **Conceptions of library and information science**: historical, empirical and theoretical perspectives. London: Taylor Graham, 1992, pp. 5-27.

sociais, que passaram a se debruçar sobre o fenômeno da informação e delinearam as fronteiras de um novo campo da ciência -- a Ciência da Informação.

De acordo com Aldo Barreto (2007), Vannevar Bush é considerado o expoente teórico e criativo nessa explosão informacional; sendo que, em 1942, Bush assinalava em seus estudos dificuldades sobre a nova era, problemas nos quais ainda nos detemos. Bush considerava que a formação do profissional de informação era conservadora; reclamava que o instrumental de armazenamento e recuperação da informação era insuficiente, e que “[...] o arcabouço teórico existente [...] não explicava ou solucionava as práticas de informação da época” (BARRETO, 2007, p. 20).

Barreto refere que em 1948 houve a *Royal Society Scientific Information Conference*, chamada para se discutir a importância da informação e compareceram “[...] cerca de 340 cientistas e documentalistas de todo o mundo, [...] [e traziam] de quase todas as áreas do conhecimento propostas para resolver os problemas da organização e acesso a informação” (BARRETO, 2007, p. 21). Com os avanços nas técnicas e tecnologia, uma mudança paradigmática se deu na área de informação em ciência e tecnologia, afastando-se do viés custodial. Também ocorreu a necessidade de formar adequadamente recursos humanos para lidar com a gama de informações em expansão.

Cabe ressaltar a perspectiva de Barreto sobre as reflexões que advieram sobre a emergência da Ciência da Informação, no contexto da explosão informacional depois da Segunda Guerra. Para tanto, na esteira do “desenrolar histórico descritivo”, o autor recupera na historiografia as visões sobre o privilégio do controle da informação, confiada aos bibliotecários desde a Idade Média⁹, e a idealização do conhecimento humano compartilhado, este “desde o século XVII passando por antigas instituições e grupos europeus e americanos do Norte, como a construção da *Enciclopédia* [...]” (BARRETO, 2007, p. 19). Barreto (2007, p. 14) cita “Paul Otlet e seu grupo na Bélgica, Vannevar Bush [...], a aldeia global de Marshal McLuran [...]”¹⁰, porém, se utiliza dessa descrição para pôr em evidência a dissonância entre os discursos e objetivos com relação à informação na

⁹ Barreto (2007) ilustra seu argumento acrescentando um trecho da obra de Umberto Eco, *O Nome da Rosa*, onde se lê o discurso do bibliotecário chefe do mosteiro: “[...] Mas é próprio de nosso trabalho, do trabalho de nossa ordem e em particular do trabalho deste mosteiro, aliás a sua substância – o estudo e a custódia do saber [...]. Não há progressos, não há revoluções na história do saber, mas no máximo, continua e sublime recapitulação [...]” (BARRETO, 2007, p. 13). Barreto (2007) faz assim a crítica ao imobilismo e conservadorismo que ainda se vê na modernidade sobre o entendimento da sociedade da informação.

¹⁰ “[...] as ideias de Roland Barthes, Jacques Derrida, os ‘mitemas’ de Claude Lévi-Strauss, a Arqueologia do Saber de Michel Foucault e o *Decuverse* global de Theodore Nelson [...]” (BARRETO, 2007, p. 14).

sociedade intelectual, que emergiram a partir do volume de informação a ser socializada no pós-guerra:

O ideal compartilhado seria o de se construir uma sociedade do conhecimento não só uma sociedade da informação. É um erro confundir a sociedade da informação com a sociedade do conhecimento. A sociedade da informação é uma utopia de realização tecnológica e a do conhecimento uma esperança de realização do saber. (BARRETO, 2007, p. 14).

Barreto (2007, p. 22) então refere-se à essa “desarmonia de ideias e entendimentos em relação ao domínio e uso da informação”, que vai se transformar numa cisão entre a Biblioteconomia e os seguidores da Conferência de 1948 da Royal Society, que em seguida criaram o *Institute for Information Scientists*.

Smit e Tálamo (2007), nessa mesma perspectiva, pontuam a origem da CI a Vannevar Bush, pela capacidade deste em resolver as questões relacionadas ao uso da informação, e referem que as denominações “ciência da informação” e “cientista da informação” foram apresentadas por Jason Farradane¹¹ :

Não é por acaso, portanto, que muitos creditam a Vannevar Bush a origem da CI, já que ele soube tratar grande parte das questões do seu tempo relacionadas ao uso da informação. A par disso, o termo foi usado pela primeira vez por Farradane junto com a expressão “cientista da informação”. Ao contrário de Bush, ao associar o campo e seu profissional, Farradane não afirma apenas a importância do uso da informação, mas institui uma área de conhecimento que abriga essa e outras questões, todas relativas à cultura informacional que ganhariam forma nas últimas décadas do século 20. Nesse sentido, Bush expressou o problema do armazenamento, da recuperação e do uso da informação – contribuindo sem dúvida para a construção conceitual da CI –, mas o fez ao largo de proposta de campo específico que alce a informação a objeto, o que fez Farradane ao cunhar os termos assinalados. (SMIT; TÁLAMO, 2007, p. 28).

Smit e Barreto (2002) apontaram o ponto nevrálgico ao questionar o campo a respeito do desenvolvimento do seu profissional: trata-se de contextualizar a área de conhecimento – a CI – com os objetivos de formação profissional e do exercício profissional frente a “informação” tomada como objeto. Os autores argumentam que:

¹¹ Jason Farradane, cientista documentalista, foi participante da Royal Society Scientific Information Conference em 1948.

Se a proposta é relativamente nova, no que diz respeito à área, ela também é difícil por duas razões complementares: i) a prática profissional no caso brasileiro, ancora-se numa tradição biblioteconômica que tem a tendência a se justificar mais pelas técnicas empregadas do que pelos objetivos sociais perseguidos [como se usa a informação para gerar conhecimento]; ii) a área do conhecimento da CI padece de fragilidades à medida que tem dificuldade para definir seu objeto (a “informação”) e convive, no estágio atual, com uma diversidade de definições acerca de seus objetivos e demarcações disciplinares. (SMIT; BARRETO, 2002, p. 10).

Trata-se de destacar, consideram os autores, “que a CI se constituiu com a incorporação de conceitos originários de outras áreas”, com o eleger da “informação como seu objeto (embora o faça com definições bastante diversificadas), afastou-se do documento, ampliando o campo coberto originalmente pela Biblioteconomia”, sem o instrumental conceitual de sustentação (SMIT; BARRETO, 2002, p. 10).

Smit, Tálamo e Kobashi (2004) reforçam a problemática apontada na investigação do campo científico da CI, a partir de uma abordagem terminológica. Nesse estudo, observaram que o campo da CI se apoia na “interdisciplinaridade, propondo quadros nocionais tomados de empréstimo de disciplinas como a Lógica, a Administração, a Linguística, a Teoria Geral dos Sistemas, Psicologia, as Ciências da Computação, etc.” As autoras ressaltaram que na CI as soluções de problemas são alcançadas

[...] pelas possíveis apropriações que realiza em campos do saber, estabelecidas, via de regra, por associações dependentes do problema investigado. Desse modo, se a questão é de usuário recorre-se a Psicologia, se é de informática documentária recorre-se a Informática, se é de administração de sistemas, recorre-se a teoria da Administração, e assim sucessivamente. (SMIT; TÁLAMO; KOBASHI, 2004, não paginado).

Todavia, considerando que a CI surge com a constituição e expansão de um novo campo de interesses na sociedade contemporânea, bem definido por Gonzalez de Gómez (1995) como aquela que produz e consome metainformação: informação acerca de informações; as questões sobre a base conceitual da CI e sua concisão devem ser exploradas, sob pena de impactarem negativamente à medida que as “disciplinas [Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia e CI] ocupam espaços nas universidades, multiplicam-se cursos, impondo-se modos de circulação similares às demais formações, os

problemas terminológicos passam para o primeiro plano” (SMIT; TÁLAMO; KOBASHI, 2004, não paginado)¹².

Em razão desse contexto, acresce-se à complexidade desta discussão, qual o tratamento quanto à delimitação ou “definição da área do conhecimento e de seu objeto, condição para alcançar a necessária consistência” e fundamentar a “relação orgânica entre uma atividade profissional e a área do conhecimento que lhe fornece a base conceitual” (SMIT; BARRETO, 2002, p. 10, grifo nosso).

Smit e Barreto (2002, p. 12) enfatizam que a “ [...] base conceitual de uma ciência tem que explicar as práticas de uma maneira mais permanente e em tempos mais longos e não pode seguir os ditames de um fatalismo determinado pelas condições de mercado”, explicitando seu argumento:

A necessidade imprescindível de uma base conceitual para a formação profissional da informação é que esta explique o porquê das práticas cotidianas que lhe ensinam a operar, mesmo que estas práticas tenham se modificado na passagem da cultura da informação oral para a cultura eletrônica e um novo arcabouço teórico seja necessário. (SMIT; BARRETO, 2002, p. 13).

O pressuposto é que a capacidade de operar com o objeto da área, a “informação”, que se diferencia da “informação” do senso comum, alicerçado em base conceitual, o estatuto profissional pode ser mantido em uma ordem de longa duração, na ordem da estrutura na sociedade; passando ao largo das pressões, que a mutação tecnológica impõe

¹²Galvão (1998, p. 46) em sua reflexão sobre a construção de conceitos no campo da ciência da informação, justifica: “os conceitos são os materiais empregados na elaboração de modelos científicos que, por sua vez, permitem a observação, descrição e interpretação dos objetos teóricos e empíricos de um campo do conhecimento, assim como os fenômenos presentes, passados e futuros a eles relacionados.” Em sua análise a autora compreende que a biblioteconomia e a documentação têm por base o fluxo de tratamento e recuperação da informação, no entanto, “este arcabouço parece possuir alguns problemas metodológicos, entre eles a construção de conceitos descritivos sem uma paralela preocupação com a elaboração de conceitos metodológicos correspondentes e a perspectiva eclética adotada em sua construção” (GALVÃO, 1998, p.46) . Portanto, Smit e Barreto (2002), entre outros autores, destacam a relevância da pesquisa científica em CI para “elaborar seus paradigmas”, e superar suas “indeterminações”, entre eles o “nó górdio” está na definição de seu objeto “informação”. A proposta assim definida tem a hipótese de que a definição do objeto “informação” tanto favorece a ação pedagógica orientando a prática educativa dos profissionais da informação, quanto conformam o entendimento do objeto/produto do seu trabalho, qualificando as especificidades do trabalho desses profissionais.

às práticas profissionais associadas às inovações tecnológicas e flutuações da economia, processos conexos a fatos de curta duração, pertinentes à ordem das conjunturas.¹³

Em síntese, a informação assume dupla posição no campo da CI, tanto é objeto de investigação, quanto objeto/produto de trabalho dos profissionais da informação, que dependem de uma base conceitual científica que lhes permita explicarem suas práticas, e, portanto, instaurar as bases para se discutir uma proposta de evolução da profissão e sua formação, suscetíveis a pressões internas (coletivos formativos e profissionais) e externas (contexto sociotécnico), considerando que a engrenagem está em movimento.

Neste trabalho de investigação e pesquisa, optamos por reunir os “grupos tradicionais com atividades bem definidas como os bibliotecários, documentalistas, museólogos e os arquivistas” na categoria profissionais da informação, conforme orientação de Crivellari e Cunha (2004, p. 14), considerando-os um “grupo profissional”; levamos em conta a classificação das áreas científicas determinada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)¹⁴, que reúne a classe Ciência da Informação e suas subclasses¹⁵: Biblioteconomia, Arquivologia, e a classe Museologia, dentro da grande área das Ciências Sociais Aplicadas. Além de compartilhar as questões e expectativas da sua formação e atuação profissional junto aos pares no âmbito da CI, na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), e nos eventos científicos do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB). Não menos importante, há o compartilhamento de conhecimentos nas escolas, faculdades e universidades que, em considerável número, abrigam esses cursos e suas linhas de pesquisa,

¹³ Os conceitos de estrutura, conjuntura, acontecimento, perspectivas de longa e curta duração são princípios metodológicos de interpretação dos aspectos econômicos e sociais, originários da Escola dos Annales. Cf. SEGAL, André – Pour une didactique de la duree, in MONIOT, Henri (org). **Enseigneur L’histoire – des manuels a la mémoire**. Berne, Peter Long Editions, 1984, pp. 93-111. A adoção da perspectiva de longa duração, como orientação metodológica da Escola dos Annales, é também sugerida por Gramsci (1975, p. 1578/1583 citado por Saviani, 2010), permite observar e distinguir os movimentos orgânicos (estruturais) dos conjunturais, com propósito de se estudar o desenvolvimento das ideias pedagógicas em relação ao real desenvolvimento da educação brasileira, por exemplo. Cf. GRAMSCI, A. **Quaderni del carcere**. Torino, Einaudi. 4 vols. (Edizione critica dell’Istituto Gramsci a cura di Valentino Gerratana).

¹⁴ CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Da mesma forma, são áreas aproximadas na concepção do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) e Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), pela reunião em famílias ocupacionais da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), por conseguinte, associadas nos levantamentos de dados por intermédio do banco de dados governamental, da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Dados estatísticos destas instituições foram fontes de pesquisa para este estudo.

¹⁵ Na classe da Ciência da Informação, além das subclasses Biblioteconomia e Arquivologia, que formam os respectivos profissionais, está incluída da subclasse que reúne os estudos da **Teoria da Informação: teoria geral da informação; processos da comunicação; representação da informação**.

reunindo o corpo docente e orientadores (graduação e pós-graduação) para as mesmas disciplinas. Devido à presença da Biblioteconomia, no Brasil, como disciplina precursora da profissão (profissional da informação) há uma tendência, assim justificada, de se utilizar do seu maior volume de estudos e bibliografia, para evocar questões, propostas, e perspectivas de sustentação teórica para a formação desses profissionais da informação.

No que concerne à abordagem da informação contextualizada no campo da CI foi desenvolvido o problema objeto de investigação -- formação e trabalho dos profissionais da informação. Buscamos aprofundar o entendimento sobre as relações entre informação, educação e trabalho, a partir da identificação e categorização dos subtemas que emergem dos estudos acadêmicos-científicos da área, considerados representantes da evolução das principais concepções sobre a formação e o trabalho destes profissionais, no Brasil contemporâneo.

1.1 TEMA E DELIMITAÇÃO DO TEMA

A manutenção dos postos de trabalho, a definição dos perfis profissionais e evolução das carreiras acompanham o momento histórico e estão submetidos a relações de poder, dialeticamente, na medida em que as necessidades do mercado de trabalho atuam sobre os modelos profissionais, produzindo trabalhadores profissionais com especificidades desejadas, enquanto estes reproduzem o contexto em que a demanda se estabelece (SEGNINI, 1989).

A partir da crise estrutural do capital, na década de 1970, pôde-se verificar o incremento do setor de serviços e as transformações no mundo do trabalho, fortemente sentidas com a expansão da tecnologia de informação nos ambientes de trabalho. As mudanças corporativas trazem ao seu lado mudanças no perfil contratual, conjuntamente alteram os padrões comportamentais no modo de produção (SANTANA, 2005).

Sendo certo que a cada nova reestruturação produtiva emergem tendências organizacionais que se tornarão hegemônicas, na esteira das profundas alterações que a tecnologia digital provocou no mundo do trabalho do profissional da informação, a delimitação do campo de atuação profissional é questionada. As dimensões do mundo do trabalho, com a prevalência do teletrabalho, a desterritorialização dos locais de trabalho, a desmaterialização e diversificação dos suportes de informação, colocam em discussão

aspectos associados à regulamentação e proteção, ou desregulamentação e desproteção do trabalho destes profissionais e exigem revisão do ensino que considere a subordinação da burocratização à dimensão significativa da atividade profissional.

Reflexões sobre a formação profissional, perspectivas profissionais no mercado de trabalho das profissões da informação e as suas relações com a CI, têm sido objeto de pesquisas que vêm há décadas demonstrando alertas de problemas para essas profissões. Observa-se que frente aos avanços científicos e tecnológicos no campo da informação¹⁶ e a introjeção de uma nova lógica de organização no mundo do trabalho¹⁷, que borra fronteiras entre as profissões, há dificuldades na área de CI quanto a incorporação dessas transformações, mesmo frente às advertências, nessas condições, sobre os riscos ao resguardar burocraticamente os coletivos profissionais ainda que regulamentados (BARBOSA, 1998; MUELLER, 1985, 1989, 2004; BAPTISTA, 2000; BAPTISTA; MUELLER, 2005; SOUZA, 2006a).

Deve-se ressaltar que a regulamentação das profissões *per si* não garantem empregabilidade de seus profissionais, ou condições de reserva de mercado, e que, na área das Ciências Sociais Aplicadas, o conhecimento dos contextos institucionais é essencial para a prática profissional.

A avaliação permanente das ações educativas e pedagógicas é necessária ao bom desempenho dos programas de ensino, o que envolve a temática da crítica adequada ao aperfeiçoamento dos projetos pedagógicos para a formação profissional, em especial, aqueles desenvolvidos para o curso superior/universitário. Há, entretanto, críticas relativas à inadequação da articulação entre a teoria e a prática nos cursos de graduação apresentando aspectos convergentes e divergentes, sobretudo tensões no campo da formação do profissional da informação.

Oliveira (2010), nos estudos sobre a inserção do arquivista no mercado de trabalho público, ressaltou que a área “clama pelo nascimento de uma nova Arquivística”, que “não poderá ser somente multidisciplinar, ela terá que ir além. A Arquivística terá que se

¹⁶ Barbosa (1998, p. 53) já alertava para a aproximação de profissionais de “campos de informação irmãos [...] reunindo as áreas de processamento de dados, sistemas de informação, ciência da computação, inteligência artificial, multimídia, devido a crescente importância que os setores produtivos que lidam com a informação adquiriram na contínua introdução das novas tecnologias da informação.”

¹⁷ Hirata (1994); Ferretti (1994); Dantas (2006); Saviani (2010) e outros autores contextualizaram e abordaram os novos paradigmas de produção, a evolução da divisão do trabalho e a qualificação em relação à introdução das novas tecnologias no trabalho, e as reflexões sobre a educação profissional.

remodelar e, talvez, até mesmo, que se reinventar para corresponder às expectativas da sociedade”. Oliveira (2012) observa em sua pesquisa que na profissão de bibliotecário há indícios de desprofissionalização, embora a regulamentação da profissão proporcione condições mais favoráveis de proteção dos postos de trabalho, reconhecimento social e manutenção dos níveis salariais. Alves, Crivellari e Frota (2015) apontam a falta de estudos que viabilizem o investimento na formação de museólogos.

Rodrigues (2010) ao analisar a articulação ensino-pesquisa como proposta de inovação na formação do profissional da informação, observa que o campo educacional e suas instituições lidam com um novo panorama de referências que levam a repensar o campo das atividades de formação profissional, tanto quanto “[...] se impõem às instâncias educativas a viabilização de formas educativas que conduzam a rupturas com um projeto educacional que já não responde aos apelos da nossa conjuntura vivencial” (RODRIGUES, 2010, não paginado).

É possível afirmar que o instrumental teórico da CI evolui compartilhando dos adventos da evolução tecnocientífica, entretanto as ações para formar quadros de profissionais da informação compatíveis com a nova conjuntura, mediadas pela educação, caminham em passos mais lentos e transformam-se em desafio.

Considera-se a importância da temática "formação e trabalho do profissional da informação" como objeto de investigação e reflexão à semelhança de outras profissões. As discussões sobre o presente e futuro desses profissionais da informação na CI têm sido promovidas por várias entidades acadêmicas e científicas, todavia não se dispõe de uma obra que reúna esses estudos e possa representar o consenso do pensamento brasileiro sobre as profissões da informação e seus destinos. Pode-se dizer que as interpretações dessas profissões e seus pressupostos continuam segmentados dentro da própria área.

Pode-se também argumentar que não há consenso sobre quais são os grupos profissionais que integram esta área, uma vez que a “informação registrada” não é propriedade de nenhuma área específica¹⁸.

¹⁸ Deve-se observar os motivos da recomendação de veto ao Projeto de Lei nº 10, de 1992, que “Dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário e determina outras providências”. Segue a reprodução na íntegra do terceiro parágrafo da Mensagem nº 749, de 25 de junho de 1998: *“Já em relação à regulamentação da profissão, a Lei 4.082/62, que disciplina atualmente a matéria, estaria sendo substituída pela presente Lei. Ora, o projeto, ao incluir entre as atribuições próprias do Bibliotecário não apenas a Biblioteconomia, mas também a Documentação e Informação registrada elastece a reserva de mercado do Bibliotecário, de forma a abranger atividades próprias de outras profissões: Arquivologia, Informática, Museologia, Administração e*

Percebe-se na literatura que os trabalhos de reconhecimento das mudanças tecnológicas, da organização do trabalho e seus reflexos sobre o mundo do trabalho dos profissionais da informação dão ênfase na verificação da evolução empírica, pois se debruçam sobre a maneira de se ver os impactos de fatos recentes; como exemplo, a biblioteca universitária aparece, majoritariamente, como espaço de pesquisa, e de aplicação de práticas. Entretanto, para não se constituir um erro fundamental de interpretação da problemática de base, primeiramente, deve-se buscar entender: *quem é o profissional da informação?*

Conhecer a identidade profissional, o perfil e campos de atuação permitem melhor entender o potencial de trabalho desses profissionais, assim como delinear suas competências profissionais. O planejamento da formação profissional e a oferta de cursos necessitam destes subsídios para compor a estrutura de ensino. Outro aspecto fundamental deste contexto, no Brasil, particularmente, é que os profissionais da informação são formados em cursos de graduação e em cursos de pós-graduação em CI, entretanto, o ingresso no mercado de trabalho está sujeito a clivagens, especialmente pelo controle formal do trabalho, no aspecto legal.

A inserção destes profissionais no mercado de trabalho exige formação acadêmica de nível superior, bacharelado e diplomação nos referidos cursos, porém, os mestres e doutores formados na pós-graduação em CI não têm livre acesso a estas jurisdições, nos casos das profissões regulamentadas (com formação de conselho profissional, como no caso do profissional bibliotecário), havendo disputas dentro da própria área.

Mueller (2004, p. 24) refere haver o consenso de que nessas profissões da informação há características de desempenho similares e pode-se incluir entre esses profissionais: os bibliotecários, os arquivistas e os mestres e doutores formados nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação.

Mueller (2004) analisa os profissionais da CI sob a ótica do estudo das profissões de Abbott (1988); ressalta que a diferenciação entre ocupações e profissões reside no

monopólio de competências e controle de entrada nas profissões, entre outros argumentos, e que

[...] mudanças na ocupação de vagas inevitavelmente envolvem disputas entre as profissões. [...] em todas as disputas o resultado é fortemente influenciado por variáveis decorrentes de aspectos específicos do corpo de conhecimento que fundamenta a tarefa profissional, do contexto em que as disputas ocorrem e da organização interna das profissões em confronto. Essas variáveis também determinam como os efeitos da disputa se alastram afetando todo o sistema ou parte dele até que ocorra nova acomodação. A extensão da cadeia de distúrbios e como ela se dissipa é outro ponto de interesse atacado por Abbott – às vezes termina na exclusão de toda uma profissão do sistema, às vezes de alguns grupos internos. Ainda outras vezes, os distúrbios são absorvidos pela própria profissão, com mudanças internas. (MUELLER, 2004, p. 41)

Crivellari e Cunha (2004) complementam as interpretações de Mueller (2004) ao analisarem as questões sobre disputas jurisdicionais entre os campos ocupacionais e profissionais na “sociedade da informação”, expondo com mais intensidade as divergências que advieram das mudanças na nomeação do grupo profissional do bibliotecário, que teve a ocupação reclassificada para a família ocupacional “profissionais da informação”, em 2002, no Brasil. As autoras se debruçaram sobre a problemática e indicaram as implicações desta nova denominação “[...] em termos de capital simbólico, jurisdição, monopólio, coesão do grupo ocupacional, fronteiras com outras ciências e outras profissões” (CRIVELLARI; CUNHA, 2004, p. 2). As discussões e análises sobre esses questionamentos estão incorporadas no objetivo desta pesquisa, tendo em vista que trata da formação e trabalho dos profissionais da informação.

Nesta proposta, emerge a necessidade de se questionar as instituições responsáveis pelos parâmetros que norteiam as formas educativas, a estrutura dos cursos de graduação profissionalizantes, formação e inserção desses graduandos no mercado de trabalho. Identificamos a universidade, corpos docente e discente, e programas de graduação e pós-graduação como seus representantes.

Tálamo, em 1993, observava que a universidade tinha o compromisso de formar um novo perfil de aluno, que “longe de buscar um diploma universitário que lhe confira “status” universitário, o aluno de hoje procura a obtenção de qualificações que o diferencie no conjunto de profissionais” (TÁLAMO, 1993, p. 64). Podemos dizer que houve grande

transformação do mundo do trabalho nessas quase três décadas, porém a dificuldade continua presente.

Guimarães (2004) ao relacionar o mundo acadêmico ao mundo profissional, citando Mueller (1989), apresenta a concepção apoiada pela autora de que:

[...] uma área do conhecimento caracteriza-se por duas dimensões preponderantes: aquela ligada à formação profissional e à geração do conhecimento, comumente denominado mundo acadêmico (ensino e pesquisa) e uma outra, ligada à aplicação de tais conhecimentos (teorias e metodologias etc.) a contextos sociais específicos, caracterizando o exercício ou prática profissional. (GUIMARÃES, 2004, p. 89).

A assertiva introduz ao questionamento quanto às competências de cada “universo” a respeito da evolução da área e da formação profissional. O autor se refere:

[...] no âmbito da biblioteconomia, esses dois universos, historicamente, passaram de um estágio inicial de quase identidade, quando a formação se dava a partir da transmissão de um conhecimento oriundo da prática para, posteriormente, com o desenvolvimento dos cursos de pós-graduação e dos periódicos científicos, revelar duas esferas distintas e, porque não dizer, por vezes incomunicáveis. (GUIMARÃES, 2004, p. 89, grifo nosso).

Mueller corrobora esta afirmação quanto à interação entre a graduação e pós-graduação em Biblioteconomia e CI:

[...] a produção científica desses professores, juntamente com as teses de seus alunos, se constitui na maior fonte de estudos na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação no país. (MUELLER, 1988, p. 80).

Mueller comparou outros aspectos convergentes e divergentes nas relações entre a pesquisa científica, os profissionais da área e as entidades de classe:

[...] a influência dos cursos de mestrado no desenvolvimento da classe bibliotecária e no seu desempenho profissional é notável, principalmente, no meio acadêmico - bibliotecas universitárias, institutos de pesquisas e cursos de Biblioteconomia. Mas, em avaliação talvez superficial, parece não se fazer presente em áreas tais como nos órgãos oficiais de classe — Conselhos Federais e Regionais e nas associações profissionais. Esses órgãos não aceitam os cursos e têm criticado sua posição, alguns de seus temas de pesquisa e rumos que indicam. (MUELLER, 1988, p. 80).

Guimarães identifica esta contraposição:

[...] nesse contexto, enquanto os órgãos ligados à atuação profissional (Conselhos, Associações, Sindicatos, etc.) permaneciam diretamente empenhados na discussão de questões como mercado de trabalho, ética profissional, denominações profissionais, etc., as instâncias de formação (notadamente as instituições de ensino superior) voltavam seus olhos para as questões curriculares, de capacitação docente, de pesquisa discente, da própria identidade científica da área e dos aportes interdisciplinares recebidos. (GUIMARÃES, 2004, p. 90).

Guimarães define a fase como sendo de intensa produção de ambas esferas, contudo, “sem haver pontos de intersecção” (2004, p. 90). No contexto em que a pós-graduação e sua dimensão científica são criadas, em meados de 1960, “[...] pretendia-se por seu objeto a formação de quadros de alto nível, no campo científico e tecnológico, para impulsionar o desenvolvimento do país”, de acordo com Saviani (2010, p. 392). A graduação faz parte do caminho para se alcançar a pós-graduação, a qualidade do ensino na graduação reflete o componente de interesse pela pesquisa nos cursos superiores, afirmam esses autores (GUIMARÃES, 2004; SAVIANI, 2010).

A respeito de transformações, o impasse entre a esfera formativa, seus formandos de pós e as associações perdura há cerca de 30 anos, é uma evidência de como a interlocução entre esses grupos é inexistente, embora tenha sido apontado por Miranda:

[...] o corporativismo inspirou a ação patrulhadora dos grupos mais conservadores da classe bibliotecária durante o processo de discussão do referido currículo mínimo, na tentativa de manutenção do status quo, dificultando modificações mais profundas. (MIRANDA; MUELLER, 2003, p. 88).

Martelete (2009, p. 34) afirma que em 2004, no âmbito da ANCIB, apontou-se a necessidade de “articulação dos programas de pós-graduação com os cursos de graduação para a esperada integração e fortalecimento mútuo desses níveis de ensino”. Trata-se, portanto, de questionar se a pós-graduação apresenta contribuições que permitam compreender a evolução das ideias pedagógicas na graduação, apoiada nos resultados das suas próprias pesquisas.

Assim, temos no horizonte desta tese, que a revisão do ensino de graduação pressupõe discussão de propostas de novas alternativas pedagógicas lastreadas em investigações acadêmico-científicas que considerem este novo ambiente de trabalho e o novo perfil profissional demandado.

Para tanto, propôs-se estudar os caminhos que orientam o entendimento da formação dos profissionais da informação: a produção acadêmica-científica da área de CI foi tomada como objeto de pesquisa. Constituiu-se de um *corpus* de análise privilegiado, por reunir debates entre autores e expor as correntes temáticas presentes desde a formação da área de CI no Brasil, inter-relacionados aos estudos de desenvolvimento profissional nas subáreas de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia.

Para se cumprir o objetivo de apresentar um panorama quali-quantitativo sobre o mundo do trabalho dos profissionais da informação e sua orientação formativa e reflexiva, propôs-se a pesquisa bibliográfica para proceder o cotejamento do cenário da literatura brasileira sobre o tema. A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir do conteúdo de obras clássicas da área, publicadas em livros; da produção científica da oriunda dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação (dissertações e teses); comunicações científicas apresentadas nos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) e listadas nos anais desses eventos; e, artigos de periódicos disponíveis na Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), relacionados aos temas de interesse, quais sejam: campo de trabalho informacional, formação profissional, atuação profissional e o trabalho informacional como campo de pesquisas¹⁹.

O recorte temporal privilegiado é o período entre os anos 2007 até 2016. Optamos por verificar o período de uma década após a transformação do escopo do GT6 para *Informação, Educação e Trabalho*. Entretanto, em alguns levantamentos foi possível ampliar os conteúdos além do recorte temporal, que foram expostos à análise em contexto específico. Da mesma forma, alguns elementos tiveram um recorte adstrito, especialmente os dados quantitativos e estatísticos do perfil profissional.

A pesquisa pode ser classificada como exploratória e documental, de caráter quali-quantitativo. A análise dos dados coletados na pesquisa bibliográfica sobre a produção científica dos pesquisadores da área foi executada a partir dos métodos bibliométricos. Análise de conteúdo foi a técnica de análise dos dados qualitativos escolhida para interpretação dos achados da pesquisa, com base no método configurado por Bardin (2006). As opções selecionadas para o tratamento do *corpus* da pesquisa no processo metodológico serão expostas e argumentadas com mais profundidade no capítulo metodológico.

As referências teóricas mobilizadas para a sustentação da pesquisa foram divididas em três aportes: educação e trabalho, no contexto sociotécnico da atualidade; profissões de informação e profissionalismo, e sobre a formação para o campo de trabalho dos

¹⁹ Também foram incluídas, em segundo plano estatísticas institucionais que permitissem observar o contexto atual do mercado de trabalho. Buscou-se investigar os dados sobre o mercado de trabalho a partir de relatórios oficiais como a RAIS e pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), recolhidos nas bases de dados do INEP, a partir dos Censos do Ensino Superior e do cadastro de instituições de ensino superior – EMEC, porém não se inserem no contexto principal deste estudo. A pesquisa também se utilizou da investigação documental, ao se analisar leis e decretos, especialmente, sobre a estruturação dos cursos universitários e do tratamento legal quanto ao reconhecimento dos estágios curriculares.

profissionais da informação. Também, o campo de pesquisa foi contextualizado nos limites da evolução das correntes teóricas da CI, as transformações no paradigma informacional, a partir da explosão informacional do pós-guerra, apresentando suas características que podem influenciar a política formativa na graduação e o entendimento que a profissão tem do seu objeto.

Finalmente, a estrutura da composição do trabalho está representada ao término deste capítulo introdutório.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Tendo em vista que há intensa negociação entre o mundo acadêmico, o mundo profissional e os sujeitos formados para o contexto sociotécnico; que as jurisdições profissionais estão sujeitas às dinâmicas das relações sociais e políticas na sociedade; que por si só não garantem a exclusividade no exercício de sua atividade no mercado de trabalho; e que uma nova concepção de formação é requerida, considerando, tanto o trabalho com informação sob o impacto de um novo enfoque, quanto o fato de que os espaços tradicionais de trabalho dos profissionais da informação estão fortemente alterados, questiona-se como estão sendo articulados esses elementos a fim de se obter um projeto educacional que dê sustentação e autonomia da profissão no sistema produtivo.

Assim, formulamos a questão: *a pesquisa brasileira sobre formação do profissional da informação aponta caminhos para o ensino de graduação neste novo contexto?*

1.2.1 Hipótese

A pesquisa acadêmico-científica sobre formação do profissional da informação, consubstanciada nesta pesquisa, pelos profissionais bibliotecários, arquivistas e museólogos, não articula adequadamente questões curriculares de formação e exigências do mundo do trabalho, interação necessária entre pesquisa e ensino para subsidiar novas alternativas pedagógicas que permitam melhor qualificar a formação dos futuros profissionais.

Há uma hipótese subjacente, o hiato entre a realidade profissional e a academia, restrita pelo tradicionalismo das associações de classe, dedicado ao protocolo corporativista,

que inibe ações transformadoras que sejam encaminhadas pela pós-graduação, dada a evidência do distanciamento entre as esferas, de acordo com a literatura da área.

Nesse sentido, a proposta deste constructo teórico é demonstrar que há necessidade de uma conexão entre as áreas Educação e Trabalho para melhor entender “os elementos e as materialidades que estão afetando o mundo do trabalho e contribuindo para um novo modelo de qualificação profissional”, concordando com os autores Arruda, Marteleto e Souza (2000, p. 15), sobre a pertinência desta discussão no campo da CI.²⁰

1.2.2 Objetivos Geral e Específico

- Objetivo geral:
 - Investigar a dimensão do processo formativo no contexto da formação inicial universitária de profissionais da informação.
- Objetivo específico:
 - Identificar convergências e conflitos entre formação e trabalho do profissional da informação na produção científica brasileira, na dimensão entre o proposto e o vivido, no sentido de buscar contribuições para a formação profissional;
 - Analisar a produção acadêmico-científica brasileira em CI para subsidiar propostas de melhor qualificação do ensino de graduação em Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia.

1.2.3 Justificativa

As atividades profissionais, de qualquer natureza, são suscetíveis aos movimentos da sociedade. As atividades socioeconômicas e seu mercado de trabalho são demandantes de capacidades de profissionais em interação com suas faces estrutural e conjuntural, sempre em marchas intercambiantes. O debate, entre as demandas do mercado de trabalho e as competências profissionais promovidas pela formação educacional, está permanentemente na pauta de discussões na temática Educação e Trabalho.

²⁰ Observando, ainda, a presença dessa discussão no campo da CI junto ao movimento do grupo trabalho-educação, subsidiado, primeiramente, na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), em 1981, e referenciado por esses autores.

Pode-se afirmar que o ambiente tecnológico não se sobrepõe ao conhecimento e ao construto da competência profissional dos profissionais da informação. Berardi (2005, p. 39) esclarece:

Podemos dizer acertadamente que a digitalização do processo de trabalho tornou todos os trabalhos iguais do ponto de vista físico e ergonômico. [...]. Do ponto de vista físico, não há diferença entre um agente de viagem, um operador de uma petroquímica [...], quando realizam seu trabalho. Mas, ao mesmo tempo, podemos afirmar o contrário. O trabalho se tornou parte de um processo mental, elaboração de sinais densos de saber. Tornou-se muito mais específico, muito mais especializado: o advogado, o arquiteto, o técnico informativo e o caixa do supermercado estão diante da tela do mesmo monitor e batem nas mesmas teclas, mas um não poderia nunca assumir o posto do outro porque o conteúdo de sua atividade de elaboração é irredutivelmente diverso e intransferível.

Assim, hoje se verifica a massificação do trabalho mediado por computadores, podendo ser colaborativo ou não, todavia, quanto aos seus trabalhadores, o que se vê são especialistas com formações acadêmicas e profissionais tradicionais, tentando trabalhar adaptados à recém-criada categoria do “trabalho em rede”. Em síntese, são os mesmos profissionais especialistas atuando em um meio diferente. O desafio da transformação na formação permanece, tendo em vista que a execução das tarefas rotineiras atravessa franco processo de mecanização.

O ponto de inflexão será a identificação da ultra capacidade cognitiva de acionar o “criativo” e o “analítico crítico” nas condições e espaços diferenciados que o profissional da informação será chamado a atender; considerar ter por objetivos a capacidade de circular em diferentes ambientes de trabalho, de assumir tarefas complexas, longe do isolamento das unidades de informação; e na sua dimensão social, a exemplo, revalorizar suas competências nos projetos educacionais, em coparceira nos projetos pedagógicos nos três níveis (fundamental, médio e superior) e no campo das pesquisas, por fim, capacitar suas habilidades para atuar em unidades de informação em rede digitais e virtuais, realinhando suas competências profissionais.

Neste momento se faz necessário superar as incertezas do mundo profissional ajustando o caminho, explorando as múltiplas informações que chegam nos diversos espaços de trabalho. No contexto da formação para o trabalho na graduação, os estágios supervisionados são instrumentos de verificação da qualidade do ensino, porém ainda muito pouco explorados. Na ampliação do escopo de atuação e o conhecimento sobre o mundo

profissional, também se desenvolve o “potencial de empregabilidade”, característica associada ao trabalhador flexível, marca do mundo do trabalho atual que ainda espera extrair o máximo do trabalho em menor tempo. Rejeitar estas características não impede que esse discurso organizacional “pós-moderno” avance ou mesmo que se evite o confronto.

Nesse contexto, esta tese, ao se tomar como objeto de estudo a “informação, educação e trabalho”, pretende reunir elementos para melhor avaliar o mundo do trabalho dos profissionais da informação e, como contribuição, propor alternativas para ajustar o enfoque sobre a formação na graduação. A pesquisa justifica-se pela possibilidade de investigar o campo profissional em comparação ao conhecimento científico desenvolvido pela CI, com a expectativa de encontrar e superar “vazios” e para melhor elaborar projetos políticos-pedagógicos consistentes para a qualificação do futuro profissional neste novo ambiente e incrementar o potencial de empregabilidade.

Este estudo, que reúne os atores envolvidos nos cenários de pesquisa, formação e mercado do trabalho, pretende explorar a dinâmica da área, observar as zonas de convergência, e contribuir para a necessidade de responder aos problemas da área com relação à formação do seu profissional, e poder subsidiar a pesquisa de outras temáticas e áreas de estudo, no contexto da interdisciplinaridade.

1.2.4 Resultado Esperado

Propor subsídios para elaboração de projetos pedagógicos que considerem ambientes de trabalho diversificados e o perfil profissional demandado na sociedade contemporânea.

1.2.5 Estrutura do Trabalho

Após esta introdução, este estudo contempla a apresentação da abordagem teórica que nos auxiliou a explicitar os contornos da pesquisa, no segundo capítulo. Elenca os aspectos que se destacam na inter-relação entre Informação, Formação e Atuação Profissional, e conjunções e injunções propostas pela tese. Apresentamos o entendimento que temos sobre os papéis sociais da Educação e Trabalho e Informação, a fim de subsidiar a discussão sobre a possibilidade de ressignificar os parâmetros que norteiam a relação da pós-graduação com a graduação na área.

Na primeira seção do capítulo 2, contextualizamos a centralidade da Informação e Trabalho na sociedade atual e a importância da Educação nos embates capital-sociedade; em seguida, apresentamos o debate multidisciplinar que acompanha as relações Educação e Trabalho, observando as articulações entre seus estudiosos, na tentativa de fazer-nos avançar no entendimento dessas questões. A segunda subseção aborda o tema profissões e profissionalismo, considerando as lições da Sociologia das Profissões para entender o processo de legitimação e manutenção do status e jurisdições profissionais. A terceira subseção reúne discussões convergentes sobre a temática do campo de Trabalho dos profissionais da informação sob o entendimento dos estudos da Educação e Profissões. Faz-se referência às tendências de atuação dos profissionais na atualidade.

Na segunda seção do capítulo 2, apresentamos as correntes teóricas da CI, evidenciando a complexidade do fenômeno da informação, e a evidente complexidade de conciliar sua base teórica conceitual com o desenvolvimento de seu profissional; a inter-relação da área e suas disciplinas. Em seguida, observamos os papéis institucionais da Pós-Graduação, do ensino de Graduação e o GT6 seus desafios, com o objetivo de ressaltar que a sua interoperacionalidade é o fator que pode dar sentido à evolução das discussões sobre o futuro do campo profissional da área de CI. Estendemos as considerações sobre o campo à luz da pesquisa em educação, e o ensinar-pesquisar sobre os desafios da profissão .

O capítulo 3 expõe a construção metodológica da pesquisa. Os capítulos 4 e 5 apresentam os resultados das pesquisas quanti-qualitativas e suas análises, caracterizando o cenário da pesquisa confrontando as hipóteses levantadas pelo estudo. O capítulo 6 expõe as considerações finais e sugestões para estudos futuros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Por que informação e trabalho se encontram no centro das discussões e análises no momento atual? Pode-se afirmar que a interconexão ainda mais ajustada destes elementos passou a gerar valor de mercado, acelerar as relações sociais e transformar os modos de produção, fatores que justificam o interesse das ciências de várias áreas.

O sociólogo Zygmunt Bauman se refere à emersão de uma “sociedade individualizada” na atualidade, na qual “o capital viaja leve, apenas com bagagem de mão – uma pasta, um laptop e um telefone celular” (BAUMAN, 2008, p. 39), essa cultura

contemporânea do trabalho tecnocriativo foi gestada no “novo espírito do capitalismo”, amparada por ideologias de autonomia e empreendedorismo, no bojo do capital globalizado. São componentes de discursos que reforçaram a ideia do trabalho como fonte de riqueza sempre acessível pela capacidade humana de pensar, descobrir, inventar, planejar e atuar, como se fosse possível dispensar o fenômeno das desigualdades entre as sociedades, os recortes de classes e a assimetria no acesso às oportunidades de educação e trabalho.

A dimensão global da economia, a desterritorialização dos lugares de produção, a estrutura das tecnologias da informação e comunicação propiciaram novos modelos socioprodutivos. Esses modelos vão gerenciar desde o que costumava chamar “chão de fábrica” até os trabalhos mais intelectualizados, movendo economias, tendo em vista que parcelas maiores de recursos de várias naturezas passam a ser direcionados para estes fins: recursos materiais e tecnológicos e de mão de obra especializada. Pode-se explicar esta demanda desses recursos pela importância que a informação, como conhecimento e valor, opera em modelos globais, como destacou Harvey (1989) que a formação de um mercado global de ações, de mercados futuros de bens, de negócios envolvendo moedas e taxas de juros, conjuntamente com a acelerada mobilidade geográfica de fundos significou, pela primeira vez, a formação de um mercado mundial único de valores de crédito.

Mattelart (2005) aponta como o caráter estruturante das novas tecnologias e a intelectualização geral do trabalho e do consumo contribuem para trazer à tona o alinhamento dos produtores de conhecimento e de informação sobre as dinâmicas dominantes. O autor se refere à hegemonia dos meios de comunicação e informação influenciando fortemente o tecido social:

O transtorno dos processos de trabalho e o surgimento de uma “intelectualidade de massa” na sociedade pós-fordista surge num contexto em que a esperança no reconhecimento do “trabalho da produção de si” pelo desenvolvimento da criação e da cognição como base da sociedade liberada das coerções do produtivismo da era fordista, é contestada pela precariedade, pela superexploração. Pela mobilidade forçada, pela superimplicação e pela captação pela empresa, do “capital humano” para fins de lucro. Abolir este formato na produção e no consumo é um dos desafios das novas formas de lutas sociais e culturais. (MATTELART, 2005, não paginado).

Berardi (2005) apresenta uma concepção de tecnologia da infoprodução, decisiva a partir dos anos 1980, pela informatização sistemática das principais seções produtivas. O autor acrescenta que “graças à digitalização, todo acontecimento material pode ser não só simbolizado, mas também simulado e substituído por uma informação” (BERARDI, 2005, p. 31). Logo, pode-se afirmar que “torna-se possível reduzir progressivamente todo o processo produtivo pela elaboração e troca de informações” (BERARDI, 2005, p. 31).

Linhart (2007) refere que atualmente além dos sociólogos do trabalho, também se interessam pelo tema do trabalho os macroeconomistas, como Robert Boyer (líder da Escola Francesa de Regulação), que investe no campo da organização do trabalho. A razão é “que atualmente a questão da organização do trabalho está diretamente ligada a um debate que agita a comunidade de economistas e dos sociólogos e gira em torno da questão dos novos modelos socioprodutivos” (LINHART, 2007, p. 25, grifo nosso). Esses novos modelos socioprodutivos acompanharam a perspectiva do trabalho na “infoeconomia”, como entende Berardi (2005, p. 32):

[...] o modelo infoprodutivo que surge nas últimas décadas parece interpretar e acolher exatamente aquele protesto [contra a forma do trabalho industrial massificado]. Na produção *high-tech*, de fato, são exatamente as faculdades cognitivas que são aplicadas ao trabalho e as peculiaridades pessoais são valorizadas.

Boaventura Souza Santos (2010) acrescenta outro um elemento para configurar nessa ambiência de centralidade da informação e trabalho: a educação. Segundo a crítica do autor, nessa intensa negociação entre trabalho e educação, com a intervenção do capital, os mercados da educação se justificam, por eles mesmos, por diversos fatores, entre os quais se destacam:

(i) vivemos numa sociedade da informação. A gestão da qualidade e a velocidade da informação são essenciais à competitividade econômica. Dependentes da mão de obra muito qualificada, as tecnologias [...] contribuem para o aumento da produtividade [...]; (ii) a economia baseada no conhecimento exige cada vez mais capital humano como condição no uso da criatividade e no uso da informação, de aumento da eficiência e na economia de serviços e ainda condição de empregabilidade; (iii) nada disto é possível na constância do paradigma institucional e político-pedagógico que domina as universidades públicas. [...] [que] não permite que as relações entre públicos relevantes sejam relações mercantis; que a

eficiência, a qualidade e a responsabilidade educacional sejam definidas em termos de mercado, e, [...] que a universidade se abra e se torne vulnerável às pressões dos clientes, [...] o estímulo para a flexibilidade e adaptabilidade às expectativas dos empregadores [...]. (SANTOS, 2010, p. 30-1, grifo nosso).

Reconhecemos o alerta de Boaventura Souza Santos sobre o discurso da monetarização do ensino e do treinamento para as práticas; o risco de mercantilização do saber do indivíduo e, principalmente, a necessidade de reflexão crítica sobre estas relações.

Nesse sentido, observa-se que a vertente tecnicista na educação, adequando a educação às exigências da sociedade industrial e tecnológica, esteve presente no Brasil desenvolvimentista²¹. Portanto, a educação e a formação dos profissionais da informação estiveram ligadas à evolução da educação profissional e à questão econômica, nesse contexto. Miranda (2003, p. 86) aponta o período entre 1929 e 1962 como sendo de inspiração norte-americana para o ensino de biblioteconomia, alinhada, pedagogicamente, pela opção por conhecimentos instrumentais, fazendo frente às necessidades da biblioteca pública.

Na mesma direção progressista, sob influência norte-americana²², na década de 1970, enquanto a formação na graduação estava voltada para a solução de problemas, a perspectiva adotada para a pós-graduação foi direcionada para investigação e pesquisa; pode-se apontar as contribuições especiais da Escola de Pós-Graduação da Universidade de Chicago para a Biblioteconomia e na adoção dessa perspectiva no Brasil. Rubin (2004) enfatiza que na “Escola de Chicago” produziram um considerável conjunto de pesquisas que formariam a base para novos estudos na área; isto se deve ao fato de terem reunido um corpo de estudiosos com contribuições de várias disciplinas, teóricos e metodológicos; sendo que tais atividades resultaram no reconhecimento do importante papel da pesquisa e investigação dos fenômenos da informação.^{23 24}

²¹ Saviani (2013, p. 367) relata que o modelo de desenvolvimento com segurança era a premissa do regime militar “dito revolucionário” (1964), para tanto “[...] a baixa produtividade do sistema de ensino [...] era considerada um entrave que necessitava ser removido.”

²² Miranda (2003) ao tratar da evolução do ensino profissional das áreas de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação no Brasil ressalta: “Durante a década de 1970 foi marcante também a influência inglesa, paralela à norte-americana, com acentuado declínio da francesa, ao mesmo tempo em que a experiência nacional se consolidou ganhando características próprias e mais independentes” (MIRANDA, 2003, p. 87).

²³ De acordo com o autor: “The Graduate Library School at the University of Chicago made special contributions to librarianship. [...] These individuals applied the established methodologies from other academic disciplines to the problems of librarianship. Second the faculty focused on research. Because the faculty were primarily

No contexto dessas injunções no mundo social, do trabalho e informação na atualidade, que apresentamos, a seguir, os fundamentos teóricos, na tentativa de subsidiar os contornos deste estudo, mas pretendemos lançar o olhar para além dessas características controversas que a sociedade tem que lidar, alcançando a missão social da universidade pública em formar cidadãos qualificados e autônomos para sua inserção no mundo do trabalho globalizado.

2.1 SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E MUNDO DO TRABALHO

Podemos afirmar que a tecnicidade na sociedade da informação é sua faceta mais evidente, contudo, devemos reconhecer que a evolução das técnicas faz parte da história da civilização. Assim, de fato, temos as tecnologias da comunicação e informação (TIC) efetivando os processos de trocas de informação, agregando valor às informações disponibilizadas, cobrindo as necessidades de informação, mediante a utilização das redes, progressivamente alterando a conjuntura e/ou a estrutura da sociedade.

No contexto desses eventos e desafios, passadas duas décadas da apresentação do conceito de *informacionalismo* por Manuel Castells, há o reconhecimento da emersão e estabelecimento de uma nova estrutura social, que de acordo com o autor, “está associada ao surgimento de um novo modo de desenvolvimento, historicamente moldado pela reestruturação do modo de produção, no final do século XX” (2006, p. 51).

Tomado como marco teórico, o informacionalismo pode representar o contexto socioeconômico vigente, que consiste em um novo modo de desenvolvimento, onde a

scholars rather than practitioners, they produced a considerable body of research, which formed the foundation for further research” (RUBIN, 2004, p. 451).

²⁴ As discussões em torno da ênfase para práticas profissionais ou investigação e pesquisa na Biblioteconomia também estiveram presentes quando da fundação da University of Chicago Graduate Library School (1926) -- Escola de Chicago -- como destacado por Norman: “At the 1926 [American Library Association] ALA Conference, M. L. Raney called for the establishment of a scholarly journal presenting studies of substantive issues in librarianship. Also in 1926, the Graduate Library School at the University of Chicago was founded. The Graduate Library School seemed to be a logical choice as the entity to publish Raney’s proposed journal. ALA and many in the library field, however, did not approve of the new school’s emphasis on research and scholarship. Consequently, ALA was reluctant to place a journal in the School. Finally, in 1931, the journal of discussions began publication at the Graduate Library School. The conflicts attending the start of the Library Quarterly show librarians general resistance to a new kind of journal reflecting the Graduate Library School’s dedication to research and scholarship” (NORMAN, 1988, p. 327).

[...] fonte de produtividade acha-se na tecnologia de geração de conhecimentos, de processamento da informação e de comunicação de símbolos. Na verdade, conhecimento e informação são elementos cruciais em todos os modos de desenvolvimento, visto que o processo produtivo sempre se baseia em algum grau de conhecimento e no processamento da informação. Contudo, o que é específico ao modo informacional de desenvolvimento é a ação de conhecimento sobre os próprios conhecimentos como principal fonte de produtividade. O processamento da informação é focalizado na melhoria da tecnologia do processamento da informação como fonte de produtividade, em um círculo virtuoso de interação entre as fontes de conhecimentos tecnológicos e a aplicação da tecnologia para melhorar a geração de conhecimentos e o processamento da informação: é por isso que [...] chamo esse novo modo de desenvolvimento de informacional, constituído pelo surgimento de um novo paradigma tecnológico baseado na tecnologia da informação. (CASTELLS, 2006, p. 53-4, grifo nosso).

Miranda (2003, p. 37) ressalta que “no marco do que agora se convencionou chamar de setor quaternário da economia, responsável hoje pelos serviços e empregos que dinamizam a terceira onda das sociedades pós-industriais”, há grandes “possibilidades derivadas das novas fontes de conhecimento prestadas por redes e sistemas de informação”. A “terceira onda”, ao que se refere Miranda, trata-se de uma visão amplamente divulgada do ensaísta norte americano Alvin Toffler, nas décadas de 1980 e 1990. Toffler faz uma reflexão futurística do incremento informacional, do que poderia vir a ser, mas, no entanto, hoje enfrentamos, desde que houve a redução do custo da fabricação de objetos, pelo incremento no conhecimento tecnológico; a diminuição da necessidade de mão-de-obra nas indústrias dos países desenvolvidos, que migrou do mundo industrial para a oferta de serviços; da manipulação de símbolos²⁵, a comunicação dilatada em vários níveis e os gastos com produtos bélicos (1980).

As discussões encabeçadas por Castells (2006) nos auxiliam a perceber os entrelaçamentos da economia, cultura e sociedade na era da informação, com o destaque dado pelo autor para a denominação de *Sociedade em Rede* ao ambiente complexo que se desenvolve a partir da década de 1950. Cabe fazer uma distinção analítica ao que Castells denomina como sociedade informacional, tendo em vista o que na área da Ciência da

²⁵ A discussão sobre as assimetrias sociais e econômicas são referenciadas por Toffler: “enquanto esta redução de fabricação se acelerou no mundo industrial, mais e mais a rotina de fabricação foi transferida para os chamados países em desenvolvimento, da Argélia ao México e à Tailândia” (TOFFLER, 1980, p. 186).

Informação convencionou-se chamar de Sociedade da Informação em referência à sociedade emergente, pós-industrial e na pós-modernidade²⁶.

Wertheim (2000, p. 71) afirma que a expressão “sociedade da informação” passou a ser utilizada, ao final do século XX, em substituição ao “conceito complexo de *sociedade pós-industrial* e como forma de transmitir o conteúdo específico do *novo paradigma técnico-econômico*.”

Entretanto, embora não determine a tecnologia, a sociedade pode sufocar seu desenvolvimento principalmente por intermédio do Estado. Ou então, também principalmente pela intervenção estatal, a sociedade pode entrar num processo acelerado de modernização tecnológica capaz de mudar o destino das economias, do poder militar e do bem-estar social em poucos anos. Sem dúvida, a habilidade ou inabilidade de as sociedades dominarem a tecnologia e, em especial, aquelas tecnologias que são estrategicamente decisivas em cada período histórico, traça seu destino a ponto de podermos dizer que, embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia, (ou sua falta) incorpora a capacidade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre em processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico. “[...] passamos de uma sociedade em que todas as formas sociais e tecnológicas estavam impregnadas por uma lógica e forma de organização do tipo industrial, a uma em que a tecnologia, junto com a geração, processamento e transferência da informação alcançam e reconfiguram o entorno social”. (CASTELLS, 2006, p. 44-5).

Na visão de Castells (2006, p. 54), a terminologia utilizada para distinguir as sociedades industrial e informacional se refere às formas sociais e tecnológicas de organização que permeiam todas as esferas da atividade.

Cada modo de desenvolvimento tem, também, um princípio de desempenho estruturalmente determinado que serve de base para a organização dos processos tecnológicos: o industrialismo é voltado para o crescimento da economia, isto é, para a maximização da produção; o informacionalismo visa o desenvolvimento tecnológico, ou seja, a acumulação de conhecimentos e maiores níveis de complexidade do processamento da informação. Embora graus mais altos de conhecimentos geralmente possam resultar em melhores níveis de produção por unidade de insumos, é a busca por conhecimentos e informação que caracteriza a função da produção tecnológica no informacionalismo. (CASTELLS, 2006, p. 54, grifo nosso).

²⁶ Smit e Tálamo fazem uma análise crítica da relação CI e “pós-modernidade”. Cf.: SMIT, J. W., TÁLAMO, M. F. G. M. Ciência da Informação: uma ciência moderna ou pós-moderna. In: LARA, M. L. G.; FUJINO, A., NORONHA, D. P. (Org.). **Informação e contemporaneidade**: perspectivas. Recife: Néctar, 2007. p. 27-46.

Nesse aspecto, as análises de Marteleto (2009), sobre os modos de produção do conhecimento científico e tecnológico e o desenvolvimento da pesquisa no Brasil, corroboram as diretrizes do desenvolvimento com base no informacionalismo de Castells, podendo ser atrelado à presença do Estado, como órgão controlador e/ou regulador. A autora refere que

A partir dos anos 1950, com a criação do CNPq (Conselho Nacional de Pesquisas) e do CBPF (Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas) [...]. Data, também, desse período a criação do IBBD (Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação), com a ação da Unesco e de lideranças profissionais e políticas [...]. Essas ações marcariam uma presença forte do Estado tanto nas políticas para a ciência e tecnologia, quanto nos programas de informação científica e tecnológica. (MARTELETO, 2009, p. 23).

A criação da pós-graduação nas universidades brasileiras faz parte desse contexto, e seus programas foram estabelecidos nos moldes norte-americanos²⁷, com a reforma do ensino superior em 1968.

A visão da *ciência como poder do Estado*, que retoma o otimismo tecnológico dos positivistas [visão dos engenheiros e militares, no início do século XX] associado à ideia de poder, situa-se no embrião da criação do CNPq e ressurge com toda força no período militar a partir dos anos 1960, a qual corresponde à época do “milagre econômico” quanto o governo federal aumenta a sua capacidade de arrecadação de impostos e os recursos públicos abundam. (MARTELETO, 2009, p. 23, grifo do autor).

²⁷ Saviani (2010) discorre sobre a concepção pedagógica tecnicista em andamento no período 1969/1980. O contexto sociopolítico e econômico do advento do regime militar engendrou “a adoção do modelo econômico associado-dependente, a um tempo consequência e reforço da presença das empresas internacionais, estreitou laços do Brasil com os Estados Unidos. Com a entrada dessas empresas, importava-se também o modelo organizacional que as presidia. E a demanda de preparação de mão de obra para essas mesmas empresas associada à meta de elevação geral da produtividade do sistema escolar levou à adoção daquele modelo organizacional no campo da educação”(SAVIANI, 2010, p. 367). Essa propositura vai ao encontro das análises feitas por Segnini (1989, p. 89-112), na relação estreita do capital, trabalho e educação. Saviani acrescenta: “difundiram-se, então, ideias relacionadas à organização racional do trabalho (taylorismo e fordismo), ao enfoque sistêmico e ao controle do comportamento (behaviorismo) que, no campo educacional, configuram uma orientação pedagógica que podemos sintetizar na expressão ‘pedagogia tecnicista’” (SAVIANI, 2010, p. 369).

No campo científico e político educacional houve uma distinção de objetivos, segundo Schwartzmann²⁸, citado por MARTELETO (2009, p. 24)

[...] o sistema de ensino e pesquisa no Brasil passa a integrar duas políticas diferentes: uma orientada para formação de recursos humanos para o ensino superior (MEC); outra orientada para os grandes projetos tecnológicos, de interesse dos militares.

Assim, no Brasil, as mudanças nas áreas socioeconômicas, políticas e educacionais foram percebidas. A partir dos 1980, o campo da ciência vai expressar seu descontentamento com essa política intervencionista do Estado, com a mudança do quadro político econômico, expressando uma crise financeira e fortemente política. Nos anos 1990, uma nova característica passa a ser considerada para que o campo científico viesse a ser estimulado a se vincular com o setor produtivo, porém, de acordo com Marteleto (2009, p. 24), o período foi marcado por tensões, dado o “convívio entre diferentes visões do que é, como deve ser a pesquisa por diferentes atores institucionais”. Na contestação de Prates foram demonstradas as diferentes visões de contexto:

É preciso ter em mente que a Pós-graduação, em particular a de *strictu sensu* não é uma mera ação programática como o é a graduação voltada às profissões regulamentadas por Lei. Universalmente a Pós-graduação tem caráter solidamente livre, exatamente para permitir a experimentação e a formação do espírito de investigação criativa e de crítica intelectual. É o que se observa de maneira clara nos países mais civilizados, onde não se admitem organismos estatais centralizadores e normalizadores da atividade de Pós-graduação, que é privativa da necessária autonomia universitária. (PRATES, 1997, p. 22).

O surgimento de uma economia informacional, baseada na interconexão imposta pela expansão dos mercados, não só impôs mudanças a níveis macroeconômicos ou na organização das empresas, como também transformou fortemente o âmbito do trabalho. A relação capital-trabalho pode ser considerada um dos indicadores dessa transformação, como podemos observar nos estudos de Segnini (1989). Essa confluência foi avaliada pela autora observando a dinâmica das relações de poder no trabalho e as dimensões do controle

²⁸ Schwartzmann, S. Modos de produção do conhecimento científico e tecnológico e as oportunidades para o setor de ensino particular. VI Encontro Nacional de Pós-Graduação nas IES Particulares. *Anais...* Salvador, 2005.

que o empregador pode exercer sobre a capacidade de trabalho, para que se atenda às suas necessidades e lógica³⁰.

Considerando a proposição de Pagès³¹ citado por SEGNINI (1989, p. 94) ao “salientar que as organizações constituem um sistema dialético em relação aos elementos constitutivos do sistema social no qual se inserem”, retoma-se a crítica reflexiva tanto sobre o papel do Estado, quanto às políticas educacionais e a formação para o trabalho, e ao desafio que as instituições educacionais (amparada por grupos de educadores) têm quanto à ressignificação do ensino³², adequando ou não ao mundo do trabalho, aceitando ou não, a incursão do mercado de trabalho no campo educacional.

De acordo com as análises de Segnini (1989) o mundo de trabalho é um campo de lutas, onde o discurso da adequação do trabalhador vai se tornando cada vez mais articulado com os discursos da sociedade, tornando-os compreensíveis e aceitáveis.³³

Hoje, ainda mais, os discursos sobre a relação trabalho e sociedade dividem espaços entre visões conflitantes, como pontua Berardi (2005, p. 32-3) :

[...] na sociedade industrial clássica, o trabalhador se sentia expropriado da própria intelectualidade, da própria individualidade e da própria criatividade. Essa despersonalização tinha desencadeado uma relação cultural, social, e, por fim, abertamente política contra a forma de trabalho massificado. A intelectualização do trabalho, efeito não secundário da transformação tecnológica e organizativa do processo de produção nas últimas décadas do século, abre novas possibilidades à auto realização da qual os movimentos libertários tinham feito seu objetivo.

Arruda, Marteleto e Souza (2000, p. 14) enfatizaram que o estágio de avanço no desenvolvimento tecnológico “conjugado, ainda, aos novos modelos organizacionais e de gestão do trabalho, que privilegiam, entre outros fatores, as descrições genéricas para os

³⁰ Segnini (1989) faz referência nos seus estudos ao contexto da formação das relações capitalistas de trabalho nos setores ferroviário e bancário, nos anos da passagem dos séculos XIX e XX, e nas décadas de 1960 a 1980, respectivamente, no Brasil.

³¹ PAGÈS, Max et alli. **L'emprise de l'organisation**. 2.ed. Paris, Presses Universitaires de France, 1981.

³² Saviani explica a conotação da mobilização da Educação para a mudança: “Por ideias educacionais entendo as ideias referidas à educação, quer sejam elas decorrentes da análise do fenômeno educativo visando a explicá-lo, quer sejam elas derivadas de determinada concepção de homem, mundo ou sociedade sob cuja luz se interpreta o fenômeno educativo. No primeiro caso, encontram-se as ideias produzidas no âmbito das diferentes disciplinas científicas que tomam a educação como seu objeto. No segundo caso, está em causa aquilo que classicamente tem constituído o campo da filosofia da educação”(SAVIANI, 2010, p. 6-7).

³³ Rebecchi (2014, p. 11) em seu estudo sobre a gênese das estratégias de convencimento pelas prescrições de comunicação no trabalho, afirmou que as prescrições “[...] indicavam a proposição de orientações e normativas consideradas adequadas à administração das relações de trabalho em empresas pela classe dirigente interessada no processo de industrialização do país.”

cargos e a flexibilidade funcional”, fariam com que a área de informação recebesse profissionais de outras áreas, e tivesse que se reavaliar “quanto à capacidade do setor acadêmico em fornecer uma resposta adequada ao mercado de trabalho na forma de cursos de formação profissional e de educação continuada.”

Porém, na atualidade, o diálogo entre sociedade, educação e trabalho, concernente à formação para o trabalho, faz-se imprescindível. A educação, na busca de alternativas que possibilitem iniciar criativamente os indivíduos na realidade do mundo do trabalho, realiza seu papel social, calcada na proposta de apresentar conceitos, tornando-os capazes de construir os sentidos que lhes serão necessários no exercício profissional, espaço tanto realizador quanto contraditório, em busca do equilíbrio no desenvolvimento das sociedades e do indivíduo.

2.1.1 Educação e Trabalho

Destaca-se o conhecimento como a “rede de proteção” que hoje se estende ao trabalhador, por seu valor intrínseco de se transformar em valor de troca³⁴. Esse conhecimento que se intenciona adquirir, em diferentes processos e pedagogias na experiência de vida do ser humano, também compete às instituições formadoras proporcionar. Para tanto, é fundamental uma cultura de aprendizado adaptada às novas exigências que estimule o aluno a descobrir e selecionar as informações necessárias e úteis. A educação deve promover arquitetura do conhecimento capaz de projetar a crítica do

³⁴ Historicamente, a assimetria de forças entre o capital e os trabalhadores ficou caracterizada no período de desenvolvimento do capital industrial (séc. XIX) ao apresentar o crescimento da produção, o êxodo rural e o crescimento da população urbana, porém, ao custo de desvantagens para os trabalhadores, desde a dramática questão da subsistência, a intensidade das exigências do trabalho e da vida, ameaçando a própria existência de mão de obra (DEJOURS, 1992). A instituição de medidas de proteção, como o *Welfare State* conjugando a lógica dos lucros do capital e a obtenção de padrões civilizados de vida para os trabalhadores (VIANNA, 1997, p. 161) ocupou a agenda dos países da região europeia, no entre guerras, principalmente. Entretanto, os movimentos da globalização e seus efeitos, como a redistribuição da produção de bens nas regiões de maior oferta de mão de obra barata (séc. XX e XXI), entre outros aspectos, fizeram com que essa “rede de proteção” dos trabalhadores possibilitada pelo Estado de Bem-Estar sofresse retrocesso, tal como se observa na flexibilização das relações de trabalho atualmente. Naquele momento, havia a necessidade da manutenção da oferta quantitativa de trabalhadores para a indústria garantida pelo Estado, hoje se vê a demanda mão de obra qualificada, porém às custas do trabalhador. Pode-se concluir que cabe ao trabalhador promover sua “própria” rede de proteção: o conhecimento, que assumiu o valor de troca nas relações entre o trabalhador e o capital. Essa reversão e distanciamento foi observado nos estudos sobre a profissão dos jornalistas, executado no mestrado da autora, conforme descrito na justificativa deste estudo. Cf.: p. 17.

futuro para si mesma, antecipando problemas e pressupondo soluções, com a materialidade possível.

Reconhece-se que há muito tem sido condenada e debatida a evidente crise causada pela falta de equilíbrio no compartilhamento dos novos conhecimentos nos campos tecnocientíficos, pois, tais recursos não são refletidos em ganhos para o mundo dos trabalhadores ou em avanços mediados pela educação, com o intuito de um progresso sustentável para toda sociedade.

As formações políticas de confronto entre o capital e o trabalho, os movimentos operários, fazem parte da nossa história como sociedade, e estão criteriosamente explorados na nossa historiografia³⁵ e não dispomos de espaço aqui para discuti-los, porém, percebe-se novas angulações, descritas por vários autores do nosso tempo, que alteram as condições no mundo do trabalho (SANTANA, 2005; SCHAFF, 2007).

Santana (2005, p. 8) enfatiza que “o debate acerca das modificações no mundo do trabalho tem, como um de seus pontos centrais, aquele que se refere ao papel desempenhado pelos trabalhadores no processo produtivo”. O autor refere que “em muitos estudos, o chamado ‘modelo japonês’ virou referência como exemplo maior dos efeitos qualificadores do novo paradigma produtivo, que estaria suplantando o fordismo”(SANTANA, 2005, p. 8)³⁶. Um modelo gerador de conceitos que identificamos fartamente na nossa literatura como: polivalência e multifuncionalidade, qualificações e competências, capacidades de pensar, ter iniciativa e decidir, como descreve o autor, e que passaram a circular nos discursos empresarial e formativo³⁷.

³⁵ Cf.: Lazzarato, Mauricio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. Entre as correntes marxianas contemporâneas com o entendimento do trabalho sob a perspectiva filosófica, Cf.: Schwartz, Yves; Durrive, Louis (Org.) **Trabalho & Ergologia**. Rio de Janeiro: Eduff, 2008.

³⁶ A observação do mundo por meio dos modelos produtivos, objeto de estudo da Sociologia do Trabalho, manifestada na organização do trabalho nos processos de produção: *taylorista*, *fordista*, *modelo japonês (toyotismo)*, no momento se depara, tanto com a reunião de todos esses modelos, quanto a possibilidade de um modelo *socioprodutivista*. Danièle Linhart aborda, em sua obra *a Desmedida do Capital* (2007) o desenvolvimento desse fenômeno, especialmente, na perspectiva dos estudos sociológicos franceses.

³⁷ As mudanças organizacionais adotadas para o cenário atual podem ser identificadas como: mudança no perfil de contratação e terceirizações; reorganização do layout dos grupos de trabalho, englobando profissionais de várias especialidades, dissolvendo linhas de comando, retardando ou eliminando as perspectivas de progressão na carreira; internalização de padrões comportamentais associados à intensificação do trabalho entre outros, conforme extensa crítica já apontada por Harvey (1992).

Santana (2005, p. 8) questiona as razões para

Uma larga parcela de pesquisadores, apesar das diferenças, tem aceitado o fato de que, neste novo quadro produtivo, a qualificação dos trabalhadores seria uma exigência central para a reprodução do sistema, assim como a desqualificação o fora para o momento anterior.

Hirata (1994, p. 130)³⁸, entre outros pesquisadores brasileiros, defende a tese de que seria “[...] a emergência de um novo paradigma, com as características do trabalho na empresa japonesa, onde o ‘trabalhador japonês’, polivalente e multifuncional, não tem uma visão parcial e fragmentada, mas uma visão de conjunto [...]”. Acrescenta a autora: “tal visão de conjunto é necessária para julgar, discernir, intervir, resolver problemas, propor soluções a problemas concretos que surgem cotidianamente no interior no processo de trabalho” (HIRATA, 1994, p. 130). E, ressalta que:

As qualificações exigidas no interior desse “novo modelo produtivo”, [...] contrastam fortemente com aquelas relacionadas com a lógica taylorista de remuneração, de definição de postos de trabalho e de competências: trata-se da capacidade de pensar, de decidir, de ter iniciativa e responsabilidade, de fabricar e consertar, de administrar a produção e a qualidade a partir da linha, isto é ser simultaneamente operário de produção e de manutenção, inspetor de qualidade e engenheiro. (HIRATA, 1994, p. 130, grifo nosso).

No discurso da organização produtiva do trabalho o que era espaço da dominação, hoje, se assemelha a uma conexão. Hirata (1994, p. 132) afirma que o “ ‘o novo conceito de produção’ exigiria, assim, uma massa de conhecimentos e atitudes bastante diferentes das qualificações formais requeridas” pelas organizações de trabalho, nos moldes já conhecidos, de fragmentação de funções que afasta o trabalhador do produto.³⁹

Arruda, Marteleto e Souza, com vistas aos novos perfis dos profissionais da informação, corroboram esta acepção, considerando que as organizações passam a ter “maior autonomia no estabelecimento de um perfil profissional adequado aos seus

³⁸ Hirata, Ferretti e Salm são pesquisadores brasileiros da Sociologia do Trabalho e foram participantes do Seminário “Trabalho e Educação” realizado na Fundação Carlos Chagas, em 1993. Debateu-se sobre os diferentes enfoques entre seus pesquisadores (Educadores e Sociólogos do Trabalho), assumindo que talvez não compartilhem do mesmo entendimento do peso destas mudanças nas esferas individuais e coletivas, podendo então reunirem-se para dar forma à problemática. Arruda, Marteleto e Souza (2000) citam a importância desse encontro, que também se apresentava na área de CI.

³⁹ Hirata (1994, p. 132) se refere ao afastamento dos modelos exercidos pelas “organizações de trabalho de tipo taylorista, e mais próximas daquelas requeridas pela empresa J (empresa japonesa, em oposição à empresa A – americana [...]).”

interesses[...], [apresentando] novos modelos organizacionais e de gestão do trabalho que privilegiam, [...] as descrições de cargos genéricas e a flexibilidade funcional [...]"(2000, p. 14-16).

Essa aderência ao conceito de organização do trabalho pela empresa japonesa:

[...] é provavelmente um dos fatores explicativos da importância adquirida, na evolução recente do debate sobre a qualificação, pela questão do seu nível de formalização: componentes implícitos e não "organizados" da qualidade versus componentes "organizados" [...] e explícitos: educação escolar, formação técnica, educação profissional. Um enfoque por postos de trabalho e por alocação do indivíduo ou posto daria ênfase aos últimos; um enfoque por equipes de trabalho e responsabilização coletiva na execução do trabalho tenderia a enfatizar os primeiros. Ademais, a "qualificação tácita" [...] ou social ou informal é amplamente solicitada para a implantação de novas tecnologias. (HIRATA, 1994, p. 132, grifo nosso).⁴⁰

A demanda do capital por um corpo de trabalhadores com formação escolar adequada às suas necessidades, propõe questionar à educação sobre a aquisição destas capacidades, ora forçando-se a buscar estratégias de adequação do trabalhador às características do posto de trabalho, ao invés de proporcionar ao trabalhador conhecimento retraindo/atualizado na sua categoria/profissão. A atribuição à educação, pela sociedade, como ponte para superar as desigualdades sociais, confere estatura ao campo educacional para enfrentar as controvérsias da valorização de uma educação 'customizada', que responda às necessidades específicas, transmudadas, com apoio na própria literatura educacional, em necessidades universais para um mundo em mudança, de acordo com Ferretti (2001, p. 12).

Zarifian (2003, p. 39-40) faz a distinção entre "modelo da profissão" e "modelo do posto de trabalho", quando no primeiro se reservam as regras da profissão e os conhecimentos profissionais garantindo, ainda que provisoriamente, as classificações de profissão, no segundo, o "posto de trabalho" adquire o status de polo irradiador de

⁴⁰ Os outros dois fatores explicativos da importância crescente da distinção entre qualificação tácita ou social e qualificação formal e organizada são, a nosso ver, o desenvolvimento nos anos recentes da sociologia dos modos de vida e da sociologia das relações de gênero. Ambas, mas particularmente a última "[...], estabelecem uma forte relação entre a qualificação, de um lado, e de outro a socialização familiar e as dimensões extratrabalho (profissional)"(HIRATA, 1994, p. 132).

comando, enquanto individualiza o trabalhador⁴¹. Hirata (1994, p. 132) refere que a “noção de qualificação foi ressaltada por estudiosos que salientaram a sua multidimensionalidade: a qualificação do emprego, definida pela empresa a partir das exigências do posto de trabalho”.

Os estudos de Cunha e Silva (2007) apontaram resultados no sentido da prevalência do entendimento do “peso” da necessidade do posto de trabalho *versus* a delimitação clara do profissional apropriado. Os autores afirmam, que no contexto das transformações tecnológicas informacionais, “os limites entre as profissões ligadas à informação são cada vez mais tênues e, essas alterações exigem redefinições de papéis mesmo nos espaços tradicionais de atuação” (2007, p. 220). Os autores consideram, também,

Ao mesmo tempo que as tarefas de trabalho com informação estão mais complexas, esta redefinição não resultou no fortalecimento das profissões clássicas da informação, abrindo este campo para profissionais de outras áreas que trabalham em espaços diferenciados, muitas vezes em equipes interdisciplinares. (CUNHA; SILVA, 2007, p. 220, grifo nosso).

Pode-se asseverar, então, que houve migração de vários profissionais para o espaço da informação, considerado recurso estratégico, e que as áreas demandantes abrem oportunidades para profissionais da informação, sem contar mais com exigências específicas de formação nas ofertas de oportunidades profissionais, ultrapassando as jurisdições preexistentes. Ao avaliar os espaços de trabalho disponíveis para profissionais da informação, Cunha e Silva (2007; p. 222) concluem que “os resultados tendem a demonstrar a falta de distinção existente entre as diferentes profissionais da informação”, embora, segundo os autores, a ênfase para os profissionais bibliotecários e arquivistas esteja presente.

Esse discurso de ultrapassagem da qualificação específica será ainda mais retrabalhado quando do seu surgimento do conceito de competência, na literatura francesa dos anos 1980/1990. A “competência”-- termo migrado do campo do trabalho, esses autores o entendem sob a perspectiva da administração, e afirmam que “o trabalho não é mais o

⁴¹ De acordo com Zarifian (2003) resulta desta distinção a força do conceito de posto de trabalho, porque é nele que se cristaliza essa relação, seu controle e sua avaliação. O posto é, ao mesmo tempo, um lugar e uma função específica na organização, um tempo preciso de duração de trabalho, um conjunto de tarefas a realizar e uma imobilização do trabalhador, sob a pressão do ritmo de produção ou do rendimento de seu posto, contido pela ausência de legitimidade de sua iniciativa pessoal.

conjunto de tarefas associadas descritivamente ao cargo, mas se torna o prolongamento direto da competência que o indivíduo mobiliza face uma situação profissional cada vez mais mutável e complexa” (FLEURY; FLEURY, 2001, p. 186).

No Brasil, a adoção deste modelo de qualificações vai emergir a partir da década de 1980, com a instalação das multinacionais no país, embora essas ideias já fossem difundidas nos EUA e na Europa⁴².

Arruda, Marteleto e Souza (2000, p. 16) referem que

[...] ampliam-se os requisitos profissionais. Em adição às qualificações formais, são exigidas qualificações tácitas que permitam ao trabalhador atuar como agente integrador na dinâmica pesquisa-produção-vendas, o que leva a um novo perfil profissional que privilegia a criatividade, a interatividade, a flexibilidade e o aprendizado contínuo.

Percebe-se que a dinâmica de apropriação de um novo perfil corrobora a tendência do conceito de produção flexível e do trabalhador multifuncional.

A trajetória da transposição e adoção dos parâmetros de competência, no Brasil, seja no campo do trabalho e educação, e na CI, fica mais evidente ao se verificar a reforma curricular instituída pela Lei 9.394/1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, “[...] que adota a noção de competência como conceito central, na educação básica, na educação profissional e no ensino superior [...]”, conforme demonstrado por Barbosa (2014, p. 2918). Segundo a autora o processo foi conflituoso e ainda atravessa lacunas de entendimento; no ensino médio, por exemplo, a instituição da reforma curricular, com o intuito de se alcançar o perfil das competências, “[...] não logrou êxito por não haver uma consciência plena, neste meio educacional, sobre a concepção de competência ou mesmo por haver divergência sobre esta concepção e sobre a aplicação de um modelo baseado em competências.” (BARBOSA, 2014, p. 2918).

Cunha (2009, p. 103) corrobora a complexidade no entendimento do perfil das competências para a educação, apresentando a definição de Perrennoud (1995), estudioso da educação, ao asseverar: “competência significa saberes de alto nível que exigem a integração de múltiplos recursos [...] no tratamento de *situações* complexas [...]”, e acrescenta “[...] a capacidade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes,

⁴² Autores como Ferretti e Hirata (1994) ressaltam que esses movimentos são difíceis de se detectar como ruptura para se determinar datas, especialmente porque as pesquisas nas instituições privadas são pouco admitidas.

capacidades, informações, etc.) para solucionar com pertinência e eficácia uma série de *situações*".

Entretanto, o contraditório se estabelece, de acordo com a crítica de Zarifian (2003), a partir da contabilização das competências determinadas face a *situações* de trabalho: o trabalhador deve, portanto, se adaptar e se preparar para o sucesso ou para o fracasso, ou para a incerteza. Tendo em vista que a postura reflexiva em relação à sua atividade, ou à crítica sobre seu trabalho, sem garantias de estabilidade no emprego e dada a responsabilidade, faz aumentar a insegurança. A exigência do aprofundamento da formação, geral e profissional deixa de ser custo para a empresa que a transfere ao trabalhador para estar sempre adequado às exigências, até que no limite, essas atitudes demandadas provoquem a precarização dos vínculos. Percebe-se que a atitude dos indivíduos que se preparam mais que outros e acabam sendo alocados em postos de trabalhos que exigem menos qualificações, implicaria em exclusão daqueles que tem menos qualificações. Esta preocupação é relevante, pois pode dificultar a inserção de jovens no mundo do trabalho (LIMA; SOUZA; ARAÚJO, 2015, p. 9).

No engendramento do conceito de competência com os processos educacional e formativo, no campo da CI, verificou-se o surgimento de estudos que contemplaram o entendimento da competência e o papel dos profissionais da informação, no sentido da mediação da informação (CAMPELLO, 2002, 2003; DUDZIAK, 2003).

Os primeiros estudos sobre competência em informação no Brasil podem ser representados pelos trabalhos de Caregnato (2000), Hatschbach (2002), Campello (2002) e Dudziak (2003). Campello e Abreu (2005, p. 179) afirmam que o aparecimento do termo *competência informacional*⁴³ surge "mencionado por autores que percebem a necessidade de se ampliar a função pedagógica da biblioteca, ou em outras palavras, de se construir um novo paradigma educacional para a biblioteca". Volta-se o olhar para o entendimento de que

[...] para ser capaz de construir um novo paradigma e de contribuir para a educação de pessoas competentes em informação o próprio bibliotecário deve ser competente em informação e dominar as habilidades necessárias para realizar o processo de pesquisa adequadamente. (CAMPELLO; ABREU, 2005, p. 179).

⁴³ A *American Library Association (ALA)* é considerada a entidade responsável por promover a discussão da temática.

Dudziak relaciona a utilização da expressão *competência em informação* ao sentido de uma atividade que remete à “um saber agir responsável e reconhecido, que implica mobilizar, integrar, transferir conhecimentos, recursos, habilidades, que agreguem valor [...], direcionados à informação e seu vasto universo” (2003, p. 24, grifo do autor). A autora demonstra, a partir da historiografia, a evolução do princípio de competência informacional, explorando as décadas de 1970, 1980 e 1990, quando seu entendimento está fortemente marcado pelo cenário de mudanças tecnológicas que permitiram um maior volume de informações e ao mesmo tempo da necessária “aprendizagem e adequação de técnicas e habilidades para acesso à informação” (DUDZIAK, 2003, p. 24).

Campello e Abreu (2005, p. 179) explicam” que dada a definição imprecisa do termo, adota-se a descrição apresentada em um relatório da ALA”⁴⁴, em 1989:

Para ser competente em informação a pessoa deve ser capaz de reconhecer quando precisa de informação e possuir habilidade para localizar, avaliar e usar efetivamente a informação. Para produzir esse tipo de cidadania é necessário que escolas e faculdades compreendam o conceito de competência informacional e o integrem em seus programas de ensino e que desempenhem um papel de liderança preparando indivíduos e instituições para aproveitarem as oportunidades inerentes à sociedade da informação. Em última análise, pessoas que têm competência informacional são aquelas que aprenderam a aprender⁴⁵. Essas pessoas sabem como encontrar informação e como usar informação, de tal forma que outros possam aprender com elas. (ALA, 1989, grifo nosso).

Deve-se registrar que no contexto do desenvolvimento das TIC, a partir da metade do século XX, especialmente nos EUA e outros países desenvolvidos, na compreensão do desenvolvimento tecnológico destes países, está intrínseco o envolvimento da educação, e, por conseguinte, os investimentos no entendimento do ensinar e aprender, fundamentados em teorias de aprendizagem. Emergem os estudos sobre as teorias cognitivista e construtivista na aprendizagem com vistas a competência em informação, tais como o de Kuhlthau (1996), sobre o processo de busca de informação, por exemplo, entre outros.

⁴⁴ Cf.: Declaração de Alexandria. Disponível em:

<<https://www.ifla.org/files/assets/wsis/Documents/beaconinfoc-pt.pdf>>. Acesso em : 25 mar. 2018.

⁴⁵ Saviani (2010, p. 383) refere que “do ponto de vista pedagógico, na pedagogia tecnicista, o que importa é aprender a fazer, enquanto para a pedagogia nova era o aprender a aprender, e para a pedagogia tradicional a questão central era aprender”. Donde depreende-se que o contexto da competência informacional se insere na perspectiva da pedagogia nova.

Os estudos de Campello⁴⁶ (2003, p. 30 citado por GOMES; DUMONT, 2015), corroboram essa perspectiva:

[...] nos anos de 1970, Paul G. Zurkowski, que ocupava o cargo de presidente da *Information Industries Association* e era membro da Comissão Nacional de Bibliotecas e Ciência da Informação, afirmava que [...] o governo norte americano se preocupasse em garantir que a população do país desenvolvesse competência informacional que lhe permitisse utilizar a variedade de produtos informacionais disponíveis no mercado.

e ainda, que “naquele contexto, a [...] competência informacional foi a bandeira erguida pela classe bibliotecária americana [...] para as mudanças demandadas pela sociedade da informação [...]” (CAMPELLO, 2003⁴⁷, p. 32, citado por DUMONT; GOMES, 2015).

Dumont e Gomes (2015, p. 4) apresentam uma síntese reflexiva sobre a temática da competência da informação e sua relação com CI baseados na literatura da área. No contexto da produção, disseminação e uso da informação, na atualidade, destacam a configuração da *indústria da informação*, que “conforma em estruturas (impressas e eletrônicas) as fontes [de informação] [...] [que] são produtos inerentes a uma indústria, denominada indústria da informação, que possui [...] forte base tecnológica [...]” (GOMES; DUMONT, 2015, p. 4). O potencial da indústria da informação une o entendimento de uma sociedade com a economia estabelecida pela produção da informação, e a necessidade de um novo conjunto de habilidades para o uso eficiente e eficaz da informação.

Nessa perspectiva da indústria da informação, pode-se considerar que nas transformações advindas da “*sociedade pós-industrial*”, assim identificada por Daniel Bell, e do “*informacionalismo*” de Manuel Castells⁴⁸, os ambientes da educação e trabalho

⁴⁶ CAMPELLO, B. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. *Ciência da Informação*, v. 32, n. 3, 2003. p. 30.

⁴⁷ Ibid., p. 32.

⁴⁸ Na tese defendida por Lopes (2006, p. 10) o autor esclarece que “coube a Daniel Bell, nos anos 70, a primazia da percepção de que, movido por suas contradições *culturais*, algo no capitalismo havia mudado. A passagem de um *ethos* produtivista à cultura hedonista da década de 1960 (a ‘sociedade de consumo’) também se expressaria através da formação de uma ‘sociedade pós-industrial’, dominada pelo setor dos serviços. [...] seu faro ideológico abriu caminho para uma série de análises que apostando numa transformação da própria indústria e da economia tornadas ‘culturais’, veem na simbiose entre a produção material e o capital simbólico a marca distintiva de uma economia que encontra justamente nos ‘serviços’ seu modelo de operação, na produção e nas trocas.” Lopes (2006) observa a postura de Manuel Castells (2006), que embora critique a tese do pós-industrialismo substituindo-a pela do “informacionalismo”, partilha da mesma crença no declínio do *ethos* produtivista ao afirmar que, agora, é a revolução nas tecnologias da informação e sua difusão em todas as esferas de atividade social e econômica que promovem as mudanças sociais profundas nessas sociedades.

compartilham objetivos políticos pela capacidade de alterar o nível econômico, produtivo e social, com fronteiras balizadas pela educação.

Propõe-se que nesse contexto a competência informacional se apresenta atrelada ao paradigma social da informação (CAPURRO, 2003) ao se relacionar com o usuário, este interlocutor que passa a participar ativamente do ciclo informacional, estando associada a programas de ensino e pedagogias de aprendizagem, e ainda mobiliza estratégias para atividades profissionais⁴⁹.

Há, também, estudos que associaram o entendimento das competências ao comportamento dos profissionais da informação frente as qualificações necessárias relacionadas à empregabilidade (VALENTIM, 2000, 2002; BELLUZO, 2005, 2011). Nas políticas sobre a formação profissional, no Brasil, a empregabilidade não é tratada como um tópico central, embora, os discursos na sociedade sobre o potencial de empregabilidade denotarem que este se amplia na medida que o indivíduo se educa.

Observa-se, em alguns trabalhos, a tônica no desenvolvimento das competências individuais, ao listar as qualidades/competências favoráveis para a obtenção da valorização profissional⁵⁰, ensejando a responsabilidade do profissional em adquiri-las na continuidade da experiência profissional, nem tanto enfatizando aquelas que deveriam ser adquiridas por via do ensino superior.

A emergência atual do modelo da competência se encontra diante de um paradoxo, pois as bases práticas para entender esse modelo ainda são frágeis; muitos supostos sistemas de gestão das competências ainda são apenas formas modernizadas do modelo do posto de trabalho, ou seja, das descrições e classificações de emprego, associada a requisitos de capacidade, aos quais se acrescenta uma camada de saber-ser. (ZARIFIAN⁵¹, 2003, p. 8 citado por LIMA, ZAMBRONI-DE-SOUZA e ARAÚJO, 2015).

⁴⁹ Cf.: Pereira e Varela (2014) e o estudo : *Competência Informacional para o desenvolvimento do pensamento estratégico* [...]; Santos (2015) e a pesquisa sob o título: *Comportamento informacional em assessorias parlamentares*; e Barbosa (2014), com: *Formação do bibliotecário: planejando e avaliando por parâmetros de competência*.

⁵⁰ De acordo com Zarifian (1996) aumentar a competência é, antes de tudo, criar as melhores condições para que os trabalhadores aceitem assumir responsabilidades e se mobilizem subjetivamente. Significa igualmente criar condições para que seus superiores hierárquicos aceitem delegar uma parte de suas responsabilidades. Nesse sentido, é um problema de organização do trabalho, de repartição dos poderes e de funcionamento social, antes de ser um problema de formação.

⁵¹ Zarifian, P. **O modelo de competência**: trajetória histórica, desafios atuais e propostas. São Paulo: Senac, 2003.

Essa foi uma advertência feita por Zarifian (2003), como podemos observar no estudo de Lima, Zambroni-de-Souza e Araújo (2015). A discussão se volta para a questão fundamental que é adequar o ensino e a formação profissional.

Concordamos com Rodrigues e Campello (2004, p. 7) no entendimento de que “a competência profissional transcende os limites da mera aptidão técnico-científica e adentra ao campo político-social”. A formação no ensino superior, como “um dos motores de desenvolvimento”, individual e coletivo, deve estar comprometida em dar respostas às necessidades da sociedade elevando seu nível de conhecimento, em vistas ao progresso, mas também “formar cidadãos imbuídos de valores éticos e competência técnica, [para que] atuem no seu contexto social [...]” (RODRIGUES; CAMPELLO, 2004, p. 7). Segundo as autoras para esta proposta de formação exige-se uma resposta pedagógica diferenciada da que vem sendo normalmente aplicada, método pelo qual a “teoria vem sempre antes da prática e esta deve ser compreendida como aplicação exclusiva daquela”; superando o modelo onde “o conhecimento é trabalhado muito mais como produto do que como processo, resultando mera transmissão e repetição com a intenção de que o estudante retenha um estoque de conhecimento útil ao uso, quando em exercício profissional” (RODRIGUES; CAMPELLO, 2004, p. 7).

Apreende-se uma convergência de olhares (GUIMARÃES, 2000; MARCONDES, 2004; FUJINO, 2004) para “uma nova concepção de ensino aprendizagem” na área de CI, onde as práticas pedagógicas:

- (i) possam mediar as formas de produzir transmitir e produzir conhecimento no percurso da formação como fazeres que estão em permanente elaboração e reelaboração; (ii) envolvam educadores e educandos no processo de construção e reconstrução do conhecimento; (iii) sejam formuladas para aproximação entre a construção do conhecimento e o mundo real, alinhando teoria e prática; (iv) proporcionem aos educandos condições de enfrentar com proficiência e criatividade os problemas de sua prática profissional, produzir e difundir conhecimentos, como também refletir sobre a realidade que os envolve. (RODRIGUES; CAMPELLO, 2004, p. 8).

Pretende-se que o profissional da informação seja formado profissionalmente consciente que tem um valor extraordinário, sabedor das suas habilidades e capacidades em lidar com volumes de informação e métodos de acesso, diferenciadas de um usuário que

não tem conhecimento, ou uma máquina que não tem a possibilidade de extrapolar o senso comum, e assim, sendo adequadamente formado possa vivenciar esse panorama do mundo do trabalho dinâmico e exigente de competências.

Cardoso e Araújo (2015), com vistas ao mercado de trabalho, apresentaram uma proposta de sistematização para coleta, tratamento e divulgação sobre a demanda de competências emergentes, pautada nas atividades de informação em CI. Para tanto, consideram o objeto a partir da definição de Miranda (2011),

um conjunto de competências profissionais e organizacionais ligadas ao perfil de um profissional da informação ou de um profissional ligado a uma atividade baseada em informação, e pode ser expressa pela expertise em lidar com ciclos e contextos informacionais, aplicando-se tecnologias de informação. O ciclo da informação compreende todas as atividades relacionadas à coleta, ao tratamento e à divulgação de informações. Os contextos informacionais são aqueles que se diferenciam as atividades do ciclo da informação para determinadas formas de agregação de valor, como contexto da informação científica ou da informação para negócios. (MIRANDA⁵², 2011, p. 249, citado por CARDOSO, ARAÚJO, p. 250).

Porquanto, essa temática das competências profissionais e informacionais, ainda está em processo de construção de uma base teórica-conceitual, especialmente na área de CI, observamos que esta já pertence aos discursos que circulam no universo do mercado de trabalho competitivo da atual sociedade da informação e do conhecimento.

Assim, propõe-se melhor entender como esse universo de educação e trabalho é tratado no contexto do ensino e pesquisa, no âmbito da Universidade, incluindo observar a sugestão de medidas para qualidade na formação de profissionais.

2.1.2 Profissões e Profissionalismo

Os estudos sobre profissões e profissionalismo estão na agenda da Sociologia das Profissões e auxiliam no entendimento das relações entre educação e trabalho. No Brasil, na Ciência da Informação, a discussão da temática profissional adere, principalmente, ao

⁵² Miranda, S. V. Aprendizagem organizacional e desenvolvimento de competências informacionais. In: TARAPANOFF, K. (Org.) . **Aprendizado organizacional**: contexto e propostas. Curitiba: Ibpx, 2011.

debate da profissionalização sustentado pelos modelos analíticos pertencentes ao núcleo da teoria social das profissões.

A categorização dos estudos sobre profissões no Brasil, apresentada por Bonelli (1999), considera que a bibliografia desta especialização das Ciências Sociais pode ser mobilizada por áreas que “recorre[m] ao argumento profissional como um aspecto relevante para o entendimento da problemática que estão estudando”. Assim, os estudos acadêmicos desenvolvidos na temática Informação, Educação e Trabalho em CI se valem de seus pressupostos teóricos, prevalecendo suas contribuições nas pesquisas de Mueller (1989; 2004); Crivellari (2003); Borges (2004); Fujino (2004); Guimarães (2004); Cunha (2006); Souza (2006b; 2009); Cunha e Silva (2007), que investigam formação e espaços de trabalho dos profissionais da informação.

O debate teórico a respeito do estudo das profissões, especialmente, sobre a distinção entre as profissões e ocupações, é bastante disputado entre as vertentes sociológicas estrutural-funcionalista e interacionistas críticos (marxianos e weberianos, etc.) (DUBAR, 2012)⁵³. Na sistematização de seus estudos, tratam o crescimento, a inserção das profissões no mercado e sua conjugação com a organização do trabalho, pelos termos: profissionalismo; profissão; profissionalização; competência profissional e deontologia.

Os autores de referência e alguns destaques de suas vertentes são: Talcott Parsons ([1951],1991), como representante do enfoque estrutural-funcionalista; Magali Larson (1977) e Eliot Freidson (1988), envolvendo-se com a perspectiva da autonomia e profissionalismo; Terence Johnson (1972) e Wilbert Moore (1976), o primeiro, sobre a perspectiva do controle do Estado, e o segundo, sobre as regras de desempenho e competência; Andrew Abbott (1981), defendendo a tese das jurisdições profissionais; Blaise Cronin⁵⁴ (1993), ressaltando os vínculos de competência e a competição interprofissional, entre outros estudiosos.

⁵³ Não se pretende desenvolver aqui um estudo sociológico a respeito das profissões da informação. Ver sobre a construção da teoria das profissões: BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira. (1993), **A sociologia das profissões: em torno da legitimidade de um objeto**. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, Anpocs, 36.; RODRIGUES, Maria de Lurdes. (1997), **Sociologia das profissões**. Oeiras, Celta Editora.; DINIZ, Marli. *Profissões e monopólios profissionais*. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

⁵⁴ Destaca-se Blaise Cronin entre os estudiosos da temática “profissão e profissionalismo”. Cronin é professor emérito da cadeira de Ciência da Informação na Universidade de Indiana (USA); nos anos 1980 apresentou estudos sobre o perfil do profissional da informação, indicando que a valorização da multidisciplinaridade dos conhecimentos e competências se tornaria tendência na qualificação profissional, alertando para as possíveis competições entre profissões (CRONIN, 1983).

A abordagem estrutural-funcionalista, representada pelo ensaio publicado por Parsons, em 1939, sobre as profissões em geral e em seguida sobre a medicina em 1951, *The Social System*, entre outras obras, destaca-se no sentido de desenvolver e aprofundar uma base teórica evidenciando regularidades no processo de surgimento e no provimento de estatutos que caracterizam as profissões. De acordo com Diniz,

[...] para os funcionalistas, o problema central era demonstrar como os valores associados ao desempenho dos “papéis ocupacionais” estavam integrados ao sistema valorativo da sociedade e em identificar as funções que estes papéis desempenhavam para o sistema social mais amplo”. (DINIZ, 2001, p. 18).

Em outra linha, Freidson (1988) considera que ao invés de se procurar uma definição para o conceito de profissão, visto que depende do contexto social, e, portanto, histórico e ideológico, deve-se buscar a concepção e sobre quais elementos uma profissão se baseia e se justifica. Assim, para os autores críticos do viés funcionalista, é correto investigar “como as pessoas numa determinada sociedade definem o que é ou não um “profissional”, como os “profissionais fazem” ou “realizam” sua profissão através de atividades particulares e quais as consequências disso” (DINIZ, 2001).

Percebe-se que na primeira abordagem sobre as profissões, proposta pelos funcionalistas (T. Parsons), houve a elaboração de princípios e variáveis que pudessem diferenciar uma profissão e uma ocupação, tais como: autonomia profissional, cultura profissional estabelecida em código de ética (ideais, valores, responsabilidades e missão profissional). No entendimento dos seus críticos, as profissões são atividades de trabalho que estão condicionadas a outros fatores, como a conquista de monopólio do exercício de determinada atividade, evidenciando relações de poder (JOHNSON, 1972; MOORE, 1976) e em decorrência, a autonomia e credibilidade social, regulamentação das atividades e controle do mercado, conforme defendido por Freidson (1988) e Larson (1977) (BARBOSA, 1999; DINIZ, 2001).

Os pressupostos teóricos desses autores da sociologia das profissões são relacionados às pesquisas desenvolvidas em CI, no sentido de compreender o profissionalismo associado aos espaços e reconhecimento de seus profissionais,

especialmente para entender o status de identificação da profissão na sociedade e sua manutenção.

Mueller (2004) destaca a concepção de “ordem de eventos” de Wilensky (1964) para o entendimento do processo de profissionalização, a saber: a) a dedicação integral das pessoas que exercem determinada categoria de trabalho; b) decorre a necessidade de formalização do treinamento e, então, são criados cursos para esse fim; c) para se obter status acadêmico, esses cursos se filiam ou constituem departamentos na universidade, eles tornam seus conteúdos em assuntos mais complexos, elevando o nível de conhecimento, a qualidade dos serviços e do compromisso entre os componentes do grupo e a área, assim, formando um corpo docente para ensino e pesquisa; d) evoluem para a formação de uma associação profissional, reunindo os envolvidos : professores e graduados (DINIZ, 2001, p. 21; MUELLER, 2004, p. 26-7). Mueller observa nesta concepção que

[...] em alguns casos, o aumento de conhecimento e reflexão sobre a área leva a uma mudança do nome da profissão e dos cursos, ao mesmo tempo em que aumenta o rigor visando excluir do exercício profissional praticantes não graduados nos cursos credenciados. Pode acontecer nesse estágio de desenvolvimento da nova área que fique mais evidente e forte a disputa com profissionais de outras áreas pelo mesmo mercado de trabalho. Nos países em que há reconhecimento oficial das profissões, o esforço para consegui-lo ocorre mais ou menos nesse período. [...] a profissão publica um código de ética. (MUELLER, 2004, p. 27).

Em síntese, pode-se considerar que a criação desse corpo de novos especialistas foi acompanhada de um conjunto de ações que permitiram a conformação desses novos quadros: currículo e certificação, de acordo com a necessidade de conhecimento; adoção de critérios para preservação profissional, comumente pelo reconhecimento e pela capacidade da corporação profissional manter articulado seu discurso ideológico com as demandas sociais.

Há, também, o aspecto da autonomia profissional indicado por Bonelli (2002), ao considerar a ideologia do profissionalismo,

[...] valoriza o conhecimento abstrato, a formação nos cursos superiores, o controle do mercado pelos pares, a autonomia para realizar diagnósticos, a prestação de serviços especializados com qualidade e independente dos interesses dos clientes, do Estado e do mercado. A síntese da ideologia do profissionalismo é a *expertise* para servir com independência. (BONELLI, 2002, p. 16-7).

Entretanto, como ressaltam Diniz (2001) e Mueller (2004), há estudiosos que se atêm a concepções macrohistóricas, e que consideram as condições sociohistóricas como coadjuvantes nos processos de profissionalização. Dubar (2002, p. 351) se refere às diferentes concepções que os ingleses e franceses têm do entendimento de profissões e ocupações, e sobre a autonomia que as profissões teriam, “no sentido que os ingleses lhes dão”, para que se possam construir carreiras; enquanto, “no sentido francês”, a “socialização profissional permitiria a aquisição de competências e reconhecimento [...] de todos que os que exercem e compartilham a mesma atividade”.

Essas diferentes concepções, anglo-americana de profissão e a europeia (Europa Continental), se exemplificam no entendimento da burocracia e autonomia profissional e o seu significado para as profissões. Na Europa Continental, diferentemente dos Estados Unidos e Inglaterra, “as profissões, inclusive engenharia, medicina e direito, se desenvolveram na administração pública e sob a tutela do Estado. [...]”, e de acordo com as autoras, “para os críticos do funcionalismo, autonomia profissional não é incompatível com estruturas burocráticas”, tendo em vista que “a base da autonomia está, antes, no conhecimento que o profissional possui” (DINIZ, 2001, p. 28; MUELLER, 2004, p. 28).

Nos estudos sobre a profissionalização dos engenheiros e economistas no Brasil, percebe-se “a combinação de traços do modelo anglo-americano e do modelo europeu continental, sobre a intervenção reguladora do Estado” nos processos de profissionalização, segundo Diniz⁵⁵ (2001, p. 95 citada por Mueller (2004, p. 28). Segundo Diniz, “considera[-se] o modelo brasileiro como híbrido” (MUELLER, 2004, p. 28).

Diniz ressalta ainda que um dos “aspectos mais característicos da expansão e diversificação da estrutura ocupacional em um país” é o crescimento do número de ocupações que requerem o nível superior de educação. No Brasil, em 1950, “havia cerca de dez profissões estabelecidas, para em 1980 passarem a 114, das quais 76 estavam regulamentadas”⁵⁶ (DINIZ, 2001, p. 13). No Brasil, a Biblioteconomia obteve a regulamentação da profissão e uniformização dos seus conteúdos pedagógicos na década de

⁵⁵ DINIZ, Marli. **Profissões e monopólios profissionais**. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

⁵⁶ Bonelli (1999, p. 303) refere que no “argumento de Diniz é a força das profissões que se destaca, configurando aos profissionais a condição de donos do saber, [...]. O desempenho das atividades onde eles estão sujeitos ao assalariamento ou à inserção de burocracias públicas e privadas não lhes impede de preservar “suas qualificações técnicas, o controle do conhecimento altamente especializado e sobre o processo de trabalho” p. 165), mantendo sua autonomia, o que os diferencia da proletarização.”

1960 (CASTRO, 2000), no momento de intenso fomento tecnológico e industrial; as profissões de arquivista e de técnico de arquivo foram regulamentadas em 1978, e a profissão de museólogo em 1984⁵⁷.

A Biblioteconomia foi reconhecida como profissão de nível superior em 1962. Mueller (2004, p. 43) observa que “é possível reconhecer todos os eventos que identificam uma profissão segundo os funcionalistas”. A autora faz referência ao cumprimento da escalada de eventos adotando os atributos requisitados, tais como: “reconhecimento legal, cursos superiores, edição de periódicos, associação de classe, associações de grupos internos, construção de um conhecimento acadêmico próprio (sua literatura), promoção de eventos profissionais [...], autorregulação e certificação” (MUELLER, 2004, p. 43).

Entretanto, percebe-se que a proposta funcionalista elabora a reunião dos atributos constitutivos de uma profissão, todavia, não explica a hierarquização entre eles. No Brasil, as profissões de arquivista e técnico de arquivo foram regulamentadas em 1978, pela Lei 6.546/78 e pelo Decreto 82.560/76, porém sem a criação de um conselho profissional; de tal fato decorre uma disputa de “monopólio” com os historiadores, por exemplo.

Cronin (1993, 1998) considera em sua argumentação a introdução das novas tecnologias na economia e a necessária adaptação das estruturas e da sociedade ao novo contexto; neste aspecto, observando que o modelo -- profissão e sua prática -- estaria suscetível à competição entre profissionais (interprofissional).

Cunha ressaltou que segundo Cronin “não existe uma ‘profissão da informação’, [...] a denominação ‘profissional da informação’ é uma rubrica vaga, conveniente, que pressupõe um conjunto de categorias profissionais e ignora as diferenças de orientação, de formação básica e das atividades exercidas” (CRONIN⁵⁸, 1998, p. 328 citado por CUNHA, 2006, p. 2).

⁵⁷ Regulamentações: Biblioteconomia: Lei 4.084/62, com a instituição do Conselho Federal de Biblioteconomia e regulamentada pelo Decreto 56.725/65; Arquivologia: Lei 6.546/78 e regulamentada pelo Decreto 82.560/76, sem a criação de um conselho profissional; e Museologia: Lei 7.287 de 18 de dezembro de 1984 e regulamentada pelo Decreto 91.775 de 15 de outubro de 1985, com a instituição do Conselho Federal de Museologia.

⁵⁸ CRONIN, B. Information professionals in the digital age. **The International Information and Library Review**, London, v. 30, n. 1, p. 37-50, mar. 1998.

Cronin alerta em sua assertiva sobre os riscos dessas profissões:

To put it bluntly, library educators have a choice: they can either concentrate on educating information professionals for the visible (institutionally defined) job market, or they can expand their educational focus to include the mushrooming information periphery. If they choose the latter option, a major marketing exercise will be called for in the years ahead⁵⁹. (CRONIN, 1983, p. 1).

Essas questões encaminham-se para outro nível de análise, como a proposta de abordagem sistêmica de Abbott (1988), a respeito das relações profissionais, evidenciando que há espaços de competição entre as profissões e, portanto, relações interprofissionais na sociedade. Para o autor:

to analyse professional development is to analyse how this link is created in work, how it is anchored in formal and informal social structure and how the interplay of jurisdictional links between the professions determines the history of the individual professions themselves⁶⁰. (ABBOTT, 1988, p. 20).

Na proposta de Abbott (1988) podemos identificar a fusão de algumas concepções anteriores⁶¹; de forma objetiva, podemos considerar que uma “profissão” pressupõe a existência de um corpo de conhecimento abstrato, de características acadêmicas que fundamentam o discurso da profissão e sustentam a prática profissional. Outro aspecto que conceitua uma profissão é o processo de legitimação social, a sistematização e a formalização de competências necessárias para o grupo de praticantes, constituindo um domínio sob o qual conhecimento e propósito justificam o direito ao exercício profissional.

⁵⁹ Assim, para ser franco, os educadores de biblioteca têm uma escolha: eles podem se concentrar em educar os profissionais da informação para o mercado de trabalho visível (definido institucionalmente) ou expandir seu foco educacional para incluir a periferia da informação em expansão. Se escolherem a última opção, será necessário um grande exercício de marketing nos próximos anos (CRONIN, 1983, p. 1, tradução nossa).

⁶⁰ para o autor, analisar o desenvolvimento profissional é analisar como esse vínculo é criado no trabalho, como ele está ancorado na estrutura social formal e informal e como a interação de vínculos jurisdicionais entre as profissões determina a história das próprias profissões individuais (ABBOTT, 1988, p. 20, tradução nossa).

⁶¹ Diniz (2001, p. 33) observa: “Ao fim e ao cabo, a análise de Abbott é perfeitamente compatível com as versões monopolísticas anteriormente comentadas (Larson e Freidson); mais do que isso, ela as complementa. Trata-se, de fato, de uma microsociologia dos monopólios profissionais; [...], ele faz a análise de como estruturas de desigualdades desenvolvem-se neste nível micro: isto é, como certas profissões firma o domínio sobre outras [...]”.

De acordo com Cunha (2009, p. 98), no enfoque proposto por Abbott (1988), “o conjunto das profissões forma um sistema, [...] de tal modo que o movimento de uma afeta as outras. [...] o controle de cada profissão é determinado pelo domínio das abstrações que geram a prática profissional”. E, deve-se ressaltar que “a habilidade das profissões em manter sua jurisdição, resulta, desta forma, em parte do prestígio do seu sistema de conhecimento” (CUNHA, 2009, p. 98). Esse autor estabelece os estatutos de jurisdição e reivindicações de direitos de uma determinada profissão: o controle formal do trabalho, o reconhecimento legal da profissão, o reconhecimento social, pela opinião pública, e a relação de serviços, o mercado de trabalho.

De acordo com Mueller (2004) e Cunha (2009) há vários argumentos sobre as estratégias que se articulam junto à sociedade: a necessidade, a justificativa e a exclusividade da profissão. Da mesma forma, segundo as autoras, a legitimação do reconhecimento da sociedade confere o domínio de cada jurisdição: espaço de atuação profissional, reserva de mercado e segurança à prática profissional. Assim, importa compreender se o trabalho profissional corresponde à solução de problemas da sociedade oriundos de diferentes instâncias, da ordem objetiva, dos fatos da realidade, ou da natureza subjetiva e da tradição cultural; a ação profissional se dá na objetivação do problema, partindo da classificação do problema, reflexão e argumentação para sua solução; o reconhecimento social comporta a solução adequada do problema e a aceitação do discurso profissional, devido à interpretação do problema que a profissão oferece.

Nesse sentido, ao analisar a trajetória das profissões que estão associadas à denominação de profissionais da informação, no Brasil, em especial, o elenco indicado por Mueller (2004), que reúne os profissionais bibliotecários, arquivistas e os mestres e doutores formados em CI, poderemos problematizar a noção de jurisdição e suas características, aproximando essas questões do modelo analítico apresentado.

Compreendemos que não há uma concepção homogênea sobre a problemática da formação das profissões da informação, porém, pretende-se melhor entender, a partir das atividades ocupacionais, as possíveis disputas intra e interprofissionais pela nomeação de domínio “do que se convencionou chamar, de maneira ampla e imprecisa, jurisdição da informação” (MUELLER, 2004, p. 42, grifo nosso). Procuramos dar seguimento à esta discussão no próximo item.

2.1.3 O Campo de Trabalho dos Profissionais da Informação

A centralidade que a informação e o conhecimento, atrelados ao domínio financeiro, passaram a ter no processo socioeconômico atual, principalmente, se destinados à produção criativa de inovações, leva-nos a questionar a lógica das jurisdições profissionais. O aspecto da nova dialética do capital-trabalho, que abandona o “contexto concreto”, pela “desterritorialização” e “desmaterialização”, da mesma forma, apresenta dificuldades empíricas e teóricas de argumentação sobre as dimensões conceituais do trabalho com a informação.

O campo de trabalho da informação está fortemente aliado ao desenvolvimento tecnológico. Neste sentido, se antes seus profissionais tradicionais mantinham monopólio sobre o gerenciamento da informação em espaços restritos, agora as mudanças nas configurações organizacionais e as amplas possibilidades de conexões entre profissionais de várias áreas do conhecimento fazem com que os domínios sobre as atividades de armazenamento, acesso e disseminação de informações sejam redimensionados.

Na tentativa de se identificar as características dessa jurisdição da informação, cabe destacar que para Smit (1999) a delimitação do campo da Ciência da Informação, e da consequente delimitação de suas interfaces com os outros campos do saber perpassa a dificuldade de defini-la em uma única acepção; a autora assevera que “as tentativas de sistematização tropeçam invariavelmente em duas questões: a natureza da informação que nos diz respeito e a dicotomia entre um desenho da área que prioriza o produto ou o processo” (SMIT, 1999, não paginado). De acordo com a autora

[...] uma delimitação do objeto a uma informação que é estocada tendo em vista uma utilidade que lhe foi conferida pela comunidade e por esta razão deve ser disponibilizada. Esta informação, além de estocada (física e virtualmente) deve ser, principalmente, organizada, para justificar sua estocagem e permitir que a mesma cumpra seu papel social. Ao que tudo indica, a especificidade da área é mais facilmente destacada através do processo (a organização tendo em vista uma utilidade futura) do que do insumo e/ou produto (a informação). (SMIT, 1999, não paginado).

Esta discussão está presente em vários debates entre os autores da CI, e se reflete na identificação da tarefa profissional central a que se refere a área e que caracteriza a sua

jurisdição e o problema social que a origina. O compartilhamento da responsabilidade da área (teoria e prática) na definição de seu objeto pode ser entendida pela necessidade de manter em evolução as atividades regulamentadas e profissões, como parte de um processo social mais amplo.

2.1.3.1 *As Profissões da Informação e Profissional da Informação*

Miranda (2004, p. 15) introduz a questão da definição do objeto da área, sempre presente, afirmando que a tarefa se apresenta “complexa e até mesmo paradoxal, se considerarmos a ambiguidade com que o termo ‘informação’ vem sendo utilizado nas diversas áreas das atividades de pesquisa, de ensino e de prestação de serviço à comunidade”; completando que há “[...] outra vertente de análise, igualmente pantanosa – onde se considera a informação como matéria-prima”. Nessa primeira perspectiva, o autor aponta que a polissemia do termo informação traz dificuldades quanto à delimitação e comunicação das iniciativas profissionais dos profissionais da informação.

Apontada por Miranda (2004, p. 16), a segunda vertente de abordagem é a de natureza consuetudinária e diz respeito ao levantamento do estado da atividade do profissional da informação como base para sua definição. Requer “tentar descobrir e revelar o espaço e a caracterização pormenorizada da ação do profissional da informação na sociedade” e tal propositura tem a prerrogativa de demonstrar os “perfis” em “determinado momento e lugar, de maneira mais ou menos ampla, conforme a duração e a cobertura geográfica da enquete junto aos empregadores e aos próprios profissionais na ativa”; porém, tem uma limitação por dificultar “generalizações e universalizações”, e, ainda por se revelar um “instantâneo”, torna-se ineficaz ao se ter em vista o contexto de transformações aceleradas devido às TIC (MIRANDA, 2004, p. 16).

Miranda (2004) exemplifica a vertente consuetudinária com o trabalho de Kira Tarapanoff: *Perfil do Profissional da Informação no Brasil*, lançado em 1997, que representava o aspecto tecnológico e científico do entendimento da profissão, e que pode ser encontrado citado em trabalhos recentes, como sendo ainda o perfil adequado do profissional da informação. Pode-se afirmar que o estudo de Tarapanoff está para o contexto de um corte histórico para área de CI, isto porque, naquele momento: “a

informação explod[ia] dos limites da biblioteca e do domínio do bibliotecário para se tornar um bem comum massificado e administrado diretamente pelo usuário, a partir de sua residência ou local de trabalho”, afirmava Anna da Soledade Vieira, no periódico *Ciência da Informação*⁶², em 1995.

Podemos concordar com o dilema apontado por Miranda, tendo em vista que esta auspiciosa “visão da informação transbordando para a sociedade”, era retrato do forte investimento em Ciência e Tecnologia no Brasil, nas décadas de 1960/70, época considerada de virada tecnológica e acadêmica conectada à pós-graduação, que era confrontada com a rigidez das escolas de biblioteconomia, que naquele momento, e não só naquele, se opunham às mudanças curriculares propostas pela ABEBD, visto estavam voltadas para um currículo mais atrelado às práticas e procedimentos.

Francisco das Chagas de Souza (2011) relata as circunstâncias das questões que perpassavam as reuniões dos anos 1990, no âmbito da Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD)⁶³:

A existência da ABEBD trouxe a vontade de inserção de mais disciplinas no programa [...] e de ser tratada a metodologia da pesquisa; a presença de um docente mais qualificado do que somente o profissional bibliotecário. Isto trouxe qualidade ao ensino, houve uma contribuição importante. Em termos práticos, o resultado ou resposta aos esforços da ABEBD, foi diferente, em diferentes escolas, pelas condições locais, lideranças locais, segundo os processos de acomodação possíveis. (SOUZA, 2011, p. 206, destaque do autor).

O entrevistado de Chagas de Souza, relata: “Até então a grande preocupação estava centrada no currículo, e canalizamos a reflexão para duas perguntas básicas: Quem somos nós? Quem nós pretendemos formar? (SOUZA, 2011, p. 207, destaque do autor).

Deve-se evidenciar que nas décadas de 1980 e 1990, havia diferentes concepções sobre a natureza do trabalho e do perfil profissional do profissional da informação⁶⁴ que refletiam a complexidade de se tratar da avaliação de uma profissão no contexto sociotécnico. A ênfase estava nos espaços tradicionais, no acervo e processo técnico,

⁶² VIEIRA, A. S. Na janela do tempo com o IBBD e Drummond: passagens, transformações e novos desafios em educação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 1, abr. 1995.

⁶³ Apresentamos o texto com a fonte em itálico acompanhando a proposta do autor em diferenciar o registro do discurso de um entrevistado.

⁶⁴ Cf.: Barbosa (1998).

enquanto emergiam as expectativas de futuro em conexão com as diretrizes de *Inovação Ciência e Tecnologia* (ICT), que demandavam investimentos em pesquisa no campo da informação para acompanhar o contexto dinâmico da tecnologia.

Para esta questão política, que envolve a educação/currículo e o trabalho/jurisdições, a concepção consuetudinária é contributiva ao viabilizar estudos de “prospecção de mercados, programas de capacitação de recursos humanos e currículos e conteúdos programáticos” (MIRANDA, 2003a, p. 16), que permitem entender a demanda, adequando as necessidades do contexto e a formação profissional. O propósito do estudo de Tarapanoff era conhecer para poder prover o campo de subsídios para atender a área estratégica da informação que se apresentava no Brasil.

Naquele momento, as pesquisas que foram desenvolvidas na área sobre as profissões da informação e do profissional da informação exploraram, em grande parte, a vertente consuetudinária (MIRANDA, 2004), e pode-se, a partir dos levantamentos desta pesquisa, tentar identificar esses “fatores internos e externos que provocaram a formação e ascensão [e manutenção] do grupo” (MUELLER, 2004). Observamos os destaques dos trabalhos nos primeiros encontros ANCIB:

- SILVEIRA, J.G. **Bibliotecário acadêmico**: papéis atribulados pelo ritmo descompassado entre o ambiente acadêmico e suas bibliotecas. UFMG, 1994.
- LOPES, L.C. **O profissional da informação e o mercado de trabalho no Distrito Federal**. UFMG, 1994.
- OLIVEIRA, M.J. **O gerente da informação na EMPRAPA, EMBRATEL e CENAGRI**. UFMG, 1994.
- PINTO, V.B. **Mercado de trabalho do bibliotecário no Ceará**. UFMG, 1994.
- ARAÚJO, E.A. e col. **Mercado de trabalho do bibliotecário em João Pessoa, Paraíba**: características necessárias e tendências. UFMG, 1994.
- BERAQUET, V.S.M. **Oferta e demanda do profissional da pós-graduação em biblioteconomia**: o curso da PUCCAMP. PUCCAMP, 1995.
- MARENGO, I. **A sociedade da informação e o mercado de trabalho**: análise de ofertas de trabalho na grande São Paulo (92/94). PUCCAMP, 1995.
- OLIVEIRA, S. **Ensino de administração na escola de biblioteconomia**: uma correlação entre o currículo, a literatura e a necessidade de administradores. PUCCAMP, 1995.

Foi possível verificar em nossa pesquisa que esses estudos demonstravam a ênfase na pesquisa do mercado de trabalho, indicando que no plano interno a área voltava-se para o emprego, em consonância com a política desenvolvimentista orientada pelo emprego,

sobre a oferta de diplomados e o preenchimento das vagas disponíveis, o que equivale ao *score* positivo de uma profissão, não se voltando para o entendimento de questões epistemológicas, por exemplo, de acordo com as reflexões de Miranda e Mueller (2003, p. 86).

Miranda e Mueller (2003, p. 85) indicam, a partir do estudo sobre ensino de biblioteconomia⁶⁵ realizado por Nice Figueiredo em 1977/1978, que a ascensão da profissão se dá a partir de duas primeiras escolas, que se encontravam em situação privilegiada: Rio de Janeiro e São Paulo, por se associarem,

[...] respectivamente ao Governo e à iniciativa privada, [...] refletindo as condições das duas cidades; [...] na época capital federal, e a segunda como centro dinamizador do industrialismo e do liberalismo econômico no Brasil. (MIRANDA; MUELLER, 2003, p. 85).

Miranda e Mueller (2003) advertem sobre a concentração das escolas e as oportunidades de emprego nos centros urbanos, adequando a entrada desses profissionais no serviço público, sendo que

vários artigos vêm tentando identificar essa excessiva dependência da profissão ao poder público, tanto discutindo o papel do Estado na formação de mão de obra quanto como empregador majoritário, sobre tudo resultando que tal relação contraria a aspiração liberal (de ser uma profissão liberal, de prestação de serviços direto à sociedade) da classe bibliotecária, ressaltando também seus aspectos corporativistas. (MIRANDA; MUELLER, 2003, p. 86).

Acompanhando o modelo apresentado por Mueller (2004), podemos identificar na história de formação e ascensão do grupo, no caso da profissionalização dos bibliotecários, como fator externo apoiador a relação forte com o Estado, participando das diretrizes de formação e como maior empregador, e como fator interno a representação conselhos e associações profissionais. Ainda pode-se dizer sobre a relação que membros mantêm entre si, que essa presença sobrelevada do Estado e associações de classe exprimem seu domínio, em desajustes com o segmento formativo (professores e alunos, especialmente da pós-graduação).

⁶⁵Estudo coordenado pela Dra. Nice Figueiredo (CAPES/MEC), com a participação de Abigail de Oliveira (IBICT), Maria Martha de Carvalho (UFMG) e Antônio Miranda (UnB), todos atuavam como professores.

Esse descontentamento foi apontado por Miranda numa palestra e publicado em 1988:

Vou terminar com duas hipóteses [...], vocês escolhem à sua maneira. Há uma hipótese positiva: a gente consegue dominar os processos. Vamos desenvolver técnicas novas, manter a exclusividade do exercício profissional que a lei já nos garante e até sermos capazes de definir um campo teórico exclusivo, e sobreviver dentro dele nos próximos anos. Vamos pensar também na hipótese negativa: os profissionais de outras áreas dominam o nosso “know-how” (e eles estão estudando isto, trabalhando nesse sentido), conseguem resolver problemas de informação ligados às suas áreas de conhecimento (e eles estão interessados em resolver estes problemas que não estamos resolvendo para eles) e nos restam, aos bibliotecários, apenas as bibliotecas convencionais e as rotinas técnicas, porque eles acham que sempre fomos contratados exatamente para fazer isso (que é, aliás, justo reconhecer, é mesmo o que a maioria dos bibliotecários continuam fazendo). (MIRANDA, 1988, p. 36, grifo nosso).

Podemos destacar também a pesquisa realizada por Luís Carlos Lopes, em 1998, intitulada “O mercado de trabalho dos profissionais da informação do Rio de Janeiro e Niterói”, em que foi observada a população denominada como profissionais da informação: os arquivistas, bibliotecários e museólogos. Integraram a pesquisa em bibliotecas, museus, arquivos e centros de documentação no eixo Rio-Niterói (70% dos espaços segundo o registro), instituições que preveem a formação universitária para atuação, locais nos quais foram encontrados 34% desses profissionais (universo de 2.180 funcionários); donde se concluiu que a maioria era representada por funcionários com formação em outras áreas, porém destacou-se que 24% tinha apenas até o nível médio, indicando pontos vulneráveis no mercado de trabalho. A partir destes dados é possível notar que a despeito da delimitação das jurisdições (arquivistas, bibliotecários e museólogos, atendendo ao aspecto legal), para o mercado de trabalho e para a opinião pública, outros profissionais, tais como: os historiadores, documentalistas, ou profissionais da computação poderiam ocupar os mesmos espaços.⁶⁶

A ascensão e permanência de uma profissão, segundo Abbott (1988), dependem de se definir e resguardar sua jurisdição, desde que a profissão esteja ativa no sistema de profissões; noutro ponto, as instâncias legais (associações, sindicatos, Estado) parametrizam

⁶⁶ Na época foi feita uma pesquisa similar no Distrito Federal, obtendo os mesmos resultados. O relatório foi apresentado no encontro ANCIB, 1995, pelo mesmo autor.

seus direitos e obrigações como profissão para que se estabeleça seu direito legal exclusivo, porém, percebemos essas variáveis podem entrar em conflito com a realidade demandante, na qual atuam em tempos diferentes.

No Brasil, a Classificação Brasileira de Ocupações – CBO⁶⁷ estabelece, nomeia e codifica os títulos e descreve as características das ocupações seguindo as instruções do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). Em 2002, houve uma reclassificação⁶⁸, estabelecendo “famílias ocupacionais”, para as profissões da informação anteriormente definidas como bibliotecários, documentalistas, museólogos e arquivistas. Entretanto, foram subdivididas em:

- Os **profissionais da informação** estão codificados na CBO (2002) sob número 2612, formando uma família que compõe:

- 2612-05 – *Bibliotecário, Bibliógrafo, Biblioteconomista, Cientista da informação, Consultor de informação, Especialista de informação, Gerente de informação, Gestor de informação.*
- 2612-10 – *Documentalista – Analista de documentação, Especialista de documentação, Gerente de documentação, Supervisor de controle de processos documentais, Supervisor de controle documental, Técnico de documentação, Técnico em suporte de documentação.*
- 2612-15 – *Analista de informações – Pesquisador de informações de rede.*

- Os **profissionais arquivistas e museólogos** estão codificados na CBO (2002) sob número 2613, formando uma família que compõe:

- 2613-05 - *ARQUIVISTA - Administrador de arquivos, Encarregado de serviço de arquivo médico e estatística, Especialista em documentação arquivística, Especialista em organização de arquivos, Gestor de documentos*
- 2613-10 - *MUSEÓLOGO - Auxiliar de museus, conservador de museu, Especialista em conservação de acervos, Especialista em documentação museológica, Especialista em educação em museus, Especialista em museografia de exposição*

Crivellari e Cunha (2004, p. 18) avaliam “que as mudanças feitas no sistema nacional de classificação profissional vão afetar o capital simbólico⁶⁹ e a correlação de forças,

⁶⁷ Disponível em: <http://www.ocupacoes.com.br/> ou <<http://www.mteco.gov.br/>>, Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). Acesso em : 2 jan. 2018.

⁶⁸ A classificação de 2002 veio substituir a anterior datada de 1994. Na atual versão as ocupações são organizadas por famílias, que reúnem um conjunto de ocupações similares correspondente a um domínio de trabalho mais amplo que aquele da ocupação. A proposta do MTE é que a nova padronização de códigos e descrições, poderá ser utilizada pelos mais diversos atores sociais do mercado.

⁶⁹ Bourdieu (1989, p. 148 citado por CRIVELLARI; CUNHA, 2004).considera “[...] [que] o título profissional ou escolar é uma espécie de regra jurídica de percepção social, um ser-percebido que é garantido como um direito. É um capital simbólico institucionalizado, legal e não apenas legítimo”.

anteriormente estabelecidas nas disputas jurisdicionais entre as profissões”. Ressalta-se que para ocupar a denominação CBO 2612 – Profissionais da Informação devem ser bacharéis em Biblioteconomia, de acordo com a regulação da CBO. As autoras apontam que a nova divisão reflete as mudanças a partir do uso da internet, como a designação Analista de informações (2612-15) – Pesquisador de informações de rede.

Observa-se, também, que denominações de cargos gerenciais, passam à denominação de especialistas e gestores, mas afinados com o discurso da organização da produção por competências, caminhando para a horizontalidade e gestão de si mesmo, em detrimento da verticalidade do poder nas organizações.

De fato, a partir de dados obtidos na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)⁷⁰ sobre a população ativa dos profissionais da informação, viu-se configurar uma mudança de comportamento, com predominância na distinção entre as ocupações dentro da família “profissionais da informação”, conforme demonstrado na figura 1:

Figura 1- Evolução do número de trabalhadores nas Ocupações da Família Profissionais da Informação (Período de 2002 a 2016).

Fonte: RAIS (Brasil) 2002 -2016.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

⁷⁰ A RAIS – Relação de Anual de Informações Sociais é um documento produzido a partir da coleta de dados sobre o setor do trabalho desenvolvido pelo Ministério do Trabalho e Emprego. Os dados são públicos e a partir de um cadastro/registro de usuário o acesso é imediato [default]. Disponível em: <<http://bi.mte.gov.br/bgcaged/login.php>>. Acesso em 15 dez. 2017.

Observa-se que a denominação “analista de informações” tem se destacado como preferencialmente escolhida para designar profissionais que são bacharéis em Biblioteconomia. Ainda não se verificou o aparecimento desta designação nos estudos acadêmicos da área⁷¹. Mueller (2004) destacou a mudança dos nomes nas escolas, cursos e disciplinas, passando à denominação de Ciência da Informação ao invés de Biblioteconomia, como uma adequação ao contexto. Porém, neste caso, dos analistas de informações, trata-se da mudança da denominação de uma profissão/ocupação que reclama sua identidade, ao mesmo tempo que deseja uma renovação deixando de referenciar a sua origem e pertencimento às bibliotecas, para acompanhar a modernidade, associando mais fortemente a profissão ao termo informação. Os trabalhos de Walter (2008) e Silva e Morigi (2008) tratam das representações e identidade profissional, na contemporaneidade, no Brasil, apontando esses movimentos.

Robredo⁷² (2003, p. 162, citado por Faria et al., 2005, p. 29) explicita sua observação sobre a falta de consenso sobre a definição dos seus profissionais descrita na nova CBO:

Seja-nos permitido expressar nosso assombro ante o descompasso observado entre a definição das tarefas ocupacionais, eminentemente práticas e rotineiras tanto dos agora denominados profissionais da informação como dos arquivistas e museólogos – seriam estes excluídos pelo Ministério do Trabalho e do Emprego do grupo dos profissionais da informação? – e os estudiosos da ciência da informação, no mundo inteiro, os quais consideram a informação como entidade central no processo de desenvolvimento das sociedades, na sua marcha para o futuro.

Robredo (2003, p. 162-3 citado por Faria et al., 2005, p. 29) continua sua análise crítica:

Na nossa opinião, a interdisciplinaridade e a multidisciplinaridade e sobretudo o rigor científico da pesquisa em Ciência da Informação [...] apontam também para a multidisciplinaridade da participação de profissionais de origens e formações diversificadas. É impossível pensar num tipo único de profissional da informação com conhecimento universal [...] e mais impossível ainda pensar que esses perfis ocupacionais apresentados pelo Ministério correspondem, de alguma forma, aos perfis que, na realidade, a sociedade está a exigir dos verdadeiros profissionais da informação.

⁷¹ Buscamos na Base BRAPCI a/o palavra-chave/descritor “analista de informações” e não houve recuperação, somente para “analista de tecnologia da informação”. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

⁷² ROBREDO, J. **Da Ciência da Informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus, 2003.

Estudos dessa natureza continuam sendo encabeçados pela área de pesquisa e ensino, nas condições que a academia pode oferecer, ora privilegiando os “perfis” profissionais (WALTER, 2008; SILVA; MORIGI, 2008), ora buscando alternativas para o entendimento do mercado de trabalho (BAPTISTA, 2000; CRIVELLARI, 2003; BAPTISTA, MUELLER, 2005; CUNHA, 2006, 2009; OLIVEIRA, 2014).

Entretanto, de acordo com Silva e Cunha (2002), no contexto atual do mercado de trabalho, a diplomação não garante o emprego e vê-se que a empregabilidade está associada à qualificação pessoal; as competências técnicas deverão estar associadas à capacidade de decisão, de adaptação a novas situações, de comunicação oral e escrita, de trabalho em equipe e a valorização do profissional se alinha com “habilidades para estabelecer relações e de assumir liderança”. Silva e Cunha citam Drucker⁷³ (1997) para afirmar que “os principais grupos sociais da sociedade do conhecimento serão os ‘trabalhadores do conhecimento’”, qualificando-os como “pessoas capazes de dar ênfase aos conhecimentos para incrementar a produtividade e gerar inovação” (2002, p. 77).

Cumprir destacar a importância da interação entre as escolas brasileiras e as existentes nos países do Mercado Comum do Sul da América do Sul (MERCOSUL), iniciada a partir de 1991. O cenário de origem dos Encontros de Diretores de Escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação do Mercosul reúne duas ordens, conforme relatado por Guimarães (2002, p. 67): os oficiais e os didático-pedagógico-investigativo. Segundo o autor, de um lado, as políticas de harmonização acadêmica e científica promovidos pelos Ministérios da Educação da Argentina, do Brasil, do Paraguai e do Uruguai, denominado Tratado de Assunção, em 1991; de outro, a perspectiva didático-pedagógico-investigativa, desenvolvida no âmbito dos Encuentros de Educadores e Investigadores en Bibliotecologia, Archivologia, Ciencia de la Información y Documentación de Iberoamerica y el Caribe (EDIBCIC), em 1993.

O estudo de Guimarães (2002) relata que em decorrência destas manifestações, em 1996, houve a primeira reunião do segmento Diretores de Escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação do Mercosul promovida pela ABEBD para se discutir a harmonização curricular da área. Em seguida, deu-se início à sistematização de questões sobre o ensino e a formação profissional, que incluíram: compatibilização curricular; formação docente; avaliação de qualidade de ensino; incentivos para pesquisa e pesquisa com extensão

⁷³ DRUCKER, Peter. **Sociedade de pós-capitalista**. 6. ed. São Paulo : Pioneira, 1997.

universitária com apoio institucional e convênios com distintos setores da sociedade. Assim, de acordo com Guimarães (2002, p. 75) esses encontros consolidaram uma área de investigação e ação da temática e promoveram, a partir de suas agendas, as principais referências para a formação e atuação dos profissionais da informação no segmento dos países do MERCOSUL⁷⁴ e outras partes do mundo.

Em referência à atuação profissional, foi definido, debatido e aprovado em plenário, no âmbito do Encontro de Diretores, o conjunto de competências profissionais esperadas para o egresso dos cursos de Biblioteconomia do Mercosul (GUIMARÃES, 2002). Nessa proposta foram atribuídas categorias para as competências profissionais identificadas como: competências de comunicação e expressão (CE), técnico-científicas (TC), gerenciais (G) e sociais e políticas (SP)⁷⁵, e registradas no documento final da Reunião de Diretores do IV *Encuentro de Directores de Escuelas de Bibliotecología y Ciencia de la Información del Mercosur* (MONTEVIDEO, 2000)⁷⁶.

Mueller (2004, p. 42) propõe observar como a jurisdição sobre a informação é percebida no mercado de trabalho, conforme o modelo de Abbott (1988), e com a intenção de avaliar as possíveis interpretações sobre a jurisdição da informação (MUELLER, 2004) reservada aos profissionais da informação quanto às demais profissões do sistema de profissões (ABBOTT, 1988), neste estudo propôs-se buscar identificar nos achados da pesquisa bibliográfica, sobre os papéis e funções dos profissionais da informação, algum trabalho acadêmico que pudesse ser considerado representante do reconhecimento que a sociedade faz da prática profissional dos profissionais da informação na atualidade, podendo refletir seu *locus* no sistema de profissões.

⁷⁴ Cf.: Oliveira, E. F. T. *La formación del profesional bibliotecario en el ámbito del Mercosur: realidad y tendencias en el inicio del siglo XXI*. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/28239328>>. Acesso em 7 jan. 2018.

⁷⁵ Cf.: Valentim (2002) apresenta a descrição e análise das categorias apresentadas.

⁷⁶ Cf.: IV *Encuentro de Directores de Escuelas de Biblioteconomía y Ciencia de la Información del Mercosur* (MONTEVIDEO, 2000). **Competências Gerenciais:** • *Dirigir, administrar, organizar e coordinar unidades, sistemas e serviços de informação*; • *Formular e gerenciar projetos de informação*; • *Aplicar técnicas de marketing, liderança de relações públicas*; • *Buscar, registrar, avaliar e difundir a informação com fins acadêmicos e profissionais*; • *Elaborar produtos de informação (bibliografias, catálogos, guias, índices, disseminação seletiva da informação (DSI), etc.)*; • *Assessorar no planejamento de recursos econômico-financeiros e humanos do setor*; • *Planejar, coordenar e avaliar a preservação e conservação de acervos documentais*; • *Planejar e executar estudos de usuários e formação de usuários da informação*; • *Planejar, constituir e manipular redes globais de informação*. (VALENTIM, 2000, p. 124).

De acordo com Abbott (1988), é o constructo de conhecimentos que formaliza as competências necessárias para distinguir um grupo de praticantes, denotando o *status* de profissão, assim sendo, o reconhecimento e a reserva do corpo de conhecimento abstrato são condições que distinguem profissão e ocupação. Tomando essas premissas elencadas pelo autor, considerou-se a perspectiva da Administração - em especial voltada para o Recursos Humanos (RH), como representação do que a sociedade espera dos profissionais da informação, a partir do estudo desenvolvido por Cançado, Medeiros e Jeunon (2008) e intitulado: *O profissional da informação: uma análise baseada no modelo de múltiplos papéis de Ulrich*⁷⁷.

O estudo serviu de base para o exercício de análise ao propor correlacionar o modelo de múltiplos papéis para profissionais de recursos humanos e as similaridades das funções demandadas aos profissionais da informação atualmente (CANÇADO; MEDEIROS; JEUNON, 2008). O modelo de avaliação adotado é o proposto por Ulrich⁷⁸, aplicado ao contexto da realidade empresarial. Deve-se considerar que houve transformações nos modelos administrativos empresariais, e novos conceitos estão sendo aplicados em todos os setores da economia, nos ambientes públicos e privados, e pode-se destacar: gestão de recursos, trabalho colaborativo, planejamento estratégico, entre outros. Assim, qualquer que seja a área de atuação dos profissionais da informação, estes estarão suscetíveis a categorizações desses modelos de atuação, e serão vistos pela sociedade, legitimando sua necessidade (ABBOTT, 1988).

Cançado, Medeiros e Jeunon (2008) tiveram como objetivo discutir as funções dos profissionais da informação, para tanto, após levantamento na literatura da áreas identificaram seus os múltiplos papéis desempenhados (desde operacionais até os estratégicos) e consolidaram em quatro categorias: “administrador de unidades e sistemas de informação, administrador da informação e da coleção, administrador dos clientes informacionais e administrador da transformação e mudança” (CANÇADO; MEDEIROS; JEUNON, 2008, p. 206). Destaca-se que estas categorias resumem as competências

⁷⁷ Dave Ulrich é Professor de *Business Administration* na *Rensis Likert Collegiate* e na *Stephen M Ross School of Business*, na Universidade de Michigan (USA).

⁷⁸ Em síntese, as categorias apontadas pelo modelo de Ulrich para Recursos Humanos (RH) são: Administração de estratégias de RH; Administração da infraestrutura da empresa; Administração da contribuição dos funcionários e Administração da transformação e da mudança (ULRICH, 1998, p. 41 citado por CANÇADO; MEDEIROS; JEUNON, 2008, p. 201).

Cf.: ULRICH, D. **Os campeões de recursos humanos: inovando para obter os melhores resultados**. São Paulo: Futura, 1998.

requeridas ao profissional: gerenciais, técnico científicas, de comunicação e expressão, sociais e políticas, identificadas pelos estudiosos da área de Biblioteconomia e CI presentes nos Encontros do Mercosul e apontadas por Valentim (2002) e Guimarães (2002).

Neste contexto, a proposta de observação se restringiu a balizar esta análise-tentativa nos indicadores de categorias de competências gerenciais para o profissional da informação recorrentes nos discursos atuais na literatura sobre a profissão, especialmente relacionadas por Valentim (2002, p. 124). A categoria das competências gerenciais evidencia as atitudes propositivas, como visto na verbalização: *formular e gerenciar projetos...; assessorar no planejamento de recursos...; planejar e executar; planejar e constituir...; liderar...* entre outras atividades.

Assim, a intenção do análise-tentativa era observar possíveis reservas, aproximações ou avanços que pudessem caracterizar a justificativa da manutenção da exclusividade da profissão frente ao contexto de mutações que se apresentam no mercado de trabalho dos profissionais da informação. Para a classificação dos entendimentos sobre os papéis e funções da profissão, reflexão e argumentação baseados em Abbott (1988), propomos as categorias: papéis tradicionais; atitudes prospectivas e agregadoras de valor, especializações gerenciais e ações inovadoras. Apresenta-se a justificativa destas escolhas: a) papéis tradicionais são atitudes que podem ter o poder de reiterar a imagem pública de uma profissão; corresponde a estereótipos; e pode reduzir a profissão ao objeto de trabalho ou local de trabalho; b) atitudes prospectivas e agregadoras de valor podem ser reivindicatórias de reconhecimento de valor para a profissão, considerando que nas organizações as tarefas e quem tem competências para fazê-las podem ser renegociadas a qualquer tempo, as jurisdições não são intransponíveis; c) especializações gerenciais correspondem aos controladores e supervisores, demandam progressão na formação e certificações, elementos do constructo de conhecimento que sustentam o domínio profissional; d) ações inovadoras podem expandir a profissão por oferecer soluções, contribuindo para o reconhecimento da sociedade que melhor competência para o trabalho, atuando sobre o sistema.

Apresentamos a distribuição da classificação no quadro 1:

Quadro 1- Papéis e funções dos profissionais da informação

Papéis e funções dos profissionais da informação (Cançado, Medeiros e Jeunon, 2008)	Categorização (desta pesquisa)
Clausen (1990) classificou três principais tipos de profissionais da informação: bibliotecários – realizam os serviços convencionais; especialistas de sistemas de informação – desenvolvem sistemas, visando resolver problemas de organização da informação; e pesquisadores e analistas da informação – atuam no provimento de informações para responder às necessidades das organizações.	Papéis tradicionais.
Detlefsen (1992) identificou os seguintes tipos: especialistas de assunto, especialistas em tecnologia e especialistas em gerenciamento. Entende-se aqui que a contribuição de Detlefsen à proposta de Clausen está em apontar o gerenciamento como um dos papéis fundamentais dos profissionais da informação.	Especialistas gerenciais.
Guimarães (1997) classificou em três tipos os papéis desempenhados por esses profissionais: o gerente de unidades (e sistemas de informação), o tratador da informação e o agente social.	Especialistas gerenciais
De acordo com Williams e Bukowitz (1997) os profissionais da informação podem atuar como: <ul style="list-style-type: none"> o perito tecnológico, que assegura que os membros da comunidade do conhecimento entendam e utilizem no seu máximo potencial a tecnologia disponível; catalogador/arquivista, que organiza informação que atenda às necessidades da comunidade do conhecimento; guia que orienta os membros da comunidade do conhecimento a divulgar informação, quando apropriado, e manter alto nível de fontes de informação fora da comunidade; explorador, que busca informações úteis para a comunidade do conhecimento, trazendo-as para a base de conhecimento da empresa; bibliotecário pesquisador, que ajuda os usuários a definirem suas necessidades de informação; e analista, que adiciona valor à informação, criando um contexto para o entendimento e trazendo novas questões de interesse para análise e estudo. 	Atitudes prospectivas e agregação de valor; ações inovadoras.
Skyrme e Amidon (1997) complementam apresentando ainda outras funções: <ul style="list-style-type: none"> engenheiro do conhecimento, que identifica ou mapeia o conhecimento tácito e explícito, para capacitar sua classificação e disseminação; editor do conhecimento, que refina conhecimento explícito em formatos que facilitem subsequentes acessos e usos; analista do conhecimento, que age como um link entre o cliente interno ou externo e a base do conhecimento; navegador do conhecimento, que sabe onde os repositórios de informação se encontram dentro da organização; coletor de conhecimento, que acessa fontes externas de conhecimento e as direciona para os clientes dentro da organização; corretor do conhecimento, que tem uma boa rede de contatos dentro e fora da empresa; e gerente de ativo do conhecimento, que identifica, avalia e gerencia um portfólio de ativos do conhecimento. 	Atitudes prospectivas e agregação de valor; ações inovadoras
Rezende (2002) acrescenta que esses profissionais podem atuar como agentes criativos, intérpretes, intermediários, e como gestores do conhecimento. <u>Como agentes criativos</u> , eles utilizam a informação na solução de problemas, ou como insumo gerador de ideias que irão fundamentar novas tecnologias e conceitos	Especialistas gerenciais; Atitudes prospectivas e agregação de valor;

que, por sua vez, irão proporcionar vantagem competitiva. São os profissionais das áreas de desenvolvimento e criação para os quais a informação necessária pode estar em catálogos comerciais, notícias, textos literários, imagens, artigos de revista, livros, como também em complexas análises de engenharia, de logística, de equipamentos ou de formulações químicas e seus efeitos. Eles podem atuar como <u>agentes intérpretes</u> , que são os profissionais que interpretam o contexto de atuação da organização, utilizando a informação como ferramenta de prospecção e identificação de novos negócios, mercados e tecnologias. São os especialistas em análise e planejamento econômico, comercial ou tecnológico, cuja missão é identificar ameaças e oportunidades, antecipando mudanças de cenários. Podem ainda ser <u>agentes intermediários</u> , que são os especialistas em intermediar o acesso à informação, cujo processo se inicia com a identificação e interpretação das demandas de informação do negócio, seguido da identificação das fontes de informação, da seleção e pesquisa propriamente ditas, da organização que torna as informações acessíveis e, por fim, da sua divulgação para os agentes do conhecimento existentes na empresa. Podem ainda atuar como agentes <u>gestores do conhecimento</u> , que é uma nova categoria de profissionais, cujo papel é a administração do capital intelectual da empresa, também chamado de QI empresarial.	ações inovadoras
Tomaél e Alvarenga (2000) apontaram quatro papéis: o controlador, o recuperador, o disseminador e o preservador da informação. Valentim (2002) ressaltou três papéis: o filtrador, o processador e o mediador da informação.	Papéis tradicionais
Araújo e Oliveira (2005) existem: o gerenciador, o organizador (seleção, aquisição, catalogação, classificação e indexação) e o divulgador (referência, empréstimo, orientação, disseminação e extensão).	Papéis tradicionais
Araújo e Dias (2005) descrevem: o gerente, o formador e desenvolvedor da coleção, o organizador das coleções, o preservador dos registros da informação, o dinamizador da informação e o disseminador da informação.	Papéis tradicionais
Castro (2000) conclui que os profissionais da informação devem atuar no sentido de buscar o saber, a autonomia e o domínio no manuseio da informação, dando então suporte, por exemplo, às principais decisões estratégicas empresariais, já que essas são calcadas em informações e conhecimentos	Atitudes prospectivas e agregação de valor; ações inovadoras
Ferreira (2005) afirma que o profissional da informação deve conhecer o ambiente do negócio no qual está atuando, bem como entender de negócios das áreas afins. É um especialista que lida com ativos (capital intelectual) que geram valor à organização.	Atitudes prospectivas e agregação de valor; ações inovadoras

Fonte: Adaptado de Cançado, Medeiros e Jeunon, 2008.

Aplicamos nossa proposta de classificação e encontramos definições de competências e delimitação de monopólios do tratamento da informação em Clausen (1990), Tomaél e Alvarenga (2000), Araújo e Oliveira (2005), Araújo e Dias (2005) apresentando papéis tradicionais que remetem ao trabalho associado à bibliotecas e centros de informação. Em Detlefsen (1992), Williams e Bukowitz (1997), Guimarães (1997), vimos a inserção de competências que levam à definição de profissional especialista/perito em processos de gerenciamento da informação e contextos de prospecção e agregação de valor. Williams e Bukowitz (1997, Rezende (2002), Castro (2000), Ferreira (2005), definindo o profissional com protagonismo em ações de prospecção intensiva, colaborativo e poder de decisão.

Foram feitas as análises⁷⁹ sobre as definições de papéis e funções sob a perspectiva do RH na perspectiva de Cançado, Medeiros e Jeunon (2008), os autores propuseram consolidar a atuação do profissional da informação em múltiplos papéis, que vão desde os operacionais até os estratégicos, estão apresentados no Quadro 2 :

Quadro 2- Modelo de múltiplos papéis de Ulrich para profissionais da informação

<ul style="list-style-type: none"> • Administrador de unidades e sistemas de informação - é o administrador gestor responsável pela administração geral, proposto por Guimarães (1997), Araújo e Oliveira (2005) e Araújo e Dias (2005), e, indo mais além, aquele que Castro (2000) indica como devendo atuar no sentido de respaldar as decisões estratégicas empresariais;
<ul style="list-style-type: none"> • Administrador da informação e da coleção - é um filtrador, formador, desenvolvedor, organizador, tratador, processador da informação e da coleção, e preservador da informação. Suas atividades vão desde a seleção e aquisição, passando pela catalogação, indexação (a descrição física e temática) e classificação, conforme descrito por Guimarães (1997), Tomaél e Alvarenga (2000), Valentim (2002), Araújo e Oliveira (2005) e Araújo e Dias (2005);
<ul style="list-style-type: none"> • Administrador dos clientes informacionais - é o circulador, dinamizador, mediador, pesquisador, disponibilizador, divulgador, disseminador da informação e participante do fluxo do conhecimento, bem como o responsável pelo treinamento dos clientes e da confecção de novos produtos e serviços informacionais. Suas atividades vão desde o empréstimo, passando pela disseminação, referência, orientação e extensão (GUIMARÃES, 1997; TOMAÉL; ALVARENGA, 2000; VALENTIM, 2002; ARAÚJO.; OLIVEIRA, 2005; ARAÚJO; DIAS, 2005); e
<ul style="list-style-type: none"> • Administrador da transformação e mudança - é tido como o agente social e político, objetivando a transformação e a mudança, conforme proposto por Guimarães (1997).

Fonte: Adaptado de Cançado, Medeiros e Jeunon, 2008.

Essas distinções apresentam a possibilidade de evoluir nas competências dos profissionais, sem perder a jurisdição da informação (MUELLER, 2004), se observado que os profissionais devem ser preparados para situações complexas e a agirem como agregadores de valor à informação, ao mesmo tempo que terão valorizado seu papel na sociedade (ABBOTT, 1988). Entretanto, o entendimento dos vieses da administração/gerencial e da especialidade gerencial não são muito evidenciados nos currículos atuais, ou as possibilidades de criação de competências para ações inovadoras para ocupar novos espaços ainda são cerceadas pela burocracia institucional na formação de novos profissionais.

⁷⁹ Para Cançado, Medeiros e Jeunon (2008), essas quatro categorias - administrador de unidades e sistemas de informação, administrador da informação e da coleção, administrador dos clientes informacionais e administrador da transformação e mudança - resumem também as competências requeridas ao profissional: gerenciais, técnico-científicas, de comunicação e expressão, sociais e políticas. Essas quatro categorias podem ser complementadas pela proposta da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) e pelo confronto com o modelo dos múltiplos papéis de RH, proposto por Ulrich (1998).

Mueller (1989) ressalta a importância do entendimento da possibilidade de múltiplos papéis, ao defender a possibilidade de reunir em uma base fundamentos e conceitos que poderiam abarcar as profissões da informação, segundo a autora:

O entendimento correto e atual de serviço de informação, no entanto, não se esgota em serviços bibliotecários. Devemos considerar que necessidades de informação não se restringem a formatos de apresentação ou de suporte, nem tão pouco a instituições físicas onde os serviços são prestados. São várias as profissões cujas responsabilidades são semelhantes, isto é, semelhantes no sentido de que a característica comum é a preocupação com a satisfação de necessidades individuais de informação, necessidades expressas ou percebidas na comunidade. Isto leva a concluir que associação entre essas profissões, tais como por exemplo, bibliotecários, arquivistas, informatas e outros profissionais dedicados à disseminação de informação, seria extremamente vantajosa para a sociedade. (MUELLER, 1989, p. 69).

Essa possibilidade, de formar um tronco disciplinar unificado, e com aprofundamento em disciplinas da própria área, tornaria os novos profissionais da área de documentação e informação melhor preparados para as soluções teóricas e administrativas. Entretanto, não se viu o encaminhamento satisfatório desta proposta.

O ensino integrado para bibliotecários, documentalistas e cientistas da informação parece ser uma aspiração sensata, mas que em termos práticos pode ser difícil de conseguir. As profissões (acertadas) não são capazes de integrar a educação para seus descendentes tradicionais (novas profissões de informação), então há muito menos probabilidade de que ela seja bem-sucedida na coordenação da escolaridade, que exige acima de tudo um esforço necessário para atender as necessidades heterogêneas da nova sociedade da informação. (CRONIN, 2007, p. 54).

Mas é desta forma, aponta Mueller (1989, p. 183), que a “profissão da informação, assim estruturada, estaria apta a atrair para seus quadros pessoas com formação e aptidões diversas, tanto para a prática profissional como para a pesquisa, como requer área tão diversificada quanto a área da informação.”

Pensava-se na possibilidade de se investir em uma profissão essencialmente liberal, como se desejava para o profissional da informação, cujo afastamento desse pressuposto, pelo tradicionalismo das associações de classe, já foi antes questionado por Miranda (2003).

Considerando estes atributos da multiplicidade de papéis, acreditamos que poderia haver uma nova perspectiva para a profissão.

Por fim, numa terceira perspectiva, Miranda (2004, p. 17) postula a existência de outra vertente de interpretação das profissões que potencializa a “multitude de possibilidades para as definições de perfis, habilidades e competências profissionais” denominada teórica, em que o estado do conhecimento profissional seria resultante da experiência acumulada pela prática e consubstanciada pela teoria, o que possibilitaria legitimar definições mais universais e transcendentais. O autor apoia a sua conceituação nos pressupostos do filósofo Karl Popper⁸⁰.

No modelo teórico *popperiano* pode-se aceitar a concepção de mundo separado por duas linhas interpretativas: Mundo 1, objetivo e concreto como objeto da ciência; e Mundo 2, compreendendo os “fenômenos metafísicos, formadores das ciências clássicas, podendo ser ciências puras ou aplicadas, onde se constituem os conhecimentos para as atividades profissionais especializadas”, também aqui se encaixam os profissionais da informação. Os profissionais da informação trabalham, então, com os registros do conhecimento das demais áreas profissionais, “considerando todo o ciclo informacional, desde a geração até o uso pela sociedade” (MIRANDA, 2004, p. 16).

O autor conclui afirmando que as duas abordagens se interagem e dão sustentação à categoria “exclusiva ou própria” da profissão dos profissionais da informação, assim, avançando nas “visões profissionalistas, abordando desenvolvimentos jurisdicionais, identitários, multidimensionais, tecnológicos e culturais” (MIRANDA, 2004, p. 19), que se estende à importância do papel da formação profissional, ao reconhecer que o corpo de conhecimento necessário para essa conformidade é da responsabilidade dos pesquisadores e professores, que formam um segmento especial dentro da jurisdição (ABBOTT, 1988; MUELLER, 2004).

Retomamos o discurso de um representante da ABEBD, com o intuito de melhor formalizar o entendimento de uma profissão que lida com o ambiente tecnológico, mas não se confunde com ele, que reconhece a capacidade de atuar como agente em processo de inovação, sem se atrelar a conflitos de denominações, e tendo refletido a respeito de quem

⁸⁰ Karl Popper (1902-1994), filósofo e professor, austríaco. É representante da Filosofia da Ciência, na linha analítica, tendo criado o modelo hipotético-dialético, indicando a necessidade de se criar modelos intencionalmente para poder conhecer determinada realidade.

é o sujeito da ação de educar e formar, considera que ter-se-ia “no currículo o seu reflexo e não ao contrário” (SOUZA, 2011, p. 207).

2.1.3.2 *Tendências*

Vários autores nacionais e vasta bibliografia tratam de buscar um “conceito” para o profissional da informação, analisando o histórico das profissões, ou especificamente, locais de atuação desse profissional. Loureiro e Januzzi (2005) apresentaram um estudo de compilação de trabalhos na literatura recente, cujo tema e objeto de estudo era o profissional da informação, bem detalhada e que serve de guia para o percurso das profissões da informação no país. Em suas conclusões observaram “não existir consenso em relação a um conceito que defina quem é o Profissional da Informação”, sugerindo que a área dedicasse mais estudos, “tanto para manter a integridade da categoria profissional, como para assegurar o reconhecimento da sua atuação profissional por parte da sociedade” (LOUREIRO; JANUZZI, 2005, p. 123).

No percurso desta pesquisa, nos deparamos com perspectivas de outros autores, também envolvidos com a temática da formação e trabalho dos profissionais da informação, que apresentaremos a seguir.

Froeblich⁸¹ (2009), sobre o pertinente tema da evolução das profissões da informação, se apresenta formulando o seguinte questionamento:

Com a evolução da sociedade da informação, novos desafios surgiram para os profissionais da informação e para a educação de profissionais da informação. Alguns novos títulos de carreira estão aparecendo no mercado: administrador de conhecimento (*knowledge manager*), chefe de conhecimento (*chief knowledge officer*), administrador de conteúdo (*content manager*), arquiteto da informação (*information architect*), ontologista, *web designer*, coordenador de metadados (*metadata coordinator*), designer de experiência do usuário e engenheiro da usabilidade (*usability engineer*). Onde esses profissionais vão receber educação? Será nas escolas de Biblioteconomia, informática, computação, escola de administração, desenho de comunicação visual, jornalismo, comunicação de massa ou em todas elas? (FROEBLICH, 2009, p. 89).

⁸¹ Froeblich (2009) discorre sobre os modelos de inovação educacional nos EUA, com os quais está envolvido, apresentando propostas de cursos na graduação e pós-graduação.

O autor continua a reflexão destacando o necessário envolvimento da pesquisa acadêmica em CI na temática da formação e trabalho:

Uma coisa parece clara: existirão múltiplas fontes para novos empregos, mas será que cada área está preparando bem ou adequadamente os alunos? O que a educação em Biblioteconomia e Ciência da Informação podem contribuir nessa mistura? (FROEBLICH, 2009, p. 89).

Esse contexto, aliado à convergência tecnológica, requer desenvolvimento profissional concernente ao desenvolvimento de competências e habilidades, que ultrapassem a capacitação técnica pertinente aos profissionais da informação, dentro de suas especialidades.

Por profissional da informação entende-se todos aqueles indivíduos que, de uma forma ou outra, fazem da informação o seu objeto de trabalho, entre os quais, arquivistas, museólogos, administradores, analistas de sistemas, comunicadores, documentalistas e bibliotecários, além dos profissionais ligados à informática e às tecnologias da informação e das telecomunicações. Quais desses profissionais deseja-se idealizar e vislumbrar como moderno? A pergunta é respondida com facilidade: aqueles ligados ao setor da informação, no sentido de sua participação nos processos de geração, disseminação, recuperação, gerenciamento, conservação e utilização da informação, ou seja, bibliotecários e documentalistas. O que requer uma atenção especial é o perfil que esses profissionais devem possuir para participar com eficácia desses processos. (SANTOS, 1996, p. 5).

A designação por profissional da informação tem sido associada a áreas profissionais aproximadas, como bibliotecários, arquivistas, museólogos, profissionais formados em Ciência da Informação, Ciência da Documentação, Gestão da Informação, para “ [...] designar o trabalho que se baseia na utilização de novas tecnologias para processar, armazenar, recuperar, disseminar e gerar informação” (CANÇADO; MEDEIROS; JEUNON, 2008).

Tal constatação, remete a Le Coadic (1996) estudioso dos fenômenos da informação, que ao considerar a diversidade de fatores sociais, políticos, econômicos e culturais, indica os atributos do fazer do profissional da informação tendo em vista a atuação nos processos de inovação:

- a) **Especialistas da informação** – categoria ampla, inclui pessoas que não necessariamente trabalham, em geral, no ambiente da biblioteca tradicional embora possam utilizar as técnicas bibliotecárias. Estão mais voltadas para a análise,

comunicação e uso da informação, do que para o armazenamento e a conservação das coleções de documentos e objetos. Podem ser denominados como analistas da informação, gerentes da informação, planejadores de sistema de informação

- b) **Empresários da informação** – grupo composto por profissionais da informação que criam empresas de fabricação e vendas de produtos ou serviços de informação. Pode-se dizer sobre um banco de informações especializadas, um programa de computador, publicações (índices, catálogos, etc.);
- c) **Cientistas da informação** – reúne a comunidade científica formada por pesquisadores e docentes na área de CI. Trabalham em universidades centros de pesquisa ou para grandes empresas, com o objetivo de estudar as propriedades da informação e desenvolver novos sistemas e produtos de informação (LE COADIC, 1996, p. 107-8).

Cançado, Medeiros e Jeunon (2008) complementam tal discussão e definem os especialistas da informação como profissionais da informação que atuam aplicando as teorias e práticas na criação de estruturas capazes de propiciar a circulação e geração de informações e conhecimentos, resultando em informação com valor agregado e para a execução destas atividades mobilizam recursos informáticos, ferramentas necessárias para o tratamento da informação. Podem ser os identificadores de necessidades informacionais de seu ambiente profissional e contribuir para o desenvolvimento das competências informacionais, refletindo em aumento do capital intelectual; ainda, contribuem no acompanhamento de processos de inteligência competitiva.

A literatura mostra que o *campo jurídico* e a *área médica* são espaços tradicionais de atuação e traduzem bem a concepção de “identificadores de necessidades informacionais e agregadores de valor à informação”. Miranda e Mueller (2003, p. 91) citam a formação de empresas de consultoria jurídica por bibliotecários, ainda na década de 1980, afirmando “bibliotecários estão montando, no campo da iniciativa privada, como profissionais liberais, empresas para explorar as oportunidades, ao que tudo indica, com relativo sucesso”. Beraquet (2009) é uma autora da área de CI que desenvolve estudos sobre a especialização: o *bibliotecário clínico*; Ribeiro Fernandes (2013) fez recente pesquisa sobre esse mesmo tema na UFMG.

Profissionais da informação autônomos ou empresários foram estudados por Baptista (2000), considerando que os processos evoluíram para a ênfase na transferência de

informação (disseminação), essa atividade pode acontecer em “qualquer lugar”; considerou que esta modalidade reunia profissionais com experiência em planejamento, reestruturação de sistemas de informação ou desenvolvimento de sistemas, assim denominados consultores de informação, “pois a tarefa de consultor pressupõe experiência e/ou especialização” (p. 95). Concluiu que no Brasil a vertente do profissional autônomo era pouco explorada em relação aos profissionais que atuam no exterior, atuantes na área de busca de informação. Ainda hoje, o empreendedorismo no Brasil é pouco atrativo, tendo em vista a burocracia e a instabilidade na economia. Porém, a terceirização pode estar acontecendo, mas não temos dados sobre essa modalidade.

Considerando o ambiente socioeconômico globalizado, Valentim (2000), propõe a identificação das perspectivas dos profissionais da informação em três categorias: a) mercado informacional tradicional; b) mercado informacional existente não ocupado; c) mercado informacional - tendências. Conforme disposto no Quadro 3.

Quadro 3- Perspectivas para mercado de trabalho dos profissionais da informação

Mercado informacional tradicional	bibliotecas públicas e escolares, universitárias
	bibliotecas especializadas pertencentes a institutos de pesquisa e a empresas privadas
	centros culturais, que têm uma proposta diferente da biblioteca pública tradicional
	arquivos públicos e museus, geralmente têm bibliotecas em sua estrutura
Mercado informacional existente não ocupado	biblioteca escolar
	editoras e livrarias
	empresas privadas, setor de informática gerador de documentação, de demandas em gerenciar, processar e recuperar informações
	área de planejamento estratégico, função buscar informação e disseminação
	provedores Internet, bancos de dados
Mercado informacional tendências	consultor, assessor, profissional autônomo, ou terceirizado; empreendedor

Fonte: Adaptado de Valentim, 2000.

A autora aponta as características dessa ocupação, observando que o mercado informacional, na modalidade tradicional, está associado aos espaços garantidos pelo poder público; no segundo aspecto, as oportunidades existentes e não ocupadas, apontam a potencialidade da profissão, porém, pelo entendimento restrito do mercado de trabalho

sobre as competências dos profissionais da informação, esse mercado permanece inexplorado, para tanto, vê-se que nele se encontram

[...] na biblioteca escolar o seu primeiro exemplo, ou seja, apesar de ser tradicional, apesar do país ter muitas bibliotecas escolares, verifica-se que é um mercado de trabalho não ocupado (VALENTIM, 2000, p. 22).

É por essa incongruência que o espaço de trabalho das bibliotecas escolares pode ser encontrado nos dois primeiros segmentos do quadro expositivo. No país, grande parte dessas vagas estão desocupadas ou sendo providas por outros profissionais da educação disponíveis no sistema, mas sem vinculação profissional com o espaço. Outro aspecto, é que não há contingente profissional formado que pudesse suprir toda a demanda se sua cobertura fosse implementada. A terceira vertente, dos profissionais autônomos, não tem sido explorada, pode-se presumir que se distancia da ideia de segurança que o emprego no serviço público oferece, onde se encontra o maior contingente profissional ativo.

Maimone e Tálamo (2008, p. 301) observaram o *mercado editorial* e verificaram que há demanda específica que pode ser respondida pelo profissional da informação. Ao identificar as competências dos profissionais reforçaram que estes têm o domínio do instrumental das TICs e conhecimentos específicos para ingressarem nesse campo; apontaram a necessidade de os cursos de graduação da área integrarem aos seus conteúdos programáticos matérias específicas de editoração eletrônica de periódicos científicos.

Davok e Milano (2009) observam o potencial do bibliotecário no segmento de serviços de *consultoria informacional*, considerando sua área de formação, auxiliando a transformação da informação em conhecimento. Para os autores, como gestor da informação, o profissional bibliotecário pode atuar de forma direta ou indireta nas organizações.

Outros estudos sobre as competências dos profissionais da informação associadas às *bibliotecas, especialmente as universitárias* – que são “laboratórios de pesquisa” para a área, deram ênfase na prática, no contexto da evolução do uso das mídias sociais. Vieira, Baptista e Cerveró (2013) verificaram a tendência de interação estreita entre bibliotecários e usuários, mas sinalizaram que o perfil destes profissionais da informação ainda deve ser estudado no Brasil, observando que em outros países os currículos de graduação na área de

CI tiveram “mudanças significativas”, no sentido de atender esse segmento. Para esses autores

As competências do **Bibliotecário 2.0** irão depender fortemente do conhecimento técnico, conforme observa Feng (2006); assim, este profissional da informação poderá ser classificado em duas categorias: *o bibliotecário como facilitador de informação e o bibliotecário como criador de conhecimento*. (VIEIRA; BAPTISTA; CERVERÓ, 2013, p. 50).

Os autores apontam perfis distintos de profissionais da informação, neste contexto:

a) *Facilitador de informação*: oferecer recursos tecnológicos disponíveis, treinamento e orientação para os usuários, contribuindo para alfabetização informacional; b) *Criador de conhecimento*: gerenciamento de informações que exigem o conhecimento de técnicas personalizadas de alerta, como a tecnologia RSS, criando inteligência e métodos de compartilhamento de conhecimento para os usuários finais. Apontam para a designação *Community Manager – gestor de comunidades on-line* (VIEIRA; BAPTISTA; CERVERÓ, 2013, p. 50). Pode-se estender essas características de demanda e habilidades profissionais para outros segmentos da sociedade, em serviços on-line como empresas, editoras, e outros serviços públicos.

Oliveira (2013) verificou em pesquisa (*The Eletronic Library*), que as competências no uso das ferramentas de Tecnologia em Informação e Comunicação são fundamentais para o bibliotecário atualmente; o domínio das tecnologias existentes e da língua inglesa; atualização permanente diante das novidades internacionais, “uma vez que a informação agora é globalizada”. A consultoria em serviços de informação – o *coaching*, foi objeto de estudo no campo da atuação profissional por Adriana Souza (2013).

A partir do conceito de *função educativa*, presente nos estudos de Fujino e Sousa (2014), considera-se a capacitação dos profissionais da informação para compreensão de questões informacionais associadas a uma prática pedagógica, vista como um processo educativo voltado à investigação. Suas atividades incluem a ênfase no serviço de referência como apoio à educação formal; o bibliotecário atua como um facilitador no acesso à informação e um mediador no processo de ensino e aprendizagem. Estudos sobre o profissional da informação atuante como *mediador cultural* constituem linhas de pesquisa, sendo uma vertente o profissional agindo na mediação da leitura, por exemplo.

Oportunidades de atuação em *curadoria digital*, ainda pouco explorada no Brasil, demandam profissionais com habilidades para desenvolver projetos digitais gerenciados; atuarem na missão de preservação e garantia de acesso a uma vasta quantidade de conteúdos eletrônicos em diversos formatos (SALES; SAYÃO, 2012). Trata-se do papel fundamental da biblioteca no século XXI na formação de acervos digitais; e as competências necessárias para interpretação e difusão destes acervos para diferentes tipos de público.

Cândido, Vianna e Bedin (2016), por sua vez, entendem que os novos desafios para o trabalho do profissional da informação apontam para a área de inteligência de mercado, afirmando que se trata de trabalho coletivo, com o envolvimento de profissionais de várias áreas. Os autores ressaltam que esses profissionais têm sido denominados “*data scientist*”, o formato organizacional é construído sem tantas estruturas fixas e a partir de times, de forma colaborativa, evidenciando uma nova dinâmica nos espaços de trabalho. Os autores ressaltam que o trabalho colaborativo é evidenciado, também, pela interação dos diversas linguagens e vocabulários controlados, necessária para o bom resultado do processo, capaz de gerar um produto de alto valor agregado.

A avaliação das tendências de atuação dos bibliotecários, no mercado de trabalho norte-americano, feita por Rubin (2004), apontou o encaminhamento desses profissionais para o suporte às pesquisas e a educação, gerando espaço de trabalho para outros profissionais menos especializados nas bibliotecas, sem com isso eliminar a necessidade de evolução na competência informacional de seus profissionais.

There were many reasons for this rapid increase, especially at the end of the nineteenth century, including in increased recognition of importance role of libraries in research and teaching. The proliferation of libraries had inevitable effect of increasing the demand for library workers. Although professionally trained librarians were not required for many of these libraries, especially in the nineteenth century, it was clear that library workers were still needed (RUBIN⁸², 2004, p. 441).

Essas são evidências de que o profissional da informação está saindo da sua área de domínio exclusivo – acervos - mas não significa que a demanda desses profissionais nos

⁸² A proliferação de bibliotecas teve o efeito inevitável de aumentar a demanda por trabalhadores de biblioteca. Apesar de bibliotecários com formação profissional não serem necessários para muitas das bibliotecas, especialmente no século XIX, era claro que ainda eram necessários (p .441). *Librarianship: an evolving profession. Foundations of library and Information Science. (2004).*

espaços tradicionais da informação será eliminada; os profissionais da informação estão entrando para uma fase de tratamento específico da informação, e acredita-se que esse movimento deve ser fundamentado em teoria e práticas a serem oferecidas em sua formação.

Vale ressaltar, que emerge nos estudos sobre a formação e atuação dos profissionais da informação a temática da satisfação da necessidade de informação do usuário. Trata-se do entendimento da necessidade de informação ligada ao mundo em que as pessoas vivem (CAPURRO, 2003). Essa concepção segue avançando nos estudos dos usuários e ofertas de serviços, considerando que os usuários assumem distintas condições de sujeito conforme o contexto, e cabe ao profissional da informação buscar estabelecer essa conexão, esses estudos podem ser encontrados em Araújo (2015), Rolim e Cedón (2013), entre outros.

2.2 O CAMPO DA INFORMAÇÃO

Nesse percurso da ampliação da produção, uso e necessidade da informação, surgiram problemas autênticos da área, originais e de envergadura, no trato da informação, sendo: semânticos, ontológicos, axiológicos, éticos, metodológicos e operacionais, que se apresentavam no curso da investigação científica sobre o objeto informação, delineando a evolução histórica e teórica do que atualmente se configura o campo da Ciência da Informação, conformando a epistemologia da área

Bourdieu (2004, p. 22-3) identifica esse momento de constituição dos campos, denominando-os de:

[...] campos de forças, mas também campos de luta para transformar ou conservar esses campos de força. E a relação prática e pensada que os agentes mantêm com o jogo faz parte do jogo e pode estar no princípio de sua transformação. Os campos sociais -- a sociedade cortesã, o campo dos partidos políticos, o campo das empresas ou o campo universitário -- só podem funcionar na medida em que haja agentes que invistam neles, nos mais diferentes sentidos do termo investimento, e que lhes destinem seus recursos e persigam seus objetivos, contribuindo assim, por seu próprio antagonismo, para conservar-lhe as estruturas, ou, sob certas condições, para transformá-los.

As questões teóricas e práticas do campo emergiram simultaneamente, porém, competiram em velocidades diferentes para o alcance de soluções. De um lado, surgiram os cientistas da informação envolvidos com “o problema da época, [que era] o grande volume

de informação e sua gestão” (BARRETO, 2007, p. 22), e de outro lado, o conservadorismo na área da Biblioteconomia, lidando com teorias e instrumentos manuais tradicionais. Tratamos dessas condições nos tópicos seguintes.

2.2.1 A CI e as Trajetórias da Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia

Librarianship is in the midst of a great change. It is a traumatic one for many, in part because rapid change has not been an aspect that librarianship has generally had to deal with; the field has remained stable for many years. Since the late nineteenth century, whatever changes have occurred have been incremental and evolutionary, not revolutionary, and the role of librarian has remained relatively constant for more than a hundred years. In many ways, the slowness of change in librarianship has been good. It has created a solid historical identity and important precedents for its actions and goals. From these traditions emerged the central values and duties of librarianship on which the changes in contemporary librarianship may be squarely built. (RUBIN, 2004, p. 437)⁸³.

Há três aspectos reconhecidos na literatura que tratam das afinidades entre as áreas de Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. O primeiro trata da formação da Ciência da Informação no Brasil e suas intersecções com a Biblioteconomia, explorados no início deste estudo. A segunda perspectiva trata da convergência de seus materiais e suportes de informação, e então, o terceiro aspecto que delinea a proximidade do escopo de suas profissões.

Marques (2011, p. 177) no seu trabalho de tese intitulado “Interloquções entre a Arquivologia Nacional e a Internacional no Delineamento da Disciplina no Brasil”, apresenta os movimentos empreendidos por estudiosos e pesquisadores das disciplinas Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, considerando suas trajetórias científicas, para buscar “subsídios incentivadores de uma maior aproximação e cooperação entre as áreas”. Loureiro e Jannuzzi (2005) observam a possibilidade dessa interlocução a partir da perspectiva profissional, ressaltando sua visão na literatura brasileira de que seriam seus pontos de adesão e afastamento.

⁸³ Assim, de acordo com Rubin: “Biblioteconomia está no meio de uma grande mudança. É traumático para muitos, em parte porque a mudança rápida não tem sido um aspecto que a biblioteconomia geralmente teve que lidar; o campo permaneceu estável por muitos anos. Desde o final do século XIX, quaisquer mudanças ocorridas foram incrementais e evolutivas, não revolucionárias, e o papel do bibliotecário permaneceu relativamente constante por mais de cem anos. De muitas maneiras, a lentidão da mudança na biblioteconomia tem sido boa. Ele criou uma sólida identificação histórica e importantes precedentes para suas ações e metas. Dessas tradições emergiram os valores e deveres centrais da biblioteconomia, sobre os quais as mudanças na biblioteconomia contemporânea podem ser construídas diretamente.” (RUBIN, 2004, p. 437, tradução nossa).

As referências históricas dessas tentativas remontam a Paul Otlet, 1934, no *Traité de Documentation*, apontado por Marques, que dá continuidade aos registros desse percurso comentando as participações da UNESCO (1948); as aproximações da *Fédération Internationale de Documentation - FID* e Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias - IFLA, e, a Conferência Intergovernamental sobre a Planificação das Infraestruturas de Documentação, “que marca um pacto entre as bibliotecas e os arquivos” (MATOS; CUNHA⁸⁴, 2003 citado por MARQUES, 2011, p. 177).

Nas décadas de 1960 a 1980 foram realizados vários encontros reunindo representantes mundiais que culminam com o encontro em Paris, 1984, promovido pela UNESCO, o *Colloque International sur l'harmonisation des programmes d'enseignement et de formation en Sciences de l'information, Bibliothéconomie et Archivistique*, com o intuito de debater a integração do ensino dessas áreas, em nível nacional e regional. Os pontos de convergência são que “os serviços têm em comum a aquisição preservação e comunicação da informação registrada e, em graus variados, análise e difusão das informações, determinadas, em grande medida, pela origem e natureza dos materiais tratados” (MARQUES, 2011, p. 183)⁸⁵. O Brasil foi representado na ocasião pela professora Susana Mueller, conforme registro de Marques, que ressaltou a proposta de um conselho profissional reunindo esses setores dadas as coincidentes especificidades das áreas envolvidas.

No Brasil, registra-se a tese de Beraquet⁸⁶ (1981) citada por Marques, com a proposta de se verificar “o desenvolvimento e a importância de um currículo comum nos estudos de arquivos, bibliotecas e informação”; considerando as inovações tecnológicas que se avizinhavam (MARQUES, 2011, p. 184).

O artigo de Smit “*Documento audiovisual ou a proximidade entre as 3 Marias*”, (1993), dá a tônica do que seriam as discussões aqui empreendidas. A propósito da discussão sobre a análise e descrição de documentos audiovisuais, objeto do trabalho das

⁸⁴ MATOS, M.T.N.B.; CUNHA, V.A. Notas acerca da Convergência da Formação Acadêmica e profissional da Arquivologia, a Biblioteconomia e Ciência da Informação. In; IV CINFORM, 2003, Salvador, **Anais...**, Salvador: UFBA/ICI, 2003. p. 167-177

⁸⁵ É necessário ressaltar, segundo Couzinet, Silva e Menezes (2007), que na França as carreiras profissionais ou profissionalizantes são apoiadas preferencialmente e que bibliotecários e documentalistas tem percursos formativos muito próximos de pesquisadores. No Brasil dos anos 1980, havia uma distinção forte por parte do governo sobre a formação para a pesquisa e a formação para o trabalho (Marteletto, 2003).

⁸⁶ BERAQUET, V.S.M. **The development and significance of the core curriculum in archives, library and information studies**. 1981. 325 f. Tese – Loughborough University of Technology, Loughborough, 1981.

profissões irmãs – as três Marias, (Biblioteconomia e Documentação, Arquivologia e Museologia), exemplifica o isolamento dessas profissões mesmo considerando que estas compartilham as mesmas dificuldades e o mesmo aparato terminológico. Smit apresenta a questão da organização da informação, mas alerta para a necessidade de aproximação maior entre elas

acredito que seja pertinente chamar atenção para os momentos de aproximação entre as três profissões que, apesar de compartilharem objetivos próximos, técnicas semelhantes e as mesmas condições adversas (a situação aflitiva em que se encontram “a cultura, a “memória” e a informação” no Brasil de hoje é suficientemente conhecida), raramente unem esforços, ignorando-se umas às outras na maior parte das vezes. (SMIT, 1993, p. 83).

Adiante, ao se referir sobre a problemática dos “espaços” (de atuação profissional coincidentes, não propriamente físicos) onde as “dificuldades” e suas “soluções” são requisitadas, Smit afirma que “em função da realidade brasileira é difícil, neste tipo de discussão, ignorar a argumentação corporativista e seus múltiplos desdobramentos no que concerne as 3 Marias” (1993, p. 83).

Essa perspectiva que coloca os arquivistas, bibliotecários e museólogos como “irmãos de profissão”, e que “formam uma mesma família profissional”, de acordo com Robredo e Cunha (1994), e Guimarães (2000) ao registrar “a iniciativa do Ministério da Educação a respeito da elaboração de diretrizes curriculares [...]; [...] desse encontro surgiu um primeiro delineamento de diretrizes curriculares que abrangessem os [três] cursos [...]”. Esses registros são citações que Loureiro e Jannuzzi (2005) reuniram para caracterizar a discussão que se estende até as questões epistemológicas.

Smit adverte que se deve levar em conta o entendimento e o reconhecimento que a sociedade tem dessas profissões.

Arquivistas, bibliotecários, documentalistas, gestores da informação e museólogos, apesar de diferenciados em termos profissionais e institucionais, contribuem de forma complementar, para a disponibilização da informação estocada, configurando objetivos comuns. As diferenças que se estabelecem entre os campos de atuação dos arquivistas e bibliotecários geram divergentes procedimentos de tratamento da informação e a discussão daquilo que as une, por meio de suas semelhanças, apontam para objetivos comuns quando as competências de ambos os profissionais, tanto de arquivos como de bibliotecas, visam tornar acessível a informação. (SMIT, 2003, não paginado).

Neste sentido, o museólogo Homulus (1990) sugere que há relações mútuas, que arquivos, bibliotecas e museus formam um conjunto de “instituições coletoras de cultura”. O autor defende que há permeabilidade nas áreas fronteiriças entre essas instituições e propõe uma organização destas instituições ao longo de um *continuum*, tendo as bibliotecas numa extremidade, os museus noutra extremidade e os arquivos estão no centro, partilhando necessidades e problemas.

Espirito Santo e Murgia apontam que essa característica de correlações (biblioteca-museu-arquivo) na proposta de Homulus (1990) possa estar associada ao espírito de pós-modernidade, de “transição”, na tendência de “[...] mudança de foco no sentido da importância do deslocamento da mediação – do papel do *profissional da informação* para o de *mediador da informação*” (2006, p. 3, grifo dos autores). Ao se considerar que interdisciplinaridade entre a Ciência da Informação e as “3 Marias”, essas disciplinas interoperam para além das questões sobre atuação, conjugam paradigmas afins em busca de fundações teóricas e soluções, embora não seja claro esse sentimento de pertencimento, especialmente no que tange à Museologia. Smit alerta que essas profissões ainda “[...] são vistas isoladamente, contam com bibliografia própria, congressos e associações próprios, impedindo o fluxo e a troca de informações, e principalmente que todos se vejam num contexto maior” (2003, não paginado).

Mason (1990) caracteriza as funções dos profissionais da informação: bibliotecários, arquivistas e museólogos⁸⁷, pela reunião dos propósitos de entregar a informação certa, obtida na fonte adequada, ajustado pelo modo e ao cliente certos, no momento necessário e a um custo justo. O autor considera que os profissionais da informação são mediadores, ao se levar em conta os atributos que esses profissionais integram em suas funções, e pelos mesmos motivos defende que tenham uma formação adaptada, combinada com treinamento especializado em diversos contextos (MASON, 1990, p. 137).

Neste sentido, no Brasil, as trajetórias de cada profissão e a visibilidade são diferentes, até mesmo no reconhecimento legal, portanto, a comparação entre carreiras não se dá de forma equivalente. Essa situação se reflete na pesquisa empreendida, quando obtém extensa bibliografia sobre Biblioteconomia, em seguida da Arquivologia, mas pouco se vê de Museologia, em intercâmbios de discussões acadêmicas.

⁸⁷ Mason (1990) considera profissionais da informação: contadores, arquivistas, bibliotecários, museólogos, administradores, analistas de sistemas, jornalistas e engenheiros, dentre outros.

2.2.2 Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil

Velho e Moreira (2008, p. 632) afirmam que no Brasil “a pós-graduação foi criada com a função de qualificar recursos humanos e produzir conhecimento científico e tecnológico que permitissem a expansão industrial do país”, e com a atribuição de formar a massa crítica capaz de corresponder às necessidades definidas pelo Estado em seu plano econômico.

A pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em Ciência da Informação existe no Brasil desde 1970; sua trajetória está associada ao surgimento do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), em 1954, e denominado, a partir de 1976, de Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica (IBICT)⁸⁸. Os primeiros programas se formaram a partir de Cursos de Biblioteconomia, denominados “Curso de Pós-graduação em Biblioteconomia *da UFMG*”, por exemplo; e ao longo do tempo foram adotando exclusivamente a denominação de programa de pós-graduação em Ciência da Informação. De acordo com Smit (2002),

Esta constatação é corroborada por boa parte da bibliografia e pela origem dos programas que nasceram numa graduação em Biblioteconomia ou, no caso do convênio UFRJ/IBICT, numa instituição voltada para a Informação Científica e Tecnológica e respectivos processos documentários. (SMIT, 2002, p. 25).

Kobashi, em 1989, afirmava que: “a consolidação da área Biblioteconomia-Ciência da Informação depende de uma melhor definição de seus objetivos” (1989, p. 72). Sugeria que havia um equívoco, em parte, por um problema de comunicação dos objetivos dos Cursos, ao elencarem simultaneamente *a formação de professores-pesquisadores de planejadores-administradores de sistemas de informação especializados*, em seus objetivos, como no caso da UFMG, e em outros cursos de pós-graduação, uma maioria de interessados que já eram atuantes no mercado de trabalho, e que buscavam aqueles “cursos para preencher lacunas deixadas pela formação graduada”(KOBASHI, 1989, p. 72)⁸⁹.

⁸⁸ Há literatura dedicada a esse momento histórico, entre outros, ver: A Ciência da Informação na França e no Brasil. Couzinet, V. Silva, E. L., Menezes, E.M. **DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação**, v. 8, n. 6 dez/07.

⁸⁹ De acordo com Varella, Castro e Guimarães (2009), em seu estudo sobre egressos do PPGCI, ainda se verifica a presença de interessados na pós-graduação para formalização de especializações que demandam diplomas, e outros motivos profissionais, distantes da pesquisa.

Smit (1999, p. 4) refere que “a passagem da Biblioteconomia para a CI, na pós-graduação, ainda que insuficientemente discutida do ponto de vista epistemológico, pode ser analisada enquanto consequência de uma preocupação com a construção teórica, e, portanto, menos calcada em profissões e atividades regulamentadas.”

Miranda corrobora essa segunda vertente ao indicar que a implantação no Brasil “dos grandes sistemas de informação”, como o IBBD e na Biblioteca Regional de Medicina (BIREME), “foram decisivos” para suscitar problematizações desses sistemas que motivaram pesquisas ambientadas na CI. Desta forma, a pós-graduação e a academia tanto formavam pesquisadores como absorviam “muitos dos melhores quadros que ela mesma formava, criando uma pauta de pesquisa mais distante das orientações do mercado” (MIRANDA, 2003b, p. 137).

Portanto, Miranda e Barreto (1999/2000, p. 287) avaliam que novas formas de conhecimento e os novos paradigmas da ciência e tecnologia reúnem novos entendimentos, e para confirmar essa perspectiva citam a reflexão de Fernandes (1993) que

considera a ciência da informação com a dualidade teórico-prática no sentido de surgir de uma atividade prática – da análise dos fenômenos da produção e da comunicação científica e, de volta, que os estudos teóricos visam também melhorar a estruturação e a performance dos sistemas, serviços de informação. Estaríamos diante de uma verdadeira “ciência nova”, pós-moderna, de natureza tanto interdisciplinar quanto numa relação de “conjecturas e refutações” no sentido *popperiano* do termo. (MIRANDA, BARRETO, 1999/2000, p. 287).

Conclui-se que a educação no nível de pós-graduação, como em todos os demais níveis, desde a educação fundamental, em cada fase da história reflete a interligação dos fatores culturais e econômicos, da demanda social pela educação e do poder político. (MOREIRA; VELHO, 2008, p. 630).

A literatura da área de CI demonstra que periodicamente são feitos estudos para acompanhar o desenvolvimento de seus programas, como também, seus trabalhos são submetidos aos critérios estabelecidos para avaliar a qualidade destes programas, pela CAPES, por exemplo. A pesquisa científica é uma das bases da universidade (tripé: ensino-pesquisa-extensão) e além de formar pesquisadores para seus quadros científicos, continua formando mestres e doutores que vão para o mercado de trabalho para comporem quadros em diversos grupos de pesquisa e desenvolvimento em organizações privadas.

Na perspectiva crítica de Prates, o “futuro das universidades depende estrategicamente de uma pós-graduação atualizada, de alta qualidade, de caráter interdisciplinar, integrada vigorosamente com a graduação,” em consonância, segundo o autor, com “as atuais necessidades de transformação da sociedade e de suas organizações institucionais [...]” (PRATES, 1997, p. 22, grifo nosso).

Destaca-se um outro aspecto no sistema de ensino superior: a questão da integração ensino e pesquisa na universidade. Periodicamente as instituições promovem discussões sobre esta temática, porém, se percebe que tradicionalmente existe um distanciamento entre os níveis, o que pode ser explicado, em parte, pelo entendimento de que a graduação e a pós-graduação têm propostas definidas, vocações diferenciadas: a graduação para formar profissionais, e a pós *stricto sensu* para formar docentes e pesquisadores.

Como visto, na breve revisão da literatura sobre a formação da pós-graduação em CI, esses objetivos se contrapuseram em seu início. Os estudos periódicos sobre a área demonstram que seus alunos ainda buscam a pós-graduação para obterem o grau e melhorarem suas posições no mercado de trabalho, pouco se envolvendo com a pesquisa. Miranda (2003a) relatava em sua avaliação sobre a trajetória da implantação dos programas de pós-graduação no país na década de 1970, que a universidade ou departamentos que não investissem na pesquisa corriam o risco de desaparecerem.

Assim, na área de CI, a literatura sobre o tema da integração pós-graduação e graduação é relativamente escassa, conforme o estudo de Gomes (2012), que buscou subsídios para a temática, a partir de um estudo de caso desenvolvido no ICI/UFBA. Como resultados, observou pouca articulação entre os currículos e distanciamento entre os colegiados de graduação e pós-graduação, e entre as sugestões há a ampliação das bolsas de iniciação científica e investimentos na infraestrutura física e tecnológica nos departamentos, e a permanência do debate.

Em dezembro de 2016, no país, estavam em funcionamento, no nível superior, 22 programas de pós-graduação; 25 cursos de graduação em Biblioteconomia; 11 em Arquivologia, 3 em Museologia e 3 em gestão da informação, respectivamente, como mostra a Figura 2.

Figura 2 - Distribuição por Região no Brasil dos Cursos de PPGCI e Graduações em Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, em 2016

Fonte: Base Sucupira/Capes.

A região sudeste apresenta o maior número de programas de PPGCI, acompanhado pela região Nordeste. A graduação em Biblioteconomia é bem difundida em todas as regiões do país, da mesma forma a Arquivologia, e a Museologia está se afirmando; a graduação em Gestão da Informação está presente em três regiões do país. A grande parte destes programas de graduação e pós-graduação estão sediados conjuntamente em universidades públicas, federais e estaduais, e majoritariamente os cursos são presenciais.

De outra parte, o corpo científico das universidades e seus programas de pesquisa e ensino vislumbram que mesmo a manutenção da existência dessas instituições depende de mostrar à sociedade sua validade e necessidade dando retorno aos investimentos e, portanto, demonstrando resultados. A alocação de investimentos na pós-graduação nas Ciências Sociais Aplicadas é tema de discussões na sociedade científica da CI.

2.2.2.1 Desafios da Pós-Graduação em Áreas Aplicadas

Gonzáles de Gómez (2000) introduz a discussão sobre os desafios da pós-graduação em áreas aplicadas, afirmando que sua proposta se inicia com a necessidade do entendimento dos problemas contemporâneos, levando em consideração que as relações

entre as ditas “pesquisa básica” ou “aplicada”, ou entre “teoria” e “prática”, “não podem ser conduzidas por apreciações apressadas”. De acordo com a autora, conclui-se que a construção das linhas de compreensão da demanda de conhecimento de organizações e grupos “dependem do entendimento de que o uso das teorias e metodologias adequadas por programas de pesquisa acontecem em contextos e tempos diferentes” (GONZÁLES de GOMEZ, 2000, não paginado). O impacto recai nos questionamentos sobre quanto suas pesquisas são destinadas às práticas, e ainda sobre a pesquisa a serviço da profissão, para soluções.

Smit (2002, p. 26) refere que na CAPES “somos conhecidos como uma área de Ciências Sociais Aplicadas. Isto significa que a Ciência da Informação é:

- *Uma ciência aplicada;*
- *Uma ciência social.”*

De acordo com Lalande⁹⁰ (1993, p. 158 citada por SMIT, 2002, p. 26), as ciências aplicadas reúnem “[...] *estudos que têm por objeto aplicar leis a um fim prático (leis que pertencem, em geral, a diversas ordens de conhecimento teórico), por exemplo, a terapêutica, a eletricidade industrial, a economia rural [...]*” (SMIT, 2002, p. 26, grifo da autora).

Smit explica que “uma ciência aplicada seria então uma ciência que aplica leis com um fim prático, sendo que a “Ciência Social” constitui uma ciência que estuda a sociedade e formas de intervenção ou melhoria desta.” Em virtude disto, “a Ciência da Informação seria, conseqüentemente, uma ciência que estuda, de forma aplicada, a circulação (ou intervenção) da informação na sociedade” (SMIT, 2002, p. 26). Porém, ao se perseguir o objetivo de definir a CI nos parâmetros da Ciências Sociais Aplicadas, Smit questiona a área, dizendo que “é irônico, nosso discurso é bastante elaborado ao afirmarmos que saímos do paradigma do acervo e que nosso objetivo é pensar a circulação social da informação e sua função social, mas temos dificuldade para definir nosso objeto” (SMIT, 2002, p. 27).

⁹⁰ LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Gonzáles de Gómez (2000) acrescenta que “a pesquisa aplicada depende dos contextos de pesquisa e sua interação com esses espaços” e que isto,

No campo da CI, a Biblioteconomia, a Arquivologia, a Museologia, [...], como os de pesquisa e desenvolvimento de tecnologias de informação, os empreendimentos de pesquisa operacional ou atendimento de demandas imediatas da esfera das práticas organizacionais e sociais tem competido na atribuição de espaços e de recursos com o desenvolvimento de programas científicos [...]. (GONZÁLES DE GOMEZ, 2000).

“O ambiente de pesquisa é um ecossistema delicado; e a insistência em distinguir uma vertente pura e outra aplicada gera mais problemas e divisões, do que produz soluções”, sintetiza Marques (2016) no artigo da Revista Pesquisa Fapesp, *Os impactos do investimento*. Segundo ele, “áreas em que os resultados são mais difusos ou menos palpáveis frequentemente são vistas como não prioritárias na hora de alocação de recursos [...]”. Ou em oposição, “como se fossem conceitos independentes e não profundamente interligados” (p. 16). A pesquisa básica, definida por Stokes⁹¹ (2005, citado por MOREIRA, VELHO, p. 640) é aquela que procura ampliar o campo de entendimento fundamental; a pesquisa aplicada volta-se para alguma necessidade ou aplicação por parte de um indivíduo.

Uma das características marcantes dos esforços das Ciências Sociais Aplicadas é que seus temas e objetos são frutos de problemas contemporâneos, resultados deste estágio da modernidade, com a informação, ambientes e sociedade mediados pela tecnologia, influenciando todas as dimensões e, em muitos casos, a própria natureza do conhecimento aplicado.

Seja pelo avanço da globalização e/ou a renovação das infraestruturas de informação que mudam de escala os investimentos e das exigências tecnológicas de sua implementação e desenvolvimento, as ciências da informação terão que vivenciar uma passagem do modelo mais tradicional de pesquisa, com ênfase na comunidade de experiência, ao modelo de grandes projetos, com ênfase na gestão de redes e o desenvolvimento de missões e o envolvimento de muitas comunidades e programas de pesquisa. (GONZÁLES DE GOMEZ, 2000).

Essas são questões latentes nos grandes temas contemporâneos, e que produzem repercussões de curta, média e longa duração, podendo reverter em impacto educacional,

⁹¹ STOKES, D. **O quadrante de Pasteur**: a ciência básica e a inovação tecnológica. Campinas: Edunicamp, 2005,

organizacional e tecnológico, na dependência do escopo e abrangência do programa de pesquisa, também na área de CI e suas profissões.

2.2.2.2 Grupo de Pesquisa GT6 ANCIB – Informação, Educação e Trabalho.

O desenvolvimento da pós-graduação da CI no Brasil ocorreu no âmbito dos cursos de Biblioteconomia (também o IBICT) e a origem de seus docentes e pesquisadores vem da formação profissional bibliotecário e de várias outras áreas, de certa forma fato explicado pela interdisciplinaridade da área. Souza afirma que “a pesquisa em CI no Brasil continua a ser um tema com muitos e surpreendentes objetos a exigir análise e, por isso, aberto a permanente investigação” (2012, p. 81).

Sendo assim, na Ciência da Informação há relevantes investigações sobre a própria área sendo desenvolvidas na graduação⁹² e pós-graduação, sendo possível delinear linhas de pesquisas de longo prazo, destacadas nas reuniões da comunidade científica da ANCIB-ENANCIB, ABECIN, SNBU⁹³, entre outras, que trazem importantes reflexões sobre as relações entre teoria e prática ou entre ciência e técnicas no âmbito da Ciência da Informação e suas subáreas, gerando artigos, dissertações e teses que exploram diversas temáticas, dentre elas, a temática do perfil profissional, atuação, formação do profissional da informação, e as potencialidades do mundo do trabalho do profissional da informação.

A partir da instituição da temática da formação profissional nas atividades de pesquisa e ensino dos Programas de Pós-Graduação em CI, suas propostas de pesquisa e

⁹² Há abordagens na temática de estudos acadêmicos desenvolvidos por alunos e professores da graduação nas subáreas de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, especialmente em Trabalhos de Conclusão de Curso, dissertações e teses.

⁹³ Cf.: ver em suas páginas institucionais: **ANCIB**: A Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (Ancib) é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada em junho de 1989. Brasil. Disponível em: <http://www.ancib.org.br/>. Acesso: 15 set.2016. **ENANCIB**: Encontro Nacional de Pesquisa da Ancib (ENANCIB), fórum de debates e reflexões que reúne pesquisadores interessados em temas especializados da Ciência da Informação, organizados em Grupos de Trabalho (1ª. Reunião em 1994). Disponível em: <http://www.ancib.org.br/front-page>. Acesso: 15 set. 2016. **ABECIN** é uma entidade constituída com a finalidade de assegurar o debate sobre a formação de pessoas comprometidas com a manutenção e a ampliação de um corpo profissional atuante nos campos das práticas da Ciência da Informação, fundada em 2001, sucessora da ABEED (Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação-ABEED, vigente no período de 1967 a 2001). Disponível em: <http://abecin.org.br/>. Acesso: 15 set. 2016. **SNBU**: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, início dos trabalhos em 1978/UFRJ. Disponível em: <https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/anais-edicoes-anteriores/>. Acesso: 15 set. 2016.

resultados são divulgados e debatidos no Grupo de Trabalho 6 (GT6)⁹⁴, fixado desde 1994 no ENANCIB, e atualmente é denominado Informação, Educação e Trabalho⁹⁵, cuja proposta de trabalho é balizar o interesse da área de CI sobre os terrenos férteis para a inovação, nos quais os profissionais da informação possam vir a contribuir a partir do desenvolvimento de pesquisa em educação e/ou em produtos informacionais mais adequados aos espaços emergentes de trabalho, ao mesmo tempo que reflete criticamente sobre o desenvolvimento de suas capacidades e conhecimentos no campo científico e suas práticas.

O Grupo de Trabalho 6, GT6, tem a finalidade de reunir estudos que articulem os eixos Informação, Educação e Trabalho, e promover um fórum de debates entre os pesquisadores que se dedicam a esta temática. O propósito é entender a discussão que se faz no Brasil sobre as perspectivas profissionais e educacionais em Biblioteconomia, arquivística, museologia e CI.

Ao longo das suas 17 edições (1994 a 2017) foram computadas 273 comunicações científicas (orais e pôsteres), com 535 participações de autoria, conforme Figura 3⁹⁶. Os dados estão disponíveis nos anais disponibilizados pelas instituições que sediaram os eventos e no sítio da ANCIB.

⁹⁴ De acordo com as informações disponíveis no site <http://gtancib.fci.unb.br/index.php/gt-06>: A formação dos atuais Grupos de Trabalho da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (Ancib) é resultado da discussão realizada pelo Fórum dos Coordenadores de Grupos de Trabalho, ocorrida durante o VI ENANCIB que teve lugar em Florianópolis, no dia 30 de novembro de 2005. *Ver também*: MARTELETO, Regina Maria; LARA, M. L. G. Os Grupos de Trabalho-GTs da ANCIB e a promoção da pesquisa em Ciência da Informação. In: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; MARTELETO, Regina Maria; LARA, Marilda Lopes Ginez de (Org.). **A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo; Marília: Editora Cultura Acadêmica; Fundepe; FAPESP, 2008, p. 1-12.

⁹⁵ **Ementa GT6:** *Campo de trabalho informacional: atores, cenários, competências e habilidades requeridas. Organização, processos e relações de trabalho em unidades de informação. Sociedade do Conhecimento, tecnologia e trabalho. Saúde, mercado de trabalho e ética nas profissões da informação. Perfis de educação no campo informacional. Formação profissional: limites, campos disciplinares envolvidos, paradigmas educacionais predominantes e estudo comparado de modelos curriculares. O trabalho informacional como campo de pesquisas: abordagens e metodologias*. Disponível em: <https://gtancib.fci.unb.br/index.php/gt-06/>. Acesso: 15 set. 2016

⁹⁶ No ano de 2000, o IV Encontro ENANCIB, ocorrido em Brasília (DF), na Universidade de Brasília- UnB, a distribuição dos trabalhos foi feita a partir de lista alfabética de autores, não havendo registro disponível dos autores e trabalhos dos GTs. Utilizamos a referência Chagas (2008) que aponta o número de 19 trabalhos apresentados, mas não há referência sobre o número de autores. Para efeito de compatibilidade, atribuiu-se o mesmo valor para autoria, considerando ao menos um autor para esses 19 trabalhos que entraram para a estatística.

Figura 3 - Trabalhos e participações nos encontros ENANCIB

Fonte: elaborado pela autora.

Dada a relevância do evento para a comunidade científica da área de CI, vários estudos foram feitos para acompanhar sua evolução, suas tendências temáticas e subsídios teórico-metodológicos para a pesquisa, como neste estudo. As pesquisas sobre o GT6 podem ser verificadas nos trabalhos de Población e Noronha (2003); Chagas de Souza (2008); Crivellari e Cunha (2009); Nunes e Carvalho (2014); Fujino e Silva (2014), entre outros trabalhos com temáticas mais específicas, como Sousa e Fujino (2015), sobre a função educativa do profissional da informação, e Farias e Farias (2016), sobre o subtema competência informacional e sua evolução no GT6.

2.2.3. O Ensino de Graduação

A universidade se insere no contexto social global, e nesse momento de intensas transformações sociais e tecnológicas, há a importante tarefa de se repensar seus caminhos e reencontrar suas finalidades, ouvindo todos sujeitos envolvidos.

A educação superior tem como finalidades: formar diplomados nas diferentes áreas do conhecimento aptos para a inserção em setores profissionais e a participação no desenvolvimento da sociedade; colaborar na sua formação contínua; suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional; e possibilitar a correspondente concretização integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura

intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração; entre outros, conforme Artigo 43 da Lei 9.394/96. (BRASIL).

Entende-se que o ensino superior e a universidade, como sua instituição educativa, que carrega uma função qualificadora na sociedade, estão envolvidos com o centro das decisões gerais. Para Morin,

a universidade conserva, memoriza integra e ritualiza uma herança cultural de saberes, ideias e valores que acaba por ter um efeito regenerador, porque a universidade se incumbe de reexaminá-la, atualizá-la e transmiti-la [desta forma] gera saberes, ideias e valores que, posteriormente, farão parte dessa mesma herança. Por isso, a universidade é conservadora, regeneradora e geradora. [perfaz] uma função que vai do passado ao futuro por intermédio do presente. (MORIN, 2000, p. 9-10).

Targino (1982, p. 15) afirma que “o conhecimento da realidade circundante é condição primeira e o referencial fundamental de todo e qualquer parâmetro”. Neste sentido, é necessário que suas finalidades estejam voltadas para seu compromisso social de “atender aos seus usuários cidadãos”, deve-se pesquisar a realidade e servir à comunidade.

Para Pimenta e Anastasiou, “o ensino na universidade se constitui em um processo de busca, de construção científica e de crítica ao conhecimento produzido, ou seja, ao seu papel na construção da sociedade” (2002, p. 164), e para tanto, de acordo com as autoras, é necessário seguir atribuições, dentre as quais destacamos:

- a) Propiciar o domínio de um conjunto de conhecimentos, métodos e técnicas científicos, que assegurem o domínio científico e profissional do campo específico e devem ser ensinados criticamente. Para isso o desenvolvimento das habilidades de pesquisa é fundamental;
- b) Considerar o processo de ensinar e aprender como atividade integrada à investigação;

Essas atribuições exigem a interação do conjunto de elementos em solidariedade: universidade, docentes e discentes; que seus estudos devem estar empenhados em aprimorar todo sistema de ensino: graduação, pós-graduação e extensão (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002, p. 164).

Há um movimento crescente em valorizar o ensino de graduação na universidade. Na sociedade contemporânea, o ensino de graduação é suscetível à demanda e a lógica do mercado e do consumo, conforme a crítica de Boaventura Santos (2010). Para alguns

autores contemporâneos, denomina-se “processo *fastfoodização* da universidade”⁹⁷. Pimenta e Almeida (2009) apontam que para alguns autores as características podem ser assim resumidas:

uma imensa usina de produção onde os estudantes são considerados apenas como elos do sistema; a aprendizagem é rápida e ligeira, sem muito esforço, para obter créditos e diplomas; o processo de formação não é mais do que um supermercado no qual as disciplinas estão dispostas em gôndolas, à escolha do estudante, e disponibilizadas conforme a decisão individual dos docentes ou departamentos; a carreira acadêmica dos professores (publicar muito e o mais rápido possível) tem primazia em relação à formação dos estudantes; a cultura acadêmica e a cultura dos jovens ficam separadas por um fosso intransponível. (PIMENTA; ALMEIDA, 2009, p. 17).

As autoras propõem que haja a implementação de uma “nova cultura acadêmica”, especialmente na graduação, considerando, entre vários princípios: “o direito do acesso à formação que garanta aos estudantes o desenvolvimento de uma postura frente ao saber”, rejeitando a “especialização estreita”, que “problematize as informações e garanta a sua formação como cidadão e profissional cientista”, e que este se volte “compromissado com a aplicação do conhecimento em prol da melhoria da qualidade de vida de toda a sociedade; que possibilite o desenvolvimento do pensamento autônomo, substituindo a simples transmissão do conhecimento”, buscando por “um processo que permita ao estudante *interrogar o conhecimento elaborado, pensar e pensar criticamente*; que enseje a resolução de problemas; estimule a discussão, desenvolva metodologias de busca e de construção de conhecimentos”. Ressalta-se o projeto ensinar com pesquisa; e ainda que “confronte os conhecimentos elaborados e as pesquisas com a realidade”, mobilizando “visões inter e transdisciplinares sobre os fenômenos e aponte e possibilite a solução de problemas sociais - ensinar com extensão”. E que promova “nova cultura acadêmica que valorize o trabalho dos docentes na graduação” (PIMENTA; ALMEIDA, 2009, p. 17).

Anastasiou (2006) observa, que “ao estudar a função do ensino na Universidade, é importante considerar a relação existente entre a organização curricular, construída historicamente e a visão de conhecimento dominante naquele momento histórico”.

Pimenta e Anastasiou (2002), enfatizam que o ensino na Universidade se constitui em um processo de busca, construção científica e de crítica ao conhecimento resultante, assim

⁹⁷ Fontes citadas por Almeida e Pimenta (2009): (Boxus, Debry, Leclercq, 1998).

“de seu papel na construção da sociedade, e são suas características, conforme listado no Quadro 4.

Quadro 4- Características desejadas no processo de ensino na universidade.

a. Propiciar o domínio de um conjunto de conhecimentos, métodos e técnicas científicos que assegurem o domínio científico e profissional do campo específico e que devem ser ensinados criticamente (isto é, em seus nexos com a produção social e histórica da sociedade). b. Considerar a interdisciplinaridade como possibilidade de superação da visão e da formação fragmentada. c. Conduzir à autonomia progressiva do aluno na busca de conhecimentos. d. Considerar o processo de ensinar/aprender como atividade integrada à investigação. e. Desenvolver habilidades de pesquisa que se integrem aos cursos, superando uma iniciação científica, por vezes, não se integra no percurso formativo na graduação, reduzindo os estudantes a simples “operários nos laboratórios dos professores. f. Desenvolver a capacidade de reflexão. g. Substituir o ensino limitado à transmissão de conteúdos por um ensino que se constitui em processo de investigação, análise, compreensão e interpretação dos conhecimentos e de seus fundamentos e métodos em seus aspectos epistemológicos, históricos, sociais, culturais, éticos e políticos. h. Integrar vertical e horizontalmente a atividade de investigação à atividade de ensino do professor. i. Criar e recriar situações de aprendizagem. j. Valorizar a avaliação diagnóstica e compreensiva da atividade pedagógica mais do que a avaliação como controle. k. Conhecer os universos cultural e de conhecimentos dos alunos e, a partir deles, desenvolver processos de ensino e aprendizagem interativos e participativos.

Fonte: extraído de Pimenta e Almeida (2009, p. 18)

Em relação ao ensino de graduação em CI, Souza (2006, p. 151) marca sua preocupação ao afirmar: “O discurso sobre o ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação construído no Brasil ainda é curto e assistemático. Isto significa que, possivelmente, poucos pesquisadores ou profissionais se interessam e tratam do tema”. O autor enfatiza que a problemática da formação aguarda a sistematização das pesquisas sobre os caminhos da profissão para dar curso às possíveis intervenções (SOUZA, 2006).

2.2.4.1 Formação do Profissional da Informação

Em texto sobre a Ciência da Informação no país e a discussão sobre as diferenças e/ou convergências com a Biblioteconomia, Antônio Miranda (2003) cita um estudo

apresentado em 1990⁹⁸, em parceria com Suzana Pinheiro Machado Mueller, com o título “*O Ensino de Biblioteconomia no Brasil*”⁹⁹, na *Reunión Regional sobre Formación de Profesionales de la Información*¹⁰⁰, em que “a questão da informação, como intitulou o Prof. Briquet de Lemos, foi resolvida de forma pacífica no Brasil” (MIRANDA; MUELLER, 2003, p. 87).

Os autores referem-se ao distanciamento relatado por Barreto¹⁰¹, causado pelas divergências entre a CI e a Biblioteconomia, que não tiveram as mesmas proporções aqui em relação a outros países, porque, segundo o autor:

Como não tínhamos a tradição bibliotecária dos norte-americanos e dos ingleses e, conseqüentemente, não vivíamos o “cisma” que, no hemisfério norte, separava bibliotecários e cientistas da informação em associações profissionais próprias e rivais, as novidades da Ciência da Informação entraram sem maiores conflitos no País, sobretudo a partir dos cursos de pós-graduação do IBBD, de 1954 em diante os quais a princípio atraíram cientistas, mas também, e posteriormente sobretudo bibliotecários. (MIRANDA; MUELLER, 2003, p. 87, grifo nosso).

Todavia, o cenário de acomodação foi retificado nas notas explicativas¹⁰² que os autores fizeram em 2003, sobre o texto original de 1990. Primeiramente, eles fazem a ressalva de que o texto apresentava uma “análise da crise que vivia a Biblioteconomia naquela época, situação muito diferente da atualidade [a nota retificadora é de 2003]”, e que “decidiu-se manter o texto na versão original justamente para permitir um entendimento daquela crise” e, conseqüentemente, “evidenciar as ideias e propostas dos autores, algumas delas já em curso na atualidade” (MIRANDA; MUELLER, 2003, p. 85).

⁹⁸ Passa a ser observado o processo de aproximação entre a CI e Biblioteconomia, no Brasil, e a adequação das políticas de ensino superior e pós-graduação, que passam a ser orientadas pela CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, criada em 1951.

⁹⁹ Não faremos aqui uma reconstituição da história da biblioteconomia no Brasil, a historiografia é constituída de obras de renome, tais como: Castro (2000). O que se pretende neste estudo é balizar a temática da formação profissional do profissional da informação na literatura que abrange a década de 2000 a 2016 a partir do que a Ciência da Informação, como área passa a reportar sobre o ensino superior em biblioteconomia no Brasil.

¹⁰⁰ “[...]. O trabalho foi apresentado na *Reunión Regional sobre Formación de Profesionales de la Información*, evento patrocinado pela UNESCO/*Programa General de Información*, em Caracas, Venezuela, de 5-9 de março de 1990. [...] (MIRANDA, 2003, p. 85). (nota do autor).

¹⁰¹ Conf. Barreto (2007, p. 22).

¹⁰² Os autores apresentam as observações em notas explicativas no rodapé.

Segundo aquele autor, ele e Suzana Mueller reconheciam, em 1990, que havia gargalos na trajetória evolutiva do ensino de Biblioteconomia associado à Ciência da Informação, naquele momento, e menciona:

Talvez por este motivo os cursos de pós-graduação em Biblioteconomia e ciência da informação estejam voltados hoje em dia [Nota do editor: em 1990, pois a situação mudou radicalmente depois disso, voltando-se para a formação de profissionais de outras áreas], fundamentalmente para reciclagem e aperfeiçoamento do pessoal bibliotecário. A maioria dos cursos somente por exceção recebem alunos de outras áreas do conhecimento, e estes têm dificuldades para acompanhar as disciplinas profissionais, aconselhando-se lhes, nas raras vezes, frequentarem disciplinas de “nivelamento” em cursos de graduação para bibliotecários. Disciplinas como catalogação, classificação e desenvolvimento de coleções, ou seja, as disciplinas profissionais básicas, não são ministradas, provavelmente na presunção de que os mestrandos já possuem tais conhecimentos. [A maioria dos cursos de pós-graduação mudaram sua denominação de “Biblioteconomia” para ciência da informação, transformando os conteúdos programáticos, cada vez mais (ou totalmente) distantes das disciplinas profissionais da Biblioteconomia]. (MIRANDA; MUELLER, 2003, p. 101, grifo nosso).

Mueller (1985, 1988) introduz a questão da jurisdição da profissão frente à instalação dos cursos de mestrado em Biblioteconomia e Ciência da Informação; por ser a graduação o único canal legal de ingresso na profissão e o fato dos mestres em CI reivindicarem o acesso ao exercício da profissão de bibliotecário¹⁰³. Pode-se avaliar a petição de equivalência e sua

¹⁰³ CRB-5 reconhece novos profissionais após oito anos de espera/Processo de reconhecimento para formandos de **Ciência da Informação com habilitação em Biblioteconomia, em 2008**. O mês de agosto também foi de conquista para sete bibliotecários de Vitória da Conquista (BA). Eles receberam o registro do Conselho Regional de Biblioteconomia da 5ª região (CRB-5), após oito anos de processo. Em sessão solene, presidida por Fabíola Souza, Presidente do CRB-5, os profissionais receberam a Carteira e a Cédula de Identidade Profissional. Após a conclusão do curso de Ciência da Informação com habilitação em Biblioteconomia, em 2008, os profissionais tomaram conhecimento de que não conseguiriam realizar o registro junto ao CRB-5, pois, segundo a Lei nº 4.084/1962 e o Decreto 52.725, que regulamenta os parâmetros da profissão, essa é privativa aos bacharéis em Biblioteconomia, único e exclusivo para portadores de diplomas expedidos por Escolas de Biblioteconomia de nível superior e oficialmente reconhecidas. O Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB), junto ao CRB-5, acompanhou de perto o processo. Mas vale ressaltar o esforço pelo reconhecimento do título de bacharel em Biblioteconomia por parte dos alunos. Sob o comando do Bibliotecário Lucas Souza, que construiu um dossiê e incentivou os colegas de turma a recorrerem à justiça. Enfim, o tempo e o esforço foram compensados. Os profissionais receberam suas identificações, em moção de louvor, presidida por Fabíola Souza, que parabenizou a atitude aguerrida dos colegas de profissão. O evento ainda serviu para que os Bibliotecários, recém-reconhecidos, pudessem conhecer o papel social do Conselho e suas instalações físicas. *com informações do CRB-5 Foto: Boletim CFB, ano 9, 2016, n. 70 – www.cfb.org.br/http://repositorio.cfb.org.br/bitstream/123456789/1259/1/BOLETIM%20070-2016.pdf

validade, quando se observa a questão à luz da nota explicativa anteriormente detalhada, reiterando a questão a partir de:

[...] alunos de outras áreas do conhecimento, e estes têm dificuldades para acompanhar as disciplinas profissionais, aconselhando-se lhes, nas raras vezes, frequentarem disciplinas de “nivelamento” em cursos de graduação para bibliotecários. (MIRANDA, 2003, p. 101, grifo nosso).

No Brasil, o diploma de bacharelado é reconhecido como o grau necessário para a profissionalização. As carreiras que têm o reconhecimento profissional e regulamentação mantêm seus Conselhos regionais e federais, nos quais os profissionais são instados a se credenciar para obtenção do direito ao exercício profissional, nas respectivas profissões para as quais foram habilitados.

Miranda menciona que à época deste dilema, em 1990, atravessavam um período de transição, período iniciado em 1970 com demarcação final em 1995, que segundo Castro (2000) pode ser classificado como a 5ª fase da História da Biblioteconomia no Brasil, conforme o Quadro 5 dos descritivos dos marcos históricos, a seguir:

Quadro 5- Marcos históricos na Biblioteconomia no Brasil

FASES (período)	MARCOS HISTÓRICOS
1ª. (1879 – 1928)	Início da constituição do Campo do Ensino de Biblioteconomia sob a influência francesa – Biblioteca Nacional.
2ª. (1929 – 1939)	Predomínio do modelo americano sob a influência dos primeiros cursos criados em São Paulo – Mackenzie College e Cursos e Biblioteconomia da Prefeitura Municipal de São Paulo.
3ª. (1940 – 1961)	Consolidação do modelo americano e expansão do número de Escolas/Cursos.
4ª. (1962 – 1969)	Estabelecimento do primeiro Currículo Mínimo e Regulamentação da Profissão – Lei 4084/62.
5ª. (1970 – 1995)	Paralisação da criação dos Cursos de Graduação e crescimento dos Cursos de Pós-Graduação.

Fonte: extraído de CASTRO (2000).

O autor menciona que, naquele período, havia uma intensa automação dos serviços de informação, “cujo impacto sobre o ensino não foi devidamente absorvido e sistematizado em nível de formação profissional e cuja influência não foi plenamente compreendida e equacionada em termos ideológicos e programáticos” (MIRANDA, 2003, p. 89, grifo nosso). O impacto da tecnologia nos processos da área é mencionado por Couzinet, Silva e Menezes

(2007), ao tratar da formação dos professores para o 1º curso de mestrado na área, quando cita a visão da professora Célia Zaher:

[...] segundo Zaher (1995), o primeiro curso de mestrado da área [Mestrado em Ciência da Informação], ministrado por professores americanos e ingleses, entre eles Frederick Wilfrid Lancaster, Tefko Saracevic, Douglass Foskett, Derek Langridge [...] foi concebido visando à atualização dos professores de Biblioteconomia do país e à introdução de novos conceitos filosóficos de classificação e tecnologia aplicados aos processos da informação. (COUZINET; SILVA; MENEZES, 2007, não paginado)

Couzinnet, Silva e Menezes (2007) referem-se ao lançamento da revista Ciência da Informação, em 1972, e ressaltam a existência do computador como mola propulsora das atividades do instituto (IBBD) e a direção de Célia Zaher. Sobre esse destaque, Correa (2008, p. 75) apresenta um relato sobre a sofisticação dos equipamentos e a adequação dos profissionais, sob pressão de uma visão tecnológica que começava a se instalar na época, e aponta também "a existência de todo um cenário de negociações, resistências, críticas e grandes desafios":

a necessidade de dar uma nova perspectiva, incluir também noções de metodologia da pesquisa, programação, que era também importante saber como entrar, como gerir essas informações, teoria dos conjuntos, que era parte em que ainda se pensava que o novo bibliotecário precisa ter curso de programação – uma ideia totalmente ultrapassada hoje em dia. O bibliotecário, para trabalhar com automação, tinha que fazer curso de programação, e eu própria exigi que algumas das minhas colegas fizessem curso de programação naquela época, porque era para podermos entender o que estavam falando os programadores e, então, gerenciar melhor nossa informação. A ideia era que o bibliotecário pudesse influenciar um processo de automação de biblioteca, e não ficar exclusivamente como um simples observador. (CORREA, 2008, p.75).¹⁰⁴

Levacov (1997) refere que quando os computadores chegaram “prontos”, cabia aos bibliotecários somente utilizá-los, porém

gradualmente estes profissionais foram apropriando-se da tecnologia digital, refutando soluções externas prontas, exigindo a participação na elaboração de projetos [...]. As transformações criam outra vez a necessidade ou oportunidade de estes profissionais redefinirem-se, tal

¹⁰⁴ SOUZA, R. F. de. Entrevista: Célia Ribeiro Zaher. Ci. Inf., Brasília, v. 24, n.1, p. 13-20, jan./abr.1995.

como fizeram em momentos anteriores, [...]. (LEVACOV, 1997, não paginado).

Miranda adverte que naquele momento houve um “esgarçar” da tessitura colaborativa que reunia a biblioteconomia e a pós-graduação,

Tal corporativismo, sob o pretexto de proteger os profissionais habilitados, garantindo-lhes por lei uma espécie de reserva de mercado, também estabelece fronteiras, limita os horizontes e pode até impedir a modernização e a renovação de ideias/técnicas, além de provocar o isolacionismo e o exclusivismo, dissociando a profissão dos interesses reais da sociedade. (MIRANDA, 2003, p. 88).

Não é sem razão que persiste descontentamento dos dois lados, para a classe bibliotecária, que estava atenta ao universo da dimensão profissional, e para o mundo acadêmico, voltado para a geração do conhecimento (ensino e pesquisa), conforme GUIMARÃES (2004, p. 89). Ainda hoje não se observa um intercâmbio entre a graduação, pós-graduação e o CFB/CRB, por exemplo. Observa-se na literatura que há apenas um artigo da entidade de classe no ENANCIB, ocorrido em 2008¹⁰⁶.

Já tendo sido exposto o marco inicial da pós-graduação em CI no Brasil e sua evolução ao passo da necessidade tecnológica da informação em um país no contexto desenvolvimentista, busca-se neste estudo, entender a dimensão educativa da formação.

Francisco das Chagas de Souza tem longa bibliografia a respeito do ensino de biblioteconomia e CI no Brasil, e entre suas obras destacamos: *“Discurso sobre a educação em Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil: caminhos teóricos-metodológicos para compreensão”*, de 2006¹⁰⁷, quando o autor observa, analisa e fundamenta a influência exercida pelos cursos de pós-graduação sobre os cursos de graduação e sobre a classe profissional em geral.

¹⁰⁶ Barbalho, CRS; Rozados, HBF. Competência do profissional bibliotecário brasileiro: o olhar do Sistema CFB/CBBs.(2008, ENANCIB). Nesse artigo as autoras fazem a avaliação da temática da competência profissional e informacional, para ensejar uma pesquisa ampla sobre o perfil do profissional da informação no país, explicitando sua metodologia, porém, não se viu nos anos subsequentes a comunicação dos resultados da pesquisa, da mesma forma não foram encontrados nos sítios dos CFB/CRBs.

¹⁰⁷ Cunha, M.V; Sousa, F.C. COMUNICAÇÃO E GESTÃO DA PROFISSÃO: abordagens para o estudo da Ciência da Informação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

O autor destaca que o “o discurso sobre o ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação construído no Brasil ainda é curto e assistemático” (SOUZA, 2006, p. 151), assinala que talvez a razão esteja no fraco interesse dos pesquisadores pelo tema. Um motivo possível seria o interesse voltado para o estudo e a pesquisa relativos às questões técnicas e operacionais, devido à sua complexidade e, assim, a temática da educação significaria apenas um “tópico” dentro da problemática. Todavia, o autor vai explorar esta dimensão do ensino e a sua repercussão no campo da CI.

Na perspectiva do pragmatismo da área, que “impõe” objetos para a pesquisa que se constituem no âmbito do fazer; “atuação e ação profissionais” são prioridades, que dirigem “a busca de respostas visando à resolução mais bem apoiada, teoricamente, dos problemas técnicos e práticos [...]”, e “[...] que vista desse ângulo, a dimensão da educação universitária “não pareceria ser parte das atividades inerentes aos profissionais de biblioteconomia”. (SOUZA, 2006, p. 152).

O autor alerta para a necessidade de o exercício profissional considerar fundamentos teóricos-metodológicos¹⁰⁸ para fazer emergir a responsabilidade da área em manter seu estatuto teórico, e assim se apresenta:

De outro lado, aceito a perspectiva sociológica das profissões, de que as profissões fundadas, principalmente, na escolarização universitária necessitam constituir três pilares de sustentação e de dinamização os quais exigem uma atuação em linha com o movimento social. Eles são: 1) a existência de profissionais voltados às atividades técnico-executivas ou práticas, em contato com o usuário final dos serviços da categoria ou grupo profissional; 2) a existência de profissionais dotados de capacidade de organizar e de liderar politicamente a categoria ou grupo profissional; e 3) a existência de profissionais na categoria ou grupo profissional dedicados ao ensino e pesquisa social e aplicada para fundamentar ações profissionais e orientar os modos de conquista e ampliação de espaço social, com autoridade e competência (SOUZA, 2000, p. 30, grifo nosso).

O entendimento de Chagas de Souza de que o processo de formação de uma profissão tem que ter um arcabouço teórico ativo, e a manutenção da sua prática (da profissão) implica na incessante alimentação/sustentação a partir de um corpo teórico-metodológico, perfazendo como canais comunicantes a relação entre a pós-graduação e a

¹⁰⁸ Souza Chagas de, Francisco das. A Educação Bibliotecária Catarinense: causas de seus pontos fracos, entre 1973 e 1993 Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, núm. 9, junho, 2000 Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis, Brasil. p. 29-53.

graduação, corrobora as proposições de Mueller (2004), Cunha (2009) a partir da teoria de Abbott (1988), no qual este estudo se apoiou. Diz, o autor:

[...] se forem tomadas as perspectivas da Sociologia do Conhecimento e da Sociologia das profissões, ela é parte das atividades de uma profissão que requer o ambiente universitário como meio indispensável para a preparação das novas gerações de profissionais e, portanto, específicos do campo, requerem um discurso dos discursos, uma fundamentação das fundamentações e uma articulação cognitiva apropriada a um determinado tipo de assimilação, de prática e de desenvolvimento de conhecimento que as toma como ponto de partida. (SOUZA, 2006, p. 152).

Assim, com base no pressuposto de Chagas de Souza, “a educação bibliotecária lida com processos de assimilação e com o desenvolvimento do conhecimento que torna possível: a) comunicar pedagogicamente o conhecimento atual, [...], e as experiências próprias da profissão; b) produzir conhecimento novo através da construção de questões [...]”. Essas questões serão então apresentadas e analisadas à luz dos critérios de elaboração científica, podendo levar ao “processo de compreensão e explicação da realidade existente e [...] atribuir novos significados e, portanto, outras possibilidades de progresso futuro para o conjunto das atividades profissionais”. (p. 152-3).

Souza desenvolve sua tese em duas frentes:

- (i) uma que envolve a produção de questões e o treinamento em meios apropriados para resolvê-las e, simultaneamente, requer a preparação do ambiente para a formação científica ou aquisição de domínio científico pelos futuros pesquisadores que examinarão continuamente o campo, identificando problemas, construirão objetos de estudos e proporão novas formas de explicação ou compreensão;
- (ii) [em conjunção] se na primeira frente ocorre a capacitação de pessoas quanto ao conhecimento já dominado, isto é, pela assimilação de conteúdo consolidado para uso no ambiente empírico da prática;
- (iii) na segunda frente ocorrerá a capacitação de pessoas, no mínimo, para: a) interrogar sobre o que já está dominado como conhecimento; b) interrogar sobre a eficácia desse conhecimento no ambiente onde se dá sua aplicação ou emprego; c) buscar a percepção das interações desse conhecimento com outros. (SOUZA, 2006, p. 153).

Souza (2006, p. 153) evidencia que há “certa percepção de que a educação bibliotecária, na sua amplitude não é tarefa significativa dos bibliotecários”, surgindo circunstâncias que conduzirão a um “distanciamento sobre quais sejam os papéis a serem

cumpridos “, e “a discursos ambíguos” na proposição dos “currículos e conteúdo”¹⁰⁹, por estas duas linhas que devem caminhar lado a lado. Devido a isso, seria compreensível uma identificação de tendências ao ensino de práticas em muitas instituições de ensino de graduação da área.

De acordo com Smit (1990) “[...] prevalece o entendimento que cabe à pós-graduação uma abordagem mais voltada para a teoria [...]”, sendo “o mestrado um estágio para o doutorado e forma preferencialmente professores, ao passo que o doutorado forma pesquisadores”, porém faz-se a consideração sobre a necessidade do investimento teórico na área, pelas razões:

Se quisermos consolidar uma área do conhecimento, que seja como ciência aplicada, ainda será necessário fazer ciência. Além de resultados acadêmicos, ou teóricos, este investimento numa ciência enquanto área do conhecimento trará também benefícios para a graduação e o exercício profissional. A empregabilidade deverá ser doravante garantida ao profissional que domine conceitos, que consiga se mover no mapa conceitual de uma área do conhecimento, e não ao profissional que foi treinado na execução de determinados procedimentos ou porque o nome de seu diploma o associa a um espaço no qual o mesmo pode exercer seu ofício. (SMIT, 2002, p. 28).

A despeito do tradicionalismo (conservadorismo?) das entidades de classe, Mueller (2004, p. 46) observa o processo de mudança que as jurisdições tradicionalmente dominadas pela biblioteconomia têm sofrido na maioria dos países onde essa área está estabelecida como profissão, em consequência de movimentos da sociedade em transformação. Relatou que estudos desenvolvidos em 2002, encaminhados por Borges Filho e Leite, mediante pesquisas na *internet*, verificaram em suas buscas que

“[...] em páginas oficiais de escolas na Austrália, Reino Unido, Estados Unidos e Canadá, constataram que cursos de graduação e pós-graduação antes majoritariamente conhecidos pela designação *Library and Information Science* e pela sigla LIS, passaram por um processo de mudança de seus nomes. Em vários casos, o termo *Library* foi eliminado, substituído por expressões como *Management, Studies, Communication, Technology*.” (MUELLER, 2004, p.46).

Mueller (2004, p. 46) acrescenta: “os mesmos levantamentos constataram mudanças nos títulos e programas de disciplinas oferecidas por esses cursos. Embora os cursos examinados sejam, em sua maioria, oferecidos no nível de pós-graduação [...]. Este aspecto pode ser comparado às mudanças ocorridas nos cursos de graduação brasileiros, embora

¹⁰⁹ Souza diz que, sobretudo na década de 1990, a partir da introdução no Brasil de uma perspectiva internacionalista, pela (FID), condensada na expressão “Moderno Profissional da Informação”.

haja “diferenças na estrutura do ensino profissional dos países”, reforça a autora. Barbosa, em 1998, já relatava em seus estudos as ondas de transição que começavam a acontecer.

Arruda, Marteleto e Souza (2000) sinalizaram, sobre essa discussão, em torno das qualificações necessárias diante das demandas profissionais, que “não é recente, muito menos a pressão para que os cursos adaptem seus currículos às transformações da sociedade”. E ainda,

Segundo Menou (1996, p. 7), muitas atividades eleitas como novas estão sendo discutidas desde a década de 50. Assim, estar-se-iam confundindo os novos modelos organizacionais e a sofisticação do aparato técnico com a emergência de um novo profissional, embora “a conceituação, o quadro operacional, as necessidades” se mantenham”. (MENOU 1996, apud ARRUDA; MARTELETO; SOUZA, 2000).¹¹¹,

A correspondência entre a pesquisa nos programas de pós-graduação e os programas de graduação, foi o tema de um estudo desenvolvido no PPGCI da UFMG, por Dalgiza Andrade Oliveira, com o título: *A influência da Ciência da Informação nos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil: formação docente, aspectos teóricos e manifestações temáticas*, em 2011. Foi observado, entre outros aspectos, a possível correlação entre as áreas temáticas, disciplinas e referências bibliográficas entre os cursos de graduação em Biblioteconomia e os Programas de Pós-graduação que abrigam os dois cursos concomitantemente.

O estudo de Oliveira (2011, p. 86) retratou 10 IES que reuniam os dois cursos, que são as universidades: Estadual de Londrina – UEL; São Paulo - USP; Estadual Paulista – UNESP; de Brasília -UnB; Federal da Paraíba- UFPB; Federal de Minas Gerais -UFMG; Federal de Pernambuco – UFPE; Federal de Santa Catarina – UFSC; Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, e Federal Fluminense – UFF.

O pressuposto encaminhado pela autora era que poderia haver intersecções entre as temáticas, disciplinas e referências, especialmente nos espaços formativos que acolhem os dois programas, graduação em Biblioteconomia e pós-graduação em CI; considerando que há docentes que compartilham suas atividades nos dois níveis de ensino e a linha teórica-metodológica desenvolvida pelo Departamento de Ciência da Informação (DCI). A premissa baseou-se na perspectiva de que as transformações no uso e disponibilização da informação

¹¹¹ MENOU, M. Especial: entrevista com Michel Menou. **Informativo IBICT**, v. 16, n. 3, p. 7-8, maio/jun. 1996.

passaram a mobilizar outras noções teórico-metodológicas que se tornaram questões a serem respondidas pela CI, e, por conseguinte suas soluções estariam manifestadas na interlocução entre as áreas, influenciando as atividades na Biblioteconomia.

Nesta pesquisa interessou-nos saber se estariam contidos no programa curricular da pós-graduação indícios dessa aproximação da pós-graduação nos conteúdos disciplinares do curso acadêmico, que assim se traduziriam em subsídios para o encaminhamento da formação e ensino dos cursos acadêmicos profissionalizantes.

A partir desta proposta, foram selecionados os resultados da análise comparativa sobre a temática da formação profissional, e as referências bibliográficas relacionadas nas ementas dos dois programas, como base para reflexão. Os resultados estão sintetizados nos quadros 6 e 7.

Quadro 6- Resultados - A influência da CI nos cursos de graduação

i)	Na taxonomia das disciplinas da graduação em Biblioteconomia e taxonomia das disciplinas da pós-graduação, especialmente o item 02 , identificado por FORMAÇÃO PROFISSIONAL, e os subitens: Avaliação de Cursos; Currículo, Metodologia e Programa de Ensino; Formação profissional, profissional da informação, e, Profissões e Mercado de trabalho, <u>não estão</u> elencados em todos os programas;
ii)	Na comparação entre as bibliografias disponíveis nas ementas dos dois programas, no aspecto integral das disciplinas oferecidas, <u>não há coincidências</u> entre os autores relacionados na graduação e pós-graduação. ¹¹²

Fonte: elaborado a partir de OLIVEIRA, 2011.

Os resultados da pesquisa de Oliveira (2011) apontaram para a ausência de coincidências entre as bibliografias indicadas para os dois programas, embora pela avaliação taxonômica haja interatividade entre elas; no caso específico das disciplinas que tratam da formação profissional verificou-se que seus aspectos não são explorados em todos os programas, evidenciando lacunas e ausências nesses programas quanto à construção teórica sobre as práticas profissionais.

No quadro 7 estão relacionadas as IES de acordo com a oferta das disciplinas sobre a Formação Profissional:

¹¹² Oliveira afirma que: “Ressalta-se o fato de não verificar a presença de interlocução entre as duas disciplinas [os dois programas]. Como tentativa de aproximação, observou-se a presença de apenas dois autores mencionados como lideranças das duas áreas” [observamos os quadros apresentados e identificamos somente a coincidência de *Lancaster, F.W.*]. p. 115.

Quadro 7- Taxonomia das Disciplinas Grad x Pós-Grad, IES núcleo comum (recorte)

TAXONOMIA – (2) Formação Profissional			
IES	GRADUAÇÃO	Pós-Grad.	Obs.
UEL	Não tem	Não tem	PPGCI com ênfase no Mestrado Profissional
USP	Estágio Supervisionado em Unidades de Informação	As Profissões de Informação e Documentação em um Ambiente Globalizado	Curso de 30h
UNESP	Prática Profissional em Biblioteconomia Formação e Atuação Profissional	Não tem	
UnB	Estágio Supervisionado em Biblioteconomia (I) e (II)	Estágio em Docência em CI (I) e (II); Profissional da Informação; tópicos especiais em CI (IV)	
UFPB	Não tem	Não tem	
UFMG	Estágio Supervisionado em Biblioteconomia e Gestão da Informação I; Estágio Supervisionado (A), (B) – Gestão da Informação, e (B) – Gestão de Coleções	Estágio Docente	
UFPE	Não tem	Não tem	
UFRGS	Seminário Prático de Estágio	Não tem	
UFSC	Estágio Supervisionado em Biblioteconomia	Contexto Social, Econ. e Educacional das Prof. da Informação, Metodologia do Ensino Superior; Profissional da Informação, O Profissional da Informação no contexto Educacional; Estágio de Docência I e II, Tópicos Especiais: trabalhando com Bourdieu sobre profissões de informação; Imaginário e Representações no Horizonte da Sociedade da Informação: a CI e seus profissionais	
UFF	Não tem	Não tem	

Fonte: elaborado a partir de OLIVEIRA (2011, p. 116-146).

Chagas de Souza (2007) citado por Oliveira (2011, p. 147) afirma que “as pesquisas concentradas nos aspectos tecnológicos, presentes nos PPGCIs, derivam da prioridade dadas às mesmas no Brasil, contudo não diminui a importância da temática que se volta para o ensino de Biblioteconomia”, e sugere que a proposta do ensino universitário em biblioteconomia deva promover, ainda:

- (i) A comunicação pedagógica do conhecimento atual, em dado momento histórico-social, e as experiências próprias da profissão de bibliotecário em dado contexto de ação, e
- (ii) A produção de conhecimento novo pela construção de questões que, submetidas aos critérios de elaboração científica, possam levar ao processo de compreensão e explicação da realidade existente e possa atribuir novos significados e, portanto, outras possibilidades de progresso futuro para o conjunto das atividades profissionais (SOUZA, 2007, citado por OLIVEIRA 2011, p. 147).

Na Figura 4 são apresentadas as aproximações baseadas na taxonomia geral das disciplinas de graduação em biblioteconomia e pós-graduação CI.

Figura 4 - Taxonomia das ementas PPGCI x Graduação

Fonte: elaborado a partir de OLIVEIRA, 2011.

De forma mais específica nas aproximações entre os cursos das IES e sua comparação entre todos os itens da taxonomia, a autora observou que as disciplinas mais centradas na parte conceitual e técnica da área estão contempladas, todavia aquelas que se voltam para as abordagens que recaem sobre usuários, políticas e formação profissional requerem mais atenção tanto da Biblioteconomia quanto da Ciência da Informação (OLIVEIRA, 2011, p. 160)

Nesse sentido, conclui-se que de acordo com Oliveira (2011, p. 147) a interação e aproximação com a CI, por intermédio dos Programas de Pós-graduação, poderia “possibilitar a construção de um currículo mais inovador para a graduação conformada por docentes e disciplinas oriundas de outros domínios, propiciando mais abertura à pesquisa.”

Ainda considerando os currículos dos cursos de Biblioteconomia da UNIRIO e da UFMG, por serem dois eixos de formação de bibliotecários brasileiros, Prudêncio e Rodrigues (2015) analisaram sua relação com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, de 1996), e os Projetos Pedagógicos de Curso (PPC).

A partir dos parâmetros e diretrizes curriculares propostos pelo PPC e pela LDB, para melhor atender às exigências do profissional que se insere no mercado de trabalho da atual sociedade da informação, as autoras levaram em conta o que cada curso entende por “perfil profissional”, “flexibilização curricular” e “habilidades e competências”, como essas interpretações influenciam cada um dos currículos em relação aos parâmetros e diretrizes mencionados, e como seus docentes os conhecem e compreendem.

Para as autoras, a LDB, visa “[...] desenvolver um ensino mais adequado à modernização do país, com ênfase na formação e na capacitação para o trabalho [...]”, e para tanto introduz “[...] a proposta da flexibilidade curricular que permite ao aluno utilizar os conteúdos curriculares, levando em conta os conhecimentos prévios adquiridos em sua experiência de vida” (PRUDÊNCIO; RODRIGUES, 2015, p. 4), aliada às diretrizes curriculares, que vai além do currículo mínimo, pois têm

[...] preocupação com elementos norteadores de natureza mais abrangente, podendo-se destacar: os diferentes graus de autonomia, flexibilidade curricular, possibilidade de oferecimento de ênfase temática no desenho dos cursos de graduação, sistema de avaliação institucional e de cursos e a autonomia na organização administrativa e financeira da instituição. (PRUDÊNCIO; RODRIGUES, 2015, p. 4).

As diretrizes, portanto, orientam à formação e não apenas aos conteúdos que integram o currículo dos cursos. No caso da Biblioteconomia, segundo as autoras, “[...] enfatizam a proficiência, a criatividade, a busca de aprimoramento contínuo e a capacidade de observar padrões éticos de conduta, como características fundamentais para o perfil do bibliotecário” (PRUDÊNCIO; RODRIGUES, 2015, p. 5).

Já o projeto pedagógico do curso deve explicitar, segundo as autoras (p. 5), o perfil dos formandos; as competências e habilidades gerais e específicas a serem desenvolvidas; os conteúdos curriculares de formação geral e os conteúdos de formação específica ou profissionalizante; o formato dos estágios; as características das atividades complementares; a estrutura do curso; e as formas de avaliação.

E os currículos devem equilibrar-se, segundo as autoras, com base no Parecer CNE/CES n. 492, entre a formação geral (elementos práticos e teóricos) e a formação específica/ profissionalizante (núcleo básico da formação do bibliotecário), devendo os PPC adotar uma perspectiva mais humanística, “[...] conferindo-lhes um sentido social e cultural que ultrapasse os aspectos utilitários mais imediatos” (PRUDÊNCIO; RODRIGUES, 2015, p. 5), para que os profissionais formados tenham as competências e habilidades esperadas para o profissional bibliotecário: “interagir e agregar valor nos processos de geração, transferência e uso da informação, em todo e qualquer ambiente” (p. 6), estando preparados para:

[...] criticar, investigar, propor, planejar, executar e avaliar recursos e produtos de informação; trabalhar com fontes de informação de qualquer natureza; processar a informação registrada em diferentes tipos de suportes, mediante a aplicação de conhecimentos teóricos e práticos de coleta, processamento, armazenamento e difusão da informação; realizar pesquisas relativas a produtos, processamento, transferência e uso da informação. (PARECER CNE/CES n. 492, 2001, p. 32-33 apud PRUDÊNCIO; RODRIGUES, 2015, p. 6).

Para as autoras, o PPC não é somente um agrupamento de planos de ensino e atividades, e o currículo não é somente uma organização formal de disciplinas ou orientações metodológicas, e as diretrizes curriculares os ajudam ao “[...] sugerir regras de caráter global, de aplicação geral, que normatizam e dão a direção, mas sem eximir de cada área do conhecimento a responsabilidade de sistematizar em ações práticas os rumos do progresso científico e empírico da sua área” (PRUDÊNCIO; RODRIGUES, 2015, p. 7).

Na década de 2000 os cursos de Biblioteconomia passaram a considerar as diretrizes mencionadas em suas propostas pedagógicas e curriculares, visando tornar o profissional, antes eminentemente técnico, mais crítico-reflexivo, segundo Rodrigues (2002, apud PRUDÊNCIO; RODRIGUES, 2015, p. 7).

O curso de Biblioteconomia da UNIRIO sofreu várias reformulações ao longo do tempo, e em 2010 teve novo PPC definido, estruturando o curso como atualmente, dividido

em três linhas curriculares (Linha Teórico-Metodológica; Linha Humanista-Social; e Linha Instrumental) e três eixos (Biblioteconomia em Memória, Patrimônio e Cultura; Biblioteconomia em Ciência e Tecnologia; e Biblioteconomia para Gestão da Informação em Organizações).

Já o curso de Biblioteconomia e Gestão da Informação da UFMG, a partir de reformulação iniciada em 2001, estruturou-se em duas ênfases (Gestão de coleções e Gestão da Informação), e utiliza-se de um núcleo de disciplinas comum também aos cursos de Museologia e Arquivologia, e de núcleo específico do curso. Propõe aos alunos formação complementar e formação livre, ficando o aluno corresponsável por construir seu currículo, aprofundando-se em áreas de seu interesse.

As autoras compararam, em quadros, os PPCs dos dois cursos com as diretrizes curriculares, e a UNIRIO é a que atende mais às diretrizes em “habilidades e competências” (p. 13): atende integralmente, enquanto a UFMG atende parcialmente. Entre as indicadas pelos docentes dos dois cursos, na UNIRIO foi considerada como mais importante “a inserção em grupos interdisciplinares de pesquisa” (21.43%), enquanto que na UFMG foi “Competências formativas e atividades intelectuais” (47.87%), e em ambos as competências preferidas por cada um também foram consideradas como a mais insuficientemente tratadas nos respectivos cursos. Para as autoras,

[...] tal panorama sugere certa preocupação dos docentes sobre como a formação oferecida ao egresso tem sido praticada, além de refletir uma distorção entre o que é considerado importante e o que é efetivado na prática pedagógica. Sugerimos que posteriores estudos sejam realizados a fim de criar uma agenda que busque construir caminhos e/ou mecanismos de correção destas distorções. (PRUDÊNCIO; RODRIGUES, 2015, p. 19).

Em relação ao “perfil profissional” (p. 15), as autoras avaliam que nenhum dos cursos apresenta em seus PPC fidelidade à proposta das diretrizes. Seus docentes avaliaram a consonância entre sua prática pedagógica e o que é anunciado no PPC de cada curso: na UNIRIO essa identificação foi de 38.89%, enquanto que na UFMG 57.14 % indicaram corretamente o perfil enunciado no PPC do seu curso.

Quanto à “flexibilização curricular”, as autoras destacaram que os termos flexibilização/flexibilidade não foram definidos em ambos PPCs dos cursos (informam que geralmente são compreendidos como “[...] a possibilidade de o aluno construir seu currículo

de acordo com suas preferências acadêmicas, assim como a possibilidade de cursar disciplinas isoladas em outros cursos.”). O curso da UNIRIO não define detalhadamente esse ponto, mas o da UFMG destaca que se divide em núcleo específico, formação complementar e formação livre, e sua flexibilização será horizontal (aproveitar outras atividades acadêmicas para integralizar seu currículo de curso, contabilizando créditos além das disciplinas) e vertical (organizar o saber ao longo dos semestres e anos curriculares, com conteúdo que se relacionem ao núcleo específico do curso). Para cerca de metade dos docentes dos dois cursos a flexibilidade curricular pode ser explicada como “[...] o fato de permitir que os estudantes possam escolher o eixo temático em que desejam ter mais ênfase durante o curso é o que mais reflete o princípio da flexibilidade curricular.” (PRUDÊNCIO; RODRIGUES, 2015, p. 18).

A conclusão a que chegamos, com base nos apontamentos das autoras, é que grandes reflexões e mudanças aconteceram nos cursos que formam bibliotecários (especialmente os destacados por elas), agregando muitos pontos positivos e tentando aproximar-se da formação mais adequada para o perfil do profissional de hoje, mais aberta e flexível e com maior conhecimento e reflexão docente em relação ao currículo, às diretrizes e ao PPC dos cursos onde atuam. Mas ainda é preciso maior participação docente para reflexão e melhoria dos cursos, e maior reflexão também na fase de estágio e preparação de trabalho de conclusão, que seriam pontos interessantes para avaliação do curso em relação à prática ou experiência em atividades extracurriculares.

Consideramos, assim como as autoras, a flexibilização como ponto que ainda carece de maior definição para poder ser melhorado, inclusive, para que seja mais livre, complementar e autônoma para os alunos (e com docentes preparados para essa oferta), permitindo que seus currículos se adequem aos interesses dos profissionais em formação e dos novos ambientes de trabalho com mais facilidade, conforme habilidades pessoais e das áreas onde pretendem atuar.

Neste sentido, se até recentemente o bibliotecário deveria possuir uma formação voltada para a preservação da cultura humana; para apoio à educação como suporte ao processo de ensino-aprendizagem; para o estudo; à pesquisa e para o planejamento e administração dos recursos informacionais, sua fundamentação teórico-prática deve agora

ampliar o escopo de conhecimentos necessários à concretude de seu fazer profissional, tendo em vista priorizar premissas como: planejamento, gerência e processamento de sistemas de informação, além da concepção e uso das recentes tecnologias da informação e comunicação. Característica que promove uma grande mudança de paradigma visto que as preocupações dos profissionais da informação não se circunscrevem aos limites físicos do acervo (SILVEIRA, 2008. p. 89).

Entretanto, Souza (2008) pondera que enquanto alguns pesquisadores da área “têm encaminhado sua produção para a focalização do mercado de trabalho, buscando interpretar sua trajetória e desenvolvimento, [...] [outros] vêm buscando diagnosticar demandas do mercado profissional para tomá-las como subsidio para a construção do currículo.” Não há agregação de discursos, nem consenso sobre a nova configuração dos currículos da área. Portanto, a relação entre graduação e pós-graduação deve ser tema de estudos avaliativos e críticos, ultrapassando o nível descritivo, ou da estatística para diagnosticar causas e descobrir situações e reforçar a base das profissões da informação à luz da nossa realidade histórica e local.

2.2.4.2 Processo de Ensino e Aprendizagem

Ao se estudar o processo de ensino e aprendizagem, em qualquer nível, é importante considerar tanto o contexto social internalizado na proposta curricular, quanto a visão de conhecimento dominante naquele momento histórico.

Tomado como processo, visando um salto qualitativo para o conhecimento, deve-se buscar “ações integrativas que auxiliem o aluno a construir um quadro teórico-prático global, mais significativo e mais próximo dos desafios presentes na realidade profissional dinâmica e una, na qual atuará depois de concluída a graduação,” de acordo com Anastasiou (2006, p. 44).

Boaventura Santos (1999), enfatiza que todas as formas de pensamentos *per si* não são racionais, porquanto dialogam com outras formas de conhecimento, envolvendo-se nelas o conhecimento que valoriza o senso comum e que orienta as ações do cotidiano e dá sentido à vida; a ruptura, para o autor, seria o salto qualitativo, “que é dado do conhecimento científico para o conhecimento do senso comum, como emancipatório, pois o primeiro somente se realiza quando se transforma no segundo” (ANASTASIOU, 2006, p. 45).

Joan Rué (2009, 71)¹¹³ enfatiza que as transformações sociais estão latentes em todas as mudanças inclusive nas didáticas; que na transição entre as sociedades industrial e do conhecimento, vários aspectos aparecem relacionados à educação. O autor relaciona a configuração da sociedade ao pressuposto do sujeito “pensar a si mesmo, com a noção de reflexão abordada por Giddens [...]”. E, a autonomia propiciada pelo ensino a distância, as graduações *on line*, a capacidade da *web*, em fornecer recursos e conteúdo de alto nível.

Há então duas vertentes a serem contempladas. De um lado, a importância da educação no desenvolvimento humano e produtivo mediante a continuidade ao longo da vida, o contexto vinculado às TIC e aos diferentes ambientes de aprendizagem virtual; e de outro a necessidade de ajustar esse panorama “ao plano prático da formação, com a dificuldade de desenvolver tudo isso desde os contextos que ainda hoje são dominantes, de aulas, conteúdos e fundamentalmente informativos” (RUÉ, 2009, p. 73).

A partir de então, “os sujeitos que aprendem se configuram como os novos centros de força a partir dos quais vão se desenvolver as relações de ensino e aprendizagem” (RUÉ, 2009, p. 73). Impõe-se, segundo o autor, contextualizar: o aluno e os projetos pedagógicos que podem ser aplicados. A mudança ocorrida a partir do modelo de Bolonha, nas universidades europeias, que aderiu aos fundamentos de: centralizar a aprendizagem no estudante, desenvolver a capacidade de aprender a aprender; desenvolvem-se novas estratégias metodológicas baseadas em projetos, casos, problemas, “combinação de desenvolvimento factual com a pesquisa; [...] o benefício da crescente importância de vincular o campo da teoria com as práticas profissionais.”

Tardif corrobora esta visão, ao tratar da socialização dos saberes:

Tais saberes-mestres [tarefas de formação e de conhecimento no âmbito de instituições elitistas]¹¹⁴ não existem mais. Nenhum saber é por si mesmo formador. Os mestres não possuem mais saberes-mestres (filosofia, ciência positiva...) cuja posse venha garantir sua maestria: saber alguma coisa não é mais suficiente, é preciso também saber ensinar. O saber transmitido possui, em si mesmo nenhum valor formador; somente a atividade de transmissão lhe confere esse valor. Em outras palavras, os mestres assistem a uma mudança na natureza de sua maestria: ela se desloca dos saberes para os procedimentos de transmissão de saberes. (TARDIF, 2014, p. 43).

Anastasiou (2006, p. 55) refere que se trata de uma proposta globalizada, de compromisso social, com o “interesse de dar aos profissionais a possibilidade de atuar de

¹¹³ Rue, J. A aprendizagem com autonomia, possibilidades e limites. (2009, p. 71).

¹¹⁴ Citação do mesmo autor, Tardif (2014, p. 42).

modo mais democrático e solidário, buscando construir os processos de ensino, adotando conteúdos curriculares associados a valores”. A habilidade de proceder, orienta processos de ensino e de aprendizagem a partir da adoção de procedimentos “que buscam superar os limites das disciplinas, por meio de estratégias que recorrem a investigações, ao estudo de temas, à resolução de problemas, a projetos integrativos”, defende a estudiosa.

Rodrigues, Luck e Breglia (2002) expõem a proposta do ensino articulado à pesquisa, fundamentando sua metodologia em suscitar “atitudes analíticas, reflexivas, questionadoras e problematizadoras, em que a aprendizagem parte das observações próprias para indagar sobre o conhecimento e o próprio mundo.” Assim, afirmam as autoras, “nessa metodologia de ensino, adota-se como referência o ato de *interrogar, (re)produzir e criar*: interrogar a realidade de modo crítico e permanente, (re)produzir o conhecimento de modo consciente”. A operacionalidade da proposta está em aceitar “as limitações e orientar o aluno para a busca de soluções criativas para os problemas com que se defronta” (RODRIGUES; LUCK; BREGLIA /ForGrad, 2002).¹¹⁵

As aplicações desses pressupostos podem lastrear a perspectiva de uma prática pedagógica baseada no ensinar com pesquisa, sendo necessária a construção de um modelo metodológico, com a determinação de caminhos e detalhes para facilitar as interrelações. Tal modelo/experiência foi idealizado e implementado, a fim de correlacionar teorias com fatos e ensinar com a participação de vários elementos, em uma experiência relatada por Fujino (2004) em que na formulação dos objetivos e na definição da metodologia foram considerados os pressupostos para pensar a disciplina, conforme quadro 8.

Assim sendo, na visão desses autores “a atribuição do mesmo grau de importância ao ensino e à pesquisa passa, portanto, por uma revisão didática, pela investigação de novas

¹¹⁵ M.E.F. RODRIGUES, E.H. LUCK e V.L.A. BREGLIA (ForGRAD, 2000). Segundo Fujino (2004, p. 23) o ForGrad, uma experiência voltada à proposição de um novo modelo de estrutura curricular para a universidade, fundamentado na concepção do ensino-aprendizagem articulado à pesquisa merece ser citada por caracterizar-se como marco de uma política induzida pela pró-reitoria de graduação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Tendo como principais referências o Plano Nacional de Graduação, resultado das discussões no âmbito do Fórum de Pró-reitores de Graduação das Universidades Brasileiras – For-GRAD, e a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei nº 9.394, de dezembro de 1996), a UFF, em 1999, propôs o delineamento de uma nova concepção de ensino e de aprendizagem na qual são previstas além das reformulações estruturais, significativas mudanças conceituais na forma de pensar e reproduzir o conhecimento e na relação aluno-professor. O aluno deixa de ser visto apenas como reproduzidor de conhecimento e o professor passa a desempenhar o papel de “orientador do processo de questionamentos” e de busca de soluções criativas. A metodologia de ensino adota, como referência, o “ato de interrogar, (re)produzir e criar” (RODRIGUES, LUCK, BREGLIA, 2002, p. 44)

formas de transmitir e produzir conhecimento no processo de formação na graduação” (RODRIGUES, LUCK, BREGLIA, 2002). Da mesma forma, se faz necessário propor instrumentos metodológicos capazes de adentrar as especificidades da comunidade estudantil e as capacidades estruturais de universidade (FUJINO, 2004).

Portanto, cabe à universidade e sua comunidade perseguir os objetivos fundamentais para formar profissionais capacitados para os desafios do seu tempo, propor cursos com currículos adequados ao seu momento histórico, e adotar propostas pedagógicas que sejam concernentes ao contexto.

Quadro 8- Pressupostos metodológicos de abordagem pedagógica em ICT

- a) A universidade pública tem a responsabilidade de formar profissionais investigativos, que venham a contribuir com a geração de novos conhecimentos; profissionais comprometidos com a realidade social e solidários no compartilhamento dos conhecimentos adquiridos;
- b) O ensino de graduação deve obedecer ao princípio da complementaridade com os demais níveis de formação do profissional e ser parceiro na produção de conhecimentos para a área;
- c) O ensino deve ter como base uma proposta didática flexível e não normativa, de forma a adequar-se de acordo com as características do corpo discente;
- d) A aula é um espaço de aprendizagem também para o professor e, nesse sentido, aboliu-se a prática da discussão baseada apenas em textos indicados pelo mesmo;
- e) O aluno é sujeito do processo de ensino e não objeto da aprendizagem e, como tal, deve ser estimulado a participar ativamente das atividades, desempenhando simultaneamente os papéis de fonte/receptor;
- f) O aluno é corresponsável pela sua formação e, portanto, deve ser estimulado a buscar conhecimentos extra aula e a desenvolver recursos próprios para argumentar com competência;
- g) A atividade de pesquisa, convencionalmente entendida como um processo de investigação sistemática que visa descobrir novas informações, é parte do fazer bibliotecário e deve ser incorporado ao seu cotidiano;
- h) O conhecimento do professor é limitado em relação às amplas possibilidades de atuação do profissional bibliotecário e, conseqüentemente, em relação às realidades vivenciadas pelos profissionais e, por isso, cabe ao docente viabilizar situações que abram possibilidades para a descoberta de novos ambientes e a atualização contínua sobre elementos da realidade;
- i) As aulas devem propiciar espaço para reflexões teóricas e também para discussão de experiências e intercâmbio de informações, de modo a propiciar a produção coletiva de novos conhecimentos.

Fonte: extraído de FUJINO, 2004.

2.2.4.3 Experiência de campo – estágios curriculares

A temática dos estágios curriculares traz materialidade às relações entre educação, qualificação profissional e o trabalho; requerem a mobilização de vários campos do conhecimento. Essas interlocuções são agendas da Sociologia, da Sociologia da Educação, Sociologia do Trabalho, e igualmente pela Pedagogia; promovendo pesquisas interdisciplinares.

Na União Europeia, conforme expõe o Relatório Eurydice (Comissão Europeia, 2014), por exemplo, a formação prática e os estágios profissionais, em determinados programas de estudo, são regulamentados para o reconhecimento das qualificações profissionais aderindo às especificações de cada profissão; ainda, para outros programas de formação, as instituições podem decidir com mais autonomia sobre as experiências profissionais estruturadas e se devem ser opcionais ou obrigatórias. Além das regulamentações impostas pelos governos, muitos países oferecem incentivos financeiros às instituições de ensino superior e aos empregadores para elevarem o número de estágios disponíveis. Outro aspecto, contemplado na Bulgária (p. 70) “as verbas consignadas [pelo governo] destinam-se à remuneração dos estudantes, orientadores acadêmicos das universidades e orientadores profissionais (das empresas que acolhem os estágios).” Percebe-se uma visão fortemente orientada tanto para a empregabilidade quanto para desenvolvimento das competências dos estudantes reforçando sua efetividade. Verifica-se uma integração escola-trabalho, visando um desenvolvimento sustentável e otimização dos recursos com educação investidos pelos governos. Nesse sentido, a formação do trabalhador faz parte das políticas de educação e qualificação implementadas pelos Estados, considerando projetos de longo prazo, incentivos e remunerações para todos os envolvidos, alunos, orientadores e instituições.

No Brasil, as referências sobre esse assunto remetem ao projeto desenvolvimentista, a partir de 1950, e culminam em 2006 com a promoção de debates sobre a política nacional de educação profissional e tecnológica (alavancada pelo Ministério da Educação e Cultura - MEC), mas que denotam (nos resultados) que persistem no país linhas de interpretativas paralelas : *a qualificação profissional*, fica reportada ao Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE), e a *educação profissional*, particularmente as de nível médio e de graduação superior, subordinadas ao MEC, conforme Prestes e Verás (2009).

No alcance da Pedagogia, a formação do profissional da informação demanda conhecer esse engendramento e contribuições dos campos do saber, especialmente quando

tratamos da inserção dos estudantes de cursos de bacharelado e licenciatura no mercado laboral. Um mecanismo previsto pelas políticas públicas da educação é a instituição das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), que entre suas diretrizes promove o *estágio curricular* como disciplina no currículo formativo.

Souza (1999) ao analisar a situação da formação do arquivista, estabelece os pressupostos que norteavam o ensino e sua relação com a prática:

[...]consideramos fundamental o exercício prático na formação profissional do aluno [...]. Mas esse exercício não pode ser desconectado da aprendizagem realizada em sala de aula. Portanto, é necessário que a vinculação entre a instituição de ensino e o campo de estágio supere a relação meramente burocrática. Tem de existir uma articulação clara, bem definida. Uma relação pedagógica organizada, planejada para que ambos persigam a formação profissional do aluno. (SOUZA, 1999, p. 177).

No que se refere às atividades práticas no ensino de Biblioteconomia, é interessante observar que o quesito *Estágios e Atividades Complementares* (Parecer CES 492/2001 34/Biblioteconomia)¹¹⁸, está definido, de forma ampla,

Mecanismos de interação do aluno com o mundo do trabalho em sua área, os estágios serão desenvolvidos no interior dos programas dos cursos, com intensidade variável segundo a natureza das atividades acadêmicas, sob a responsabilidade imediata de cada docente. Constituem instrumentos privilegiados para associar desempenho e conteúdo de forma sistemática e permanente. Além disso, o colegiado do curso poderá estabelecer o desenvolvimento de atividades complementares de monitoria, pesquisa, participação em seminários e congressos, visitas programadas e outras atividades acadêmicas e culturais, igualmente orientadas por docentes (de preferência em regime de tutoria) a serem computadas como carga horária. (Parecer CES 492/2001 34/Biblioteconomia).¹¹⁹

¹¹⁸ <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>

¹¹⁹ Deve-se registrar que há diferenças na redação do quesito *Estágios e Atividades Complementares* para as 3 licenciaturas, para a Museologia, o texto é exíguo. Há trabalhos que enfatizam a legislação e as normalizações sobre a questão dos estágios curriculares e extracurriculares, cf.: Fujino e Silva (2016) fazem a síntese: Nas Diretrizes Curriculares dos cursos atualmente compreendidos dentro do campo da Ciência da Informação (Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia) de 2001, os estágios e atividades complementares são propostos como "mecanismos de interação do aluno com o mundo do trabalho em sua área" e como "instrumentos privilegiados para associar desempenho e conteúdo de forma sistemática e permanente". Nesse sentido, orienta para que os estágios sejam desenvolvidos no interior dos programas dos cursos, sob a responsabilidade imediata de cada docente (BRASIL, 2001). Tais orientações são complementadas pelo CNE-Conselho Nacional de Educação, em 2002, em parecer que recomenda que o projeto pedagógico de formação acadêmica e profissional a ser oferecido pelos cursos de Biblioteconomia explicitem: a) o perfil dos formandos; b) as competências e habilidades gerais e específicas a serem desenvolvidas; c) os conteúdos curriculares de formação geral e os conteúdos de formação específica ou profissionalizante; d) o formato dos estágios; e) as características das atividades complementares; f) a estrutura do curso; g) as formas de avaliação (BRASIL, 2002).

O estágio curricular, nesse sentido, é reconhecido como um importante momento para a conexão entre os estudantes, o mercado de trabalho com suas demandas e as instituições formadoras, assim intercambiantes, poderia, em mão de duas vias, propiciar experiências para a prática pedagógica na universidade. É o momento em que os estudantes terão um enfrentamento objetivo da realidade da profissão, e que sob a supervisão da instituição formadora poderiam desenvolver a crítica e as reflexões sobre as teorias em contexto apropriado para o aparecimento de dúvidas e sugestões ¹²⁰.

Nesta mesma linha, Fujino e Vasconcelos (2011) ao se debruçarem sobre a temática, constataram a veracidade da ressalva feita por Almeida Junior (2000), sobre a existência de poucos estudos que analisam de maneira concreta a formação do profissional com relação aos problemas informacionais da sociedade atual, durante o curso de graduação

As autoras pressupõem que esta carência de discussão pode estar contribuindo para um distanciamento não apenas em termos de conteúdos programáticos necessários à formação adequada do profissional, mas podem também levar à adoção de alternativas didático-pedagógicas equivocadas quando o objetivo principal deveria ser o de rever as práticas e estimular a formação de um profissional com competência para observar e analisar criticamente o seu próprio fazer.

Alentejo (2011) também apontaram a existência de poucos estudos e pesquisas que permitam avaliar a contribuição dos estágios curriculares obrigatórios à formação do bibliotecário e deduz que tal constatação pode ser um indicador de pouca integração comunicativa entre unidades de ensino e o mercado onde atuarão os futuros bibliotecários

Fujino e Silva (2016) ao investigarem a temática alertaram também para o problema da comunicação entre as instituições de ensino superior e os conselhos profissionais, o que

¹²⁰ Há trabalhos que enfatizam a legislação e as normalizações sobre a questão dos estágios curriculares e extracurriculares, ver: (xxxx) Fujino e Silva (2016) fazem a síntese : Nas Diretrizes Curriculares dos cursos atualmente compreendidos dentro do campo da Ciência da Informação (Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia) de 2001, os estágios e atividades complementares são propostos como "mecanismos de interação do aluno com o mundo do trabalho em sua área" e como "instrumentos privilegiados para associar desempenho e conteúdo de forma sistemática e permanente". Nesse sentido, orienta para que os estágios sejam desenvolvidos no interior dos programas dos cursos, sob a responsabilidade imediata de cada docente (BRASIL, 2001). Tais orientações são complementadas pelo CNE-Conselho Nacional de Educação, em 2002, em parecer que recomenda que o projeto pedagógico de formação acadêmica e profissional a ser oferecido pelos cursos de Biblioteconomia explicitem: a) o perfil dos formandos; b) as competências e habilidades gerais e específicas a serem desenvolvidas; c) os conteúdos curriculares de formação geral e os conteúdos de formação específica ou profissionalizante; d) o formato dos estágios; e) as características das atividades complementares; f) a estrutura do curso; g) as formas de avaliação (BRASIL, 2002).

na opinião das autoras, leva a conflitos entre os objetivos de cada uma das partes, e a dificuldades de revisão do papel do estágio curricular tradicional nos novos ambientes de trabalho, dissociados de tempo e espaço. As autoras registram que:

[...] na CI, ainda há pouca discussão, entre e nas três subáreas que a compõem, sobre os princípios pedagógicos que orientam a disciplina e, particularmente, na Biblioteconomia, observa-se conflito de interesses entre o objetivo acadêmico da atividade, que é propiciar aos estudantes espaço para compreensão dos novos ambientes de trabalho, e as orientações do respectivo Conselho Profissional para que os alunos desenvolvam estágios em locais com profissionais credenciados. (FUJINO; SILVA, 2016).

Pode-se dizer que há vários aspectos envolvidos na discussão, a disciplina de estágio está associada à função de permitir a experiência do aluno no mundo do trabalho, que se verifica amplo e em mutação. Também, está associada à capacidade de entender o espaço institucional onde vai desempenhar seu papel. A experiência nesses diferentes contextos poderá garantir essa competência comportamental. Outro aspecto relevante é que nem sempre haverá profissionais bibliotecários nesses espaços, o que pressupõe impedimento para o acesso do aluno, entretanto é a possibilidade da orientação docente, na instituição formadora que poderia suprir essa lacuna legal.

Outro ponto é uma maior participação institucional, avaliando previamente as áreas e locais onde esses alunos poderão desenvolver o estágio curricular. A disciplina de estágio faz parte da estrutura curricular, e como consta da lei é responsabilidade da instituição de ensino e não pode ser substituída pelo papel do profissional bibliotecário responsável pelo estagiário, pois o objetivo da disciplina é totalmente diverso do estágio profissional. Também não pode estar subordinada a decisões do Conselho Profissional, pois fere o princípio da autonomia acadêmica. Esta discussão tem como base, a nosso ver, a compreensão sobre as diferentes responsabilidades que cabem às instituições de ensino superior e aos conselhos profissionais. Cabe lembrar que as instituições de ensino superior têm como pressuposto a formação para o mundo do trabalho e, neste sentido, têm a responsabilidade de atuarem no sentido de ampliar o potencial de empregabilidade dos bacharéis, considerando prospecção de espaços futuros e não o mercado atual, limitado e circunscrito às circunstâncias econômico-sociais-tecnológicas do momento. Os conselhos

profissionais, por atuarem com o foco na fiscalização do exercício profissional, acabam por se distanciarem dos aspectos formativos, razão pela qual há dissociação de objetivos.

Pimenta e Lima (1997) destacam a distância entre a fundamentação teórica obtida e a realidade social no qual práticas educativas se desenvolvem, em suas pesquisas sobre a formação de pedagogos. Para as autoras,

o estágio se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental. Enquanto campo de conhecimento o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas. (PIMENTA, LIMA, 1997).

Neste contexto de pesquisa a instituição formadora teria um instrumento de avaliação analítica, podendo redirecionar esforços a fim de implementar a prática pedagógica.

De acordo com as pesquisas realizadas na área de CI (BERAQUET, 2002; ALENTEJO, 2011; HORTA, 2005; FUJINO, LIMA, 2008), há a necessidade de se extrapolar a ideia de se restringir a etapa dos estágios a experiências funcionais, para revelar uma possibilidade de se formar redes de saberes, podendo expandir conteúdos que melhor atenderiam as especificidades da formação/profissão nos novos ambientes de trabalho, e o desenvolvimento integral das capacidades cognitivas.

Observa-se que o subtema dos estágios carece de estudos da área, embora tenham sido previstos como parte da estratégia pedagógica que se espera realizadora.

2.2.4.4 Formação Continuada e Ensino a Distância

A educação continuada e o Ensino a Distância (Ead) fazem parte do grande tema da formação profissional, e alcançam todas as profissões. É certo que todo profissional necessita de atualização constante no conhecimento da própria profissão. Reportando-nos ao caso dos profissionais da informação, Barros (2009) faz uma ressalva que envolve esta temática:

Parece-nos que ainda não houve distanciamento suficiente, inclusive no tempo, para podermos avaliar o impacto da informação, em suas “novas roupagens” [...]. Em nosso entender, essas roupagens decorrem de novos recursos, novos enfoques, novas técnicas, novas dimensões, novas necessidades, novos aparatos, mas, fundamentalmente, de novos conceitos e, conseqüentemente, de novas abordagens e novos ângulos de análise sobre os modos de uso e de aproveitamento. [...] “o constructo (sempre inacabado) da teoria e da prática da informação, [estará relacionado] com implicações que envolvem aspectos diversificados [...]”. (BARROS, 2009, v.)

De acordo com a acepção de Barros (2009, v), a cada transformação dos meios modificam-se também as condições do processo. Verifica-se um intenso movimento “tanto por parte dos agentes, quanto daqueles que se acham envolvidos com a informação, na qualidade de afetados por ela.” Nesse contexto de mutações, é razoável pensar que o ensino formal da graduação não seja suficiente para acompanhar essas alterações; alinhando à perspectiva exposta por Barros (2009, vi), a educação continuada deveria ser entendida, em parte, como solução de problemas, e outra como a possibilidade de um diálogo articulado entre os mundos formativo e profissional.

No entendimento de uma opção de “aprimoramento profissional”, a educação continuada, na área de CI, fortemente se associa a adaptação às tecnologias de informação e comunicação, além do contexto sociotécnico, que introduziu a dimensão comportamental (CURI; RODRIGUES; LUCK, 2015)¹²¹ verificaram em sua pesquisa recente sobre educação continuada e EAD em uma instituição de ensino superior, que

(a) há preferência por cursos de curta duração – que tratam de tópicos pontuais relacionados à prática biblioteconômica, do tipo atualização ou aperfeiçoamento, acredita-se que os profissionais buscam por capacitação neste nível mais pragmático da profissão; (b) os gestores consideram que os profissionais se esforçam, por conta própria para manterem-se atualizados. Há uma preocupação com ações de formação continuada, o que é muito positivo, mas pouco retorno quanto a troca de informações e dúvidas levantadas; (c) para os chefes, fica evidente que os profissionais sob sua supervisão, apresentam certo domínio nas áreas técnicas, inerentes à função de bibliotecário, mas ainda assim precisam ser aperfeiçoadas. Dentre as áreas que precisam ser melhoradas destacam-se o maior percentual referente ao uso de tecnologias, seguido do processamento técnico [...]. (CURI; RODRIGUES; LUCK, 2015).

¹²¹ CURI, C.; RODRIGUES, M.E.F.; LUCK, EH, (ENANCIB, 2015). Constatou-se que há um total de cento e trinta e três (133) bibliotecários lotados na S.D.C/UFF, vinte e um (21) dos quais se encontram licenciados ou cedidos. Deste total, vinte e seis (26) são bibliotecários-chefes de unidades e sete (7) são bibliotecários-chefes de setor. Outros setenta e nove (79) desenvolvem atribuições, inerentes à profissão de bibliotecário. Portanto, o universo desta pesquisa é formado por cento e doze (112) profissionais.

As autoras constataram que embora haja uma política de formação continuada disponibilizada pela instituição contratante, os bibliotecários-gestores, em maioria, disseram que desconhecem tal política, e que não há um documento formal que incentive a atualização constante desses profissionais. A estatística se repete quanto aos bibliotecários: a maioria afirma desconhecer a existência de uma política formal para capacitação contínua desse tipo de profissional, e a minoria reconhece a existência de algumas iniciativas nesse sentido, mas não consideram uma política estabelecida, até porque, segundo um respondente, “uma política de educação continuada significa algo mais amplo e com recursos, inclusive financeiros” (CURI; RODRIGUES; LUCK, 2015).

Percebe-se que a formação continuada de bibliotecários é uma temática relevante no âmbito da biblioteconomia e da CI, porém há carência de estudos nesse sentido, e uma evidência de descompasso entre o desejado e o realizado, pela falta de direcionamento quanto aos objetivos que a categoria pretende alcançar. Pode-se questionar se a área pretende uma adequação a fim de ultrapassar esses distúrbios internos, ou a redefinição da profissão, segundo Mueller (2004).

Assim, na dinâmica do mundo do trabalho dos profissionais da informação pode-se verificar algumas dimensões, quanto ao provimento de opção para esse aprimoramento profissional, nas quais três modalidades se destacam: a) cursos e especializações disponibilizados pelas organizações, tendo sido contextualizada; b) graduação em biblioteconomia, e c) pós-graduação-acadêmica ou profissional e especializações de curto prazo (patrocinadas pelos profissionais).

Entre os cursos oferecidos a distância, ou com pretensão de oferecimento (ainda não ativos), destaca-se o da Universidade Aberta do Brasil: o BibEaD, iniciativa da CAPES com o CFB, gerenciado por docentes da UFRJ, desde 2014 e ainda não ativo. Surgiu a partir da percepção da falta de bibliotecários nos polos de educação a distância, visando prover tanto esses polos, como também bibliotecas que não possuem esse profissional em suas equipes (RUSSO; FONSECA; BARBALHO, 2012), tais como bibliotecas públicas e escolares, que acabam tendo professores e outros profissionais atuando na falta de bibliotecários (RUSSO; FONSECA; BARBALHO, 2012). O curso deve ser oferecido por instituições de ensino superior públicas, em 8 eixos com total de disciplinas totalizando 2685 horas, já incluindo estágio (CARVALHO, RUSSO, SÁ, 2015).

O mercado de profissionais bibliotecários é composto por cerca de 3 mil profissionais, formados por 43 cursos presenciais (CARVALHO; RUSSO; SÁ, 2015, p. 626), e esse número pode aumentar com o oferecimento de cursos de graduação a distância. A Biblioteconomia brasileira já conhece outros cursos a distância há cerca de uma década, seja para atualizar profissionais já formados, ou para atender suas demandas para treinamentos específicos. Outros cursos, além do BibEaD são destacados por Russo (2016b): da Universidade de Caxias do Sul (oferecido apenas em EaD e desde 2012, com 2.490 horas/aula em 158 créditos de 40 disciplinas); da Universidade Salgado de Oliveira (oferecido apenas em EaD e desde 2014, com 2.665 horas/aula em 177 créditos de 46 disciplinas obrigatórias e 02 optativas); e da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (previsto para oferecer 179 créditos de 42 disciplinas).

Entre as vantagens da Biblioteconomia EaD estão a autonomia e flexibilização de tempo e espaço para cada aluno (economizando tempo e recursos), e as possibilidades de oferecimento fora das grandes cidades (suprindo a carência de profissionais nessas áreas), de inclusão (inserindo mais cidadãos ao aumentar a oferta de vagas de cursos superiores), de usar os materiais didáticos também nos cursos presenciais e de usar tecnologias colaborativas como ferramentas (inclusive produzindo conteúdos) e aumento da representatividade da categoria bibliotecária, por possibilitar formar mais profissionais (RUSSO, 2016a, 2016b).

Destaca-se que no curso BibEaD a seleção de conteudistas formou uma equipe de 37 autores (24 doutores e 13 mestres) e 41 leitores críticos (34 doutores e 7 mestres), sendo experientes em materiais didáticos EaD 25 dos autores e 29 dos leitores críticos (CARVALHO; RUSSO; SÁ, 2015). Porém, não houve a preocupação de conciliar o currículo com um formato moderno, pensando em EaD e as novas mídias.

Destacam-se no contexto de ensino à distância na área de Biblioteconomia pontos de dificuldade também, como manter equipes e estrutura física e tecnológica adequada nos polos, um sistema de aprendizagem virtual e um repositório (RUSSO, 2016a, 2016b), além de capacitação aos envolvidos, e as destacadas abaixo:

No entanto, percebe-se que o caminho – nesse contexto no Brasil – apesar de ter avançado muito, ainda necessita de investimentos, principalmente, no seu entorno: acesso aos equipamentos tecnológicos, fortalecimento das redes de comunicação, mais capacitação para os atores envolvidos etc. Dessa forma, será possível ampliar o compartilhamento de ideias, o que significaria trazer para o ambiente do curso os contextos dos alunos, facilitando assim o convívio com as diferenças e a aprendizagem colaborativa. (CARVALHO; RUSSO; SÁ, 2015, p. 626).

A questão curricular poderia ser destaque nos estudos sobre a educação continuada; a promoção e sistematização desses estudos pela pós-graduação também poderia fornecer subsídios para a discussão dos parâmetros formativos, suas necessidades e sua atualização.

A temática da *educação a distância* merece destaque, ao se considerar que, embora seja uma alternativa para a ampliação de oportunidades para a formação, o aperfeiçoamento e a especialização dos profissionais em diferentes áreas do conhecimento, nos estudos da área sobre a temática é frequentemente correlacionada ao suporte que os profissionais da informação podem fornecer aos cursos desta modalidade, e pouco se verifica quanto à aplicação deste recurso para a educação continuada dos profissionais da informação.

Almeida e Baptista¹²² (2009, p. 10 citados por CURI; RODRIGUES; LUCK, 2015) consideram que “[...] a atual conjuntura impõe ao profissional maior domínio sobre tecnologias que se diversificam rapidamente. O que irá exigir do bibliotecário um aperfeiçoamento e renovação de seus conhecimentos”. Portanto, para esses autores “o investimento na educação continuada deve ser feito para acompanhar o ritmo das mudanças tecnológicas”.

Porém, acredita-se que a educação continuada deve envolver vários programas, desde a graduação, a pós-graduação, entidades e associações de classe, visto seu potencial em prover a área quanto a necessidade de proporcionar recursos necessários para se adequar às competências profissionais e informacionais demandadas.

Deve-se evitar, todavia, que a formação que o graduando não teve na universidade, venha a precisar, posteriormente, ser compensada por meio da formação continuada. Esse alerta perpassa as discussões que tem havido na área da Educação no Brasil. Bernadete

¹²² ALMEIDA, N.B.F.; BAPTISTA, S.G. Profissional da Informação: imagem, perfil, e a necessidade de educação continuada. **RICI: Revista Ibero Americana de Ciência da Informação**, Brasília, DF, n. 2, p. 1-14, ago/dez. 2009.

Gatti¹²³ expõe que “a concepção de formação continuada é um aperfeiçoamento profissional e cultural que se tem ao longo da vida”, representa um aprofundamento da formação, todavia, vê-se no Brasil “que significa dar a formação básica em educação que não foi passada pelas licenciaturas. Isso é visível pela natureza dos programas de formação continuada do MEC e das secretarias de Educação” (Revista Fapesp, p. 27, 2018).

Discutindo essa questão no ambiente acadêmico formativo dos profissionais da informação, torna-se importante reavaliar os projetos pedagógicos dessas graduações, a fim de se definir quais as propostas de educação continuada a serem oferecidas pelas instituições de ensino.

A opção de cursar a pós-graduação como caminho da educação permanente é uma prática dos profissionais da informação, principalmente daqueles que trabalham em instituições de ensino superior. A possibilidade de ascender na hierarquia, a opção pela docência são motivos frequentemente encontrados. Os cursos de pós-graduação profissional vêm, aos poucos, sendo implantados nas instituições, embora Miranda, em 2000, prescrevia que

O surgimento de mestrados profissionais, incentivados pelo governo, deverá acelerar a mudança de perfil dos mestrados do país, atraindo candidatos com menos interesse pelas temáticas mais acadêmicas, e, em oposição, mais interessados na solução de problemas de suas instituições de origem. Modelagem de sistemas, produtos e serviços, avanços em testes e certificações tecnológicas e nas metodologias de planejamento e avaliação de sistemas devem emergir, em consequência. (MIRANDA, 2000, p. 288).

Entretanto, especialmente no GT6/ENANCIB, ainda não são encontrados trabalhos sobre a inserção desses profissionais, mestre profissional¹²⁴, provavelmente pelo fato de os cursos na área serem recentes e os programas não terem avaliação da própria CAPES. Não foram identificados nesta pesquisa, estudos sobre formação e empregabilidade destes profissionais antes e após a conclusão dos cursos.

¹²³. Gatti, B. A. Entrevistador: Léo Ramos Chaves. **Por uma política de formação de professores..** Pesquisadora da Fundação Carlos Chagas. Revista FAPESP 267, p. 27. Entrevista

¹²⁴ O Mestrado Profissional (MP) é uma modalidade de Pós-Graduação stricto sensu voltada para a capacitação de profissionais, nas diversas áreas do conhecimento, mediante o estudo de técnicas, processos, ou temáticas que atendam a alguma demanda do mercado de trabalho. <http://capes.gov.br/>.

2.2.4.5 A atuação da ABEBD e ABECIN

A Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN) tem publicado em seu endereço na internet¹²⁵ o histórico de suas atividades, sendo que o último registro é a chamada para o VII ENECIN, evento realizado em 2017, na Cidade de Marília, Estado de São Paulo, que teve como tema central: “Desafios e Perspectivas para a Formação na Área de Ciência da Informação”. De acordo com a nota, teve por finalidade “debater o momento político-econômico e sua inter-relação com a formação discente, bem como refletir sobre os desafios e perspectivas para a formação e atuação no mundo do trabalho”. O evento aconteceu durante o XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (XVIII ENANCIB). Todavia, ainda não se tem relatório sobre esse encontro. Também não foi possível localizar os relatórios dos encontros anteriormente realizados, dispostos em anais ou documentos.

A ABECIN sucedeu a Associação Brasileira de Escolas (ou de Ensino) de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD) que esteve em atividade durante os anos 1967 a 2000.

Chagas de Souza (2006, 2008) desenvolveu estudos sobre a atuação da entidade ABEBD, constituindo sua historiografia. O autor descreve a trajetória da temática da educação em Biblioteconomia no Brasil, acompanhando as discussões relativas ao ensino e profissionalização desde as primeiras edições do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBD), de 1954 até 1965, posteriormente dando origem à ABEBD, criada em 1967.

O autor afirma que nas décadas iniciais os profissionais bibliotecários tinham uma visão bastante significativa que a profissão dependia de uma boa educação profissional, para construir um futuro promissor. (SOUZA, 2011). As discussões sobre a formação profissional tomaram lugar nessa associação de escolas, que se constituiu em fórum de análise das questões suscitadas pelo ensino de Biblioteconomia e Documentação.

Bufrem e Freitas (2015, p. 8) mencionam que os objetivos da ABEBD se pautaram, entre outros, pela agregação do corpo docente das escolas de biblioteconomia a fim de

¹²⁵ Disponível : <http://abecin.org.br/documentos/documentos-abecin/>. Acesso: 12 dez. 2017.

obter unidade nas propostas de solução de problemas; planejar o desenvolvimento da formação profissional; atuar incentivando a formação e o aperfeiçoamento do pessoal docente; sugerir o estabelecimento de requisitos mínimos de regime de estágio e bibliotecas-laboratório, propondo adoção generalizada desta diretriz; em busca de fortalecer e valorizar o ensino e a pesquisa. Apontam que “esses objetivos orientaram as ações das escolas, incentivando estudos e eventos [...] em prol do planejamento educacional, qualificação e intercâmbio docente, infraestrutura de ensino, gestão de escolas, assistência ao discente e produção científica”.

Em seus estudos Souza (2012a) indica que houve “o cruzamento de interesses entre essa entidade e o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)”, decorrendo numa “subordinação do ensino de biblioteconomia aos interesses da preparação de profissionais para a atuação com a Informação Científica e Técnica” (p. 81). O autor avalia que

esse cruzamento de interesses se manifesta, particularmente, quando o Currículo de Biblioteconomia aprovado em 1982, e em sua implantação, foi tomado como um currículo que tornava o Curso de Graduação em Biblioteconomia vocacionado para a preparação de bibliotecários, que atuariam nesse segmento, evidenciando uma forte valorização do discurso da CI. (SOUZA, 2012a, p. 81).

Chagas de Souza relaciona esta articulação da Biblioteconomia com as diretrizes do IBICT às estratégias desenvolvimentistas do país, submetendo a profissionalização da biblioteconomia à visão tecnicista da informação, como apresentado no estudo de Tarapanoff (1997) e na citação de Correia onde Célia Zaher, Coordenadora do IBICT, relata que os bibliotecários eram instados a fazer cursos de programação de computadores.

Assim, em 2011, Chagas de Souza sintetiza a participação da ABEBD (1967 -2000) na evolução do currículo de Biblioteconomia no Brasil:

- 1) Levou a uma evolução curricular, mas não foi a evolução desejada, nem com equilíbrio e nem comunicação especialmente entre as áreas curriculares, porque elas continuaram isoladas.
- 2) Não se deu como ação institucionalmente planejada, contando com planos de ação pré-concebidos. Por isso, os resultados foram aleatórios. As escolas continuaram a atuar isoladamente.

- 3) Que a ABEBD sempre foi uma associação de docentes; ela transcende a dimensão institucional; é um grupo de pessoas preocupadas com determinadas questões. [...].
- 4) Que há um ponto alto na trajetória da ABEBD, que se dá no final dos anos 1990 e resulta nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Biblioteconomia aprovadas em 2001 (SOUZA, 2011, p. 211)

Souza destaca esse momento como sendo de forte ação política da associação, podendo ser a primeira vez que “a Comunidade docente de Biblioteconomia fez um movimento político, para fazer valer aquilo que ela já havia discutido e acordado” (2011, p. 211), denotando dificuldade de se fazer valer as decisões da associação, sob pressão da corporação e do desestímulo em mudar por parte das escolas.

O último encontro da ABEBD ocorreu durante o Seminário realizado na cidade de Porto Alegre, RS, nos dias 26, 27 e 28 de setembro de 2000. Nesse evento estiveram reunidos os diretores e representantes de 22 escolas de graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação do país, tendo como presidente a Profa. Dra. Vera Silvia M. Beraquet. O destaque daquele momento era a mudança curricular para a área.

A Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN), é sucessora da Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (ABEBD, 1967-2001)¹²⁶; apresenta-se em seu site como uma entidade que visa promover o debate sobre a formação de profissionais atuantes nessa área, reunindo os próprios profissionais e organizações educacionais para aperfeiçoarem a pesquisa que ensinam e praticam. Está sediada no Departamento de Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), na cidade de Marília (SP.)

Em seu site coloca-se como formada por docentes e entidades educacionais ou ligadas à Ciência da Informação, e pretende fomentar conhecimento tanto sobre práticas/atividades de ensino-aprendizagem e pesquisa, como conhecimento sobre meios de ensino, diretrizes curriculares e outras questões que lhe são necessárias, visando fortalecer o corpo profissional do campo dos profissionais da informação, articulando seus diversos segmentos (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2016).

¹²⁶Segundo Francisco Chagas de Souza, foi criada em 1967 e teve uma “extinção não jurídica em 2001” (SOUZA, 2011, p. 204).

São quatro linhas fundamentais em seu trabalho:

- 1 - Os saberes dos conteúdos do respectivo campo já existentes e prontos para serem utilizados, transmitidos, adaptados e transformados;
- 2 - Os saberes de como realizar a transposição didática desses conteúdos para a formação das competências, habilidades e atitudes dos profissionais egressos dos cursos;
- 3 - Os saberes derivados da transposição didática e seu efeito na consolidação dos saberes profissionais nos egressos dos cursos;
- 4 - Os saberes sobre os melhores métodos e técnicas de ensino a serem empregados na formação das habilidades e das atitudes esperadas pelos usuários dos serviços prestados pelos egressos da escola. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2016).

Utiliza dados abertos de sites governamentais como indicadores, utilizando informações de instituições como Ministério da Educação (MEC) e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) para que instituições e docentes possam ter um panorama atual dos cursos da área.

Promove concursos de TCC e eventos diversos, como um seminário nacional e encontros regionais de Educação em CI (ENECIN e ERECIN) e o Seminário Nacional de Avaliação Curricular (SNAC), além de oficinas e seminários pedagógicos. Informações sobre seus eventos estão disponíveis em página exclusiva (<http://abecin.org.br/eventos/>).

Publica em acesso aberto a **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação (REBECIN)** e e-books na Coleção Estudos ABECIN e Coleção TCC, e promove cursos.¹²⁷

¹²⁷ Fonte: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. Disponível em: <<http://abecin.org.br/sobre/>>. Acesso em: 27 jan. 2018. SOUZA, Francisco das Chagas de. A ABEED e o currículo de bacharelado em Biblioteconomia no Brasil, de 1967 a 2000. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 21, n. 1, p. 203-212, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/4054/5608>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

3 CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

Buscou-se uma proposta metodológica de pesquisa que pudesse superar, quanto possível, a dispersão das análises nos estudos, dada a diversidade de interesses e a necessária presença da liberdade científica. Adotou-se a metodologia da pesquisa exploratória e documental, envolvendo levantamento, seleção e revisão bibliográfica sobre o tema. Aplicamos os referenciais teóricos-metodológicos da bibliometria e análise de conteúdo para atender a necessidade da reflexão sistemática.

3.1. CONSTRUÇÃO DO PANORAMA TEÓRICO

Na construção do panorama teórico deste estudo, optamos por contextualizar os obstáculos e as perspectivas que a formação profissional enfrenta na atualidade. O avanço tecnológico angariou uma posição de autoridade na sociedade; o eixo Informação tomou uma dimensão superlativa na sociedade pós-industrial, e as questões técnicas e operacionais da tecnologia da informação disputam destaques e valores na pauta da educação formativa. Especialmente debatido na Ciência da Informação, é um campo de disputas, devido à sua polissemia e abrangência do conceito de informação, e pelas várias possibilidades de interação do objeto informação e as atividades humanas. Miranda e Mueller (2002, 2004) exploram o debate para observar a área quanto às conquistas jurisdicionais obtidas, e questionar a evolução da profissão.

Outro aspecto desafiador é tratar da educação superior na sociedade da informação. O perfil discente mudou, e somado a isto, mostra-se presente uma lacuna entre as metodologias de ensino e avaliação, já utilizadas pelos docentes e outras ventiladas como mais adequadas aos processos de aprendizagem. Há a necessidade de repensar o papel das instituições de ensino (PIMENTA, ALMEIDA, 2009), a universidade (SANTOS, 2000), e reformular os percursos formativos para adequá-los às configurações da sociedade contemporânea, suas políticas, fontes e práticas de informação (RUÉ, 2009 ; ANASTASIOU, 2006; PIMENTA; ALMEIDA, 2009; SOUZA, 2006, 2008; FUJINO, 2004; FUJINO; LIMA, 2008; RODRIGUES, 2012).

O mundo do trabalho se transformou fortemente, além das transformações tecnológicas, reflete as transformações da macroeconomia; com a globalização houve

mudanças na organização das empresas e espaços de trabalho, que somados atuam sobre os processos de trabalho, com demandas sob a performance dos trabalhadores (HARVEY, 1992; BERARDI, 2005; HIRATA, 1999; SANTANA, 2005); no campo de trabalho dos profissionais da informação, há intensa transformação no perfil profissional demandado (CRIVELLARI; CUNHA, 2004).

Nesse contexto, propõe-se apresentar, analisar e discutir a temática da formação e trabalho dos profissionais da informação, da perspectiva do conhecimento científico, “com o propósito de ultrapassar o senso comum do subjetivismo e alcançar o rigor científico necessário”, considerando as transformações necessárias, conforme proposto por Bardin (2006).

3.2. MÉTODOS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Este estudo teórico sobre a formação do profissional da informação mobilizou fontes bibliográficas da produção científica da CI no Brasil, considerando os dados levantados como objeto empírico. Foram selecionados trabalhos dispostos em três fontes: a partir da produção científica da Pós-graduação, teses e dissertações (fonte primária), dos programas de Pós-graduação em CI no Brasil (IES qualificadas pela CAPES); comunicações disponíveis nos Anais do ENANCIB, exclusivamente do GT-6 (fonte primária) e artigos científicos recuperados na Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) (fonte terciária). O recorte temporal elegeu publicações entre 2007 e 2016, por considerar que o período de uma década possa traduzir o conhecimento científico atual sobre a temática. De acordo com Gil (2002, p. 45):

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.

Na escolha das fontes, considerou-se os principais veículos de comunicação da produção científica da Ciência da Informação no país, foram considerados: revistas e trabalhos de um evento específico, além das teses e dissertações. Cumpre esclarecer que

foram realizadas pesquisas preliminares sobre o tema, de forma ampla, e que antecederam as opções pelo recorte temporal e fontes específicas escolhidas para o estudo de tese. Essas pesquisas foram realizadas em bibliotecas físicas e virtuais, além do uso das referências pertencentes à bibliografia das disciplinas cursadas pela autora durante o curso de pós-graduação, e na internet livre. Naquele momento proporcionaram o mapeamento da temática e a elaboração de listas e tabelas com as referências selecionadas. Essas pesquisas formaram um conjunto consistente de estudos sobre a temática formação e trabalho do profissional da informação, e subsidiaram artigos da autora sobre o tema, oportunamente apresentados em congressos e publicações.

De acordo com Mueller (2013, p. 7), “o conhecimento científico é gerado por pesquisadores que submetem seus resultados de pesquisa à avaliação da comunidade científica recebendo dela, quando aprovado uma certificação [...]”, o que indica que a condição de científico de um conhecimento é decorrência do consenso entre os cientistas e seus pares, materializada pela publicação do artigo em revistas referendadas e outras fontes de informação reconhecidas pelo grupo de pesquisadores. Pode-se afirmar que “um dos principais atributos do conhecimento científico é que ele deve ser público, acessível a qualquer interessado, que pode fazer uso dele como quiser desde que cite sua origem”(MUELLER, 2013, p. 7).

Assim, o processo metodológico desta pesquisa foi iniciado pela pesquisa bibliográfica, considerando aquela delimitada pelo contexto da CI, sendo: teses e dissertações, comunicações científicas e artigos de periódicos, sobre a temática: a formação profissional, campo de trabalho e atuação profissional e o trabalho informacional como campo de pesquisas. A coleta final dos materiais para atualização dos dados ocorreu no período de novembro a dezembro de 2017.

Os procedimentos metodológicos tiveram como base as técnicas de bibliometria e cientometria, por serem técnicas aplicadas na mensuração de quantidades, ocorrências, incidências de informação científica (MUELLER, 2013). Observa-se em Oliveira e Grácio (2011) citadas por Mueller (2013), a descrição desses estudos:

Os “Estudos Métricos” compreendem o conjunto de estudos relacionadas à avaliação da informação produzida, mais especialmente científica, em diferentes suportes, baseados em recursos quantitativos como ferramentas de análise. Fundamentados na sociologia da ciência, na ciência da informação, matemática, estatística e computação, são estudos de natureza teórico-conceitual, quando contribuem para o avanço do conhecimento da própria temática, propondo novos conceitos e indicadores, bem como reflexões e análises relativas à área. São, também, de natureza metodológica, quando se propõe a dar sustentação aos trabalhos de caráter teórico da área onde estão aplicados (OLIVEIRA; GRÁCIO, 2011 apud MUELLER, 2013). (grifo nosso).

Os repertórios de informação encontrados em instituições de pesquisa, como universidades e cursos de pós-graduação, teses e dissertações; [...] ¹²⁸; também são fontes para estudos métricos (MUELLER, 2013). Velho (1994, p. 319) orienta que publicações como as pesquisas científicas e artigos de periódicos devem ser tomadas como unidades de análise, que serão contadas, relacionadas e mapeadas de distintas maneiras com o objetivo de promover uma estratificação dos dados e sua representação gráfica, permitindo observar os níveis e domínios da temática.

O levantamento destacado nesta pesquisa foi definido pela data de publicação entre 2007 e 2016; os materiais selecionados e recolhidos nas três fontes constituíram o universo da pesquisa: a produção científica (teses e dissertações) da Pós-graduação do PPGCI; Anais do ENANCIB - GT-6 e BRAPCI, alimentaram listas e tabelas que foram nomeadas pela autora, por :

- a) Base da Pós-Graduação (PPGCI) -**PÓS-GRAD**;
- b) Base do **ENANCIB – GT6 Anais**
- c) Base **BRAPCI**:

a) **Pesquisas da Pós-graduação – (PÓS-GRAD)** – A seleção de pesquisas da Pós-graduação refere-se à mestrados e doutorados, no Brasil, desenvolvidos no período 2007-2016, disponíveis nas Bibliotecas Digitais de Teses e Dissertações das Instituições de Ensino Superior (IES) que mantêm os Programas PPGCI; Catálogo de Teses e Dissertações - *CAPES*, e/ou *BDTD* - Banco de Dados de Teses e Dissertações. A busca priorizou as publicações nas

¹²⁸ Muller, (2001, p. 9), acrescenta que “no Brasil, as agências de fomento CAPES e CNPq produzem informações sobre vários aspectos, fornecendo dados importantes para importantes para o estudo de atividade científica e tecnológica brasileira. Há ainda estudos baseados em dados obtidos em *sites*, *blogs* e redes sociais.”

bibliotecas digitais das IES dos Programas de PPGCI, podendo assim realizar a prospecção da temática do estudo, com seleção inicial por busca de descritores em *Título + Palavra Chave + Recorte Temporal Inicial*. Mapeou-se a incidência da temática, dispondo em planilhas descritivas contendo dados referenciais, tais como: ano de publicação; origem (IES); nível acadêmico (ME/DO); nome do autor; nome do orientador; título; palavras-chave e endereços eletrônicos.

De acordo com Castro (1992, p. 69),

[...] em universidades, a produção é concebida em termos de publicação de resultados de pesquisa, considerando-se a publicação como uma forma concreta de participação do cientista em atividade científica.

Deste modo, buscou-se a produção da científica dos Programas da Pós-Graduação em CI nas instituições: Universidade de Brasília (UnB); Universidade de Londrina (UEL); Universidade de São Paulo (USP); Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP); Universidade Federal da Bahia (UFBA); Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Universidade Federal do Pernambuco (UFPE); Universidade Federal Fluminense (UFF). Houve a identificação de pesquisas em programas de pós-graduação interdisciplinares, e, neste caso, foram feitas as verificações necessárias para identificar a sua compatibilidade com a temática, uma vez que pesquisadores oriundos da CI, que atuam nos cursos de graduação em Biblioteconomia, muitas vezes atuam em programas de pós-graduação da área interdisciplinar, a exemplo de trabalhos apresentados pela UFSCar.

Vale ressaltar que a busca de pesquisas nas bases da CAPES e BDTD auxiliaram a verificar apropriadamente o conteúdo das pesquisas quando os dados/referências das obras eram incompletos, ou com endereços eletrônicos (*link*) quebrados.

b) Comunicações científicas nos Anais do ENANCIB GT6 – (ENANCIB-GT6) – são comunicações orais disponíveis nos anais dos Encontros e disponíveis nos sítios das universidades que sediaram os eventos e no Portal de Eventos - ANCIB¹²⁹¹³⁰. A alternativa de

¹²⁹ Disponível em : <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/index>>. Acesso em : 11 nov. 2017

se utilizar essas fontes se deve à opção metodológica de se compor listas de trabalhos relacionando autores e categorias temáticas por ano/GT6 – Educação, Informação e Trabalho, de acordo com a relação de trabalhos aprovados para o evento/ano. Entende-se que a produção científica apresentada nesses encontros científicos, especialmente em GTs específicos, se caracteriza pela intenção de manter uma “[...] ação contínua, em diálogo permanente entre os interessados e identificados com as temáticas abordadas pelo Grupo”, conforme assertiva de Souza (2008, p. 136).

c) Artigos indexados – **BRAPCI** – são artigos científicos recuperados na Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), como opção metodológica para coleta e análise de dados empíricos da produção científica (BUFREN, FREITAS, 2015). Esta base disponibiliza atualmente 18536 textos publicados em 57 periódicos nacionais da área de CI. E, ainda publica 2482 trabalhos em eventos¹³¹.

- ***Sobre o recorte temporal***

A pesquisa bibliográfica foi empreendida num período largo, a documentação foi levantada durante o curso de doutoramento e utilizada para fundamentar outros estudos da linha de pesquisa que a autora participa e subsidiar publicações. Decidiu-se compor o *corpus* de análise quantitativa e qualitativa pelo recorte temporal que abrange 2007 a 2016. A opção metodológica se justifica não apenas por cobrir a última década de produção na área, mas também pelo enfoque proposto no VI ENANCIB para se agregar trabalhos na temática “*Informação Educação e Trabalho*”, conforme afirma Souza (2008, p. 136):

¹³⁰ Entretanto, há outra fonte de pesquisa disponível, trata-se do repositório BENANCIB que oferece para busca/consulta (data/autor/título/palavras-chave/assunto) os trabalhos apresentados nos eventos ENANCIB. Este recurso estava em construção durante o período da pesquisa bibliográfica, porém é um importante instrumento auxiliar disponível. Está identificado em seu endereço institucional: “*Este é o Repositório do Projeto de Pesquisa “Questões em Rede”. Nele hoje temos disponíveis para busca os trabalhos e palestras apresentados nos Encontros Nacionais de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação - ENANCIBs, desde sua primeira edição em 1994 na Coleção BENANCIB. Criado pelo Grupo de Pesquisa “Informação, Discurso e Memória”, da Universidade Federal Fluminense, cadastrado no CNPq, em parceria com a ANCIB, é viabilizado por financiamento da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (FAPERJ), Bolsas do CNPq e pelo apoio técnico da Superintendência de Tecnologia da Informação – STI/ UFF, onde também está hospedado.*”

¹³¹ BRAPCI – Disponível em :<<http://www.brapci.inf.br/>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

[...] o GT6 deliberou ao final do VI ENANCIB que seu nome deverá ser “*Informação, Educação e Trabalho*”, a fim de melhor evidenciar os focos com que se está pesquisando. Daí apontou como tendências de pesquisa no Grupo o enfoque das questões curriculares, envolvendo projeto pedagógico; no perfil profissional; na inserção do egresso no mercado de trabalho e na definição de conteúdo curriculares.

Esses recortes, assim determinados, demonstram que foram seletivos, e que não se trata de um estudo exaustivo, visto que estas fontes têm potencial muito superior à seleção apresentada para subsidiar muitos estudos. Busca-se observar os interesses em discussão, a formação e o trabalho dos profissionais da informação e possíveis subsídios da atividade científica do campo, observar suas questões e soluções relacionadas às transformações nesse contexto de transformações sócio técnicas, vistos pela perspectiva dos pesquisadores em CI. A intenção é buscar subsídios para tratar o tema da formação dos profissionais da informação, fundamentando argumentações e discussões.

Para melhor entender a evolução da aplicação do método ***bibliométrico*** e para a seleção dos trabalhos que serão apreciados pelo método da ***análise de conteúdo***, foram apresentados estudos que abordam estas metodologias. Para facilitar a visualização destas opções metodológicas foi desenvolvido um ***Roteiro Esquemático Metodológico da Pesquisa***, explicitando a técnica utilizada, constituindo-se de três fases: a) pré-análise; b) exploração do material; e c) tratamento, inferência e interpretação dos resultados.

Neste roteiro esquemático estão descritas as etapas e as fases de apuração dos trabalhos e critérios adotados.

- ***A questão dos descritores:***

Os termos de busca utilizados foram as palavras-chave: “profissional da informação – formação”; “profissional da informação – atuação”; “profissional da informação – competências”; “formação de bibliotecários/arquivistas/museólogos”; “formação continuada”; “currículo”; “projetos pedagógicos”; “mercado de trabalho”; “egressos”; “estágio curricular supervisionado” e “ensino-aprendizagem”.

Cumpramos esclarecer que a busca foi realizada mediante a utilização desses termos/palavras-chave isolados ou combinados (pesquisa avançada/operadores booleanos)

com intenção de obter recuperação ampla, por se levar em conta que as escolhas das palavras-chave são feitas pelos próprios autores, havendo dispersão. A designação de descritores, a rigor, deveria seguir as diretrizes dos vocabulários controlados das IES ou tesauro, porém essa orientação não é obrigatória.

Assim, se justifica a busca ter ocorrido preferencialmente nos Bancos de Teses e Dissertações das IES, no caso da preparação da “base PÓS-GRAD”, pela autora.

No caso da “base ENANCIB -GT6” não houve busca por palavras-chave, mas a sua disposição nas planilhas, considerando que foram feitas listagens ano/ano dos eventos (ano/autor/título/palavras-chave) , facilitando a análise temática do conteúdo.

Na “base BRAPCI”, da mesma forma quando da busca realizada na “base PÓS-GRAD”, há dispersão de termos, por isso se justificou a busca por palavras específicas, principalmente porque na BRAPCI não há opção de busca com a utilização de operadores booleanos. A estratégia foi utilizar a própria característica da BRAPCI de apresentar as opções de termos de busca, recolher todas essas opções de palavras-chave em listagens, fazer o planejamento de busca, proceder a seleção e dispor os dados extraídos em planilhas. Mesmo assim, foram feitas várias listagens para se eliminar as repetições. Os artigos foram recuperados por esses termos nos campos de títulos, palavras-chave e resumo, na tentativa de explorar adequadamente a temática.

- ***Unidades de análise***

Para poder produzir a seleção de trabalhos de acordo com os termos predeterminados ao uso de indicadores quantitativos e análise qualitativa, foram denominadas:

1. unidade de análise *de teses de doutorado e dissertações de mestrado* defendidas em instituições de ensino e pesquisa do Brasil
2. unidade de análise *de comunicações científicas* apresentadas nos Encontros ENANCIB
3. unidade de análise *de artigos de periódicos indexados* na Base Brapci

- ***Categorização analítica***

Propôs-se classificar as pesquisas/artigos de acordo com as categorias e eixos analíticos, procedendo de acordo com a análise de conteúdo proposta por Bardin:

A maioria dos procedimentos em AC organiza-se em torno de categorias, que devem ter como características: exclusão mútua (cada elemento só pode existir em uma categoria); homogeneidade; pertinência ao quadro teórico; objetividade e fidelidade; e produtividade nas inferências. (BARDIN, 2004).

Deste modo, a classificação dos artigos considerou eixos temáticos e subtemas, que resultaram em duas categorias: **Formação** (ensino e pesquisa) e subtemas: propostas pedagógicas para a graduação, incluindo estágios supervisionados (curriculares), educação continuada, ensino à distância e currículo; e **Trabalho**, que incluiu cenários de atuação e egressos, e trabalho informacional, integrando também o subtema competência informacional. Nos trabalhos específicos sobre "competência informacional", foram observados os destaques que tratam da competência como tema de formação e de como demanda do mercado de trabalho.

Figura 5- Roteiro Esquemático Metodológico da Pesquisa

(A)

ELIMINAÇÃO DE DUPLICIDADES

3ª ETAPA DA PESQUISA: ANÁLISE QUALITATIVA**Método: Análise de Conteúdo****3.1 -Distribuição dos trabalhos por enfoque temático:**

- Ensino e Pesquisa
- Trabalho
- Outros

AMOSTRA 2 – CORPUS DA PESQUISA QUALITATIVA

Seleção final adequada aos objetivos da pesquisa; seguindo o critério da ênfase em Formação/Trabalho
Amostra submetida à análise qualitativa

3.2- Categorização para a busca / análise de conteúdo:**Grandes temas selecionados (contidos/ em concordância com a ementa do GT6):**

	✓ Formação / Ensino e Pesquisa
	<ul style="list-style-type: none"> • Novas Propostas Pedagógicas
	<ul style="list-style-type: none"> • Educação Continuada • Ensino a Distância – Ead • Currículo • Estágios Curriculares
	✓ Trabalho
	<ul style="list-style-type: none"> • Novos Cenários de Atuação • Trabalho Informacional – Competência Informacional • Mercado de trabalho - Egressos

3.2.1 Análise Bibliométrica da Literatura

Caminhos percorridos: o ponto de partida foi identificar a literatura sobre formação e trabalho dos profissionais da informação nas fontes de pesquisa já identificadas,

1) ***PÓS-GRAD:*** na primeira verificação coletamos 175 trabalhos de pesquisa acadêmica, dissertações e teses que se aproximaram do foco desta pesquisa. Esses achados foram dispostos em planilhas a partir das seguintes classificações: ano de defesa, instituição patrocinadora, nível ME/DO, autoria, título, nome do orientador e palavras-chave e endereços eletrônicos. Mediante a utilização dos filtros proporcionados pelo software MS-Excel, foi possível a seleção dos materiais adequados à pesquisa. Observamos que a temática

da formação e a atuação dos profissionais da informação foi objeto de pesquisa em Programas de Pós-Graduação de outras áreas, como Engenharia da Produção (UFSC); Sociologia (UFSC, UDESC), Saúde Pública (USP), Unicamp e Psicologia na UDESC, estes trabalhos foram recuperados pelos descritores utilizados nos repositórios das bibliotecas digitais das instituições que sediam Programas de Pós-graduação em CI. Após este procedimento restaram 124 referências as quais submetemos ao critério do recorte temporal, e finalizamos a amostra da seleção **PÓS-GRAD** com **108** pesquisas acadêmicas. Para cada trabalho acadêmico é associado o seu autor principal, assim a autoria é única, e sua participação poderá variar entre uma ou duas vezes, pela presença de mestrado e doutorado do mesmo autor, no mesmo período.

2) **ENANCIB- GT6:** coletamos dos trabalhos apresentados e dispostos nos anais dos encontros ENANCIB. Foi desenvolvido um conjunto de planilhas relacionando todos os eventos com as listas de trabalhos e autorias divulgadas e disponíveis no sítio da ANCI/IBICT, e pelas universidades sedes dos eventos. Especialmente, estão relacionados os trabalhos e autores de todas as edições do evento, sendo computados 273 comunicações e 535 autores. Para o IV Encontro, em 2000, não há registro da agenda do GT. Os dados foram dispostos em planilhas descritivas contendo ano do evento, autoria, título, palavras-chave e endereços eletrônicos. Foram confeccionadas planilhas para cada evento, facilitando a seleção temporal, e a verificação dos autores e coautores de cada comunicação científica para a análise dos indicadores bibliométricos. Foram identificadas **177 comunicações com 374 autores participantes**. Foram identificados os autores que fizeram dupla ou tripla apresentação no mesmo evento, contabilizando ao final **347** presenças nos encontros. Quando da denominação *participações de autores* ainda se referirá aos valores brutos, sem a eliminação de duplicidades de trabalhos/autores.

3) **BRAPCI:** aplicou-se, também, o recorte temporal do período 2007 a 2016 e foi definido o critério de busca por “palavra específica”; isto se deve à tentativa de controle da dispersão; a pesquisa levou em consideração que a mensuração da exploração da temática nos periódicos da área pode significar um melhor entendimento acerca de como a questão da formação e atuação está sendo abordada pela CI. Na primeira busca, foram recuperados 1524 artigos indexados a partir das palavras-chave que foram elencadas (não houve a contabilização do número de autores), na seleção dos artigos que comporiam a amostra optou-se por restringir àqueles com a explicitação do enfoque na formação em graduação e

foram coletados 242 artigos. Houve a especial atenção quanto aos números brutos recolhidos pela revocação, pois as listas trouxeram com frequência, artigos repetidos, com a mesma identificação, ou em dois idiomas. Assim, após a análise para excluir repetições, chegou-se a **208 artigos com 509 participações de autores**. Autoria: foram recolhidos esses dados a partir da informação dos autores dispostos no artigo, e/ou auxílio do C. Lattes. Observou-se ausências de dados completos. Como instrumentos, foram utilizadas planilhas/*excel* que relacionaram autoria(s), títulos, palavras-chave e endereços eletrônicos.

A análise deste *corpus* seguiu a orientação das técnicas bibliométricas para mensuração da produção acadêmica e científica sobre a temática. De acordo com Bufrem e Nascimento (2012), a aplicação dos métodos bibliométricos ao *corpus* deve fundamentar-se na “importância de se dispor de uma distribuição que nos informe sobre o número de autores, trabalhos, países ou revistas que existem em cada categoria de produtividade, utilidade ou o que mais desejarmos saber”, citando Solla e Price (1976, p. 39).

Esses dados foram recolhidos e tratados para subsidiarem a confecção de tabelas e gráficos para possibilitar o cotejamento entre as variáveis estabelecidas.

Os filtros aplicados permitiram maior confiabilidade ao estudo no qual se pretende avaliar a importância da temática, a partir da compreensão dos trabalhos analisados, considerando o fundamento teórico proposto e a inserção do tema no âmbito da pesquisa e seu contexto, e produções científicas.

- **Bibliometria**

A Bibliometria, segundo Machado (2007, p. 04), “[...] tem um papel relevante na análise da produção científica de um país, uma vez que seus indicadores retratam o grau de desenvolvimento de uma área do conhecimento”. O autor cita Otlet, que entende a bibliometria como meio de quantificar a ciência, utilizando-se da aplicação estatística nas fontes de informação (MACHADO, 2007, p. 05).

Alvarado (2007, p. 202) analisa a literatura sobre bibliometria ao longo da história. Segundo ele, Pritchard (1969) define o termo como aplicar modelos matemáticos e estatísticos aos livros e outros meios de comunicação escrita e a define como estudo e forma de medir padrões de publicação de comunicação escrita e seus autores; e Ikpaahindi (1985), como uma série de técnicas que buscam quantificar o processo de comunicação escrita, para

identificar os autores e periódicos mais produtivos, além dos paradigmas na ciência e a fusão e fissão de disciplinas científicas (ALVARADO, p. 197-198). Zunde e Gehl (1979) a definem como “[...] teorias que explicam as leis empíricas de uma maneira científica e racional.”

Para Tague-Sutcliffe¹³² (1992, apud MARICATO, 2010, p. 67),

A Bibliometria engloba o estudo dos aspectos quantitativos da produção, disseminação e uso da informação registrada, desenvolvendo modelos e medidas matemáticas, com a função para elaborar previsões e apoiar tomadas de decisão. Alguns autores limitam o seu alcance ao estudo quantitativo da literatura ou com estudos relacionados à atividade bibliotecária.

Bufrem e Prates¹³³ (2005, p. 10, apud MARICATO, 2010, p. 67), esclarecem que Bibliometria apesar de sugerir relações semânticas com livro e biblioteca, se aplica a qualquer tipo de documento, assim como Infometria, Informetria, Cintometria e Webometria: “[...] representam práticas de mensuração da informação da ciência, ou de suas representações em modalidade convencional ou na web Ainda sob críticas à nova CBO [...]”.

Maricato (2010, p. 69) acredita que a Bibliometria tem caráter central e integrador (a “disciplina mãe”), mas que todas possuem suas particularidades e aplicações próprias, mas que não há diferenças significativas entre esses estudos, mas apenas uma preferência dos autores em usar um ou outro termo, e a define como “[...] aplicação de técnicas estatísticas e matemáticas, com o objetivo de descrever aspectos da literatura e de outros meios de comunicação”.

Kobashi (2008) entende que a bibliometria é uma metodologia de recenseamento de trabalhos científicos que apresentam as mesmas particularidades. Por meio dela, pode-se, por exemplo, identificar a quantidade de trabalhos sobre um determinado assunto; publicados em uma data precisa; publicados por um autor ou por uma instituição ou difundidos por um periódico científico. Por meio bibliométricos procura-se computar dados para comparar e confrontar os elementos presentes nas referências bibliográficas de documentos que representem as publicações.

¹³² TAGUE-SUTCLIFFE, J. Introduction to informetrics. Information Processing and Management, v. 28, n.1 p. 1-3, 1992.

¹³³ BUFREM, L.; PRATES, Y. O saber científico registrado e as práticas de mensuração da informação. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 34, n.2, p. 9-25, maio/ago. 2005.

Os estudos bibliométricos objetivam conhecer como se comporta uma propriedade relativamente a outra já conhecida, pretende-se conhecer os autores que atuam em determinadas temáticas; os periódicos que publicaram sobre esse assunto; e as incidências entre autores e periódicos. Todas as possibilidades de cruzamento entre essas propriedades bibliográfica podem ser objeto de um estudo (NONATO; KOBASHI, 2008).

Assim, relacionamos os dados da pesquisa (ano, nível), dados do autor (origem), orientador (linha de pesquisa), título e palavras-chave em tabelas, nas planilhas eletrônicas - *Excel*, que proporcionou facilidades no estudo por sua opção de filtragem de dados.

3.2.2 Análise de Conteúdo

Para viabilizar a análise qualitativa, associamos aos estudos bibliométricos a análise de conteúdo proposta por Bardin (2006). A análise de conteúdo permite indicar conceitos subjacentes à atividade de trabalho, identificar propostas para mudanças ou não da profissão, identificar carências na formação do profissional da informação.

Para o autor, no ato de leitura o analista pode através de significantes atingir outros significados. De acordo com o autor, a análise de conteúdo, se refere a um conjunto de técnicas de análise de comunicações, mediante procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. O objetivo da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos, “mas antes o realçar de um sentido que figura em segundo plano” (2011, p. 47).

Laville e Dione (1999, p. 216-219) afirmam que a definição das categorias pode ser feita de modo aberto, fechado, ou misto, ao se conciliar a definição de categoria no decorrer do contexto, ou com base na teoria. Optamos por delinear aspectos que já constam do escopo da ementa do GT6 para nortear as leituras, e aprimorar as categorias no decorrer do estudo, se necessário.

A) Selecionamos e distribuímos os estudos nas categorias predefinidas, (conforme roteiro no corpo do trabalho / metodologia), produzimos uma subsequência de temas relacionados para orientar a categorização:

- **Formação**

Estágios curriculares, currículo, propostas pedagógicas; Educação continuada, Ead

- **Trabalho**

Mercado de trabalho, espaços de atuação profissionais, competência profissional e informacional

B) Procedemos a retirada de excertos. Formamos grupos numericamente e nominalmente distintos:

Grupo 1 Formação.
<i>Reunião de excertos.</i>
Análise da categoria, com o objetivo de relacionar enfoques.

Exemplo:

*“[...] temos sim que **ampliar a atuação** dos bibliotecários nas práticas de leitura, atendendo diversificados grupos da população. Lembro ainda que para **desenvolver e apoiar pesquisas, atuar como gestor de redes de informação** e lidar com diferentes tecnologias, antes é preciso ter uma relação estreita com a leitura em suas múltiplas linguagens e diversificados suportes, aqui incluo a leitura oral e o suporte vocal[...]” (A19).*

Após a categorização do *corpus* da pesquisa, executou-se a análise e interpretação dos resultados, na tentativa de explicar os principais fatores que interferem e/ou facilitam a formação profissional na área.

4 RESULTADOS DA AVALIAÇÃO BIBLIOMÉTRICA

O *corpus* foi construído a partir dos estudos, comunicações científicas e artigos selecionados pelos termos e palavras-chave e elencados pela adesão temática, verificada pela leitura de resumos e conteúdo do trabalho. Kobashi (2008) afirma que explorar as bases de dados de dissertações e teses produzidas no país, descrevê-los e produzir indicadores tem sentido, portanto, de rememorar e reavaliar a atividade científica desenvolvida na universidade. Chagas de Souza (2008) se posiciona em relação à produção de encontros científicos como fórum para as várias dimensões que examinam as temáticas que existem em cada categoria de estudos científicos. Bufrem e Nascimento afirmam que o periódico científico é um tipo de publicação que tanto privilegia “a expressão da literatura científica, quanto garantem um grau de distinção quanto autenticidade das informações e ao status científico concedido” (2012, p. 200-204). Neste cenário, apresentamos os resultados obtidos na avaliação bibliométrica dos estudos selecionados.

Complementando, Alves considera a produção científica como:

algo tangível, que pode ser avaliado e contado, pois, a atividade científica que, após sua criação, não é escrita e comunicada, perde o sentido, já que as instituições de pesquisa e os pesquisadores são julgados pelo que conseguem publicar (ALVES, 2009, p. 105).

Os estudos que coletamos têm suas origens associadas aos programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação, distribuídos nas IES, no Brasil; para melhor identificá-los, apresentamos sua distribuição conforme Figura 6.

Figura 6 - Distribuição das IES no Brasil em função dos Programas e Cursos de Pós-Graduação em CI (Seleção por Área de Conhecimento).

Legenda: DO = Doutorado; ME = Mestrado Acadêmico e MF = Mestrado Profissional

Fonte: <https://sucupira/capes> -CAPES (2016), elaborado pela autora.

Em um mapeamento referente à pesquisa em CI no país, realizado a partir de informações obtidas na Plataforma Lattes, especificamente no Diretório de Grupos de Pesquisa do Lattes, base mantida pelo CNPq, no sitio: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/por-area1>; (sumula estatística de 2016) foram identificados 259 grupos, 828 linhas de pesquisa e 2280 pesquisadores, o que denota a consolidação da pesquisa da área no Brasil.

4.1 ESTUDO BIBLIOMÉTRICO DA BASE DA PÓS-GRADUAÇÃO

Identificamos as ocorrências e destaques a partir dos termos utilizados nas pesquisas de pós-graduação (Mestrado e Doutorado) nos programas de PPGCI, no Brasil, no período de 2007 a 2016. Utilizamos como expressões de busca os termos (isoladamente ou associados) : “profissional da informação-formação”; “profissional da informação-atuação”; “profissional da informação-competências”; “formação de bibliotecários/arquivistas/museólogos”;

“formação continuada”; “currículo”; “projetos pedagógicos”; “mercado de trabalho”; “egressos”; “estágio curricular supervisionado” e “ensino-aprendizagem”.

Inicialmente, coletamos 124 trabalhos, e na segunda revisão, selecionamos 108 estudos para análise bibliométrica. Seguindo os critérios metodológicos já apontados, foram identificados estudos com maior pertinência ao objeto desta pesquisa, nas IES: Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC, Universidade Estadual de Londrina - UEL, Universidade Federal da Bahia - UFBA, Universidade Federal Fluminense - UFF, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Universidade Federal do Pernambuco - UFPE, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR, Universidade de Brasília - UnB, Universidade Estadual de São Paulo - UNESP, Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO e Universidade de São Paulo - USP, o que mostra que o tema tem sido objeto de pesquisa nas universidades públicas, tanto federais, quanto estaduais, mas não em instituições de ensino privadas, uma vez que a PUCCAMP - Pontifícia Universidade Católica de Campinas participava do pós-graduação *stricto sensu* na área, mas encontra-se desativada.

As figuras 7 e 8 apresentam os resultados da pré-seleção feita no período 2001 a 2016 e as distribuições dos trabalhos na linha temporal. Em seguida apresentamos as características do nível do estudo, podendo ser pesquisas de mestrado ou doutorado.

Figura 7- Pré-seleção - IES x Número de estudos (teses e dissertações)

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pela autora

Verificamos que, no período, as maiores incidências que contemplam a temática formação e trabalho dos profissionais da informação foram defendidas nas instituições UFMG (24), UFSC (24) e UnB (16), coincidindo com a tradição dos grupos e das linhas de pesquisas desses programas, como na UFSC, especialmente dedicada aos estudos sobre o mundo do trabalho dos profissionais da informação e competência informacional, a UnB com a linha Comunicação e Mediação da Informação, ancorando o grupo de pesquisa denominado Profissionais da Informação.

Figura 8- Pré-seleção IES x Número de estudos (teses e dissertações)

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pela autora

É possível observar pela distribuição dos trabalhos por nível que a proporção de dissertações de mestrado dedicadas ao estudo da temática é superior às pesquisas de doutoramento dedicadas ao mesmo fim, porém, deve-se considerar que a aprovação de um curso de doutorado nas instâncias institucionais e na CAPES, prevêem período de consolidação e avaliação mínima nota 4 (quatro) no curso de mestrado no triênio (até 2012) e a partir de 2013, no quadriênio anterior. Assim, há que se considerar que a proporção de vagas de mestrado é superior à de doutorado, podendo causar este destaque na origem. Observou-se a proporção de 23 dissertações para uma tese de doutorado realizadas na UFSC, enquanto na USP, houve uma inversão com o número maior de teses, vale considerar que estavam inclusos dois estudos sobre o trabalho do profissional da informação na área médica, porém filiados ao programa de pós-graduação da Saúde Pública/USP, que foram dispensados.

• APLICAÇÃO DO RECORTE TEMPORAL

O estudo bibliométrico da seleção de trabalhos da Pós-graduação (**PÓS-GRAD**) contemplou os indicadores: (i) distribuição temporal dos estudos; (ii) distribuição dos estudos por nível (ME/DO) e por instituição (IES). Observou-se o recorte temporal estabelecido e foram contabilizados os resultados sobre a seleção de trabalhos na pós-graduação para compreensão da variação do tema ao longo do tempo. Esta configuração está representada na figura 9.

Figura 9 - Total Teses e Dissertações - PPGCI - Período 2007 a 2016

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pela autora

Analisando a produção científica dos programas de Pós-graduação em CI, considerando o corte temporal estabelecido (2007-2016), há o total 108 pesquisas publicadas que atendem ao escopo deste estudo, defendidas em diferentes instituições de ensino e publicados em repositórios e banco de teses disponíveis ao acesso integral. Deste total, observa-se que a maioria expressiva se destacou no período entre 2013 a 2016, com o número de 20 obras somente no ano de 2014.

Para o melhor entendimento da escala de produção, propomos investigar como se distribuíram, ano a ano, os trabalhos quanto a origem e temas, na intenção de observar se suas ênfases poderiam ser identificadas como tendências de pesquisas.

Em 2007 foram selecionados 9 trabalhos, desenvolvidos em 6 programas. As características dos trabalhos podem ser observadas no Quadro 9. Podemos observar o destaque para a avaliação do mercado de trabalho em 6 pesquisas, privilegiando conhecer

as oportunidades de trabalho em segmentos pré-definidos; ocorreu a variação da nomenclatura profissional, ocorrendo uma sobreposição da designação profissional da informação ao bibliotecário em duas pesquisas. Chagas de Souza (2006) avaliou que esta dispersão quanto à nomenclatura da profissão deveria ser discutida. Quanto aos subtemas da educação e ensino pode ser destacada o início das discussões sobre a competência informacional, a especialização profissional (catalogadores) e a manutenção do espaço da biblioteca como objeto de pesquisa.

Quadro 9 - Características dos trabalhos selecionados do ano 2007.

Ano	Nr	Temáticas	Enfoques destacados:	IES
2007	3	Formação e ensino	<ul style="list-style-type: none"> avaliação curricular quanto à mediação cultural no espaço da biblioteca (ME/UFMG) competência informacional e tecnologias (ME/UnB) proposta pedagógica de educação continuada para bibliotecários catalogadores (DO/UNESP) 	UFMG (3) UFSC (2) UNB (1) UFBA (1) UNESP (1) USP (1)
	6	Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> avaliação estatística do mercado de trabalho (ME/UFMG) Indicação de atuação nos seguimentos: <ul style="list-style-type: none"> imobiliário (ME/UFSC) serviço público (concursos) (ME/UFBA) jurídico (ME/UFMG) associado à gestão da qualidade (DO/USP) BU e formação discente (ME/UFSC) 	ME = 7 DO = 2
		Nomenclatura e ocorrências	Bibliotecário (2), gestor da informação (1), profissional da informação (2), profissional bibliotecário (2); bibliotecário – gestor (1)	
		Origem geográfica	Indicação de pesquisas nos locais: BH	

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pela autora.

Em 2008 foram selecionados 7 trabalhos, desenvolvidos em 4 programas. As características dos trabalhos podem ser observadas no Quadro 10. Apresenta-se nesse ano de 2008, com destaque, a discussão sobre nova abordagem do ensino com pesquisa na formação do profissional bibliotecário e a continuidade da avaliação do mercado de trabalho regionalizado, a biblioteca universitária, a variação da pesquisa em instituição privada, pouco recorrente; o comparecimento da pesquisa em arquivologia, este explorando o estágio na formação do arquivista (a única inserção encontrada pela pesquisa).

Quadro 10 - Características dos trabalhos selecionados, ano 2008.

Ano	Nr	Temáticas	Enfoques destacados:	IES
	2	Formação e ensino	<ul style="list-style-type: none"> abordagem do ensino com pesquisa (DO/UFMG). formação e trabalho do arquivista/estágio (ME/UnB) 	UNB (3) UFBA (2) UFMG (1) UNESP (1) ME = 5 DO = 2
	5	Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> representação e identidade profissional (DO/UnB) Indicação de atuação nos seguimentos: <ul style="list-style-type: none"> serviço médico (ME/UFBA), biblioteca universitária (ME/UFBA) BU associado ao setor privado (ME/UnB) biblioteca escolar (ME/UNESP) 	
		Nomenclatura e ocorrências	Bibliotecário (3), profissional da informação (1), Arquivista (1)	
		Origem geográfica	Indicação de pesquisas nos locais: Salvador, Distrito Federal	

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pela autora.

Referente ao ano 2009 foram selecionados 8 trabalhos, desenvolvidos em 6 programas. As características dos trabalhos podem ser observadas no Quadro 11:

Quadro 11 - Características dos trabalhos selecionados, ano 2009.

Ano	Nr	Temáticas	Enfoques destacados	IES
2009	3	Formação e ensino	<ul style="list-style-type: none"> DCN e projetos pedagógicos (ME/UFSC) competência informacional para graduandos em BB/Uso ético da informação (ME/UNESP) BU como ambiente de aprendizagem (ME/USP) 	UNB (2) UFSC (2) UFMG (1) UNESP (1) UFBA (1) USP (1) ME = 8 DO = 0
	5	Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> Indicação de atuação nos seguimentos: <ul style="list-style-type: none"> inteligência competitiva (ME/UFMG) liderança gerencial (ME/UnB) internet e BB escolar (ME/UFSC) competência informacional e competência profissional dos bibliotecários (ME/UnB) representação/auto-imagem (ME/UFBA) 	
		Nomenclatura e ocorrências	Profissional bibliotecário (1), profissional da informação (1), Bibliotecário (1)	
		Origem geográfica	Indicação de pesquisas nos locais: GO, Brasília, Região Sudeste e Sul, Salvador, Itajaí, Florianópolis	

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pela autora.

Destacaram-se em 2009 os estudos regionalizados, exploração do campo de trabalho em novas frentes, a organização administrativa, estudos sobre a competitividade, em liderança e inteligência competitiva. Estudos sobre a dimensão curricular associado ao DCN tem um registro, e se inicia uma maior frequência dos estudos sobre competência informacional.

Em 2010 foram selecionados 7 trabalhos, desenvolvidos em 5 programas. As características dos trabalhos podem ser observadas no Quadro 12.

Quadro 12 - Características dos trabalhos selecionados, ano 2010.

Ano	Nr	Temáticas	Enfoques destacados	IES
2010	5	Formação e ensino	<ul style="list-style-type: none"> arquivologia/conceitos (DO/UnB) conceitos cognitivos (DO/USP) currículo/inclusão social (ME/UFBA) fluxo da Informação (ME/UFSC) ética/política (DO/USP) 	UNB (2) USP (2) UNESP (1), UFBA (1), UFSC (1)
	2	Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> formação/arquivista (ME/UnB) indicação de atuação nos seguimentos: <ul style="list-style-type: none"> mediador/leitura (DO/UNESP) 	
		Nomenclatura e ocorrências	Bibliotecário (2), Arquivista (1)	
		Origem geográfica	Indicação de pesquisas nos locais: DF	ME = 3 DO = 4

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pela autora.

Entre os estudos do ano 2010, um versou sobre a dimensão do currículo, outro sobre a adoção da temática da inclusão social, e pesquisas sobre a biblioteca como espaço de práticas de ensino e aprendizagem. Ética e política foram destacadas.

No ano de 2011 foram selecionados 7 estudos, desenvolvidos em 5 programas. A atuação do bibliotecário como mediador se destaca, assim como aspectos sobre multiculturalismo e introdução da temática do ensino à distância, porém como oferta de serviço. As características dos trabalhos podem ser observadas no Quadro 13:

Quadro 13 - Características dos trabalhos selecionados, ano 2011.

Ano	Nr	Temáticas	Enfoques destacados	IES
2011	2	Formação e ensino	<ul style="list-style-type: none"> ensino/pesquisa-apreciação das ementas (DO/UFMG) Competência informacional /graduação (ME/UnB) 	UEL (2), UFMG (2) UNB (1), UFBA (1), UNESP (1)
	5	Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> mediação/biblioteca pública (ME/UEL) mediação/pesquisa (ME/UEL) competência informacional/Ead (ME/UFBA) ead/serviço (ME/UFMG) Multiculturalismo/BB Escolares (ME/UNESP) 	
		Nomenclatura e ocorrências	Bibliotecário (2),	
		Origem geográfica	Indicação de pesquisas nos locais: PR, Cascavel, GO	ME = 5 DO = 2

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora.

Em 2012 foram selecionados 9 trabalhos, desenvolvidos em 5 programas. As características dos trabalhos podem ser observadas no Quadro 14.

Quadro 14 - Características dos trabalhos selecionados, ano 2012.

Ano	Nr	Temáticas	Enfoques destacados:	IES
2012	4	Formação e ensino	<ul style="list-style-type: none"> estudo/ensino BB e CI (ME/UFF) ética profissional (ME/UFSC) estudo e ensino/currículo (ME/UnB) mediação/currículo (ME/USP) 	UFSC (4) UFMG (2) UNB (1), USP (1) UFF (1), ME = 8 DO = 1
	5	Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> Estatística Mercado de Trabalho/jurisdições (DO/UFMG) Campo profissional/identidade (ME/UFMG) Perfil egressos (ME/UFSC) Gestão de competências (ME/UFSC) Biblioteca 2.0/oferta de serviços/atuação (ME/UFSC) 	
		Nomenclatura e ocorrências	Bibliotecário (4)	
		Origem geográfica	Indicação de pesquisas nos locais: Amazonas, Pará, Florianópolis,	

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pela autora.

O destaque dos trabalhos desse ano pode ser verificado com a exploração do subtema mercado de trabalho, avaliado em estatísticas do mercado de trabalho para os profissionais da informação, em interrelação com as jurisdições das profissões da informação. Outro aspecto, a introdução da perspectiva da biblioteca 2.0, e o novo entendimento sobre a interlocução do usuário com o bibliotecário, que passa a atuar como facilitador de informação e criador de conhecimento (BAPTISTA, 2013).

Em 2013 foram selecionados 15 trabalhos, desenvolvidos em 8 programas. As características dos trabalhos podem ser observadas no Quadro 15.

Quadro 15 - Características dos trabalhos selecionados, ano 2013.

Ano	Nr	Temáticas	Enfoques destacados	IES.
2013	4	Formação e ensino	<ul style="list-style-type: none"> práticas pedagógicas (ME/UFF) estudo e ensino/Base conceitual: BB/Arq/Museo (DO/UFMG) estudo e ensino/currículo/aproximação do campo BB/Arq/Museo (ME/UFMG) mediação/currículo (ME/UNESP) 	UFMG (4) UNB (2) USP (1) UFF (1) UFSC (2) UFPE (1) UFSCAR (2) UNESP (2)
	11	Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> campo profissional/usuário da informação (DO/UFMG) perfil/médico clínico (ME/UFMG) Competência informacional /geração digital (ME/UFPE) Competência informacional /estética (ME/UFSC) avaliação/tomada de decisão (ME/UFSC) atuação/tratamento da informação/oferta de serviço/(ME/UFSCAR) atuação/tratamento da informação/perfil sociocognitivo (ME/UFSCAR) mediação/biblioterapia (ME/UnB) Competência informacional /Chat/BU. Mediador/formador de leitores (ME/UnB) mediador/pedagógico/ biblioteca escolar (ME/UNESP) coaching (ME/USP) 	ME = 13 DO = 2
		Nomenclatura e ocorrências	Bibliotecário (1), Agente Mediador (1), coaching (1)	
		Origem geográfica	Indicação de pesquisas nos locais: Não indicado	

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora.

A seleção de trabalhos desse ano reuniu 15 pesquisas, especialmente sobre formação e ensino aparecem dois trabalhos sobre as interlocuções entre as disciplinas Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia; em que há uma intensificação nos estudos sobre a atuação profissional, destacando estudos de egressos, as características do mediador da informação, e estudo da formação do arquivista.

Para o ano 2014 foram selecionados 20 trabalhos, desenvolvidos em 9 programas. As características dos trabalhos podem ser observadas no Quadro 16.

Quadro 16 - Características dos trabalhos selecionados, ano 2014.

Ano	Nr	Temáticas	Enfoques destacados	IES
2014	7	Formação e ensino	<ul style="list-style-type: none"> estudo/ensino BB(ME/UFMG) biblioterapia/ensino graduação(ME/UFSC) arquivologia-ensino (DO/UnB) estudos de Usuários p/graduação (DO/UNESP) Competência informacional e aprendizagem(DO/UNESP) Competência informacional /Curriculo(DO/UNESP) função educativo- formação (DO/USP) 	UFSC (5) UNESP (4) UFPB (3) UFF (2) UFMG (2) UNB (1) USP (1) UFPE (1) UNIRIO (1)
	13	Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> interação-usuários/biblioteca hospitalar (ME/UFF) mediação/leitura (ME/UFF). função educativa (ME/UFMG) egressos (ME/UFSC) políticas de MKT p/ profissão (ME/UFPB) gestor/empresas(ME/UFSC) BB-serviços para EAD(ME/UFPE) egressos/NE(ME/UFPB) gestores/BU(ME/UFF) Competência informacional /BU(ME/UFSC) gênero/MTrabalho (DO/UFSC) mediação da Informação/BU (ME/UNESP) bibliotecário de referência-comportamento (ME/UNIRIO). 	ME = 14 DO = 6
		Nomenclatura e ocorrências	Bibliotecário (7) obs. Outros estudos com temáticas mais abrangentes; Gestores.	
		Origem geográfica	Indicação de pesquisas nos locais: Londrina, SC.	

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora.

Pode-se notar que a seleção dos trabalhos desse ano contou com um aumento no número de IES participantes, foram 9 programas, sendo que a UFSC apresentou 5 pesquisas e a Unesp 4 trabalhos. Houve expansão da temática, com a introdução de pesquisas sobre a função educativa do bibliotecário, a introdução da biblioterapia como conteúdo disciplinar na formação do bibliotecário, estudos sobre egressos (2), Competência informacional (2), Ead (2), gênero, políticas de marketing para a profissão, e temas mais recorrentes como a mediação da informação.

Em 2015 foram selecionados 12 estudos, que contemplaram a temática da formação em maior número, a biblioteca aprendente, associando a temática de organizações

aprendentes, desenvolvida por Tardif (2000), a UFMG se destaca com 3 pesquisas no período. As características dos estudos selecionados podem ser observadas no Quadro 17.

Quadro 17- Características dos trabalhos selecionados, ano 2015.

Ano	Nr	Temáticas	Enfoques destacados	IES
2015	8	Formação e ensino	<ul style="list-style-type: none"> • mediação inclusiva/Ead (ME/UFL) • formação continuada (ME/UFL) • formação/currículos (ME/UFL) • estudos de usuários/arquivistas (ME/UFMG) • formação/inclusão/disciplinas (ME/UFMG) • biblioteca aprendente (ME/UFPB) • estudo e ensino pós-grad (ME/UFPE) • diagnóstico e diretrizes/ensino (ME/UNIRIO) 	UFMG (3) UNB (2), UFF (2), UFSC (1) UFPE (1) UNIRIO (1) UFPB (1) UEL (1)
	4	Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> • bibliotecário clínico/perfil (ME/UFMG) • competência informacional /estética/Biblioteca pública (ME/UFSC) • inserção/mercado trabalho (ME/UnB) • perfil/competência informacional (ME/UnB). 	ME = 12 DO = 0
		Nomenclatura e ocorrências	Bibliotecário (3). Arquivista (1) obs. Outros estudos com temáticas mais abrangentes; Gestores.	
		Origem geográfica	n./consta	

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora.

Do ano 2016 foram selecionados 14 trabalhos, desenvolvidos em 6 programas. No Quadro 18 podem ser observadas suas características.

Quadro 18- Características dos trabalhos selecionados, ano 2016.

Ano	Nr	Temáticas	Enfoques destacados	IES
2016	5	Formação e ensino	<ul style="list-style-type: none"> • Parâmetros de competência (DO/UFBA) • formação e ensino-desafios (DO/UFMG) • função educativa (ME/UFMG) • formação do mediador cultural (DO/USP) • formação continuada/letramento (DO/UnB) 	UFMG (5) UFBA (4) UDESC (2) UNB (1) UNIRIO (1)
	9	Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> • Competência informacional /mídias (ME/UDESC) • Competência informacional /ead (ME/UDESC) • Competência informacional /egressos (ME/UFBA) • Competência informacional /graduação (ME/UFBA) • Competência informacional /usuários (DO/UFMG) • Empreendedorismo (ME/UFBA) • gênero (ME/UFMG) • arquivistas/museólogos/categoria ocupacional (ME/UFMG) • bbconomia/evidências (ME/UNIRIO) 	USP (1) ME = 9 DO = 5
		Nomenclatura e ocorrências	Bibliotecário (3).	
		Origem geográfica	n./consta	

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora.

Nesse ano de 2016 vimos uma intensa exploração da temática do Competência Informacional, no contexto do trabalho, na atuação dos profissionais e não no âmbito formativo, como exploração teórica. A UFMG apresentou temáticas variadas, como Competência voltada para usuários; função educativa, estudo estatístico sobre as profissões de arquivistas e museólogos (inédito), desafios da formação na biblioteconomia, e a UFBA, compareceu com 4 estudos com os temas: competência informacional de alunos da graduação e parâmetros de competência.

Dos quadros apresentados, pode-se notar que, com relação às nomenclaturas, há maior ocorrência denotando preferência por manter a designação de bibliotecário; podemos verificar a presença de denominações como profissional bibliotecário, e profissional da informação, e outras associações como gestor, agente mediador, coaching, e, as tradicionais denominações para arquivista e museólogos, sem aditivos.

Observamos 6 pesquisas que trataram da formação e trabalho dos arquivistas, desenvolvidas na UnB e UFMG. Aspectos sobre a formação dos museólogos aparece, exclusivamente, em 2016 na UFMG. Da mesma forma, foram verificadas duas pesquisas tratando da aproximação teórica e conceitual da Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia desenvolvidas na UFMG e UnB.

A Figura 10 apresenta a produção científica selecionada e a proporção entre dissertações e teses defendidas com a temática nas IES identificadas.

Figura 10 - Teses e Dissertações por IES - Período 2007 a 2016

Fonte: elaborado pela autora

Verifica-se que as dissertações somam 84 pesquisas, enquanto 24 pesquisas são teses, conforme indicado na Figura 11. As IES que se destacam nessa produção são a UFSC com 16 mestrados e 1 tese; seguida pela UFMG, com 15 / 8 produções respectivamente e UnB com 12 mestrados e 4 teses. Entre os trabalhos na UnB podem ser destacados as 3 pesquisas (ME/DO) desenvolvidas sobre a formação e trabalho de arquivistas. Na USP foram identificadas 2 pesquisas tratando da função educativa do bibliotecário (ME/DO), 1 tese sobre mediação cultural e o trabalho dos profissionais da informação.

Figura 11- Distribuição percentual dos trabalhos selecionados por nível (ME/DO)

Fonte: elaborado pela autora

Incluídas naquele total estão as pesquisas selecionadas nas IES seguintes: UDESC, UEL, UFPE, UFSCAR, UNIRIO, UFPB e UFF, que totalizaram 23 dissertações de mestrado e contemplaram atividades desenvolvidas em bibliotecas universitárias, comportamento informacional, e estudos sobre o impacto das tecnologias nas funções dos profissionais da informação.

Ainda conforme a Figura 11, cerca de 78% da produção científica se refere a dissertações de mestrado, e 22% representam as teses de doutoramento. Esta proporção de dissertações em relação a teses deve ser observada no universo de programas de Mestrado em relação ao de Doutorado na área. Ao se estudar a origem acadêmica dos autores das pesquisas, na amostra de 67 autores do total de 108 autorias da seleção **PÓS-GRAD.**, observa-se que a origem desses alunos de pós-graduação é Biblioteconomia, em sua grande maioria, com a atuação em serviços de bibliotecas, mesmo depois da titulação, conforme Tabelas 1 e 2.

Tabela 1 - Origem acadêmica dos autores selecionados na amostra PPGCI

Origem Acadêmica	Quant.	%
Biblioteconomia	59	88,1%
BB / Letras	2	3,0%
ADM / Marketing	1	1,5%
Direito	1	1,5%
C. Computação	2	3,0%
C. Contábeis	1	1,5%
Não informado	1	1,5%
	67	100%

Fonte: elaborado pela autora

A possibilidade de frequentar um mestrado acadêmico é maior para bibliotecários de universidades públicas, basicamente o maior contingente na relação profissão/local de trabalho em biblioteconomia, o que era esperado, uma vez que os programas de pós-graduação *stricto sensu* da área estão fortemente concentrados nas universidades públicas, conforme mencionado anteriormente. Observa-se a predominância de profissionais bibliotecários que se dedicam ao estudo da temática, podendo significar uma reflexão sobre o próprio fazer profissional. Varela et al (2012, p. 85), ao estudar os egressos do PPGCI da UFBA, confirma que a presença de alunos de pós-graduação com origem na biblioteconomia ainda é elevada, e constata também que foram os que mais participaram dos eventos científicos da área e publicaram artigos. Neste contexto, é importante observar que, por serem funcionários públicos detentores de título de nível superior, em universidades públicas, há o natural estímulo para ascensão na carreira e recompensa salarial conforme novos títulos são obtidos. Tal constatação leva a crer que a pós-graduação, nesses casos, pode estar contribuindo para melhor qualificação do quadro funcional das universidades, em parcela maior que em qualificação para a docência na área.

No entanto, também cabe observar a situação econômica do País, no período, que tem contribuído para o aumento de aposentadorias docentes em detrimento da abertura de novos claros para contratação.

Tabela 2 - No presente os autores estão exercendo as atividades de:

Atividade	Quant.	%
Bibliotecário	23	36%
Coord./Chefe Biblioteca	5	7%
Docente Grad	25	36%
Docente Pós Grad	1	1%
Analista de Informática	1	1%
Assessor Comunicação	1	1%
Sem Informação	11	16%
	67	100%

Fonte: elaborado pela autora

Considerando a dispersão das denominações que foram encontradas no campo das palavras-chave nas pesquisas de pós-graduação (escolhidas pelos autores), optou-se por indicar aquelas com maior número de ocorrências, conforme Quadro 19.

Quadro 19- Palavras chave com mais de 10 ocorrências nos trabalhos PÓS-GRAD..
(período de 2007 a 2016).

✓ Biblioteca Universitária
✓ Biblioteca ...
✓ Bibliotecário ...
✓ Biblioteconomia
✓ Ciência da Informação
✓ Ensino/Educação...
✓ Formação...
✓ Profissionais da Informação
✓ Mercado de Trabalho
✓ Competência em Informação

Fonte: elaborado pela autora

As palavras chave seguidas com 3 pontos (. . .) indicam variedades de tipologias, como dispostas a seguir, na tabela 4.

Observa-se que a biblioteca universitária é o *locus* dos estudos da área, seguida pela variedade na tipologia (conforme tabela 4), o que confirma dados obtidos sobre a atuação, como bibliotecários de universidades públicas, de grande parte dos mestres e doutores. Quanto ao bibliotecário, os estudos que se associam a esse profissional são tradicionais no

campo, como autopercepção e identidade social, porém se evidenciam as associações ao profissional gestor e educador, podendo sinalizar um movimento de valorização profissional e determinação de nichos de atuação.

Os descritores *formação, educação e ensino* são complementares entre si, porém agregam tanto referências de formação profissional quanto atividades que envolvem esses profissionais.

Sobre competência informacional foram encontradas com elevada frequência, denotando um aspecto em evidência no momento atual, que pode incluir tanto as habilidades requeridas pelo profissional bibliotecário no mercado de trabalho, quanto uma ação educativa a ser desenvolvida pelo bibliotecário para tornar o usuário apto à exploração dos recursos informacionais e autônomo na busca de informações. Em ambos os casos, a literatura aponta para a necessidade de as escolas considerarem na formação do futuro profissional bibliotecário, tanto a formação para a competência informacional quanto a formação para que o futuro profissional tenha condições para exercer a função educativa em relação aos seus usuários.

No Quadro 20 também foram indicados os complementos do palavras-chave utilizadas pelos autores. A partir da discriminação das palavras-chave complementares pode-se observar, ainda mais, a extensão, no sentido de especificidade (por exemplo; Biblioteca Acadêmica; Biblioteca Aprendente; Biblioteca Pública) e a intencionalidade dos estudos. Porém, como não há padronização de entradas, como poderia ocorrer mediante a utilização de thesaurus, as buscas na literatura científica da área são dificultadas.

Quadro 20- Tipologias das palavras chave encontradas na pesquisa.

Biblioteca	Bibliotecário
Acadêmica/Aprendente/Comunitária	Competências do
Pública/Proativa/Multinível	Clínico/Perfil/Formação
Hospitalar/Escolar/Digital	de Referência/Educador/Gerência
Universitária/Administração	Gestor/Ética Profissional/Localidades
Estudo de Usuário/Universitária	Auto Percepção/Identidade Social
Planejamento/Serviço de Aquisição	Mercado de Trabalho/ Treinamento
Biblioteca e Comunidade	Valorização Profissional
Biblioteca e Empresa/Biblioteca médica	Bibliotecário de Universidade
Biblioteconomia	Estudo
Cultura /Currículo/Pós-Graduação	Egressos
Ensino/Estudo	Estudo e Ensino superiores
Formação Profissional	Estudo Exploratório
História-Brasil	Estudo Culturais em Educação
Prática de Ensino /Localidade	de Gênero/Usuários
Profissão /Clínica	Estudo e Ensino em Biblioteconomia
Competência	Formação
Competência Informacional	Continuada
Autoridade Legal / Profissional	Formação de Leitores
do Estudante Universitário	do Bibliotecário
Infantil/Organizacional	Profissional/ do Docente
Educação	Ensino
Educação/Ensino	Ensino Superior/Infantil
a Distância/	Ensino de Primeiro Grau/ Fundamental
Continuada / de Usuários	Ensino Profissional
Permanente/Popular	Ensino a Distância

Fonte: elaborado pela autora

Porém, esse quadro de incidência de palavras-chave pode demonstrar as ausências de subtemas, tais como: egressos, currículo, trabalho e perfil. O que denota a ausência de estudos sistematizados sobre mercado de trabalho, por exemplo.

As instituições e PPGCI com maior número de orientadores alcançados pelo recorte são: a UFMG, com 15 trabalhos; UFSC com 15 pesquisas, UnB, com 9; UEL e UNIRIO com 5 trabalhos defendidos, UFBA e USP com 2 pesquisas. Estes orientadores/autores estão envolvidos com linhas de pesquisa em seus Programas que estudam os temas da formação

profissional, propostas pedagógicas para a formação dos profissionais da informação, avaliação do campo profissional e mercado de trabalho, mantendo essas discussões nos fóruns acadêmicos. Em alguns casos, autores atuam nesta linha, mas de forma transversal em função das responsabilidades como coordenadores de cursos de graduação ou de pós-graduação, uma vez que a criação da linha de pesquisa em programas de pós-graduação pressupõe número mínimo de pesquisadores do quadro permanente. Assim, é possível identificar autores de diferentes linhas de pesquisa, mas com pesquisas desenvolvidas ou orientadas sobre formação.

A Tabela 3 apresenta a distribuição das pesquisas por orientadores com maior ocorrência, no período considerado.

Tabela 3- Distribuição das pesquisas por orientadores com maior ocorrência, Seleção da Pós-graduação (Base PÓS-GRAD), no período considerado de 2007 a 2016

IES	Orientadores	Trabalhos orientados
UnB	Baptista, Sofia Galvão	9
UFSC	Cunha, Miriam Figueiredo Vieira da	8
UFSC	Souza, Francisco das Chagas de	7
UNESP	Almeida Júnior, Oswaldo Francisco De	5
UFMG	Araújo, Carlos Alberto Ávila	5
UFF	Rodrigues, Mara Eliane Fonseca	5
UFMG	Crivellari, Helena Maria Tarchi; Neves, Jorge Alexandre Barbosa	4
UFMG	Dumont, Ligia Maria Moreira	3
UFMG	Reis, Alcenir Soares dos	3
UFBA	Carvalho, Kátia de	2
USP	Fujino, Asa	2

Fonte: Dados extraídos da pesquisa, elaborada pela autora.

4.2 ESTUDO BIBLIOMÉTRICO DA BASE ENANCIB

Apresentamos os resultados da pesquisa que objetivou analisar a pesquisa acadêmica sobre a formação e o trabalho dos profissionais da informação, utilizando a abordagem bibliométrica sobre a amostra coletada nos anais do ENANCIB, com a intenção de formar um parâmetro de equiparação entre os trabalhos de outras categorias.

Nos estudos sobre a formação das profissões está relacionada a formação de um corpo de pesquisadores, que demandam uma associação científica a fim de proporcionar a sustentação teórica à sua prática e manutenção da jurisdição dessa profissão, como visto em Mueller, Cunha, Chagas de Souza, Abbott e Cronin, por exemplo. A Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil surge neste contexto.

As primeiras reuniões da ANCIB, chamadas de ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, aconteceram nos anos iniciais da década de 1990. Ao longo do tempo foram formados e consolidados os grupos de trabalho, GT, que são submetidos à apreciação da assembleia geral da ANCIB, ao final de cada ENANCIB. A sua produção científica e os resultados dessas reuniões têm sido objeto de estudos de vários autores, conforme a literatura da área demonstra.

Este estudo se concentra no GT6 – Informação, Educação e Trabalho. Pode-se observar a evolução desse GT6 ao longo da sua linha temporal e histórica, quanto ao número de trabalhos e participações de autores, conforme gráficos das Figuras 12 e 13.

Figura 12- Distribuição de trabalhos nos ENANCIB- GT6 - 1994 a 2017

Fonte: dados da pesquisa, elaborado pela autora

Figura 13- Trabalhos x participação de autores nos ENANCIB- GT6 - 1994 a 2017

Fonte: dados da pesquisa, elaborado pela autora

Ao longo do período percebe-se a manutenção do número de trabalhos submetidos e aceitos no GT6, enquanto há uma evolução no número de autores participantes. Deve-se considerar também o crescimento dos programas de pós-graduação no decorrer do período, em função da reestruturação do ensino superior e a multiplicação dos *campi* das instituições, seja no âmbito público como privado, que demanda formação de grupos de pesquisa para consolidação dos programas de pós-graduação. Assim, há que se observar que se, por um lado, houve estímulo à apresentação de trabalhos decorrentes de teses e dissertações em co-autoria entre orientando e orientador pela própria ANCIB, por outro lado, há fatores exógenos que podem ter influenciado na maior participação de autores nos trabalhos, a exemplo da variação da pontuação da produção científica no ENANCIB para cômputo da produção de docentes/alunos dos programas de pós-graduação na avaliação de área na CAPES.

- **APLICAÇÃO RECORTE TEMPORAL**

O recorte temporal determinado foi o período entre 2007 e 2016, coincidindo com elemento norteador da pesquisa e das análises, a eleição da temática e aprovação da ementa: *Informação, Educação e Trabalho* para o GT6- dos ENANCIB, em 2007.

A Tabela 4 mostra a distribuição da produção de trabalhos apresentados nos ENANCIB versus autores no período de 2007 a 2016. Foram contabilizados 177 trabalhos elaborados por 347 autores. Com alguns casos de apresentações de mais de um trabalho por evento (24 autores apresentaram 2 trabalhos e 1 autor apresentou 4 trabalhos) o número total de participações de autores nos encontros ENANCIB, no período foi de 374.

Tabela 4- Distribuição da produção x autores –ENANCIB - Período de 2007 a 2016

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	
Trabalhos	8	17	13	21	16	21	18	25	16	22	177
Partic. Autores	19	33	33	40	36	47	36	49	33	48	374
No. Autores	19	33	32	40	32	42	31	43	31	44	347
Trab. 1 autor	2	5	3	8	5	4	4	7	1	1	40
2 autores	5	10	6	8	6	13	12	15	13	17	105
3 autores	-	-	-	4	1	1	1	1	2	3	13
4 autores	-	2	2	1	4	1	-	1	-	1	12
5 autores	-	-	2	-	-	2	1	1	-	-	6
6 autores	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
7 autores	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
											177
Aut c/ 2 trab	-	-	1	-	4	2	5	6	2	4	24
Aut. c/ 4 trab	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1

Fonte: dados extraídos da pesquisa.

Fonte: dados da pesquisa, elaborado pela autora.

A Tabela 5 mostra a frequência da produção de trabalhos versus autores no período de 2007 a 2016. São indicadas as IES às quais estão vinculados os respectivos autores com maior frequência de produção. A Figura 14 mostra os números de trabalhos e de autores nos encontros ENANCIB, no período de 2007 a 2016.

Tabela 5- Frequência de autores x produção – ENANCIB Período 2007 a 2016

Nome Autor	IES	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
Aida Varela Varela	UFBA			1	1	2	4	2	2			12
Elizete Vitorino	UFSC		1		1	1		1	1	2	2	9
Francisco C. Souza	UFSC		1	1	1	1	1	2	2			9
Helena M. T. Crivellari	UFMG	1		1	1	1	1	1	2	1		9
Henriette Alves	UFBA		1		1	1	2				1	6
Isa Freire	UFPB							2	2	1	1	6
Asa Fujino	USP		1	1	1			1	1		1	6
Mara E. Rodrigues	UNIRIO/UFF					1	2		2			5
Sofia Baptista	UnB	1		1	1							3
Mirian Cunha	UFSC	1	1									2

Fonte: dados da pesquisa, elaborado pela autora.

Varela e Alves são representantes do PPGCI UFBA, desenvolvem pesquisas na área de concentração: Educação, na linha: Produção, circulação e mediação da informação, e são componentes do Grupo de Estudos e Pesquisa em Mediação e Comunicação da Informação. Vitorino, Souza e Cunha são associados ao PPGCI UFSC, à linha de pesquisa: Organização, Representação e mediação da Informação e do Conhecimento, e eixo temático: Profissionais da informação, competência em informação e publicação científica. Helena Crivellari é representante do PPGCI da UFMG, e Isa Freire representa o PPGCI da UFPB, e atuam nas linhas de pesquisa: usuários, gestão do conhecimento e práticas informacionais e tem temáticas de pesquisa em Informação, educação e trabalho; Informação, tecnologia e trabalho; e Epistemologia e Políticas de Informação, respectivamente. Mara Rodrigues atua na Unirio/UFF e Asa Fujino é representante da USP, e seus temas de pesquisa são associados à Formação e Ensino, e Gestão de Dispositivos de Informação.

Figura 14- Trabalhos e autores – ENANCIB 2007 – 2016

Fonte: dados da pesquisa, elaborado pela autora.

A produção científica apresentada nas edições dos eventos ENANCIB e avaliada pela bibliometria se apresenta de forma assimétrica, variando entre o mínimo de 8 e o máximo de 25 artigos por evento, contabilizando um total de 177 apresentações, sendo os anos de 2012, 2014 e 2016 os de maior expressão; são os que tiveram os maiores números de trabalhos apresentados nos encontros. A partir dos dados disponíveis no endereço da ANCIB, (<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/index>), e que ainda não receberam tratamento e certificação da associação, a autora contabilizou os trabalhos (orais e pôsteres) apresentados nos eventos mencionados, sendo: no XII (2012), com 299 participações, no Rio de Janeiro/Fiocruz; no XV (2014), com 320 trabalhos na UFMG; e com 320 apresentações também no XVII em 2016, na UFBA¹³⁴. E essa manutenção da elevação do número de submissões (6,5%) está refletida no aumento do número de trabalhos aceitos para as últimas edições do GT6.

As participações de autores tiveram crescimento expressivo, superior a 150%, a partir da variação de 19 autores em 2007, para 49 autores em 2014, tendo sido, ao todo, contabilizadas 374 participações. Tais dados devem ser analisados, considerando a valorização dos trabalhos no Enancib na avaliação da produção dos programas de acordo com critérios CAPES, como mencionado anteriormente. Observamos a presença de autores

¹³⁴ . Deve-se registrar que a consolidação dos números apresentados no relatório do UFBA são idênticos aos da UFMG.

estrangeiros, sendo três portugueses, nos anos de 2012 e 2016, e uma pesquisadora americana em 2010. Os autores estrangeiros são Malheiros, docente no Porto (Portugal) e Almeida, docente em Aveiro (Portugal). Malheiros integra grupo de estudos nas universidades: UFPB, USP, UFBA e UFPE. Janet Harrison é docente da temática: Health Information; Senior Lecturer – Information Management, na *Loughborough University*. A autora participou em 2010, do XI ENANCIB, RJ, como coautora do artigo *Comportamento informacional de médicos-residentes como subsídio para a atuação do bibliotecário clínico em hospitais universitários*, ao lado de Beraquet, Ciol e Huter.

A titulação dos autores participantes do ENANCIB – GT6, no período 2007 a 2016 está indicada na Figura 15. Deve-se considerar a titulação dos autores nas diretrizes para submissão de trabalhos. Tradicionalmente, considera-se a participação de autores (doutores, doutorandos, mestres e mestrandos) acompanhados de seus orientadores. Entretanto, em alguns eventos houve participação de graduandos, compondo grupos de colaboradores dos eventos e aceitos como coautores em alguns casos.

Figura 15- Titulação dos Autores – ENANCIB – GT6

Fonte: elaborado pela autora

Observou-se que entre os autores com nível de doutorado participantes do ENANCIB, quase a totalidade exerce a função docente (78 autores). Analisando a composição do quadro de formação e titulação dos docentes há ocorrência de titulações no estrangeiro, sendo: 2 na Inglaterra, 4 na Espanha, 3 na França, 1 na Holanda, 1 no Paraguai e 6 em

Portugal. Foram identificadas outras áreas de titulação além da CI, que atuam como docentes, sendo: Engenharia da Produção, Ciências Sociais, Educação, Comunicação e Semiótica, Literatura, Administração, Meio ambiente, Letras, Engenharia Elétrica, Engenharia Gestão do Conhecimento, História e Filosofia, Engenharia de Sistemas, Computação e Antropologia.

Segundo Noronha e Fujino (2006) disto denota-se a oportunidade de complementação internacional e a natureza interdisciplinar da CI, visualizada pelo perfil dos recursos humanos vinculados aos programas nacionais.

4.3 ESTUDO BIBLIOMÉTRICO DA BASE BRAPCI

A Figura 16 mostra as quantidades de trabalhos apresentados na base BRAPCI no período 2007 a 2016, e a distribuição dos subtemas, relacionando-os com os números de autores por trabalho. A Tabela 10 apresenta o *ranking* de periódicos indexados na Base BRAPCI, resultados de buscas nas temáticas: Formação e Trabalho, no mesmo período acima citado. A Tabela A1-1, apresentada no Apêndice 1 deste trabalho, fornece o detalhamento das quantidades de artigos publicados por periódico, para os temas considerados.

Figura 16 - Número de artigos publicados por subtema – (Período 2007 a 2016)

Fonte: dados da pesquisa, elaborado pela autora.

Sobre as categorias mais incidentes no *corpus*, observou-se que nos artigos o contexto predominante é o da exploração dos espaços de atuação tradicionais, como: biblioteca escolar, biblioteca pública, editoração, consultoria jurídica, biblioteconomia para área médica, gestão da informação, comportamento do mercado de trabalho nas regiões (Ceará, Maranhão, Rondonópolis, Rio Preto, Santa Catarina), porém não se observou discussões sobre prospecção de novas oportunidades para o futuro.

A temática da competência informacional denota interpretações variadas, aparece aplicada ao contexto de trabalho, principalmente como característica da viabilidade nas oportunidades de emprego para os profissionais da informação. Aparece também associada às dimensões técnicas e éticas do profissional, destacada como habilidade inovadora do profissional.

Observa-se que no total de 509 participações de autores, a predominância é da autoria múltipla, sendo a participação de autores na maior proporção, seguido da autoria única e bem próximo a coautoria entre três participantes. Na amostra de 509 participações de autores, foram pesquisadas a titularidade de autoria em 208 artigos, observou-se que autores com doutorado têm participado em grande parte das discussões dessas temáticas, seguidos pelos autores com graduação, vê-se que há predominância de autores múltiplos quando são artigos assinados por graduandos. Mestres e docentes seguem identificados com 48 e 26 autores respectivamente, representado na Figura 17. A titularidade dos autores dos trabalhos da base BRAPCI, no período 2007 a 2016 é mostrada na Figura 18.

Figura 17- Número de autorias e coautorias dos trabalhos (Período 2007 a 2016)

Fonte: dados da pesquisa, elaborado pela autora

Figura 18 - Titularidade dos autores da base BRAPCI (Período 2007 a 2016)

Fonte: elaborado pela autora

Considerando que os artigos de períodos selecionados foram dispostos em planilhas de MS-Excel, foi possível selecionar e quantificar o número de artigos por periódico,

apresentando o ranking de incidências. A Tabela 6 apresenta o ranking de periódicos indexados na Base BRAPCI, no período de 2007 a 2016, apresentando as temáticas **formação e trabalho**.¹³⁵.

Tabela 6- Ranking de periódicos indexados na Base BRAPCI
(no período de 2007 a 2016. Buscas nas temáticas: Formação e Trabalho)

Periódicos Indexados (*) na Base BRAPCI com recorte temporal de 2007 a 2016	
Número de Publicações	Periódicos da Área de Biblioteconomia e Ciência da Informação
34	ENANCIB (*) Anais de Evento
22	Revista ACB
19	Biblionline
14	Perspectivas em CI; Revista Digital de BB e CI
13	Revista Brasileira de BB e Doc.; Revista Brasileira de Educação em CI
10	Encontros Bibli
9	Biblos
8	Informação & Informação
7	Informação & Profissões; Revista Ibero-Americana de CI; Tendências da Pesquisa Brasileira em CI
6	Revista Analisando em CI
5	Ágora; DataGramaZero; Ponto de Acesso
4	Ciência da Informação; Em Questão; Informação Arquivística; Informação & Sociedade
3	Archeion; Biblioteca Escolar em Revista; Múltiplos Olhares em CI
2	ARQ E ADM; Perspectivas em Gestão e Conhecimento; Revista Informação e Sociedade Estudos
1	Arquivística.net; Biblioteca Universitária; Brazilian Journal of Information Science; CAJUR; Digital BB e CI; Folha de Rosto; Informação e Tecnologia; REBECIN; Revista Conhecimento em Ação; Revista Eletr de Com, Info, Inovação e Saúde; Revista Informação em Pauta; Revista Ponto de Acesso; Transformação

(*) – Anais do ENANCIB indexados a partir de 2014

Fonte: dados da pesquisa, elaborado pela autora.

Deve-se registrar um detalhamento no processo metodológico: a base BRAPCI apresentou artigos científicos apresentados em edições do ENANCIB; no âmbito desta pesquisa observamos 34 comunicações científicas, das edições de 2014, 2015 e 2016, indexadas e apresentadas nos levantamentos feitos nos subtemas já referenciados. Assim sendo, foram subtraídos do total de amostra, para evitar duplicidade.

¹³⁵ Não se pesquisou o número de teses e dissertações publicadas como artigos de periódicos.

Buscamos referenciar os periódicos que apresentaram índices de ocorrência igual ou superior a 10 artigos associados aos temas formação e trabalho, no período desta pesquisa. A distribuição dos artigos nesses periódicos que compuseram este ranking de publicações, estão relacionados no Apêndice 1. Destacamos a seguir as principais características desses periódicos:

- (i) *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*. Tem sua sede em Florianópolis, SC. Percebeu-se pela busca executada que há grande incidência da temática de atuação profissional nesta revista. A Revista ACB “é uma publicação quadrimestral de trabalhos inéditos relacionados na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação, abrangendo especificamente a Biblioteconomia, Ciência da Informação, Arquivologia, Museologia e Documentação, ou textos que apresentem resultados de estudos e pesquisas sobre atividades relacionadas ao movimento associativo (classe dos bibliotecários)”, conforme divulgação na sua página¹³⁶ na internet. Destaca-se o escopo abrangente do foco editorial que se adequa aos interesses dos pesquisadores quanto à divulgação de seus trabalhos.
- (ii) *Revista Biblionline* – sediada em João Pessoa, PB, “é uma revista eletrônica que prioriza colaborações inéditas, principalmente aquelas resultantes de Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação e Especialização, Projetos de Iniciação Científica, Monitoria e Extensão nas áreas de Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia e Ciência da Informação”¹³⁷
- (iii) *Revista Perspectivas em Ciência da Informação* – sediada em Belo Horizonte, MG, “é uma publicação trimestral da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Foi lançada em 1996, em substituição à Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG. Divulga artigos científicos, relatos de pesquisas, estudos teóricos, revisões de literatura, textos didáticos, relatos de experiências, traduções e resenhas nas áreas de Ciência da Informação, Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e áreas afins”.¹³⁸

¹³⁶ <https://revista.acbsc.org.br/racb/index>

¹³⁷ <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio>

¹³⁸ <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci>

- (iv) *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação (RDBCI)* – com sede em Campinas, SP, “é uma publicação quadrimestral vinculada ao Sistema de Bibliotecas da UNICAMP (SBU), tendo como foco divulgar trabalhos da área da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Publica artigos inéditos, relatos de experiência, pesquisas em andamento e resenhas relacionados com a Ciência da informação ou que apresentem resultados de estudos e pesquisas sobre as atividades desta área. Adota em seu processo editorial a avaliação cega por pares, onde os trabalhos são encaminhados para especialistas para análise, atendendo aos critérios de sua política editorial. A revista compreende as áreas da Biblioteconomia, Ciência da Informação, e áreas afins como os da educação, administração, cultura e pesquisa, telecomunicações e informática”.¹³⁹
- (v) *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (RBBd)* – sede em São Paulo, SP, “é o órgão oficial de comunicação da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições- FEBAB e tem como finalidades: a) constituir-se em periódico especializado da área de Biblioteconomia, Ciência da Informação e conhecimentos afins; b) ser um veículo noticioso e informativo de eventos e feitos de associações e de outras instituições ligados à área; e, c) preservar a memória profissional e constituir instrumento para análises futuras”.¹⁴⁰
- (vi) *Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação (REBECIN)*, com sede em Marília, SP, “é uma revista com periodicidade semestral, de acesso livre e gratuito publicada pela Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN). A revista adota como missão: Fomentar a disseminação e visibilidade das pesquisas e relatos de experiências relacionados à educação em Ciência da Informação”.¹⁴¹
- (vii) *Encontros BIBLI: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, com sede em Florianópolis, SC, “tem como missão difundir o conhecimento novo e inovador em Biblioteconomia, Ciência da Informação,

¹³⁹ <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci>

¹⁴⁰ <https://rbbd.febab.org.br/rbbd>

¹⁴¹ <http://abecin.org.br/portalderevistas/index.php/rebecin/index>

Arquivologia e áreas correlatas abrangendo interesses técnico-tecnológicos e humano-sociais. Está direcionada para pesquisadores, docentes, discentes e demais profissionais. Recebe originais inéditos de artigos em Biblioteconomia, Ciência da Informação, Arquivologia e áreas correlatas resultantes de pesquisa científica; originais de ensaios de caráter teórico fundamentados em revisão de literatura; resenhas de livros de edições recentes”.¹⁴²

4.4 CONSOLIDAÇÃO DOS ESTUDOS BIBLIOMÉTRICOS

Analisando a produção científica publicada pela área da CI no Brasil, no recorte temporal de 2007 -2016, verifica-se que a maioria foi produzida por pesquisadores, docentes e estudantes da área. O canal de comunicação de maior volume sobre a produção científica na temática são os anais de congresso, seguido dos artigos publicados em periódicos nacionais. No caso do ENANCIB, além dos anais do próprio evento, observou-se que os anais de evento, a partir de 2014 (e 2015 e 2016), passaram a ser indexados pela base BRAPCI, portanto as duplicidades (artigos de periódicos e comunicações científicas) foram retiradas do cálculo final. Observou-se que 29 estudos de pós-graduação também foram apresentados nos encontros ENANCIB, ao longo do recorte temporal, razão pela qual também foram eliminados. Assim, a amostra total foi integrada por 430 trabalhos, sendo 79 pesquisas da pós-graduação; 177 comunicações do ENANCIB e 174 artigos da base BRAPCI. A seguir a contabilização da amostra analisada.

108 pesquisas de pós-graduação	177 comunicações ENANCIB	208 artigos periódicos. Base BRAPCI
- 29 trab. apresentados no ENANCIB	-	- 34 artigos ENANCIB indexados
Total 79	Total 177	Total 174

Observa-se, sobre a autoria das obras, a preferência pela coautoria ou autoria múltipla, considerando que no escopo para participação nos ENANCIB é exigida a inscrição de um participante com doutorado concluído, assim, habitualmente os estudantes de mestrado e doutorado estão acompanhados pelos seus orientadores. De igual maneira, cabe observar que, embora haja definição da ANCIB em relação às regras de participação de

¹⁴² <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb>

autores; diferentes decisões em relação à autoria foram implementadas no ENANCIB, de acordo com a comissão científica do programa que acolheu o evento no ano. Assim, alunos de iniciação científica, recém graduados e mestrands puderam participar como coautores em alguns eventos e outros não. Na produção dos periódicos observou-se a dupla autoria como prática mais recorrente, seguida pela autoria única. A Tabela 7 apresenta as quantidades de dissertações, teses, trabalhos publicados em eventos e artigos publicados em revistas e periódicos, por IES, no período de 2007 a 2016.

Tabela 7- Número de dissertações, teses, trabalhos em eventos com artigos publicados em revistas e periódicos, por IES, no período de 2007 a 2016.

IES	Dissertação Mestrado	Tese Doutorado	Trabalhos em eventos ENANCIB	Artigos de Periódicos
UDESC	2	0	0	0
UEL	3	0	0	0
UFBA	9	1	3	1
UFF	6	0	2	1
UFMG	15	8	8	11
UFPB	4	0	0	1
UFPE	3	0	0	1
UFSC	16	1	3	8
UFSCAR	2	0	2	0
UnB	12	4	7	5
UNESP	6	5	2	5
UNIRIO	3	0	1	0
USP	3	5	1	4
TOTAL	84	24	29	15

Fonte: dados da pesquisa, elaborado pela autora.

A apresentação dos estudos no evento científico ENANCIB está abaixo da metade dos trabalhos produzidos pela pós-graduação, e a divulgação em periódicos é ainda em menor frequência. Este dado revela a dificuldade que os programas têm enfrentado para que concluintes de programas de Mestrado ou de Doutorado publiquem seus resultados de pesquisa em fontes de maior divulgação. Por outro lado, como observado anteriormente, o número de profissionais bibliotecários, e em menor número o de arquivistas e museólogos, nos programas de pós-graduação da área são significativos, o que pode apontar para a busca de maior qualificação para exercício da profissão e não necessariamente a formação como pesquisador ou docente. Assim, muitas teses e dissertações acabam por ficarem restritas aos

acervos das bibliotecas da unidade de origem ou nos repositórios das instituições universitárias, o que dificulta o compartilhamento do conhecimento pelos potenciais cursos de graduação da área, principalmente por instituições nos quais os cursos de graduação não estão vinculados a programas de pós-graduação. Na Tabela 9 pode ser observada a apresentação dos trabalhos de pós-graduação em relação aos canais de divulgação.

Sobre as temáticas dos estudos de pós-graduação, observou-se que:

- Na pós-graduação há o predomínio de pesquisas no nível de mestrado, em consonância com o maior número de cursos de pós-graduação, nível Mestrado na área em grande maioria executado por alunos com a origem acadêmica na biblioteconomia, e exercendo a profissão de bibliotecário. A temática formação profissional está frequentemente associada às práticas profissionais, como exemplos: *a contribuição do profissional da informação na formação do discente; o profissional da informação em atividades de ...; a formação do profissional da informação frente as demandas do mercado de trabalho; perfil do profissional da informação exigido nos concursos públicos; gestão de competências*, e outras explorações sobre a *competência informacional* e a difusão como atualização da prática profissional.
- Nos estudos do nível de doutoramento (DO), observa-se a ênfase no cunho teórico, na busca de parâmetros teóricos para o entendimento da profissionalidade, seja por estudos comparados entre profissões da informação, ou exploração dos paradigmas emergentes, como novas abordagens no ensino superior profissional, e convergências nos aspectos teóricos do campo da informação favoráveis a interdisciplinaridade entre a CI e as subáreas da Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Há o aprofundamento em concepções teóricas sobre estudo de usuários, o papel da função educativa, a mediação pedagógica, e a mediação cultural como desafios para a formação profissional.

O Quadro 21 apresenta os métodos de pesquisa que foram utilizados nas teses e dissertações brasileiras em CI. Observa-se a preferência da área em promover uma ampliação do conhecimento sobre si mesma, mas no universo estudado, não se identificou propostas metodológicas inovadoras ou reflexões sobre limitações dos métodos adotados na pesquisa.

Quadro 21- Métodos de Pesquisa das Teses e Dissertações em CI.

MÉTODOS DE PESQUISA	
✓ ANÁLISE DO DISCURSO	✓ PESQUISA DOCUMENTAL
✓ ANÁLISE DE CONTEÚDO	✓ PESQUISA EXPLORATÓRIA
✓ DSC (DISCURSO SUJEITO COLETIVO)	✓ PESQUISA QUALITATIVA
✓ ESTUDO DE CASO	✓ PESQUISA QUANTITATIVA
✓ ESTUDO HISTÓRICO	✓ SURVEY
✓ ESTUDO COMPARATIVO	✓ INSTRUMENTO: QUESTIONÁRIO
✓ PESQUISA DE CAMPO	✓ INSTRUMENTO: ENTREVISTA
✓ PESQUISA DESCRITIVA	✓ PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Fonte: elaborado pela autora

Por fim, sobre as temáticas identificadas na observação da produção em periódicos, revelou-se a predominância dos estudos de:

- Atividades profissionais em campos delimitados: atuação do bibliotecário, do arquivista e do museólogo em espaços tradicionais e a exploração de suas habilidades;
- Mercado de trabalho, com exploração das possibilidades no âmbito regional, discussão sobre estágio ainda incipiente, mas começa a despontar, como perspectiva de ampliação do campo de trabalhos, pela circulação da informação nas novas mídias, e a alteração do ambiente de trabalho.
- Em decorrência da difusão das tecnologias também no ensino, observou-se a intensificação dos estudos quanto a educação a distância, porém, associada à oportunidade de oferta de serviços pelos profissionais da informação, mais do que pela possibilidade de aumentar ou aprimorar a formação do grupo profissional.

A questão curricular é pouco desenvolvida, assim como a discussão de novos projetos pedagógicos, embora seja fundamental que esteja permanentemente em debate.

Quadro 22 - Características gerais das pesquisas sobre egressos reunindo dados das bases PÓS-GRAD, ENANCIB e BRAPCI, no período de 2007 a 2016.

Filiação	Título	Pesquisa	Período	População Pesquisada - informações disponibilizadas	Características gerais - aproximações	Mercado de trabalho
1 UFRN	ANÁLISE DO MERCADO DE TRABALHO COMO ESTRATÉGIA PARA A MEDIAÇÃO DA FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO: O CASO DOS EGRESSOS DO CURSO DE GRAD. EM BIBLIOTEC. DA UFRN	egressos graduação	Período de 2000 a 2013	152 respondentes.	Constataram que 76,4% de alunos em cursos de pós-graduação, eram ex-alunos de graduação e apenas 23,6% que ainda não haviam ingressado. Apenas dois declararam trabalhar de forma a empreender seu próprio negócio, o que mostra uma fragilidade nessa área, apesar de ser oferecida semestralmente a disciplina Gestão da Informação para o Empreendedorismo (BIB0129), pelo curso de Biblioteconomia da UFRN. Esse resultado, associado à informação de que as bibliotecas de universidades públicas e dos institutos federais de educação, ciência e tecnologia, absorvem grande parte dos egressos através de concurso público. Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia (História do Livro e das Bibliotecas, Editoração, Registro do Conhecimento, Metodologia da Pesquisa em Biblioteconomia); Organização e Tratamento da Informação (Análise de Informação, Representação Temática e Descritiva); Recursos e Serviços de Informação (Estudo do Usuário, Fontes de Informação, Repositórios Digitais); e Gestão de Unidades de Informação (Marketing, Gestão de Unidades de Informação, Planejamento em Unidades de Informação, Formação e Desenvolvimento de Coleções, Gestão Documental).	Dos 152 respondentes, 133 estão inseridos em bibliotecas, com ênfase nas universidades públicas, seguidas das universidades e faculdades privadas e dos institutos federais de educação, ciência e tecnologia.
2 UFRG	Perfil dos egressos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande (1998-2007)	egressos graduação	Período entre 1998-2007	Graduaram-se 246; 131 foram consultadas por questionário, 67 responderam, perfazendo cerca de 27% de egressos respondentes.	Em relação aos conteúdos adquiridos no curso, os que mais foram úteis na vida profissional, segundo os respondentes, são: catalogação, classificação, indexação, estudo dos usuários e referência. Já os conteúdos desenvolvidos durante o curso que tiveram menor relevância segundo os egressos, são: idiomas, marketing, estatística, fontes de informação e informática.	As unidades de informação que mais empregam egressos da FURG são bibliotecas universitárias e escolares;
3 USP-RP	PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO: ESTUDO DOS EGRESSOS NO ESTADO DE SÃO PAULO, MUNDO DO TRABALHO, HABILIDADES E COMPETÊNCIAS	egressos graduação	Ano da pesquisa: 2013	O grupo de egressos é formado por 384 formados nos últimos cinco anos em três Universidades Públicas no estado de São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Marília, Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) e Universidade de São Paulo (USP) campus de Ribeirão. Foram respondentes 209 egressos.	"Quanto à contribuição da grade curricular de seu curso em sua formação acadêmica, a maioria dos egressos respondeu que sua formação não foi suficiente para atender as demandas do mercado de trabalho, e que faltaram conhecimentos relacionados a estudos de usuários, composição de competências, Requisitos Funcionais para Registros Bibliográficos (FRBR), s deficiências na composição da grade curricular de seu curso, os egressos destacaram que o curso oferece pouco conhecimento em técnicas de representação descritiva e ferramentas/formatos de catalogação. A sugestão, neste caso, seria estender a carga horária de tais disciplinas, a fim de focar exercícios práticos aplicáveis em diversos ambientes de informação. Quase todos os egressos citaram a ausência de conhecimento e contato com sistemas de Gerenciamento Eletrônico de Documentos (GED), conceitos e técnicas de arquitetura de informação e até disciplinas optativas ligadas à informação jurídica. Como possíveis mercados de trabalho os egressos citaram: organizações jurídicas (em que o bibliotecário atua como analista/bibliotecário jurídico), instituições ligadas ao comércio e a indústria (em que o bibliotecário trabalha com gestão de conhecimento organizacional e gestão de fluxo documental) e organizações voltadas para atividades ligadas a WEB (em que o bibliotecário trabalha com arquitetura de informação). Dos egressos formados na USP de Ribeirão Preto a maioria atua em empresas privadas como analista de informação, auxiliar de tecnologia da informação e analista de documentação; os egressos que atuam efetivamente como bibliotecários vêm em segundo plano.	Egressos, UFSCAR :maioria dos egressos atuantes no mercado tradicional (o das bibliotecas), 55% de egressos atua em bibliotecas privadas, e 27% trabalham em bibliotecas públicas: USP RP - 42% de egressos atua em bibliotecas públicas. Marília : 64% dos egressos estão atuando em bibliotecas públicas. Como possíveis mercados de trabalho os egressos citaram: organizações jurídicas (em que o bibliotecário atua como analista/bibliotecário jurídico), instituições ligadas ao comércio e a indústria (em que o bibliotecário trabalha com gestão de conhecimento organizacional e gestão de fluxo documental) e organizações voltadas para atividades ligadas a WEB (em que o bibliotecário trabalha com arquitetura de informação). Dos egressos formados na USP de Ribeirão Preto a maioria atua em empresas privadas como analista de informação, auxiliar de tecnologia da informação e analista de documentação; os egressos que atuam efetivamente como bibliotecários vêm em segundo plano.
4 UFPE	Perfil dos egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco (2005 a 2010)	egressos graduação	Período de 2005 a 2010	Foram 148 consultados e 77 respondentes.	70 % assinalaram que cursam ou já cursaram especialização lato sensu e 2% cursam ou já cursaram um mestrado profissional. Em relação ao estágio curricular, 26% dos egressos consideraram que ele contribuiu significativamente para a sua formação.	Dos respondentes (60%) apontou que trabalha na esfera pública, mostrando que a instituição pública é um empregador de destaque. Já a instituição privada, que ainda é um empregador modesto, correspondeu a 26% das respostas. A atuação em outros tipos de organizações soma 14% dos respondentes. Em relação a função ou cargo exercido, a análise objetivou comprovar o uso da nomenclatura "Bibliotecário(a)" para a profissão no mercado de trabalho, fato que foi evidenciado com 50% das respostas positivas ao termo.
5 FUNLEC	inserção no mercado de trabalho e a empregabilidade de bacharéis em Biblioteconomia	egressos graduação	Período de 2005 a 2010	O universo da pesq. foi constituído por 668 bacharéis em Bibliotec. egressos da ECI/UFMG, 74 bacharéis participaram da pesquisa.	91% dos pesquisados possuem pós-graduação; No que diz respeito às disciplinas que mais favoreceram a qualificação profissional e o ingresso dos pesquisados no mercado de trabalho tem-se: a) Tratamento da informação (37,93%); b) Administração e suas derivações terminológicas típicas de questões abertas (11,2%); c) Catalogação e indexação (5,17%) e d) Normalização bibliográfica (4,31%). Quanto às sugestões para melhoria da formação acadêmica em Biblioteconomia na ECI/UFMG, as recomendações mais citadas foram: a) [Mais] Enfoque no mercado de trabalho (8,7%); b) Incluir prática e contextualização (7,6%); c) Atualização dos professores (6,5%) e d) Investir mais em disciplinas de tecnologia de informação (5,4%).	66,2% dos pesquisados trabalham em bibliotecas universitárias, escolares, especializadas, arquivos ou centro cultural, Dentre os pesquisados, 41,9% ingressou no emprego atual por meio de seleção por concurso público e 39,2% por meio de testes e entrevistas.

Destacamos a pesquisa com a temática egressos entre o universo dos trabalhos selecionados nesta pesquisa, conforme Quadro 22. Como amostra intencional, foram analisadas 5 pesquisas, desenvolvidas pelos docentes e pesquisadores e alunos de graduação da UFRN, UFRG, USP-RP, UFPE e FUNLEC (pesquisa feita com egresso do DCI/UFMG). Como não se desenvolveram sob um padrão metodológico, observamos as características que pudessem compor um painel e avaliar dados representativos com objetivo de compartilhar seus achados de pesquisa.

O recorte temporal das pesquisas e suas publicações se encontram em tempo recente, adequados ao recorte desta pesquisa. Todos são estudos desenvolvidos sobre a população de egressos da graduação em biblioteconomia. Os métodos utilizados para a pesquisa foram majoritariamente por envio de questionários, via *email*, a partir das listas de alunos das instituições, exceto na pesquisa desenvolvida pela USP-RP, que utilizaram informações solicitadas ao CRB-8. Neste caso foi composto um banco de dados exclusivo com os dados dos egressos de 3 universidades públicas de São Paulo, UNESP – Marília, UFSCAR e USP, formados nos últimos 5 anos (não está claro na pesquisa o período, porém inferiu-se ser entre 2009 a 2013). Essas listas de dados continham informações dos egressos e seus locais de trabalho. A partir desses dados foram estabelecidas as categorias de mercado de trabalho onde esses formandos atuam.

O universo dos respondentes da pesquisa desenvolvida na UFRN é de 152 participantes. Constatou-se que ao avaliarem a progressão nos estudos de seus egressos 76,4% desses alunos retornaram à universidade para dar continuidade à formação, optando pela pós-graduação acadêmica. Observaram que as universidades públicas e os institutos federais de educação absorvem esses profissionais, por meio de concurso público. Podemos ressaltar que essa opção pelo trabalho no setor público é constantemente encontrada nos estudos da área. Perguntados sobre as disciplinas que mais os auxiliam nas tarefas inerentes, destacaram as disciplinas como Fundamentos teóricos da Biblioteconomia, Organização e Tratamento da Informação, Recursos e Serviços de Informação e Gestão de Unidades de Informação.

A pesquisa sobre os egressos da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) ocorreu entre 1998 e 2007, e contou com o universo de 67 respondentes, a partir de questionários enviados à 131 egressos. A atuação destes profissionais de repete em instituições de ensino, em suas bibliotecas universitárias ou escolares. Referiram às disciplinas dos fundamentos da

Biblioteconomia como sendo os principais conhecimentos que se utilizam no trabalho e excepcionalmente referem que não consideram a necessidade de outros idiomas para o exercício de suas atividades. Observamos que tal fato diverge da demanda de língua estrangeira para a mobilização de documentos de pesquisa universitária.

O estudo de egressos da USP-RP tratou do mapeamento das categorias de mercado de trabalho onde 209 participantes das listas de egressos de três universidades paulistas atuam. Observaram o descontentamento dos egressos com a grade curricular ofertada para sua formação frente ao mercado de trabalho. Referem que faltaram complementos sobre estudos de usuários e em outras disciplinas como Requisitos Funcionais para Registros Bibliográficos (FRBR), técnicas de representação descritiva/formatos de catalogação. Os egressos sugeriram aumentar a carga horária dessas disciplinas para estender os conhecimentos destes tópicos a partir de exercícios práticos e contextualizados. Observamos, assim, que a questão curricular carece de uma avaliação junto à comunidade de egressos para ajustarem as necessidades atuais com formatos tradicionais do currículo. Entre os destaques sobre as oportunidades de trabalho, os egressos da UFSCAR apontaram as empresas e instituições de ensino privadas e instituições públicas em número equilibrado; os participantes concluintes na USP, indicaram que 42% atuam em bibliotecas públicas e os participantes da UNESP – Marília, atuam em sua maioria em bibliotecas públicas, com o índice de 64%. Há o registro que dos egressos da USP-RP, aqueles que trabalham em empresas privadas atuam sob os registros de analistas da informação, auxiliar de tecnologia da informação e analista de informação (as demais designações da família de profissionais da informação da CBO), e que a função de bibliotecário está em segundo plano. Observamos, no encaminhamento desta pesquisa que esta nova nomenclatura da profissão poderia vir a se tornar uma tendência.

O perfil dos egressos do curso de biblioteconomia da UFPE foi avaliado no período entre 2005 e 2010, e foram enviados questionários à 148 egressos e 77 foram respondidos e considerados. Foi perguntado sobre a intenção de continuar os estudos sobre a formação ao que responderam afirmativamente, conformando a participação de 70% em cursos de especialização *latu senso* e 2% escolheram o mestrado profissional. Houve o destaque para contribuição do estágio curricular, sendo que 26% consideram sua importância. Outros destaques são os espaços de atuação que se concentram em instituições públicas (60%), e as empresas privadas estão com 26% desses profissionais, outros tipos de organizações

completam a pesquisa com 14%. Registra-se que nesta pesquisa, ao ser perguntado sobre a denominação da profissão, os consultados responderam que são reconhecidos como bibliotecário em 50% dos espaços ocupados. Tal dado, comparado ao fato de que 60% são funcionários de instituições públicas, mostra algum tipo de dissociação entre a imagem do bibliotecário e a aparente exigência do título para o exercício da função.

Por fim, pesquisadores da FUNLEC delinearam a pesquisa que tinha por objetivo conhecer a inserção dos bacharéis em biblioteconomia no mercado de trabalho e seu potencial de empregabilidade. O universo da pesquisa foi constituído por 74 bacharéis egressos do ECI/UFMG que participaram do estudo. Registraram que 91% dos pesquisados possuem pós-graduação, e fazendo uma inter-relação com os espaços de trabalho, observa-se que 66,2 % dos pesquisados trabalham em bibliotecas universitárias, donde podemos concluir que se confirma a hipótese já destacada neste estudo que grande parte dos egressos da pós-graduação em CI estão atuando como profissionais da informação, em bibliotecas, universitárias ou escolares e outras instituições de ensino ou cultural. O serviço público tem absorvido esse contingente profissional, e o meio de acesso tem sido o concurso público, com 41% e 39,2% foram submetidos a testes e entrevistas. Entre as sugestões para a melhoria da formação acadêmica indicaram: enfoque no mercado de trabalho, incluir prática e contextualização, atualização docente e investimento em disciplinas de tecnologias da informação, todos com índices entre 8,7% e 5,4% de intenções.

Os destaques que podemos observar nesses estudos e associar ao objetivo da nossa pesquisa versam sobre o entendimento que grande parte dos egressos está atuando em instituições de ensino e no serviço público, fato que é de conhecimento da área e não permite visualizar mobilidade na carreira desses profissionais, a não ser o encaminhamento para docência na área de CI. Vimos que há regionalização nos interesses da composição do currículo de formação, destacando o desprestígio quanto a formação em língua estrangeira e em oposição o descontentamento quanto a pouca disponibilidade de matérias sobre representação descritiva e ferramental de trabalho, a composição de competências, e a utilização do FRBR, que, neste caso, aparentemente sinaliza para problemas de atualização das disciplinas de representação descritiva e não de estrutura curricular. As observações sobre a necessidade de maior enfoque sobre o mercado de trabalho e a inclusão da prática em novos contextos, ao contrário, refletem uma demanda sobre revisão da estrutura curricular ou do papel da disciplina de estágio, conforme discutido anteriormente.

A questão da nomenclatura para a designação profissional parece acompanhar a regionalização da atividade. Observamos que nas regiões onde há tendência de maior número de oportunidades de trabalho na área privada, a designação muda para termos que associem o trabalho com a evolução informacional e tecnológica.

Um ponto positivo relatado no corpo dos trabalhos analisados é que os egressos continuam obtendo vagas de trabalho tão logo terminam a graduação, muitas vezes nos locais onde atuaram como estagiários. Tal constatação, também leva à confirmação do papel do estágio como potencial para abrir portas para o futuro profissional.

5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO - DADOS QUALITATIVOS

Foram apresentados os resultados da pesquisa quantitativa que objetivou analisar a pesquisa acadêmica sobre a formação e o trabalho dos profissionais da informação utilizando a abordagem bibliométrica.

Nesta etapa competiu-nos fazer o esforço analítico/sintético em relação ao amplo material composto no *corpus*. Deve-se considerar os esforços dos autores nacionais expressivos que cuidam de registrar a memória da pesquisa em CI, elaborando sínteses e estudos dos perfis teóricos e científicos que têm ambiente na produção científica nacional, tais como Chagas de Souza, Dinah Población, Gonzales de Gomes, entre outros.

Para a tentativa de se obter um mapeamento da temática da formação e trabalho dos profissionais da informação e seus subtemas, focalizou-se a produção científica, encontrada nas teses e dissertações e comunicações científicas, nos repositórios dos programas de pós-graduação em CI e nos anais de congressos e periódicos.

Nesse contexto, são apresentados e discutidos os resultados da análise da produção da pós-graduação e dos trabalhos apresentados nos ENANCIB, no período de 2007 a 2016, com o objetivo de observar temas priorizados, emergentes ou ausentes, que poderiam contribuir para subsidiar as discussões teóricas e metodológicas para ressignificação dos cursos de graduação na área. Para tanto, considerou-se a proposta de Mueller que propõe que a interpretação do texto pelo autor/pesquisador sobre a amostra coletada deva ser apoiada no contexto da pesquisa, e como tal deve ser considerada (2013, p. 11).

As unidades de análise do estudo foram constituídas pelas teses e dissertações defendidas nas instituições de ensino do país, e as comunicações científicas apresentadas nos eventos e periódicos da área. Assim, optou-se por distribuir os trabalhos por enfoques temáticos, privilegiando o entendimento da ênfase em “Ensino e Pesquisa” ou “Trabalho”, e ainda na categoria “Outros”, que mantinham o foco parcialmente na temática se diferenciando pela abordagem. A aplicação da metodologia de classificação mostrou-se complexa, uma vez que alguns estudos apresentaram característica que permitiriam a inclusão em mais de um grupo temático, problema já alertado por Mueller (2013, p. 11). Optou-se pela leitura atenta do corpo do trabalho para adequar a classificação.

Foram escolhidos 43 estudos pertencentes a amostra, equivalentes a 10% do universo considerado para a avaliação qualitativa, pelo método de análise de conteúdo (do

total de 493 trabalhos, foram descontados 29 trabalhos de pós-graduação apresentados no ENANCIB, e 34 trabalhos do ENANCIB já indexados na Base Brapci, resultando em 430 estudos). Foram selecionados número de trabalhos de cada base que correspondesse a 10% de cada uma, respeitando-se, sempre que possível, a representatividade quantitativa anual e o potencial de cobertura temática dos itens selecionados, vislumbrados pela leitura do resumo, para composição da amostra. Por este critério, foram selecionados 8 trabalhos decorrentes da pós-graduação, sendo 5 mestrados e 3 doutorados; da base ENANCIB foram selecionados 18 artigos e 17 trabalhos relacionados na Base Brapci, totalizando 43 trabalhos para as análises.

Foram aplicados os procedimentos para a realização da análise de conteúdo, com a extração dos segmentos considerados apropriados, sem considerar nessa etapa o fator “autoria”.

Esses elementos foram extraídos e classificados, com a aplicação de identificadores formados por caracteres alfanuméricos “F1 a F20” (sequencial) para a categoria Formação e “T1 a T23” para a categoria Trabalho (sequencial), para o total de 43 estudos da amostra final). As autorias foram codificadas de “A1 a A43”, para cada trabalho, desconsiderando a diferenciação entre autoria única ou multiautorais. Observou-se a não repetição de autores. Tendo em vista a possibilidade da inclusão de um texto em mais de um grupo temático, foram agrupados em ambos os grupos, quando necessário.

As composições das amostras nas fases quantitativa e qualitativa da pesquisa são apresentadas no Quadro 23.

Quadro 23- Composição da amostra nas fases quanti- qualitativa da pesquisa.

Composição das amostras da pesquisa	Fase quantitativa		Fase qualitativa	
	Amostra	%	Seleção	%
Pós-Graduação	79	18,3	8	10,1 %
ENANCIB	177	41,2	18	10,2%
BRAPCI	174	40,5	17	9,8%
Total	430	100 %	43	10 %

Fonte: Elaborado pela autora.

Compreende-se que mapeamentos sobre a pesquisa científica são fundamentais para a compreensão desse processo de mudanças vivenciado pelos mundos formativo e do trabalho. Isto porque podem revelar temáticas que circulam nos discursos da comunidade acadêmico/científica, que tanto podem ser relegadas a segundo plano, embora importantes, como fazer despontar aspectos promissores, que poderiam fornecer subsídios para melhoria da qualificação da formação profissional na graduação. Deve-se manter a observância sobre a especificidade do objeto/produto informação e o mundo do trabalho fortemente recondicionado.

A sociedade e o trabalho e mundo formativo mantém uma relação dialética passível de reconhecimento que adequadamente consideradas pela pesquisa, poderiam se apresentar como tendências e que, pelo que são, serem aceitas ou rechaçadas.

O lugar da pesquisa em CI foi apontado por Mueller (2009) como um elemento que deve ser considerado na condução dos desafios representados, não somente pelos avanços científicos e tecnológicos, mas também pela velocidade com que tais avanços produzem, e sua ação sobre os demais atores presentes: o mercado e o setor empresarial. A autora aponta o deslocamento da questão do conhecimento e da informação da esfera estatal para a esfera produtiva-organizacional-empresarial, que contribuiu para melhor compreensão do papel da informação no funcionamento do mercado, dos seus fluxos e dos novos ambientes empresariais e organizacionais.

Para compreender a importância do uso intensivo da informação, recorre-se a Barreto, que em 1994 destacou a exigência da competência para decodificar o discurso da informação e a transformação da informação em conhecimento transformador.

Pode-se inferir que o debate sobre as qualificações dos profissionais da informação quanto aos processos de incorporação dessas inovações e a revisão do seu papel social tornou-se objeto de primeira ordem. A formação profissional passa a exigir um repertório de conhecimentos específicos para a compreensão das questões que perpassam as noções de profissionalismo nas diferentes profissões ao longo do tempo.

Outro aspecto relevante é apontado por Guimarães (2004) ao avaliar os desafios e as perspectivas para a formação dos profissionais da informação, que, no caso brasileiro, são decorrentes da formação de dois universos acadêmicos para objetivar essas questões: os cursos acadêmicos que se voltaram para assimilar o paradigma da informação sobrepondo-se ao do acervo; e os cursos de pós-graduação em CI, especialmente, ao tratar da

contribuição de novos construtos teóricos e metodológicos para a formação na área. O autor coloca estas inter-relações em um plano cartesiano, dedicando um dos eixos às demandas das ambiências do fazer profissional, locais onde são fixadas as profissões e sua profissionalidade (podendo ser arquivos, bibliotecas, e outros), e de outro, “os conjuntos de processos que atuariam em dois níveis: em um primeiro, a dimensão do documento materialmente considerado e, um segundo, a da informação como conjunto de estruturas simbolicamente significantes” (GUIMARÃES, 2004, p. 92). Assim, o autor nos instiga a fazer essa reflexão quanto ao entendimento da relação entre os dois universos acadêmicos, que superaria a falsa dicotomia” entre os espaços de formação, as universidades, e o exercício profissional, mercados de trabalho e associações, valorizando uma relação de “simbiose” entre tais agentes.

Nesta perspectiva, entendemos que o mundo acadêmico e mercado de trabalho, deveriam compartilhar uma área comum, já na graduação, representada pelos estágios curriculares, uma vez que a velocidade de transformação da prática, impulsionada pela adoção de novas tecnologias e plataformas digitais de trabalho, altera não somente o fazer, mas exige novas demandas cognitivas que propiciem a experiência deste fazer, embora seja cada vez mais explícita a irreversível necessidade da educação continuada (valorizando as oportunidades de encontro em eventos, cursos e palestras), bem como dos estágios profissionais.

Nesse contexto, propôs-se fazer tentativas e mapeamentos dos subtemas que se apresentam nas dobraduras do grande temática Formação e Trabalho dos profissionais da informação, a fim de tentar identificar convergência, conflitos ou lacunas nesse processo.

As categorias de análise utilizadas para a categorização foram: formação; educação continuada e EaD; currículo; estágios curriculares; novos cenários de atuação; competência informacional e mercado de trabalho e estudo sobre egressos. Os Quadros 24 a 30 apresentam as análises dos tópicos. No início de cada tópico analisado são descritas as categorias e o referencial teórico

A seguir, serão brevemente descritas as categorias e o referencial teórico sob o qual apoiamos as análises dos trabalhos acadêmicos que selecionamos.

1) As pesquisas e os trechos classificados como **Formação** são aqueles que localizaram em seus conteúdos abordagens sobre o panorama de formação do profissional,

reunindo extratos sobre os elementos e suas propriedades que poderiam avaliar o contexto e suas demandas, no entendimento da formação do profissional da informação.

Considera-se que a temática da formação não pode ser dissociada das circunstâncias e do contexto sócio-político-econômico atual. A importância da convergência de habilidades no desenvolvimento profissional na contemporaneidade, deve ser entendida considerando os diversos cenários profissionais que se entrecruzam de forma complexa e que exigem capacidades, produtos e serviços em sintonia com os novos cenários ocupacionais (SILVA, 2014, p. 56).

De fato, Bufrem e Kobashi (2011, p. 151), observam que a literatura da área expõe a preocupação com o destino acadêmico, sobretudo da Biblioteconomia em função do surgimento de novas tecnologias, novos suportes e metodologias para a recuperação da informação e a necessidade de as escolas de Biblioteconomia reformarem currículos, criar outros cursos e até a preocupação de algumas em mudarem o nome do curso.

O entendimento do cenário, a nosso ver, deve contemplar o processo de construção do saber e a constatação de que ele ocorre em interlocução com diferentes pares situados no mesmo espaço, e a internet com sua virtualidade, desterritorialização, rapidez, ubiquidade, simultaneidade e fluidez tem transformado significativamente os modos de aprendizagem e de trabalho. Observamos que as fronteiras têm sido superadas pelos novos meios de comunicação na Ciência, a produção de grande volume de dados (*Big Data*), o compartilhamento e exploração desses dados, e o envolvimento de vários profissionais. Mas, ao mesmo tempo, nas pesquisas de egressos, constata-se ambientes tradicionais de biblioteconomia ainda bem presente, o que leva à necessidade de reflexões sobre os princípios básicos da área que fundamentam o fazer profissional, mas considerando os diversos ambientes e, sobretudo, a noção de que a dissociação entre tempo e espaço leva também à dissociação do lugar da cultura de origem do potencial usuário.

Assim, os novos paradigmas de velocidade e transformação demandam que os indivíduos e instituições estabeleçam uma nova relação com a informação e o saber, relações de aprendizado e compartilhamento permanentes. Nesse contexto propomos observar os excertos extraídos dos textos analisados e incluídos na categoria 1 – formação, com o exposto no Quadro 24.

Quadro 24 - Categoria 1 - Formação

Formação
<p>F15/A24 – “Outro ponto que merece destaque é a ausência de aprofundamento da dimensão do estágio e importância do Trabalho de Conclusão de Curso ou Trabalho Monográfico no Projeto Pedagógico de Curso (PPC) analisados. De modo geral, poucos aspectos relacionados aos itens são privilegiados nestes documentos e existiu a ausência destes artefatos no discurso dos professores... Em linhas gerais, parece que se desconsiderou a importância do aprender a fazer, assim como, dos espaços de experimentação da prática profissional, ao menos nos documentos oficiais. Nosso estudo lamenta tais constatações e argumenta sobre a importância de estudos que reflitam estes aspectos e mais que isso sugiram ações para as Escolas de Biblioteconomia seguir no que tange aos mesmos.”</p>
<p>F10/A17- “A formação desse profissional deverá estar direcionada à realidade do mercado no qual atua. As escolas de Biblioteconomia e instituições de representação da classe estão se esforçando significativamente para oportunizar a educação continuada de qualidade direcionada para o desenvolvimento de competências desses profissionais.”</p>
<p>F13/A20 – “Estas considerações nos fazem refletir acerca não apenas da abrangência das mais diversas áreas de conhecimentos, mas, principalmente, daquelas que lidam diretamente com os processos de produção, organização, armazenamento, mediação, uso e reuso da informação, sobretudo, porque estas agora já nascem em formato de fluxos na rede.”</p>
<p>F11/A18 – “Tais componentes podem viabilizar a apropriação de técnicas de relacionamento humano e comunicação, bem como instrumental para o gerenciamento de espaços, tratamento, disponibilização e disseminação da informação para demandas sociais específicas. Também estimular o estudo de teorias e formulações críticas acerca do tema, capacitando o futuro profissional a desenvolver pesquisas, gerando novos conhecimentos na área.”</p>
<p>F10/A17 – “[...]as teorias da construção social da realidade, das representações sociais e do reconfiguracionismo vêm contribuindo para a compreensão dos aspectos tratados no trabalho, além de permitir a reflexão sobre a dinâmica da sociedade e suas mutações. Estando o bibliotecário inserido nesse âmbito, as teorias mencionadas o fazem compreender <i>melhor sua formação, inserção no mercado de trabalho e as práticas informacionais que se dão no dia-a-dia do seu fazer.</i>”</p>
<p>F10/A17 – “Em relação à definição do curso universitário mais adequado para lidar com o gerenciamento da informação, os dirigentes se sentiram incapazes de avaliar um curso específico, pois segundo eles o profissional que é ligado com a informação, seja ela qual for, não tem uma formação específica, mas uma formação acadêmica voltada para a organização da informação e o ordenamento da necessidade informacional. Essa representação evidencia o espaço de confluência existente no mercado de trabalho”.</p>
<p>T17/A29 – “Cabe destacar, no entanto, que apesar de o fator tecnologia não ser predominante nas respostas dos bibliotecários, eles tendem a se interessar pelas áreas “mais masculinas” da profissão, sobretudo às ligadas ao gerenciamento da informação e do conhecimento. Tal fato demonstra que as relações de gênero e os papéis que os homens devem desempenhar na sociedade estão tão arraigados, que mesmo em uma profissão feminilizada, eles optam e/ou se interessam por atividades comumente ligadas ao masculino.”</p>
<p>T21/A42 – “Os bibliotecários públicos 2.0 das bibliotecas analisadas aprenderam a utilizar as ferramentas web 2.0 informalmente. Tais resultados sugerem a necessidade de inclusão desse na formação dos bibliotecários. Por meio dos resultados desta pesquisa foi identificadas lacunas quanto ao perfil dos profissionais, com enfoque na formação, corroborando com outras pesquisas da área, conforme apresentado na fundamentação teórica.”</p>
<p>T21/A42 – “Essa pesquisa apontou que o bibliotecário 2.0 pensa a profissão de uma nova forma. Também revelou que traços de personalidade interferem na sua atuação.”</p>

F19/A41 – “Atenção também deve ser dada às dificuldades apresentadas pelos alunos participantes da pesquisa em relação a algumas habilidades específicas. As habilidades relacionadas à classificação de fontes de informação, elaboração de estratégias de busca, uso eficiente da informação possibilitando ao aluno formular sua própria opinião e posição [...] devem ser complementadas [...].”
F4/A10 – “O estudo [...] <i>não aponta diretrizes teórico metodológicas</i> que possam sustentar um programa de formação baseado no desenvolvimento de competências ou habilidades para formação de um bibliotecário apto a desenvolver esta função.”
F6/A12 – “[...] percebe que nas normas, diretrizes e nos documentos orientadores o bibliotecário não é colocado de forma clara como mediador cultural, tampouco como negociador cultural, mas como educador e difusor de cultura, (...). Considera [-se] <i>que o desafio precede todos os outros, para a formação do bibliotecário como mediador cultural</i> , é o de refletir, discutir, teorizar e explicitar os conceitos de <i>formação</i> , superando a visão dualista (tecnicismo x humanismo, técnica x prática, fazer x pensar...) que vem orientando historicamente a CI e a Biblioteconomia.”
F17/A40 – “A proposta de uma formação multirreferencial para a ação do bibliotecário no mundo do trabalho <i>de certa maneira vem sendo contemplada</i> , uma vez que os conteúdos aqui comparados e analisados subsidiam trocas que promovem discussões sobre a pluralidade funcional (referente a capacidade de propor soluções informacionais) e contextual (referente a identificação e compreensão do campo informacional) para a formação do bibliotecário.”

Fonte: Elaborado pela autora.

• Análise da Categoria 1 – Formação

Observamos que os recortes que tratam da formação dos profissionais da informação incluem questionamentos sobre a adequação dos processos de trabalho e a experiência possível, se explorado o potencial que os estágios curriculares podem oferecer, e este é um aspecto que insistimos em ressaltar ao longo da pesquisa. Para tanto, questiona-se se a formação está em consonância com a realidade do mundo do trabalho. Em um registro, observamos o descontentamento com a postura de professores afastados da problemática da formação, enquanto, em outra análise, vê-se um discurso promissor quanto ao interesse das escolas em promover a profissão nos moldes de educação continuada, mas sem o envolvimento dos debates sobre a adequação do currículo ou mesmo da revisão de conteúdos disciplinares e de métodos pedagógicos.

Analisando os dados desse tópico, pode-se notar que foi destacada a ênfase dos empregadores na necessidade de conhecimento amplo em organização da informação, e perfil pessoal dinâmico, versátil e flexível para desenvolver trabalhos em equipe. Excluem-se discussões de qual seriam os fatores chave na formação e no perfil profissional. Não se discute amplamente a diversidade de áreas de atuação do bibliotecário, o que impede a avaliação estratégica da necessidade de níveis diferenciados de qualificação e habilitações que poderiam suprir essas carências. Percebe-se que a introdução de artefatos e tecnologias implicam em adequar as habilidades profissionais, mas ainda denotam dificuldades quanto

às estratégias básicas de desenvolvimento de conteúdos presentes no currículo mínimo. Há outras incursões objetivando as carências na formação, seja nos aspectos da mediação da informação ou da função educativa, dois caminhos de valorização da profissão, previstas e já aceitas para o futuro profissional. Mas, há o registro de uma percepção satisfatória, embora contrária a todas as outras, sobre a adequação da formação profissional, que atenderia a pluralidade funcional imposta à categoria profissional.

2) Os tópicos ***educação continuada e educação a distância*** se associam pela interação entre esses aspectos mais específicos de formação ou de trabalho em níveis mais ou menos agregados, conforme aponta Sousa (2014) ao fazer a análise dos achados da pesquisa sobre a função educativa dos profissionais da informação, especialmente bibliotecários.

Nesse sentido, Rodrigues (2006, p.35), observa que as políticas governamentais de fomento quanto ao acesso à educação devem envolver ajustes na organização da informação para os diversos públicos envolvidos e salienta que os profissionais da CI e Biblioteconomia poderiam desempenhar novos papéis nesse contexto, incluindo desde a organização de bibliotecas tradicionais e virtuais, quanto a organização de padrões de produção, acesso e disseminação da informação para atendimento a alunos na modalidade a distância.

A educação continuada denota no contexto da modernidade a aceitação de que todas as profissões estão convidadas a se manterem atualizadas, para o bem do desenvolvimento da sociedade. Entretanto, temos observado que é frequente o discurso da educação continuada em detrimento de discussão sobre a atualização de currículos formativos. Vilarinho e Madureira (2010) enfatizam problemas na formação do bibliotecário para atuar em bibliotecas digitais. As autoras indicaram incongruências quanto a validade das indicações para a educação continuada ao se observar alguns entraves quanto a atualização profissional, tendo em vista a multiplicação de bibliotecas virtuais. São elas: a) os jovens profissionais, recém formados, alegaram pouco conhecimento sobre as possibilidades de estágio em bibliotecas com o novo serviço; b) esses alunos também desconheciam as opções de disciplinas que pudessem oferecer esse conhecimento; 3) os profissionais atuantes em bibliotecas, informaram que as instituições onde trabalham, não investem tanto nesse assunto e são poucos os investimentos financeiros das instituições para esse fim; c) não há

divulgação dessas possibilidades aos seus alunos ou egressos; d) as associações profissionais também não oferecem essas especializações, embora a formação contínua seja temática recorrente.

A aproximação da educação a distância para o aperfeiçoamento do profissional da informação parece adequado, porém na literatura observa-se a EAD como nicho de atuação profissional e a educação continuada como um compromisso do profissional tão logo ele deixe os bancos universitários. Nesse contexto propomos observar a categoria 2 – educação continuada e educação a distância, conforme apresentado nos recortes expostos no Quadro 25.

Quadro 25- Categoria 2 – Educação Continuada / Ead

Educação Continuada/Ead
<p>F14/A30- “[...] A educação, por sua vez, também tem sido influenciada e deveria usufruir desse desenvolvimento tecnológico. No entanto, alguns descompassos, como a falta de credibilidade em cursos a distância, o letramento informacional dos usuários, entre outros interferem na utilização plena da educação a distância [...]”</p>
<p>F14/A30- “[...] a CI pode contribuir com o conteúdo, metodologia e estratégias para realizar o estudo de usuário e a avaliação da usabilidade de biblioteca digital. Colabora na análise da relação humano-computador (relação usuário – sistema de informação EAD) e se relaciona com a preservação da informação.”</p>
<p>F14/A30 – “[...] os sujeitos da pesquisa, docentes e discentes, veem os cursos positivamente; o acesso e o uso do sistema Moodle foram considerados satisfatórios, porém podem ser aprimorados; e a maioria dos estudantes limita-se a utilizar os materiais disponibilizados pelos cursos, não buscando outras fontes de informação. Constata-se ainda que durante o desenvolvimento das aulas não existe uma teoria pedagógica definida.”</p>
<p>F14/A30 – “[...] percebe-se que é preciso repensar o modo como esse sistema educacional está funcionando, para que ajustes sejam realizados, no sentido de aprimorá-lo [...]”.</p>
<p>F12/A19 – “[...] O aperfeiçoamento contínuo, por intermédio da educação continuada ou por aprendizagem autônoma não é determinante do sucesso profissional, isto só acontece se a esta são aliadas a história de vida do profissional, as investidas culturais, profissionais, políticas e sociais, ou seja, a formação da identidade profissional, nas diversas instituições formadoras e de formação contínua. E que estas instituições, por sua vez, façam frutificar talentos e potencialidades criativas, o que implica a capacidade individual de se responsabilizar pela realização do seu projeto individual. A visão tradicional da educação baseada na transmissão de um conjunto fixo de informações, hoje está voltada à construção, gestão e disseminação do conhecimento, com ênfase no aprender a aprender e no aprendizado ao longo da vida [...]”.</p>
<p>F10/A17 - “[...] esse profissional busque desenvolver a autoaprendizagem durante sua formação universitária, além de aliar ao seu conhecimento técnico, conhecimentos de outras áreas, agregando um diferencial em sua formação. E que sempre esteja buscando o aperfeiçoamento profissional através da educação continuada.”</p>
<p>F8/A15 “[...] cabe ainda uma última reflexão, relativa à divisão de responsabilidades na formação de profissionais com competência informacional. Considerando ainda que cabe aos profissionais da informação – bibliotecários uma postura proativa no sentido de desenvolverem um processo de educação continuada. Por outro lado, cabe as instituições educacionais da área gerarem oportunidades de ensino e de desenvolvimento de habilidades nesta e em outras temáticas.”</p>
<p>T15/A27 - “[...] um dado recorrente nas pesquisas que tratam sobre mercado de trabalho diz respeito à educação continuada. Segundo as autoras, a “educação continuada é uma alternativa para o aumento de profissionais que buscam o reconhecimento da profissão, o aprimoramento é oferecido pelos cursos de</p>

extensão que integram múltiplas formações” É possível perceber nas pesquisas citadas anteriormente que a educação continuada é um ponto comum entre elas, o que implica uma tendência de retorno à universidade para a aquisição de novas habilidades e competências. De forma implícita, acontece um processo de mediação da informação entre mercado e universidade, a partir da atuação dos egressos, ao renovar seus conhecimentos e retroalimentar o mercado [...]

F19/A41 – “Com relação à educação continuada, os alunos demonstraram estar consciente de sua importância após a formação na graduação, necessária para o aprimoramento de seus conhecimentos, habilidades e atitudes[...].”

Fonte: Elaborado pela autora.

• Análise da Categoria 2 – Educação Continuada/Ead

Pode-se observar que as avaliações a respeito das facilidades para o aproveitamento da educação à distância se confundem com a educação continuada. O potencial de uso da educação à distância é explorado como nicho de trabalho para os profissionais da informação, com a expectativa de promover a visibilidade do trabalho em competência informacional. Observa-se também que a temática da educação continuada para os bibliotecários, embora bastante citada, carece de um debate aprofundado. Percebe-se nos trechos uma continuidade do curso universitário, como se este fosse insuficiente para dar continuidade às carreiras da informação. Outro aspecto é a indicação de que a frequência em cursos de especialização poderia contar como alternativa de “reconhecimento da profissão”, integrando o conhecimento de outras funções. Porém, já foi evidenciada na literatura (Rodrigues et al, 2015) que as especializações estão voltadas para os aspectos instrumentais do fazer profissional.

3) Percebe-se ao encaminhar esta pesquisa, que o subtema **propostas pedagógicas** tem menos revocação que a educação continuada. Há registros da necessidade de renovação das propostas pedagógicas, na medida em que há consenso sobre a importância do conhecimento sobre o modo de produção e a economia, daí decorre a necessidade de investir na educação, mas esbarra-se na concepção, ainda presente, da formação partir da transmissão de conhecimento, quando o que a sociedade demanda é saber construir conhecimento de forma colaborativa, e Giordani et al (2008) aponta que é necessário já na graduação compreender os mecanismos para a ciência. O trabalho de Rodrigues e Campello (2004) se sobressai nesta discussão, ao direcionarem esforços para a ressignificação do processo de ensino/aprendizagem em seus estudos sobre a Biblioteconomia e a CI. No

entendimento destas autoras, a competência profissional transcende os limites da aptidão técnico científica, de modo que é a capacidade de soluções de problemas que fará a distinção na capacidade profissional, e, para tanto, são exigidas novas concepções de ensino e novas propostas pedagógicas em ambientes de aprendizagem, que possam alcançar esse patamar sócio cognitivo construtivo. A seguir apresentamos a seleção da categoria 3 no Quadro 26.

Quadro 26- Categoria 3 – Propostas Pedagógicas

Propostas Pedagógicas
F15/A24 – <i>“Também verificamos que os docentes das escolas analisadas pouco conhecem as DCN para os cursos de Biblioteconomia, pois ao explicitarem sua compreensão acerca das unidades competências e habilidades, perfil profissional e flexibilização curricular, destacadas por este estudo, denotam inconformidade com os enunciados oficiais das DCN. Porém, tais professores apresentaram postura autocrítica, reconhecendo seu desconhecimento sobre o assunto e evidenciam a necessidade de buscar mais entendimento.”</i>
F16/A26 – <i>“Esperamos, [...], criar oportunidades de aprendizagem para produção cooperativa e compartilhamento de informações de interesse para o ensino médio e o de graduação, este último nas áreas de Ciência da Informação, Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia.”</i>
F16/A26 – <i>“Os pesquisadores docentes e discentes participam da rede através de projetos desde a fase de elaboração à discussão quanto nos atores sociais e compartilhamento dos resultados. As atividades são diferenciadas tanto nas operações quanto nos atores sociais, mas integradas no espaço de produção cooperativa e compartilhamento de informações científicas e tecnológicas. Dessa forma, as ações desenvolvem entre os participantes uma sinergia para o trabalho a ser empreendido, além de gerar comprometimento com a efetiva construção de condições para sua realização, com o propósito de promover benefícios às pessoas e organizações.”</i>
F16/A26 – <i>“Trata-se de projeto desenvolvido no âmbito do Departamento de Ciência da Informação, em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação e o Mestrado Profissional Gestão em Organizações Aprendentes.”</i>
F15/A24 – <i>“Que a reformulação do ensino reflete e refrata a concepção do profissional que se deseja “formar” propostas inovadoras de ensino. Os instrumentos como o DNC, ou o PPC são balizadores.”</i>
F5/A11 – <i>“A quase inexistência de aulas na biblioteca ficou comprovada pelas respostas das alunas ao indicarem que 21 raramente têm aulas nesse espaço, somados aos 39 que nunca tiveram aulas ministradas na biblioteca. Depreende-se desses dados que, embora concebam a biblioteca como espaço de elaboração do conhecimento, concretamente, professores, alunos de graduação e bibliotecários mantêm uma relação não direcionada à produção coletiva do conhecimento.”</i>
F19/A41 – <i>“Com relação à confiabilidade das fontes de informação verificou-se que as consideradas mais confiáveis foram aquelas recomendadas por professores e bibliotecários. Esse dado reforça o fundamental apoio do docente no processo de aprendizagem do aluno.”</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

• Análise da Categoria 3 – Propostas Pedagógicas

Vê-se que há recortes que indicam que pode haver pouca proximidade entre a docência e as características intrínsecas que compõem o projeto pedagógico ou DCN, a fim de balizar possíveis propostas inovadoras. Observamos recomendações que podem ser

feitas a fim de aprimorar e diversificar as estruturas curriculares e criar ofertas de disciplinas optativas, ou modalidades de ensino na interação da sala de aula. Verificou-se a introdução de um projeto de interação entre a graduação e a pós-graduação, com perspectivas de somar esforços no conhecimento das questões e soluções na necessidade de informação, mas são iniciativas isoladas.

Por outro lado, o espaço da biblioteca como laboratório de pesquisa parece pouco explorado, muito embora na pesquisa se evidencie como experiência fundamental para o contato com o público em geral. A profissão repensada não exclui o espaço da biblioteca como campo de pesquisa e ensino, porém, não se evidencia qualquer outro, a partir de um planejamento estratégico para a evolução de metodologias de ensino que reúnam pesquisadores, docentes e alunos questionadores.

4) O subtema **currículo** mobiliza entendimentos da área da Educação. Pode-se observar que os componentes de um currículo prescrito, favoráveis ao enfrentamento da realidade, por serem socialmente situados, são passíveis de serem avaliados, de acordo com Perrenoud (2003). Para o autor, o fracasso ou o sucesso escolar são devidamente estabelecidos e proclamados pelo sistema educacional estabelecido por ancoragem no currículo vigente e na visão de cultura da qual a avaliação faz parte. (p. 14). Chagas de Souza (2008) complementam referindo-se aos órgãos fomentadores e reguladores que, segundo o autor, exercem o principal poder de estímulo a novas percepções, que afetam as questões relativas sobre o currículo.

Perrenoud (2003, p. 21) aponta que nenhum sistema educacional estende, por exemplo, a liberdade dos professores à livre escolha das finalidades e dos conteúdos do ensino. É o programa curricular que deve ditar as formas e as normas de excelência escolar que definem o sucesso. Entretanto, o estatuto, a natureza de seu trabalho, a opacidade das práticas pedagógicas e o controle frágil, dão aos profissionais, no cotidiano, uma grande abertura em relação à execução, tanto dos programas quanto das exigências e exemplifica citando docentes que, por meio de textos ambíguos e/ou contestados aliam práticas de ensino e de avaliação que acabam por negar a validade, ou, ainda ignorar o programa curricular. Ao mesmo tempo em que o autor reconhece a distância entre o currículo prescrito e o currículo real, aponta o currículo como a única maneira coerente de colocar o problema dos critérios de sucesso.

Souza (2006, p. 15) acrescenta à análise desta temática que

“[...] em todas as circunstâncias o currículo, em todas as suas dimensões, representa uma resposta que dada sociedade constrói tomando como referência as suas necessidades de conhecimento e as condições de sistematiza-lo. Assim, entender o que a dimensão social, ou dito de outro modo, o mercado deseja, ou tem como expectativa da atividade das profissões e da preparação para nelas o indivíduo inserir-se e atuar é, de fato, uma primeira e mais volumosa etapa do trabalho que constitui referência para à ação da escola e para a pesquisa acadêmica.

A respeito das intensas mudanças no mundo do trabalho, das possibilidades que se abrem e das dificuldades que viram somadas as pesquisas que se desenvolvem no âmbito da temática currículo se tornam imprescindíveis. Propomos observar a categoria 4 – currículo, conforme apresentado nos recortes expostos no Quadro 27.

Quadro 27- Categoria 4 – Currículo

Currículo
F15/A24 – “[...]o tema perfil profissional e formação profissional apresentam uma relação indissociável, uma vez que os traços almejados para construir um perfil profissional direcionam a construção de propostas curriculares, criação e revisão de projetos político pedagógico e escolhas de métodos de ensino.”
F15/A24 – “[...] toda proposta de reestruturação curricular visa reorganizar os conteúdos, disciplinas próprias, articular uma formação em consonância com o panorama atual, reafirmar fundamentos e explicitar o perfil do bibliotecário que a Escola de Biblioteconomia quer formar.”
F15/A24 – “Cabe ressaltar que as DCN consideram que o perfil profissional é constituído por três diferentes quesitos, a saber: competências e habilidades, espaços de trabalho em que este perfil profissional pode atuar e padrões éticos e de conduta profissional.”
F13/A20 – “[...] demanda novas competências dos profissionais da informação que, a maioria dos atuais modelos formativos, não dá conta de responder; uma vez que os currículos e as mediações pedagógicas da área das Ciências da Informação ainda estão pautados em padrões de tratamento da informação baseados em formatos e modelos analógicos [...].”
F13/A20 – “Outra questão que precisa uma maior atenção ao se refletir e se elaborar os currículos é que a mediação, como conceito e como prática, precisa estar presente não apenas como conteúdo curricular, mas, sobretudo, como práxis curriculares. Arquivos, bibliotecas, museus, centros culturais e de documentação, hospitais e laboratórios universitários, poderiam ser mobilizados para que os alunos fizessem não apenas os estágios curriculares, mas, sobretudo, os utilizassem como verdadeiros laboratórios, como uma extensão das salas de aula [...]”
F18/A40 – “[...] existem alguns arranjos promissores para formação de profissionais da informação, [...], [pelo] essa formação já se encontra hibridizada com arquivistas e museólogos no interior dos currículos. Todavia, é preciso atentar que não é possível formar um profissional híbrido pelo apenas com disciplinas de introdução às outras duas áreas de conhecimentos e atuação profissional.”
F17/A40 – “Apesar da identificação de lacunas temáticas observadas em ambos os currículos, de maneira geral, estes oferecem teorias que subsidiam a prática profissional.”
F17/A40 – “Confirmamos nossa suposição inicial de que as propostas curriculares dos cursos de Biblioteconomia, de modo geral, acompanham as transformações ocorridas nas sociedades da informação, juntamente com a ação do profissional bibliotecário.”
F17/A40 – “Diante deste panorama entendemos que os currículos das escolas de Biblioteconomia, aqui analisados, preocupam-se com a formação de profissionais aptos a assumirem seus papéis de agentes de informação e consequentemente, aptos a responderem as demandas do mundo do trabalho.”

Fonte: Elaborado pela autora.

- **Análise da Categoria 4 – Currículo**

Os resultados da coleta dos recortes evidenciam que há muito a ser feito para adequar o currículo às expectativas da comunidade interna e externa. A adequação curricular demanda uma atitude política dentro da área, que não parece ceder espaço para o confronto com as mudanças necessárias. Vê-se a intenção de diversificar estruturas e criar espaços de trabalho, para atender a ofertas diferenciadas de necessidades de informação. Verifica-se que há requisitos a serem atendidos para se obter equilíbrio em atividades práticas e análise crítica. Denota-se a dimensão social sendo observada quando tem como expectativa a atividade profissional e a preparação do aluno para nela inserir-se e atuar. É um aspecto que aproxima a realidade do mercado de trabalho e a trajetória ofertada pela escola, porém não se verificou frequência neste quesito.

5) O **mercado de trabalho** está receptivo aos profissionais da informação, entretanto a associação entre essas profissões e o mercado de trabalho não se dará sem ressalvas. No contexto globalizado vê-se acentuar ainda mais a dicotomia entre a educação recebida na universidade e aquela imposta pelo mercado do trabalho. Chagas de Souza (2011, p. 207) afirma que existe um documento pertencente a ABEBD que diz: “vamos formar um profissional que possa anteciper o mercado, ir além do mercado, mas, não negar o mercado”.

Os aspectos da empregabilidade e das competências profissionais demandam qualificações profissionais, e a escolaridade continua a ser o ponto de referência para permitir que se alcance essa complexidade. Entretanto, o mercado de trabalho impõe condições indispensáveis para seu ingresso, em decorrência dessas exigências que a interlocução entre a formação e o trabalho conduz a desafios representados não só, na atualidade pelo avanço científico e tecnológico, mas também como essas mudanças devem impactar a vida formativa. Propomos observar a categoria 5 – mercado de trabalho e estudos de egressos, conforme apresentado nos recortes expostos no Quadro 28.

Quadro 28- Categoria 5 – Mercado de Trabalho - Estudos de Egressos

Trabalho - Mercado de Trabalho
<p>F13/A20 – “[...] <i>O uso, cada vez mais diferenciado e complexo, de arquivos, bibliotecas e museus, nas suas mais diversas finalidades e em suas mais diferentes formas, configuram-nos como ambientes de mediação da informação por excelência e cujos saberes e usos precisam ser ensinados. Uma necessidade que não se aplica exclusivamente aos ambientes de mediação de informação tradicionais, mas também aos locais que possuam documentos e que precisam ser organizados para quaisquer finalidades, como por exemplo, os documentos empresariais, de centros culturais, de universidades, de escolas, enfim, de quaisquer organizações e inclusive os documentos digitais presentes na rede.</i>”</p>
<p>F11/A18 – “[...] <i>O campo de ação bibliotecária brasileira é vastamente concentrado no setor público, sobretudo nas áreas de educação e saúde, conforme ressalta Cunha e Crivellari (2004, p. 51). Tal constatação reforça a importância de que a graduação em BDCI forme profissionais aptos para desempenhar, com competência, o papel social que lhes é outorgado, enquanto mediadores entre a informação e a sociedade, está compreendida em sua totalidade [...]</i>”.</p>
<p>F10/A17 – “[...] <i>Considerando-se as práticas realizadas no mercado globalizado e as facilidades oferecidas pela tecnologia da informação, abre novas possibilidades de prestação de serviços informacionais ao bibliotecário, bem como uma nova forma de administrar tais serviços. Contudo, muitas vezes, as empresas não absorvem o profissional bibliotecário para atuar na gestão, organização, recuperação de informações, cuja finalidade é compartilhá-las e disseminá-las a fim de produzir conhecimento nas organizações, por desconhecer a atuação do bibliotecário nesse domínio [...]</i>”.</p>
<p>F7/A15 – “Com a crescente difusão das tecnologias informacionais e das habilidades necessárias para usá-las e desenvolvê-las, as linhas entre tecnologia e conteúdo tornam-se indistintas. <i>Como resultado deste fenômeno, os limites entre as profissões ligadas à informação são cada vez mais tênues. Mas, não é só entre as profissões ligadas à informação que acontece esta “diluição” de fronteiras. Na realidade, os limites entre grupos profissionais são cada vez mais fluidos e indistintos,</i> tornando-se mais difícil para qualquer grupo justificar a sua “jurisdição” (1) (no sentido que Abbott, 1988, dá a este termo) sobre outros. No caso dos profissionais da informação, o fenômeno da “desintermediação” ou a ideia que cada vez mais informação é acessível via Internet, causa-lhes insegurança[...].”.</p>
<p>F7/A15 – “[...] <i>na área das profissões da informação, os estudos do mercado de trabalho são essenciais para compreender a sua evolução. Existem diversas formas de abordar o assunto. O grau de complexidade da análise varia em função dos instrumentos de coleta: os mais utilizados pelos especialistas em Ciência da Informação são, por um lado, a análise das ofertas de emprego, e por outro, a consulta a empregados e empregadores através de questionários e entrevistas[...]</i>”.</p>
<p>F5/A11 - “<i>atualmente o bibliotecário exerce atividades ligadas à tecnologia da informação, tem um caráter educativo com relação aos seus usuários e trabalha com a questão administrativa, principalmente com relação às tarefas e pessoal da biblioteca.</i>”</p>
<p>F3/A7 – “<i>O bibliotecário clínico vem gradualmente desenvolvendo um novo padrão de serviços de informação dentro de hospitais dos sistemas de saúde de países como Estados Unidos, Inglaterra, Canadá e Austrália.</i>”</p>
<p>F3/A7 – “[...] <i>os bibliotecários teriam que enfrentar os mesmos obstáculos que os farmacêuticos tiveram que ultrapassar para firmar seu lugar na equipe clínica, como alguém de saber comprovado e necessário a essa equipe.</i>”</p>
<p>T16/A28 – “<i>O desafio de desenvolvimento do profissional da informação para atuar nesse novo contexto de informação, seja ele bibliotecário, arquivista, museólogo ou outros, passa a exigir que as atividades não se encerrem na capacitação técnica pertinente a cada cargo ou categoria profissional mas se ampliem para o desenvolvimento de outras competências e habilidades, criação de redes e outras iniciativas, apesar da tradicional tendência de polarização das atividades</i></p>

profissionais em torno de categorias profissionais autônomas e independentes associadas a unidades físicas de informação.”
T16/A28 – “ <i>Novos desafios para o trabalho do profissional da informação envolvem, por exemplo, a área de inteligência de mercado que é quase uma arte coletiva e o envolvimento de diversos profissionais, com seus pontos de vista, sendo a ferramenta principal o pensamento humano. Esses profissionais, sem formação definida, têm sido denominados “data scientist” e o formato organizacional é construído sem tantas estruturas fixas e a partir de times, de forma colaborativa, tratando-se de uma nova dinâmica do mundo do trabalho.</i> ”
T15/A27 – “ <i>Consideramos importante ter essa visão endógena do curso partindo do nosso egresso, para, posteriormente, compará-la com as percepções e posicionamentos sobre a visão do mercado de trabalho em relação ao curso e ao profissional que nele atua.</i> ”
T22/A43 – “No quesito idade há prevalência de bibliotecários na faixa etária de profissionais mais experientes (30 a 49 anos), tendo em vista também que são profissionais com um vínculo de emprego estável, ou seja, permanecem por muito tempo em um mesmo emprego. Situação que tende a melhorar a qualidade dos serviços.”
T22/A43 – “Com relação ao mercado de trabalho dos bibliotecários percebeu-se a entrada maciça de pessoas do sexo masculino ao longo dos vinte anos, embora a maioria ainda sejam mulheres. A inserção crescente de bibliotecários do sexo masculino é parcialmente explicada em função do discurso, em algumas escolas de biblioteconomia, da ampliação do mercado de trabalho no ramo das tecnologias.”
T22/A43 – “Percebeu-se que, para os profissionais da informação, o setor de grande destaque é o educacional, devido à prevalência das unidades de informação nesse segmento.”
T22/A43 – “O bibliotecário empregado, principalmente, na administração pública reflete uma situação típica da primeira metade dos anos 1980. Em vinte anos várias mudanças ocorreram, alterando o perfil do emprego, das técnicas de trabalho e até mesmo o nome da profissão.”
T21/A42 – “ A literatura sobre o bibliotecário 2.0, mostra a influência das ferramentas da web 2.0 no fazer profissional. Muitos autores apontam a necessidade de ver nestas ferramentas nova possibilidades de trabalho. Os autores analisados apontam a necessidade de melhorar a atuação dos profissionais, em um novo ambiente informacional.”
F17/A40 – “A nós bibliotecários, nos cabe assumir o papel de agentes das ações de informação de um dado campo informacional, na medida em que, para isso, necessitamos basicamente de entender os mecanismos de geração, processamento e/ou aplicação de forma eficiente da informação baseada em conhecimento.”

Fonte: Elaborado pela autora.

Os recortes reforçam a ideia de que há na atualidade um movimento de interação das profissões da informação e dos espaços de trabalho, alcançando mesmo aqueles tradicionalmente ocupados por bibliotecários, arquivistas e museólogos, para atender a demanda de informações. Verifica-se a percepção de que esses espaços interativos não resguardam os monopólios de conhecimento, exceto no setor público, onde os aspectos legais são respeitados.

Denota-se que os autores usam com frequência o significado ou mesmo as palavras “desafio”, e “obstáculos”, enfatizando a necessidade de melhoria das possibilidades de conhecimento para o desempenho dessas atividades profissionais atuais e futuras. A

tecnologia é um elemento recorrente no discurso, com o significado de movimento permanente, e a necessidade de compreendê-la substitui discurso anterior da tecnologia como ferramenta complementar do trabalho do bibliotecário ou arquivista. As ferramentas da web passam a ser vistas como novos espaços de trabalho e, para tanto, há que entender e vivenciar estes novos ambientes informacionais que integram o mercado de trabalho e isto torna-se uma questão para a formação profissional.

6) Embora o campo de trabalho do profissional da informação seja amplo e variado, as áreas de atuação profissional ainda se concentram em espaços tradicionais, como bibliotecas e acervos. A configuração da sociedade do conhecimento requer aprimorar serviços que busquem as respostas mais adequadas, de acordo com o perfil de interesse dos usuários: forma e conteúdo. Este é o sentido para o qual se encaminham as questões da atuação profissional. Outro aspecto que passa a importar nessa relação é a avaliação do Usuário sobre um serviço ou produto, de acordo com a expectativa em relação ao potencial de obtenção da resposta a um problema específico.

Essa perspectiva deve estabelecer como serão os meios e as características colaborativas entre outros profissionais, sejam técnicos, pesquisadores e bibliotecários, ou a comunidade docente e discente. Propomos observar a categoria 6 – mercado de trabalho e estudos de egressos, conforme apresentado nos recortes expostos no Quadro 29.

Quadro 29- Categoria 6 – Trabalho – Atuação e Profissionalidade

Trabalho - Atuação e Profissionalidade
<p>F13/A20 – “[...] O uso, cada vez mais diferenciado e complexo, de arquivos, bibliotecas e museus, nas suas mais diversas finalidades e em suas mais diferentes formas, configuram-nos como ambientes de mediação da informação por excelência e cujos saberes e usos precisam ser ensinados. Uma necessidade que não se aplica exclusivamente aos ambientes de mediação de informação tradicionais, mas também aos locais que possuam documentos e que precisam ser organizados para quaisquer finalidades, como por exemplo, os documentos empresariais, de centros culturais, de universidades, de escolas, enfim, de quaisquer organizações e inclusive os documentos digitais presentes na rede.”</p>
<p>F5/A11 – “Quanto à área de identificação da atuação dos bibliotecários, dois deles responderam que se identificam como profissionais unicamente vinculados às áreas de tecnologia da informação e da educação. Os outros três definiram-se como profissionais vinculados às áreas de educação, administração e tecnologias da informação ao mesmo tempo. Essas respostas apontam para uma concepção ampla da função do bibliotecário, o que se revela em uma das falas dos sujeitos da pesquisa ao afirmar.”</p>
<p>F5/A11 – “Os bibliotecários, na maioria das vezes, continuam sendo meros atendentes; executores</p>

de rotinas instrumentalizadas que sanam dúvidas temporárias de professores e estudantes, por meio de uma relação ainda instrumental. Esses profissionais têm uma formação tecnificada que não lhes permite identificarem-se explicitamente como partícipes de uma relação educativa.”

F3/A7 – “A educação especializada em nível de pós-graduação pode ser uma opção para diferenciar a biblioteconomia clínica dos demais campos abrangidos pela Ciência da Informação. *O bibliotecário clínico executa todas as atividades dos outros bibliotecários, porém atua como parte integrante de uma equipe de saúde e é também responsável pela disponibilização de informações essenciais para a decisão final sobre determinado paciente.”*

T16/A28 – “A capacidade de interação dos diversos profissionais da informação, com diversas formações e diversos tipos de formação, linguagens e vocabulários controlados, sua interação e a obtenção de resultado do processo: um produto de alto valor agregado.”

T21/A42 - A biblioteca trabalha em um novo ambiente e utiliza informações dos usuários para melhorar seus serviços. O seu espaço de atuação é ampliado. Neste novo cenário, o usuário influencia a escolha das ferramentas web 2.0 para a criação dos serviços e seu gerenciamento.

Fonte: Elaborado pela autora.

Análise da Categoria 6 – Trabalho - Atuação e Profissionalidade

A análise dos recortes sobre a atuação aborda aspectos divergentes relativos às exigências de expertise profissional, em geral bastante explorada; tanto aponta desconhecimento sobre a potencialidade da profissão, quanto reduz a profissão ao nível técnico. Por outro lado, surge, em paralelo, a discussão sobre a formação especializada em nível de pós-graduação, com as demandas do setor da saúde atreladas ao surgimento de novos métodos de investigação e decisão sobre tratamento de pacientes, a exemplo da medicina baseada em evidências, que traz em paralelo a figura do "bibliotecário clínico".

A realidade acadêmica não favorece espaços para discutir profundamente as questões profissionais, e a partir desses autores da área propõe-se a necessidade dessas profissões serem repensadas enquanto profissões atuantes e transformadoras.

No que se refere às preocupações dessa pesquisa, identificamos que há um fundamento que deve ser levado em consideração: estabelecer primeiro qual o perfil profissional que se pretende formar, não apenas em relação aos potenciais campos de atuação, mas, principalmente, em relação às competências intrínsecas que o profissional deverá ter, tais como capacidade crítica reflexiva e autonomia de pesquisa, que pressupõe capacidade de problematizar. Tal perfil demanda um tipo de formação que não está necessariamente relacionada à alteração curricular, mas sim à concepção didático-pedagógica no tratamento dos conteúdos, o que envolve também qualificação de corpo docente.

7) Verifica-se a representatividade das pesquisas em **competência informacional**, ressaltando a complexidade das questões que envolvem a informação e as necessidades de informação para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e democrática.

Entretanto o entendimento da competência informacional, de acordo com a literatura referenciada, aponta para as habilidades profissionais que podem ser desempenhadas pelos profissionais da informação. A interlocução entre o profissional e o usuário se traduz no escopo das suas atividades principais.

Nesse sentido, Maceviciute ¹⁴³(2014, p. 294) afirma que "encontrar respostas é o que fazemos como bibliotecários de referência. Nossas habilidades em desenvolvimento de coleções, gestão de formatos e entrevistas de referência mostram o seu pleno florescimento no atendimento eficaz das perguntas de usuário. É simplesmente a nossa razão de ser". Para a autora, essas devem ser as atividades e atitudes dos profissionais da informação: estar envolvido com atividades de publicação e de ensino, com a comunidade de usuários da sua biblioteca, da área de conhecimento em que atua, promovendo e incentivando o diálogo entre os pares. O desafio que se apresenta é saber como selecionar, armazenar, classificar e analisar as informações no universo digital.

Propomos observar a categoria 7 – Competência informacional, conforme apresentado nos recortes expostos no Quadro 30.

Quadro 30 - Categoria 7 – Trabalho – Competência Informacional

Trabalho - Competência Informacional
F10/A17 - <i>"Não importa qual seja o negócio ou atividade-fim a que se destina a organização, mesmo com todas as suas variáveis continua sendo o ambiente ideal para implementar a GI. Esta não está centrada apenas na busca da informação ou na avaliação da coerência de ações para com o negócio organizacional. Esses são dois de seus principais aspectos. A GI tem um escopo maior, na medida em que propõe à organização trabalhar somente com informações essenciais. A prática da GI pressupõe analisar estruturas, rever processos, identificar perfis pessoais adequados e, também, montar sistemas de informação (automatizados ou não)."</i>
F8/A15 - <i>"[...] os dados coletados sugerem que as principais competências exigidas são: educação continuada, qualificação frente às novas tecnologias de informação, domínio de outras línguas e capacidade de identificar e repassar as informações necessárias ao usuário com agilidade e precisão. Estas análises sugerem a</i>

¹⁴³

MACEVICIUTE, Elena. Research libraries in a modern environment. Journal of Documentation. Vol. 70 No.2, 2014. pp. 282-302.

necessidade de atualização constante, postura gerencial e compromisso contínuo com o usuário da informação.”
F8/A15 - “[...] cabe ainda uma última reflexão, relativa à divisão de responsabilidades na <i>formação de profissionais com competência informacional</i> . Considerando ainda que cabe aos profissionais da informação – bibliotecários uma postura proativa no sentido de desenvolverem um processo de educação continuada. Por outro lado, cabe as instituições educacionais da área gerarem oportunidades de ensino e de desenvolvimento de habilidades nesta e em outras temáticas.”
F3/A7 - “Considerando a necessidade informacional dos médicos e a explosão informacional que aumenta exponencialmente a quantidade de documentos, além da escassez de tempo desses profissionais e a não familiaridade com as estratégias de busca em bases de dados especializadas, vislumbra-se um novo campo de ação para o bibliotecário atuar junto ao corpo clínico de um hospital.”
T21/A42 – “Também, pode-se constatar que não há resistência quanto ao aprimoramento dos serviços, uma vez que os bibliotecários compreendem as ferramentas web 2.0, como ajuda no atendimento aos usuários ampliando o relacionamento com eles. Esses profissionais parecem estar conscientes das mudanças de atuação, resultantes do uso das tecnologias, e da necessidade de aprimorar os serviços. Os resultados evidenciam ainda que o uso das tecnologias permite aos bibliotecários maior engajamento com a comunidade de usuários.”
T21/A42 – “Quanto às competências, as mais citadas relacionam-se ao conhecimento e à compreensão da Internet e ao impacto das TICs, no desenvolvimento de serviços e produtos. Em relação às habilidades, a mais citada foi a necessidade de aprender rapidamente. Tudo indica que há necessidade de o profissional adequar-se aos novos padrões de serviços fornecidos pelas ferramentas web 2.0. Nessa conjuntura, os profissionais têm capacidade de decidir quais ferramentas utilizar, de analisar as oportunidades, e escolher as ferramentas mais adaptadas aos serviços.”
T6/A5 – “No Brasil, a maioria das disciplinas de competência informacional é de caráter obrigatório. Esse fato pode ser considerado um importante avanço para a área, observando-se que o tema é relativamente recente.”

Fonte: Elaborado pela autora.

- **Análise da Categoria 6 – Trabalho - Competência Informacional**

Nos trechos avaliados, os autores entendem a competência informacional a partir de duas perspectivas: a formação de usuários, caracterizando uma competência profissional do profissional da informação em abordar aspectos educativos associados ao ambiente de trabalho, seja no ensino ou em ambientes com uso intensivo de informação, como em clínicas hospitalares; e no que se refere às capacidades do próprio profissional, que devem, então, serem promovidas na formação acadêmica.

A temática da competência informacional formou um núcleo de estudos que debatem permanentemente esse novo elemento da profissão, que demanda estratégias pedagógicas, para atuar como facilitador da aprendizagem em informação e que considera a necessidade de domínio de conteúdos e conhecimentos para ser capaz de fazer a interlocução entre o usuário e a sua necessidade em informação.

De outra parte entende-se que a transferência de conhecimento mobiliza saberes que se interpõem nas situações de trabalho dos profissionais da informação, ou seja, o profissional precisa ser competente para poder usar suas habilidades/competências nas situações de trabalho. A competência informacional é um qualificador profissional, assim tanto é considerado pela perspectiva da formação como no aspecto que avalia o trabalho profissional

8) O pressuposto da atividade de **estágio** é promover a oportunidade de colocar o aluno em contato com a experiência do mundo do trabalho. As propostas metodológicas envolvidas no processo são da ordem das práticas nos campos de atuação profissional. Pretende-se possibilitar que haja o entendimento do mundo do trabalho em mutação durante o processo formativo.

O objetivo é possibilitar que haja avanços a partir da colaboração dos elementos, com a mobilização de saberes multidisciplinares e o rompimento com a formação disciplinar fragmentada. Propomos observar a categoria 8 – estágios, conforme apresentado nos recortes expostos no Quadro 31.

Quadro 31- Categoria 8 – Trabalho – Estágio

Trabalho - Estágio
T22/a43 - “[...] pois o trabalho com informação requer um conhecimento profundo da área na qual o profissional atua e isso se consegue somente com muitos anos de prática. Assim, somente numa carreira estável e com continuidade do trabalho é que se alcança excelência nos serviços.”
F18/40 - “Um arranjo que parece promissor (currículo), porém retirando-se a grande quantidade de disciplinas que este currículo possui sobre a Gestão de ambientes de Mediação da Informação e de Estágio e inserindo mais disciplinas como [...] mediação da informação em si.”
T18/A29 - “[...] pois foi possível ver e participar do cotidiano de uma biblioteca que lida com diversos tipos de usuários, além dos eventos ligados a cultura, literatura, incentivo à leitura e atividades educativas e, através desta experiência, conhecer os setores que a compõe, as demandas do bibliotecário, a dinâmica de funcionamento e as necessidades informacionais dos usuários.”
T18/A29 – “[...] a experiência de estágio é fundamental para o aprendizado e início de desenvolvimento de tais funções. Dessa forma, se propõe aos acadêmicos, oportunidades de estágios que propiciem a experiência profissional necessária.”
T15/A28 – “Na Universidade o aluno é instruído, através das teorias, sobre como se posicionar diante das demandas do mercado de trabalho que exigem mais que o conhecimento teórico obtido nas diversas disciplinas cursadas durante a graduação. O estágio é a melhor forma para o estudante de Biblioteconomia colocar em prática o que aprendeu em sala de aula.”

T15/A28 – “Através do estágio curricular o aluno do curso de Biblioteconomia tem a possibilidade de conhecer e atuar em unidades de informação diferentes, identificando as demandas particulares de cada instituição, contribuindo assim para o crescimento profissional do aluno.”
T12/A13 – “O estágio é uma atividade prática que visa proporcionar ao aluno a participação real no mercado de trabalho, voltado para sua área de formação, possibilitando o aprimoramento da sua capacitação, qualificação e o exercício da cidadania, para a consciência de seus direitos e deveres na sociedade em que vive, em um mercado cada vez mais competitivo e exigente.”
T12/A13 – “O estágio, portanto, permite que o estudante possa vivenciar situações reais de trabalho sob a coordenação e responsabilidade da instituição de ensino, seja ela particular ou pública”
T12/A13 – “A prática de estágio supervisionado não é apenas o cumprimento de uma exigência legal, mas, sobretudo, o primeiro contato e participação reflexiva, contextualizada do aluno, de forma a contribuir para a transformação social.”
T12/A13 – “É o comprometimento do estudante com a formação profissional e pessoal, responsabilidade individual e social para o melhor conhecimento e prática. O estágio supervisionado, obrigatório no curso de arquivologia da UNIRIO, faz parte da integralização do currículo e objetiva a prática do conhecimento teórico.”
T12/A13 – “A formação superior, visando preparar o estudante para o processo de transformação social, tem em seus currículos a obrigatoriedade do estágio, que é de fundamental importância para que aplique os seus saberes, durante a formação.”

Fonte: Elaborado pela autora.

Análise da Categoria 8 – Trabalho - Estágio

A proposta de ensino deve conter o corpo de conhecimentos da área e deve possibilitar recursos para que o aluno possa adentrar aos variados espaços de trabalho. A intervenção pedagógica nas atividades de estágio. A pesquisa, o ensino e a prática profissional seriam indissociáveis na nova prática pedagógica, onde seria possível melhor integrar os conteúdos vistos em sala de aula e as experiências da prática profissional, este é o sentido que observamos transparecer nos recortes que tratamos.

6 CONCLUSÕES

Observa-se o interesse da área em analisar, discutir e refletir os caminhos da profissão, como também a sua função social de prover informação. A dicotomia teoria e prática para a definição e interpretação do objeto e objetivos da profissão são reconhecidos, porém, sem um esforço teórico para solucionar esta dimensão. Não se verificou experiências de campo com a intenção de diálogo entre escola-prática, de forma intensa e sistemática para que pudesse fornecer subsídios para novas práticas.

Há um movimento de repensar a educação, que se insere no entendimento que a sociedade faz na atualidade sobre adequar o trabalhador ao discurso das competências, fato bem observado nos estudos da educação e trabalho, como Hirata, Santana, Arruda e Marteleto, Bauman, Harvey, e Boutang e Huws. No aspecto da educação profissional de CI, vê-se esforços na temática educar com pesquisa e novas propostas pedagógicas em autores como Rodrigues e Fujino.

A hipótese deste trabalho de que a pós-graduação em CI não oferece subsídios para a melhor qualificação na formação na graduação, propiciando o embasamento para uma evolução nas profissões da informação, foi parcialmente confirmada. As razões para essa afirmação serão apresentadas a seguir.

A análise crítica do panorama econômico e social da atualidade foi apresentada pelos autores estudados, representando a atenção que é mobilizada pela área científica nos assuntos que envolvem a sociedade em que vivemos. O panorama político, mais amplo, que envolve a globalização, também baliza as críticas do nosso tempo, principalmente no que se refere ao entendimento dos processos produtivos que envolvem o uso intenso da informação.

O envolvimento da sociedade da informação e seus processos produtivos está fixado na literatura da CI, que dialoga com autores internacionais que também avaliam o processo. Nos apoiamos em autores nacionais e internacionais nos estudos da sociologia das profissões para inserir a pesquisa no contexto do mundo do trabalho atual, isto porque entendemos que os profissionais da informação se tornaram imprescindíveis para o trabalho estratégico com a informação nesta sociedade contemporânea. As competências

informacionais destes trabalhadores tornaram-se foco dos estudiosos da CI, em larga escala, ultrapassando os estudos que se concentram na formação e trabalho na CI e suas profissões.

Os profissionais da informação bibliotecários, arquivistas e museólogos têm reconhecimento na sociedade, e ainda estão associados aos lugares tradicionais de acervos físicos, para o senso comum. Mas, nas áreas de ensino e pesquisa e inovação, são valorizados, de modo que podemos afirmar que essas profissões deixaram de atuar na função “meio”, como se costuma usar no jargão da área, para se tornarem “profissões fim”, como podemos ver em afirmações na literatura.

Entretanto, para se avaliar esse processo de tramitação da evolução das profissões, nos apoiamos nas teorias que tratam dos monopólios e jurisdições profissionais. Podemos afirmar que nos achados desta pesquisa, o entendimento sobre os riscos de interferência de outras profissões e profissionais na jurisdição da informação foram bastante evidenciados, o que possibilita concluir que a área está em atenção quanto às possibilidades de ocupação de espaços por outros profissionais não necessariamente bibliotecários, arquivistas ou museólogos, embora, haja vários registros de outros profissionais atuantes na área, pela falta de delimitação nas carreiras, quando da oferta de oportunidades de emprego. No entanto, não se identificou no corpus da pesquisa nenhum trabalho de vertente corporativista, em defesa do espaço para o profissional bibliotecário, museólogo ou arquivista, mas a preocupação com as exigências de novos perfis profissionais para ocupação de postos no mundo do trabalho está latente.

Apesar de se tratar de profissões de longa tradição na sociedade, pode-se perceber autores críticos da formação profissional divergirem quanto ao encaminhamento dos conteúdos curriculares que poderiam causar uma transformação no escopo formativo, adequando-o ao discurso da modernidade, ou pós-modernidade, requerente de capacidades de gestão e criatividade, seja na atuação, ou no encaminhamento da própria carreira profissional, e somado a isto, a presença da associação permanente do objeto informação com as tecnologias.

A presença do mundo tecnológico na sociedade atual é intensa e marcante e afetará também as profissões, que devem se adequar ao modo de produção denominado de infoprodução, mas com características próprias e diferenciadas como da desterritorialização e desmaterialização dos objetos de trabalho. Os qualificadores para os profissionais do futuro, ainda assim chamados, se baseiam na adaptabilidade, na flexibilidade e na

polivalência. Presume-se que a formação destes profissionais não se fixa em diplomações, mas em experiência de largo conhecimento teórico posto em prática e reavaliado. Este é o mote que acompanha o mundo do trabalho em rede. A rede de colaboração, a rede sem tempo e sem lugar, que comanda a cadeia produtiva globalizada, que exige velocidade na tomada de decisão e por isso valoriza a experiência do fazer e aprender simultâneo.

Deste panorama decorrem as convergências e divergências no entendimento da formação dos profissionais da informação. O campo de trabalho desses profissionais se ampliou e com ele as possibilidades de exercer novas tarefas associadas a desmaterialização da informação, todavia em tempos de mudança, cabe analisar criticamente esse deslocamento, a fim de se delimitar se é possível e o que se deve salvaguardar da jurisdição profissional.

Na pesquisa, houve a preocupação de se tentar delinear essa amplitude no debate nos espaços de formação. Fixamos a pesquisa na temática formação e trabalho dos profissionais da informação, assim elencados: bibliotecários, arquivistas e museólogos, na perspectiva da literatura nacional, buscando absorver o entendimento da comunidade científica sobre o tema na última década (2007 a 2016).

Deparou-se, na historiografia, com o debate que se estabeleceu a partir da década de 1970, quando o projeto desenvolvimentista nacional demandou profissionalização técnica e científica para dar sustentação ao projeto iniciado; a área científica representada pela pós-graduação foi estabelecida em várias áreas do conhecimento, inclusive na Ciência da Informação. Em especial, no país, a Ciência da Informação se desenvolveu nas instituições acadêmicas que mantinham os cursos de graduação nas profissões citadas. Os autores referenciam que a dinâmica da mecanização e da tecnologia computacional alterou os ambientes de atuação e influenciou a visão dessas profissões, até então voltadas para o tratamento do acervo. Esse momento que se avizinhava trazia o paradigma da disseminação da informação, e demandava um novo escopo formativo.

Nesse momento, se observou uma distinção entre correntes conservadoras e outras inovadoras, alavancadas pelas tecnologias computacionais. Esse impasse se refletiu tanto na questão corporativa, quanto na formativa. Os processos de atualização curricular foram desafios que demandaram atitude e posicionamento políticos, mas os resultados foram absorvidos lentamente pela área, visto a regionalização das escolas, a formação gradual dos

programas de pós-graduação, a presença do Estado atuando no campo científico e da formação.

Outro ponto de impasse, visto na literatura analisada, foi a interlocução entre a pós-graduação e a graduação na área de CI. No projeto de implantação dos cursos de pós-graduação estava contida a perspectiva de formar massa crítica para o campo científico da área, mas também, prover a graduação de docentes com nível de pós-graduação, implantando uma proposta teórico-metodológica para a área.

A questão curricular para a graduação está sempre presente ao se observar o encaminhamento da formação profissional a partir do recorte temporal, visto que passadas algumas décadas da implantação da CI no país, o provimento de subsídios para a evolução dos cursos de pós-graduação não era o foco principal, ainda que seja a instância formadora de docentes para a graduação. Foram feitos vários estudos no intuito de verificar a tese de formar pesquisadores e docentes na CI que subsidiariam o desenvolvimento teórico e prático da área. Da mesma forma, a produção acadêmica de pós-graduação foi avaliada para se acompanhar a temática desenvolvida pelos seus alunos. Observou-se que as temáticas com maior ocorrência eram aquelas que buscavam entendimento e soluções para problemas da ordem prática do trabalho dos bibliotecários. Tal situação vai ser contornada, em parte, com a formação das linhas de pesquisa nos programas de pós-graduação e, mais particularmente nos mestrados e doutorados profissionais.

Refletindo sobre todo o exposto, a literatura da área é robusta e esclarecedora sobre o ambiente formativo e de trabalho dos profissionais da informação. Aponta a problemática das linhas interpretativas quanto ao escopo e evolução da profissão: de um lado a perspectivas das escolas de biblioteconomia, representado pela ABEBD, posteriormente ABECIN, e de outro, os pesquisadores da pós-graduação que se filiaram nos grupos de pesquisa voltados para a Informação, Educação e Trabalho, representado pelo GT6 da ANCIB.

Os encontros da comunidade científica da CI, ao longo do tempo, em especial o GT6, estudado nesta pesquisa, apresentam o mapeamento dessas permanências e alterações sobre a evolução da profissão. Pode-se afirmar que a temática é discutida, porém de forma tangencial. O tema do currículo não é debatido frontalmente, mas a sua revisão está sendo requisitada via novas propostas de ensino, para se adequar o ensino de graduação às demandas sociais e ao panorama teórico que sustenta a necessidade de novas propostas

pedagógicas. Vê-se que o currículo é peça fundamental a ser avaliado também associado ao debate institucional promovido pela Universidade sobre novos projetos pedagógicos.

Outro aspecto, mais abrangente, é a demanda do mercado de trabalho, e a circulação dos discursos sobre o trabalho, agora tomado como rede de relacionamentos, o trabalho acompanha o trabalhador em todos lugares por meio das redes sociais.

O ambiente informacional é o espaço de trabalho dos profissionais da informação, que não para de transmutar, por decorrência, faz sentido que as profissões tenham outro entendimento sobre os processos formativos. Cabe aos responsáveis pela formação acadêmica profissional prover substrato teórico para o estudante poder se sustentar nesse ambiente de pressão. Outra característica, desse momento de profissões conectadas, o espaço de trabalho mudou de conotação. A demanda de profissionais tem mobilidade espacial, os espaços limitados dos serviços de informação foram transformados pelo trabalho em rede. Cabe a previsão dessas variações na experiência do conhecimento do estudante, que pode ser prejudicado em função da restrição de acesso à esses novos lugares de trabalho.

O estágio curricular não deve se distanciar da experiência de trabalho, no momento em que se pensa a proposta pedagógica de se ensinar com pesquisa. A tarefa de orientação do professor ao aluno em estágio curricular está prevista no DCN. Mas, na pesquisa verificamos que este problema no ensino e no desenvolvimento acadêmico profissional tem sido objeto de pesquisa e de análise crítica de poucos autores na área.

Assim, passamos aos resultados da amostra mobilizada para o estudo. O espaço da biblioteca universitária é ainda o mais referenciado para as práticas e obtenção de resultados na pesquisa empírica. Seria uma opção a sistematização dessas experiências, sobretudo quanto à competência informacional, ao entendimento das mudanças no serviço ao usuário, a função educativa do bibliotecário no apoio não apenas à exploração dos acervos, mas na problematização para definição dos procedimentos de pesquisa e especialmente sobre a virtualização do acervo, e seu *modus operandi*. Especialmente esta prática poderia capacitar o graduando da área a enfrentar e executar tarefas complexas nos variados ambientes, fora das bibliotecas tradicionais, como é a realidade virtual para o mercado de trabalho.

Há o reconhecimento das transformações da profissão que são objetivamente evidenciadas nas pesquisas de pós-graduação, mas não se evidenciam queixas diretas,

questionando a dimensão curricular, reclamando nova reforma. O perfil do "bibliotecário mediador" também está presente na literatura, mas não foi possível identificar propostas que sustentem a formação de bibliotecário com este perfil. No contexto da discussão sobre perfis profissionais surge também o conceito de "bibliotecário empreendedor", mas sem correspondente discussão sobre sua formação, embora algumas universidades, com a USP, disponibilizem módulos de auto formação, sobre empreendedorismo, ética e direitos autorais para alunos de pós-graduação. Há um discurso para o esforço individual do profissional para conseguir essas ampliações de conhecimento (teórico ou prático). Não se evidenciam trabalhos recentes na prospecção de áreas e nichos de trabalho para repensar a profissão e "garantir" a jurisdição da profissão. Mesmo no caso do bibliotecário especializado, a exemplo do clínico, não se constatou discussão sobre aspectos curriculares ou pedagógicos para sua formação.

Nesse movimento de questionamentos sobre as transformações nas profissões não se constatou manifestações das associações de classe, pesquisas sobre o mercado de trabalho, nem diretamente apresentadas por seus representantes, nem servindo como subsídios para as pesquisas na área. Identificou-se somente uma promessa de pesquisa em 2008.

No quesito qualificação, o mestrado profissional ainda é pouco evidenciado. Não se viu referências sobre esse encaminhamento da pesquisa em CI, na pós-graduação. A educação continuada é bastante referida, mas observa-se que é promovida pelas próprias instituições empregadoras, de caráter de adequações aos sistemas de informação, diferente de constituir subsídios para promover inovações.

Não se evidencia movimentos permanentes em torno da adequação curricular e propostas pedagógicas. Nem associados ao estágio curricular como "subsídio" para o ensinar e aprender. Os espaços de trabalho se mantêm quase os mesmos, pouco se vê de curadoria informacional, por exemplo. Observa-se um contrassenso: a formação continuada é um subtema recorrente, carrega o pressuposto que há que se atualizar sobre os espaços alternativos de trabalho e suas adequações, que não se pode aprender sobre tudo na graduação, porém, isto só pode ocorrer depois que o aluno deixar a universidade. Os estágios curriculares não são tratados como oportunidades para observar os desafios das novas situações de trabalho, e expandir essas questões nas disciplinas, socializando os problemas e buscando soluções colaborativamente. A restrição burocrática não coaduna

com uma sociedade sem barreiras. Registramos o interesse pelos estudos de egressos, pesquisas com intenção de cobrir além do espaço de trabalho, busca-se ênfase na percepção do egresso sobre sua formação.

Sobre os espaços formativos, a EAD não é uma realidade para a formação dos profissionais da informação. A EAD propõe demandas para a profissão e questiona-se como os profissionais estão ou deveriam estar preparados para esta interface entre instituições que oferecem EAD e gestores de informação, na maioria dos estudos. Quanto à atuação profissional, no discurso mantém-se a visão de futuro, há pesquisas que acompanham a evolução das necessidades: pesquisas em ead, em gestão da qualidade em SI, evolução do paradigma majoritário do acervo, para o entendimento do usuário/acesso, com a biblioteca 2.0, retomada da função educativa, e coaching, mas não relato ou sistematização dessas experiências. Embora haja menções à "biblioteca que aprende", não se identificou propostas ou discussões sobre formação de profissionais para pensarem nesta nova configuração de dispositivo de informação.

Sobre as propostas pedagógicas ainda se verifica a sala de aula tradicional, embora com conteúdos atualizados, em parte; em tentativas de adequação das diretrizes curriculares e a responsabilidade docente. A competência informacional é bastante valorizada, apoiada na revisão das propostas de formação, adequa-se ao paradigma educacional de "ensino-aprendizagem", reconhecido na atualidade, as estende à competência informacional que os profissionais podem desenvolver junto aos usuários. Esse movimento foi observado em trabalhos que mencionam atividades da ABECIN em gestões anteriores, mas não recentes.

Reconhece-se a necessidade da revisão permanente do campo científico, haja vista que o conhecimento científico evolui, portanto é provisório, mas as carências também crescem em função das novas configurações que o mundo do trabalho impõe para todas as profissões e, portanto, devem ser sanadas por um ou vários profissionais, independente da regulamentação das profissões, para se adentrar à nova etapa. Este aspecto parece não fazer parte da preocupação dos pesquisadores da área, com raras exceções, pois poucas são as alternativas vislumbradas para assegurar a experiência do graduando no mundo do trabalho e, mesmo o estágio curricular, tem enfrentado tensões entre seus objetivos acadêmicos e a limitação imposta pelas associações e conselhos de classe, principalmente em profissões regulamentadas, que, ao exigirem profissionais credenciados nos respectivos

conselhos para orientação do aluno na instituição concedente de estágio, acabam por limitar a exploração de novos espaços profissionais pelos futuros profissionais.

A pesquisa mostra que a preocupação com a formação dos profissionais de informação, especialmente, bibliotecários, com algumas poucas citações para arquivistas e museólogos, encontra-se em foco, com a consciência de que é necessário mudança rápida, mas sem a correspondente produção de propostas concretas ou de alternativas para o impasse.

Estamos repetindo questões e sugestões há mais de trinta anos, conforme bibliografia apresentada.

Retomando os objetivos que nortearam esse trabalho, quanto aos subsídios e sugestões que a pós-graduação pode proporcionar, pensamos que há intenso debate sobre as questões que dificultam o pleno entendimento do futuro da profissão. Porém, pensamos que sobretudo, devemos ampliar este importante debate de ideias e propostas para todos os envolvidos. Pensamos que as reuniões do GT6 poderiam reunir grupos com a finalidade específica de discutir o encaminhamento dessas profissões. Os alunos da graduação também devem participar. Poderiam transmitir suas intenções a representantes nos ENANCIBs, por exemplo. Os resultados poderão ainda demorar para se concretizarem, mas estaremos a caminho.

Acreditamos que o mais importante é a pesquisa, muito já foi feito e precisamos de outros estudos que possam dar contribuições para atender todas as dimensões deste tema.

7 REFERÊNCIAS

- ABBOTT, A. **The systems of professions: an essay on the division of expert labor**. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.
- ALBORNOZ, M. (Org.) **Indicadores de ciência y tecnología: estado del arte y perspectivas**. Caracas: Nueva Sociedad, 1994. p. 307-348.
- ALENTEJO, E. S. Proposta de sistema de gestão da qualidade do estágio curricular em Biblioteconomia às escolas brasileiras. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 23 a 26 de out. 2011. Brasília, DF. **Anais...** Brasília: UnB, 2011.
- ALMEIDA, M. I. **Formação do professor do ensino superior: desafios e políticas institucionais**. São Paulo: Cortez, 2012.
- ALMEIDA, N.B.F.; BAPTISTA, S.G. Profissional da Informação: imagem, perfil, e a necessidade de educação continuada. **RICI: Revista Ibero Americana de Ciência da Informação**, Brasília, DF, n. 2, p. 1-14, ago./dez. 2009.
- ALVES, B. H. Abordagens métricas: análise da produção científica de artigos e rede de colaboração científica dos docentes do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, na linha de pesquisa Organização da informação da UNESP/Marília. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, Marília, v. 9, n. 2, p. 104-115, 2009.
- ALVES, T.S.; CRIVELLARI, H.M.T.; FROTA, M.G.C. O mercado de trabalho dos arquivistas e museólogos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 14., 07-10 jul. 2015, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2015.
- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Presidential Committee on Information Literacy. **Final Report**. Chicago, 1989.
- ANASTASIOU, L. G.C.; ALVES, L.P. **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. Joinville, SC: UNIVILLE, 2006.
- ARAÚJO, A.; DIAS, G. A. A atuação profissional do bibliotecário no contexto da sociedade da informação: os novos espaços de informação. In: OLIVEIRA, M. (Org.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- ARAÚJO, C.A.A. Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia: relações institucionais e teóricas. **Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecon. Ci.Inf.**, Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 110-130, 2011.
- ARAÚJO, C.A.A. O conceito de informação na Ciência da Informação. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 20, n. 3, p. 95-105, set./dez. 2010.
- ARAÚJO, C.A.A. Imaginação e sociabilidade: novos conceitos para o estudo de usuários da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2015.
- ARAÚJO, E. A. e col. Mercado de trabalho do bibliotecário em João Pessoa, Paraíba: características necessárias e tendências. UFMG, 1994. Mimeo.
- ARAÚJO, E. A.; OLIVEIRA, M. A produção do conhecimento e a origem das bibliotecas. In: OLIVEIRA, M. (Org.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

ARBOIT, A.E.; BUFREN, L.S.; KOBASHI, N.Y. A institucionalização da Ciência da Informação no Brasil sob a ótica da evolução quantitativa dos cursos de graduação na área. **Inf & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.21, n.1, p.145-158, jan./abr. 2011.

ARRETCHE, M. **Trajetória das desigualdades**: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

ARRUDA, M. C. C.; MARTELETO, R. M.; SOUZA, D. B. Educação, trabalho e o delineamento de novos perfis profissionais: o bibliotecário em questão. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 3, p. 14-24, set./dez. 2000.

AZEVEDO, A. W.; BERAQUET, V. S. M. O. Formação e competência informacional do bibliotecário médico brasileiro. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, v. 7, n. 2, p. 199-218, 2010. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/8355>>. Acesso em 20 Mai 2018.

BAPTISTA, S. G. Profissional da informação, autônomo ou empresário, novas perspectivas de mercado de trabalho. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 91-98, jan./jun. 2000.

BAPTISTA, S. G.; MUELLER, S.P.M (Org.). **Profissional da informação**: o espaço de trabalho. Brasília: Thesaurus, 2004.

BAPTISTA, S. G.; MULLER, S. P. M. Considerações sobre o mercado de trabalho do bibliotecário. **Información, Cultura y Sociedad**, Buenos Aires, n. 12, p. 35-50, 2005.

BARBOSA, M. L. O. A sociologia das profissões: em torno da legitimidade de um objeto. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, n. 36, p. 03-30, 2. sem. 1993.

BARBOSA, M. L. O. Renascimento do profissionalismo: teoria, profecia e política. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 14, n. 39, p. 186-190, fev. 1999.

BARBOSA, M.L.A. Formação do Bibliotecário: Planejando e avaliando por parâmetros de competência. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14, out. 2014, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, UFMG, 2014.

BARBOSA, R. R. Perspectivas profissionais e educacionais em biblioteconomia e ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 1, p. 53-60, jan./abr. 1998.

BARBALHO, C. R. S., ROZADOS, H. B. F. Competências do profissional bibliotecário brasileiro: o olhar do sistema CFB/CRBs. **Anais....**São Paulo, ENANCIB, 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BARRETO, A.A. Uma história da ciência da informação. In: **Para entender a ciência da Informação**. Toutain, L.M.B. (Org.) Salvador: EDUFBA, 2007. p. 13-34.

BAUMAN, Z. **A sociedade individualizada**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 27-43.

BELLUZZO, R. C. L. B. Competências na era digital: desafios tangíveis para bibliotecários e educadores. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 6, n. 2, p. 30-50, 2005. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/3088>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

BELLUZZO, R. C. L. B. As competências do profissional da informação nas organizações contemporâneas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, nova série, v. 7, n. 1, p. 58-73, jan./jun. 2011.

BERAQUET, V.; CIOL, R.; SANTOS M.; STEFANI, R. Qualidade e avaliação curricular em Biblioteconomia; perspectivas de docentes e empregadores. **CADERNOS bad**, 2002, pp. 90-98.

BERAQUET, V. S. M. O.; CIOL, R. O bibliotecário clínico no Brasil: reflexões sobre uma proposta de atuação em hospitais universitários. **DataGramaZero**, v. 10, n. 2, p. A05-0, 2009. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/v/a/5308>>. Acesso em 20 Mai 2018

BERARDI, F. **A fábrica da felicidade**. Trabalho cognitivo e crise da new economy. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

BIANCHETTI, L. **Da chave de fenda ao Laptop: tecnologia digital e novas qualificações: desafios à educação**. Petrópolis: Vozes; Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

BIBLIOTECÁRIO: 50 anos da regulamentação da profissão no Brasil: 1965-2015. Organização de Adelaide Ramos e Côrte, Isaura Lima Maciel Soares, Lucimar Oliveira Silva, Regina Céli de Sousa e Sandra Maria Dantas Cabral. Brasília: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2015.

BONELLI, M. G. Estudos sobre profissões no Brasil. In: MICELI, Sergio (Org.). **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**. São Paulo: Sumaré: ANPOCS, 1999. v. 2, p. 287-330.

BONELLI, M. G. **Profissionalismo e política no mundo do direito**. São Paulo: EduFSCar, 2002.

BORGES, M. A. G. O profissional da informação: somatório de de formações, competências e habilidades. In: BAPTISTA, S.G.; MUELLER, S.P.M. **Profissional da informação: o espaço de trabalho** (Org.). Brasília: Thesaurus, 2004. p. 55-69.

BOUDON, R. **A desigualdade das oportunidades perante o ensino**. Brasília: Ed. UnB, 1981.

BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. **A reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da Ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BRASIL, Lei 4.084/62 . Estabelece a profissão de Bibliotecário. Decreto 56.725/65.

BRASIL, Lei 6.546/78 . Estabelece a profissão de Arquivista. Decreto 82.560/76.

BRASIL, Lei 7.287, e 18 de dezembro e 1984. Estabelece a profissão de Museólogo. Decreto 91.775/85, de 15 de outubro de 1985.

BRASIL, Lei 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, v. 134, n. 248, 27 dez. 1996.

BUFREN, L. S. ; FREITAS, J. L. Aproximações entre Educação e Ciência da Informação (1972-2014): análise diacrônica da produção científica de um interdomínio. EDICIC, 2015.

BUFREN, L. S. ; NASCIMENTOS, B.S. A questão do gênero na literatura em Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto alegre, v. 18. Edição Especial, p. 199-214, dez. 2012.

BUFREN, L. S.; PRATES, Y. O saber científico registrado e as práticas de mensuração da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 34, n.2, p. 9-25, maio/ago. 2005.

CAMPELLO, B. S. A competência informacional na educação para o século XXI. In: CAMPELLO, B. S. et al. **Biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 9-11.

CAMPELLO, B. S. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ci. Inf.**, v.32, n.3, p.28-37, 2003.

CAMPELLO, B. S. ; ABREU, V. L. F. G. Competência informacional e o papel do bibliotecário na mediação da informação: uma perspectiva teórica. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 178-193, jul./dez. 2005.

CANÇADO, V. L.; MEDEIROS, N. L.; JEUNON, E. E. O profissional da informação: uma análise baseada no modelo de múltiplos papéis de Ulrich. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 196-218, maio/ago. 2008.

CANDIDO, A. C.; VIANNA, W. B.; BEDIN, S. P. M. Aportes conceituais de empreendedorismo e inovação para o desenvolvimento do profissional da informação em novos contextos de trabalho. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2016.

CAPURRO, R. **Epistemologia e Ciência da Informação**. Ano s/d. Disponível em: <www.capurro.de/enancib_p.htm>. Acesso em: 29 mar.2018.

CARDOSO FILHO, J. C.; ARAÚJO JÚNIOR, R. H. Sistema de prospecção de competências emergentes: uma proposta de modelo. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 246-272, jan./abr. 2015.

CAREGNATO, S. E. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, 2000.

CARVALHO, A. M. F. ; RUSSO, M. ; Sá, N. O. . PREPARAÇÃO PARA A OFERTA DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA A DISTÂNCIA NO BRASIL: RESULTADOS PARCIAIS. RBB. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação** (Online) , v. 11/2015, p. 613-630, 2015.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. (A era da informação, economia, sociedade e cultura, v. 1).

CASTELLS, M. M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, C. A. **História da biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus Editora, 2000, 287 p.

CASTRO, C. A. Profissional da informação: perfis e atitudes desejadas. **Informação e Sociedade: Estudos**, v. 10, n. 1, 2000.

CASTRO, C. A.; RIBEIRO, M.S.P. As contradições da sociedade da informação e a formação do bibliotecário. **Revista Digital da Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v.1, n.2, p. 41-52, jan./jun., 2004.

CATANI, A. M. Algumas lições da aula inaugural de Pierre Bourdieu. In: CATANI, A. M.; MARTINEZ, P. H. (Org.). **Sete ensaios sobre o Collège de France**. São Paulo: Cortez, 1999. p. 89-103.

CURI, C.M.G., RODRIGUES, M.E.F., LÜCK, E. H. Formação continuada e educação a distância (EAD): aperfeiçoamento das competências e habilidades dos bibliotecários. Enancib. 2015

CLAUSEN, H. The future information Professional: old wine in the new bottles?, **Libri**, Copenhagen, n. 40, n. 4, p. 265-77, Dec. 1990.

COMIN, A. A.; BARBOSA, R. J. Trabalhar para estudar: sobre a pertinência da noção de transição escola-trabalho no Brasil. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo , n. 91, p. 75-95, nov. 2011.

COMISSÃO EUROPEIA. Agência de Execução relativa à Educação, ao Audiovisual e à Cultura. Eurydice. **A modernização do ensino superior na Europa**: acesso, retenção e empregabilidade: 2014: Relatório Eurydice. Lisboa: Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência, 2014. Disponível em: <[http://www.dgeec.mec.pt/np4/np4/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=192&fileName=Moderniza_o_do_ensino_superior_estudo.pdf](http://www.dgeec.mec.pt/np4/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=192&fileName=Moderniza_o_do_ensino_superior_estudo.pdf)>. Acesso em: 01 abr. 2018.

CORREA, E. C. D. **Os usos do computador e a definição do campo da Ciência da Informação em relação à Biblioteconomia no Brasil**: uma análise sociotécnica. 2008. 245 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/91932/263123.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 01 abr. 2018.

COUZINET, V.; SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. A ciência da informação na França e no Brasil. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 6, dez. 2007.

CRIVELLARI, H. M. T. Relação educativa e formação profissional na ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CRIVELLARI, H. M. T.; CUNHA, M. V. Os bibliotecários como profissionais da informação: estratégias e paradoxos de um grupo profissional. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 28., 26-30 out. 2004, Caxambú. **Anais...** Caxambú: ANPOCS, 2004. Disponível em: <<http://www.anpocs.com/index.php/papers-28-encontro/st-5/st12-4/3978-crivelari-cunha-os-bibliotecario/file>>. Acesso em: 01 abr. 2018.

CRIVELLARI, H. M. T.; CUNHA, M. V. Reflexões sobre o grupo de trabalho (GT6) do ENCONTRO NACIONAL EM CIENCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB) - INFORMAÇÃO EDUCAÇÃO E TRABALHO: um olhar a partir da sociologia das profissões e da sociologia do trabalho. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2009.

CRONIN, B. Post-industrial society: some manpower issues for the library/information profession. **Journal of Information Science**, v. 7, p. 1-14, 1983.

CRONIN, B. Profissionalização ou proletarização da atividade informacional? **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 38-65, jan./jun. 1993.

CRONIN, B. Information professionals in the digital age. **The International Information and Library Review**, London, v. 30, n. 1, p. 37-50, mar. 1998.

CRONIN, B. Educational pluralism for a diversifying profession. **Education for Information**, v. 25, n. 1, p. 51-56, 2007.

CUNHA, M. V. **Espaços de trabalho para profissionais da informação no Brasil**: resultados preliminares. Pesquisa Financiada pelo CNPq. XI IBERSID: Zaragoza, out. 2008.

CUNHA, M. V.; SILVA, R. A. Os profissionais da informação: espaços de trabalho na internet: segunda parte – 2005 -2007. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2007.

CUNHA, M. V. O profissional da informação e o sistema das profissões: um olhar sobre competências. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 3, n. 3, p. 94-108, ago. 2009.

DANTAS, M. Informação como trabalho e como valor. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, Rio de Janeiro, 2006, n. 19, p. 44-72.

DAVOK, D. F.; MILANO, M. C. D. Consultor de informação: serviços prestados por empresas de consultoria nas áreas de biblioteconomia e gestão da informação. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 253-278, jan./jun. 2009.

DAVOK, D. F.; CONTI, D. L. Fatores facilitadores da inteligência organizacional: o papel das unidades de informação. **Revista Digital. Biblioteconomia. Cienc. Inf.** Campinas, SP, v.11, n.2, p. 136-158, maio/ago, 2013.

- DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez – Oboré, 1992.
- DETLEFSEN, E. G. Specialists as professionals in research libraries: an overview of trends and an analysis of job announcements. **Library Trends**, v. 41, n. 2, p. 187-97, Fall 1992.
- DINIZ, M. **Os donos do saber**: profissões e monopólios profissionais. Rio de Janeiro: Revan, 2001.
- DUBAR, C. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 146, p. 351-367, maio/ago. 2002.
- DUDZIAK, E. A. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003.
- DUMONT, L. M. M.; GOMES, M. A. Possíveis relações entre uso de fontes de informação e a competência em informação. **Transinformação**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 1-11, maio/ago. 2015
- ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2007.
- ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2008.
- ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: UFPB, 2009.
- ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: CPRM/UNIRIO, 2010.
- ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília: UnB, 2011.
- ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012.
- ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2013.
- ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: UFPB, 2015.
- ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2016.
- ENCUENTROS DE EDUCADORES E INVESTIGADORES EN BIBLIOTECOLOGIA, ARCHIVOLOGIA, CIENCIA DE LA INFORMACIÓN Y DOCUMENTACIÓN DE IBEROAMERICA Y EL CARIBE (EDIBCIC), 1993.
- ESPIRITO SANTO, S.M.; MURGIA, E. Relações pendulares na mediação da informação: arquivo - biblioteca - museu. Disponível em : <http://portalppgci.marilia.unesp.br/viewabstract.php?id=209>>. Acesso em: 25 jun. 2018.
- EZCURRA, A. M. Os estudantes recém-ingressados: democratização e responsabilidade das instituições universitárias. In: PIMENTA, S. G.; ALMEIDA, M. I. (Org.). **Pedagogia universitária**. São Paulo: Edusp, 2009. p. 91-128.
- FARIA, S.; OLIVEIRA, V. F.; FORNER, L.; D'ASTUTO, F. Competências do profissional da informação: uma reflexão a partir da Classificação Brasileira de Ocupações. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 26-33, maio/ago. 2005.

- FARIAS, G. B.; FARIAS, M. G. G. Estudo bibliométrico das publicações do GT6 – ENANCIB: análise do termo competência. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. UFBA. **Anais eletrônicos** ... Salvador: UFBA, 2016.
- FERNANDES, M. R. **Bibliotecário clínico: análise do perfil de um profissional dinâmico**. 2015. 138 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Ciência da Informação. Belo Horizonte, 2015.
- FERREIRA, D. T. Profissional da Informação e a gestão do conhecimento: perfil das habilidades demandadas por empresas de recursos humanos. In: SOUTO, L. F. (Org). O profissional da informação em tempos de mudanças. Campinas, Alínea, 2005. p.13-7.
- FERRETTI, C. J. **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FERRETTI, C. J. Apresentação. In: BIANCHETTI, L. **Da chave de fenda ao laptop: tecnologia digital e novas qualificações: desafios à educação**. Petrópolis: Vozes; Florianópolis: Editora da UFSC, 2001. p. 12.
- FLEURY, M. T. L.; FLEURY, A. Construindo o conceito de competência. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 5, n. esp., p. 183-196, 2001.
- FREIDSON, E. **Profession of Medicine: a study of the sociology of applied knowledge**. Chicago, ILL: The University of Chicago Press, 1988.
- FREIDSON, E. Para uma análise comparada das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo: ANPOCS, n.31, ano 11, jun. 1996. CD-ROM
- FROEBLICH, T. Velhos princípios, novas aplicações: a evolução das profissões da informação. In: SILVA, Helen de Castro Silva; BARROS, Maria Helena T. C. de (Org.). **Ciência da Informação: múltiplos diálogos**. Marília: Oficina Universitária Unesp, 2009. p. 89-108.
- FUJINO, A. Ensino com pesquisa: Nova abordagem pedagógica em informação científica e tecnológica (ICT). In: RODRIGUES, M. E. F.; CAMPELLO, B. S. (Org.) **A (re)significação do processo de ensino/aprendizagem em Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2004. p. 21-38.
- FUJINO, Asa; LIMA, Vânia Mara Alves. Pesquisar o ensinar: uma proposta de avaliação da ação didático-pedagógica em Biblioteconomia e Documentação da Universidade de São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2008
- FUJINO, A. VASCONCELOS, M. O. Estágios: reflexões sobre a ação didático-pedagógica na formação do profissional da informação. **CRB-8**, São Paulo, v.4, n.1, p. 40-58, abr. 2011. Disponível em: <<http://revista.crb8.org.br>>. Acesso em: 29 mar. 2018.
- FUJINO, A.; SILVA, A. A. O. R. Informação e trabalho – discussão das temáticas no GT6 da ANCIB (2007 a 2012). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2013
- GALVÃO, M. C. B. Construção de conceitos no campo da ciência da informação. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v.27, n. 1, p. 46-52, jan./abr. 1998.
- GARRIDO, S.M., LIMA, M.S.L. Estágio e docência: diferentes concepções. Ver. Poíesis – volume 3, números 3 e 4, pp. 5-24, 2005/2006.
- GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIORDANI, E. M.; MENDES, A. M. M. **A iniciação científica como formação integral do jovem pesquisador**. Relatório técnico CNPq, 2008.

GIORDANI, E. M.; MENDES, A. M.M., SILVA, E.L.; MENOTTI, C.R.; HENRIQUES, C.M. **Formação para a pesquisa no ensino superior ...s/d.**

GOMES, M. A.; DUMONT, L. M. M. Possíveis relações entre o uso de fontes de informação e a competência em informação. **Transinformação**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 133-143, maio/ago. 2015.

GOMES, M. Y. F. S. F. Desafios e perspectivas para a integração graduação/pós-graduação em CI: o caso do ICI/UFBA. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 51-66, jul./set. 2012.

GONZÁLES DE GÓMES, M. N. A informação: dos estoques às redes. **Ciência da Informação**, [s.l.],v. 24, n. 1, 1995.

GONZÁLES DE GÓMES . Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, v.1, n. 6, dez/2000.

GRACIO, M. C. C.; OLIVEIRA, E. F. T. A inserção e o impacto internacional da pesquisa brasileira em "estudos métricos": uma análise na base Scopus. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2013, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Disponível em: . Acesso em: 24 jan. 2013.

GUIMARÃES, J. A. C. Moderno profissional da informação: elementos para sua formação no Brasil. **Transinformação**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 124-140, jan./abr. 1997.

GUIMARÃES, J. A. C. O profissional da informação sob o prisma de sua formação. In: VALENTIM, M.L.P. (Org.). **O profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000.

GUIMARÃES, J. A. C. A divulgação profissional como perspectiva de diálogo entre atividade acadêmica e a prática profissional: reflexões sobre uma experiência didático-pedagógica na área de fundamentos de biblioteconomia e Ciência da Informação. In: RODRIGUES, M. E. F.; CAMPELLO, B. S. (Org.). **A (re)significação do processo de ensino/aprendizagem em Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2004. p. 89-99

GUIMARÃES, J. A. C. Profissional da informação: desafios e perspectivas para sua formação. In: BAPTISTA, S.G.; MUELLER, S.P.M (Org.). **Profissional da informação: o espaço de trabalho Brasília: Thesaurus**, 2004. p. 87-106.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.

HARVEY, D. **The condition of post modernity an enquiry into the origins of cultural change**. Oxford: Blackwell, 1989.

HATSCHBACH, M. H. L. **Information Literacy: aspectos conceituais e iniciativas em ambiente digital para o estudante de nível superior**. 2002. 108 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, IBICT/UF RJ, Rio de Janeiro, 2002.

HIRATA, H. Da polarização das qualificações ao modelo de competência. In: FERRETTI, C. J. et al (Org.) **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1994.

HOMULUS, P. Museums to libraries: a Family of collecting institution. **Art Libraries Journal**, v. 15, n1, p.11-13, 1990.

- HORTA, Eleonora Bastos. A inserção do profissional de informação recém-formado no mercado de trabalho: desafios, surpresas e aprendizado. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2005.
- HUWS, U. A ignição no motor: trabalhadores criativos na economia global. **Parágrafo**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 85-92, jan./jun. 2015.
- IKPAAHINDLI, L. An overview of bibliometrics: its measurements, laws and their applications **Libri**, v. 35, n. 2, p. 163-177, june. 1985.
- JOHNSON, T. **Professions and Power**. London: Macmillan, 1972.
- KOBASHI, N. Y. Pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação: perspectiva discente. **R. Biblioteconomia**. Brasília, v. 17, n.12, p. 71-75, jan./jun.1989.
- KOBASHI, N. Y. Notas sobre o papel da pesquisa em Cursos de Graduação em ciência da Informação. **Transinformação**, v.14, n.2, p. 153-158, jul./dez., 2002.
- KOBASHI, N. Y.; SANTOS, R. N. M. dos. Arqueologia do trabalho imaterial: uma aplicação bibliométrica à análise de dissertações e teses. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. esp., 1º sem. 2008.
- KUHLTHAU, C. C. **Seeking meaning: a process approach to library and information services**. Norwood, N. J.: Ablex, 1996.
- LARSON, M. **The rise of professionalism**. Berkeley: University of California Press, 1977.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- LE COADIC, Y. F. A Ciência da Informação. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.
- LEVACOV, M. Bibliotecas virtuais: (r)evolução? **Ciência da Informação**, Brasília, v. 26, n. 2, maio/ago. 1997.
- LIMA, C. M. P.; ZAMBRONI-DE-SOUZA, P. C.; ARAÚJO, A. J. S. A gestão do trabalho e os desafios da competência: uma contribuição de Philippe Zarifian. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 35, n. 4, p. 1223-1238, out./dez. 2015.
- LINHART, D. **A desmedida do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- LOPES, L. C. O mercado de trabalho dos profissionais da informação do Rio de Janeiro e Niterói. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, n. 1, 1998.
- LOPES, R. S. **Informação, conhecimento e valor**. 2006. 207 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- LOUREIRO, M. F.; JANNUZZI, P. M. Profissional da Informação: um conceito em construção. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 123-151, maio/ago. 2005.
- MADUREIRA, H. O.; VILARINHO, L. R. G. A formação do bibliotecário para atuar em bibliotecas digitais: uma questão a aprofundar. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.15, n.3, p. 87-106, set./dez. 2010.
- MAIMONE, G.; TÁLAMO, M. F. A atuação do bibliotecário no processo de editoração de periódicos científicos. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 301-321, jul./dez. 2008.
- MARCONDES, C. H. A experiência do departamento de ciência da informação da Universidade Federal Fluminense com ensino a distância: Um curso a distância de implementação muito simples. In: RODRIGUES, M. E. F.; CAMPELLO, B. S. (Organiz.) **A (re)significação do processo de ensino/aprendizagem em Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2004. p. 51-60.

MARQUES, A. A. C. **Interlocuções entre a arquivologia nacional e a internacional no delineamento da disciplina no Brasil**. 2011. 399 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Obra premiada no ENANCIB 2012.

MARQUES, F. Os impactos do investimento. **Pesquisa FAPESP**, São Paulo, v. 16, n. 246, p. 16-23, ago. 2016.

MARTELETO, R. M. A pesquisa em Ciência da Informação no Brasil: marcos institucionais, cenários e perspectivas. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. esp., p. 19-40, 2009.

MASON, R. What is an information professional? *Journal of Education for library and Information Science*, v. 13, n. 2, p. 122-138, Fall 1990.

MATTELART, A. Sociedade do conhecimento e controle da informação e da comunicação. In: ENCONTRO LATINO DE ECONOMIA POLÍTICA DA INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CULTURA, 5., 09-11 nov. 2005, Salvador. UFBA . **Anais...** Salvador: UFBA, 2005.

MENOU, M. Especial: entrevista com Michel Menou. **Informativo IBICT**, v.16, n.3, p. 7-8, maio/jun. 1996.

MIRANDA, A. A realidade da pós-graduação no Brasil. **Cadernos de Biblioteconomia**, Recife, v. 10, n. 1, p. 17-36, dez. 1988.

MIRANDA, A. Problemas Culturais, políticos e econômicos da informatização no Brasil. In: SIMEÃO, Elmira (Org.). **Ciência da Informação: teoria e metodologia de uma área em expansão**. Brasília: Thesaurus, 2003a. p. 19-34.

MIRANDA, A. Globalización y sistemas de información: nuevos paradigmas y nuevos desafios. In: SIMEÃO, Elmira (Org.). **Ciência da Informação: teoria e metodologia de uma área em expansão**. Brasília: Thesaurus, 2003b. p. 35-48.

MIRANDA, A. Introdução. In: BAPTISTA, S.G.; MUELLER, S.P.M (Org.). **Profissional da informação: o espaço de trabalho**. Brasília: Thesaurus, 2004.

MIRANDA, A. ; BARRETO, A. A. Pesquisa em Ciência da Informação no Brasil: síntese e perspectiva. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 23/24, n. 3, p. 277-292, 2000.

MIRANDA, A. ; MUELLER, S. P. M. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. In: SIMEÃO, Elmira (Org.). **Ciência da Informação: teoria e metodologia de uma área em expansão**. Brasília: Thesaurus, 2003. p. 85-104.

MIRANDA, S. V. Aprendizagem organizacional e desenvolvimento de competências informacionais. In: TARAPANOFF, K. (Org.) **Aprendizado organizacional: contexto e propostas**. Curitiba: Ibpex, 2011.

MONTEIRO, A. R. M. Profissionalidade e suas refracções. **Mediações**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 05-11, 2010.

MOORE, W. E. *The professions: rules and roles*. New York: Russel Sage, 1976.

MORIN, E. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**; São Paulo: Cortez, 2002.

MOULIER-BOUTANG, Y. O território e as políticas de controle do trabalho no capitalismo cognitivo. In: COCCO, G. (Coord.). **Capitalismo cognitivo: trabalho, redes e inovação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MUELLER, S. P. M. O ensino de biblioteconomia no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 3-15, jan./jun. 1985.

MUELLER, S. P. M. Reflexões sobre a formação profissional para biblioteconomia e sua relação com as demais profissões da informação. **Transinformação**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 175-185, maio/ago. 1989.

MUELLER, S. P. M. Avaliação do estado da arte da formação em biblioteconomia e ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 17, n. 1, p. 71-81, jan./jun. 1988.

MUELLER, S. P. M. Universidade e informação: a biblioteca universitária e os programas de educação a distância – uma questão ainda não resolvida. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, ago. 2000.

MUELLER, S. P.M. Uma profissão em evolução: profissionais da informação no Brasil sob a ótica de Abbott – proposta de estudo. In; BAPTISTA, S.G.; MUELLER, S.P.M (Org.). **Profissional da informação: o espaço de trabalho**. Brasília: Thesaurus, 2004. Pp. 23-54.

MUELLER, S. P. M. Estudos métricos da informação em ciência e tecnologia no Brasil realizados sobre a unidade de análise artigos de periódicos. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p.6-27, maio 2013.

NORMAN, S. The Library Quaterly in the 1930s: A Journal of Discussion's Early Years. **The Library Quaterly**, v. 58, october 1988, nº 4.

NORONHA, D.P.; FUJINO, A. Teses e dissertações em Ciência da Informação: a multidisciplinaridade não revelada na avaliação da produção científica. GT7, Anais ... Marília, UNESP, 2006 ENANCIB.

NUNES, M.S.C.; CARVALHO, B.A. Análise do GT6 (INFORMAÇÃO EDUCAÇÃO E TRABALHO) DA ANCIB NOS ANOS 2009 A 2011: autores, temas e metodologias. **Anais eletrônicos ...** Florianópolis, UFSC ENANCIB, 2013, .

OLIVEIRA, D. A. **A influência da Ciência da Informação nos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil**: formação docente, aspectos teóricos e manifestações temáticas. Tese (Doutorado em Ciências da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

OLIVEIRA, F. H. **A formação do arquivista na universidade de Brasília frente às demandas profissionais e de mercado da Capital Federal**. 2010. 160. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação e Documentação) – Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

OLIVEIRA, J. L. R. **Estudo comparado entre bibliotecários, contadores e analistas de tecnologia da informação [manuscrito]**: processo de profissionalização e seu efeito na formação, atuação e reconhecimento profissional. 2012. 218 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

OLIVEIRA, M. E. P. O bibliotecário no cenário internacional: necessidades de mudanças no perfil profissional do bibliotecário brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 25., 07-10 jul. 2013, Florianópolis. **Anais...** São Paulo: UFSC, 2013. p. 3957-3972. Disponível em: <<https://portal.febab.org.br/anais/article/download/1542/1543>>. Acesso em 01 abr. 2018.

OLIVEIRA, S. Ensino de administração na escola de biblioteconomia: uma correlação entre o currículo, a literatura e a necessidade de administradores. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2., 22-24 nov. 1995, Valinhos. **Anais...** Valinhos: MIMEO, 1995.

PAGÈS, Max et al. **O poder das organizações**. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

PARSONS, T. **The Social System**. Abingdon: Routledge, 1991.

PARSONS, T. **The Social System**. New York: The Free Press, 1951.

PEREIRA, F. A. de S.; VARELA, A. V. Competência Informacional para o desenvolvimento do pensamento estratégico: abordagem de interação entre a Ciência da Informação e a Administração através da simulação empresarial competitiva. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA

DA INFORMAÇÃO, 10., 25-28 out. 2009, João Pessoa. **Anais eletrônicos ...**João Pessoa:UFPB, 2009. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xenancib/paper/viewFile/3229/2355>>. Acesso em: 01 abr. 2018.

PERRENOUD, P. Des savoirs aux compétences: de quoi parle-t-on en parlant de compétences? **Pédagogie Collégiale**, Québec, v.9, n.1, p. 20-24, Oct. 1995.

PERRENOUD, P. Sucesso na escola: só o currículo, nada mais que o currículo. **Cadernos de Pesquisa**, n.119, p.9-27, junho/2003.

PIMENTA, S. G.; ALMEIDA, M. I. Pedagogia universitária: valorizando o ensino e a docência na Universidade de São Paulo. In: PIMENTA, S. G.; ALMEIDA, M. I. (Org.) **Pedagogia Universitária**. São Paulo: Edusp, 2009. p. 13-38.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L G. C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

PIMENTA, S.G.;LIMA, M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poésis** -Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006.

POBLACIÓN, D.A.; NORONHA, D.P. Produção das literaturas branca e cinzenta pelos docentes/doutores em ciência da informação no Brasil. **Ciência da Informação**, v.31, n.2, p.98-16, maio/ago, 2002.

POBLACIÓN, D. A.; NORONHA, D. Rumos da comunidade brasileira de pesquisadores em ciência da informação: desafios do século XXI. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

PRATES, M. Algumas considerações críticas sobre a pós-graduação brasileira. **Transinformação**, Campinas, 9, n. 2, p. 21-25, maio/ago. 1997.

PRESTES, E.; VÉRAS, R. Educação, qualificação, trabalho e políticas públicas: campos em disputas. **Revista Lusófona de Educação**, [S. l.], v. 14, n. 14, p. 45-59, 2009.

PRITCHARD, Alan. Statistical bibliography or bibliometrics? **Journal of Documentation**, v. 25, n.4, p. 348-349, dec. 1969.

PRUDÊNCIO, D. S.; RODRIGUES, M. E. F. Diretrizes curriculares nacionais e a construção de propostas curriculares inovadoras: um estudo de cotejamento dos projetos políticos pedagógicos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 26-30 out. 2015, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2015.

REBECHI, C. N. **Prescrições de comunicação e racionalização do trabalho: os ditames das relações públicas em diálogo com o discurso do IDORT (anos 1930-1960)**. 2014. 351 f. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2014.

RESENDE, Y. Informação para negócios: os novos agentes do conhecimento e a gestão do capital intelectual. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 120-128, maio/ago. 2002.

REUNIÃO DE DIRETORES DO IV ENCUESTRO DE DIRECTORES DE ESCUELAS DE BIBLIOTECOLOGIA Y CIENCIA DE LA INFORMACIÓN DEL MERCOSUR. MONTEVIDEO, 2000

ROBREDO, J. **Da Ciência da Informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus, 2003.

ROBREDO, J.; CUNHA, M.B. **Documentação de hoje e de amanhã: uma abordagem informatizada da biblioteconomia e dos sistemas de informação**. São Paulo: Global, 1994.

RODRIGUES, M.E.F. Articulação Ensino-pesquisa como indicador de inovação na formação do profissional da informação. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11.,

25-28 out. 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: IBICIT, 2010. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xienancib/paper/viewFile/3514/2639>>. Acesso em: 01 abr. 2018.

RODRIGUES, M. E. F.; CAMPELLO, B. S. (Org.). **A (re)significação do processo de ensino/aprendizagem em Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2004.

RODRIGUES, M. E. F.; LUCK, E. H.; BREGLIA, V. L. A. O ensino com a prática da pesquisa: Delineamento de uma nova proposta de formação. **Transinformação**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 41-47, jan./jun., 2002.

RODRIGUES, M. L. **Sociologia das profissões**. Oeiras, Portugal: Celta Editora, 1997.

ROLIM, E. A.; CENDÓN, B. V. Bases teóricas dos estudos sobre o portal de periódicos Capes. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. **Anais Eletrônicos ...** Florianópolis: UFSC, 2013.

RUBIN, R. **Foundations of Library and Information Science**. New York: Neal Schuman, 2004.

RUÉ, J. A aprendizagem com autonomia, possibilidades e limites. In: PIMENTA, S. G.; ALMEIDA, M. I. (Org.) **Pedagogia Universitária**. São Paulo: Edusp, 2009. p.71-90.

RUSO, M.; FONSECA, M. V. A.; BARBALHO, C. L. R. S. Formação em biblioteconomia a distância: a implantação do modelo no Brasil e as perspectivas para o mercado de trabalho do bibliotecário. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 22, n. 3, 2012. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/18431>>. Acesso em: 19 ago. 2018.

SALES, L. F.; SAYÃO, L. F. O impacto da curadoria digital dos dados de pesquisa na comunidade científica. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 17, n. esp. 2 – III SBCC, p.118-135, 2012.

SANTANA, M. A. O mundo do trabalho em mutação: as reconfigurações e seus impactos. **Cadernos IHU Ideias**, São Leopoldo, ano 3, n. 34, p. 01-22, 2005.

SANTOS, B. S. Porque é tão difícil construir uma teoria crítica? **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 54, 197-215, 1999.

SANTOS, B. S. **A universidade no século XXI**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, J. C. S. Comportamento informacional em assessorias parlamentares de instituições políticas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais eletrônicos ...** Salvador: UFBA, 2016. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/3312/2016_GT5-CO_07.pdf?sequence=1>. Acesso em: 01 abr. 2018.

SANTOS, J.P. O moderno profissional da informação: o bibliotecário e seu perfil face aos novos tempos. **Inf.&Inf.**, Londrina, v.1, n.1, p.5-13, jan./jun. 1996.

SARACEVIC, T. Information Science: origin, evolution and relations. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. **Conceptions of library and information science: historical, empirical and theoretical perspectives**. London: Taylor Graham, 1992, p. 5-27.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p.41-62, jan./jun. 1996.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas do Brasil**. 3. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2010.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas do Brasil**. 4. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2013.

- SCALON, C. **Mobilidade social no Brasil: padrões e tendências**. Rio de Janeiro: Revan, 1999.
- SCHAFF, A. **A sociedade informática: as consequências da segunda revolução industrial**. São Paulo: Brasiliense, 2007. 157 p.
- SCOLARI, C. **Hipermediaciones: elementos para uma Teoria de la Comunicación Digital Interativa**. Barcelona: Gedisa, 2008.
- SEGNINI, L. R. P. Sobre a identidade do poder nas relações de trabalho. In: FLEURY, M. T. L. et al. (Org.). **Cultura e poder nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1989. p. 89-112.
- SILVA, A. A. O. R. da. **O mundo do trabalho dos jornalistas na realidade e na ficção: uma análise comparativa do perfil do profissional e dos discursos da telenovela sobre as práticas do jornalista**. 2012. 220 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2012.
- SILVA, E. L. C.; CUNHA, M. V. A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas. **Ciência da Informação**, v. 31, n. 3, p. 77-82, 2002. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/657>>. Acesso em: 1 dez. 2017.
- SILVA, M. L.; MORIGI, V. J. Representações das práticas e da identidade profissional dos bibliotecários no mundo contemporâneo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 28 set./01 out. 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/view/3098/2224>>. Acesso em: 01 abr. 2018.
- SILVA, H.C.; BARROS. Apresentação. In :SILVA, H.C.; BARROS, M.H.T.C. **Ciência da Informação: múltiplos diálogos**. Marília: Oficina Universitária Unesp, 2009.
- SILVEIRA, F. J. N. O bibliotecário como agente histórico: do “humanista” ao “moderno profissional da informação”. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 18, n. 3, p. 83-94, set./dez. 2008.
- SKYRME, D.; AMIDON, D. M. **Creating the knowledge-based business**. London: Business Intelligence, 1997.
- SMIT, J. W. O documento audiovisual ou a proximidade entre as 3 Marias. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 26, n. 1/2, p. 81-85, jan./jun. 1993.
- SMIT, J. W. A política governamental para a pós-graduação em ciência da informação no Brasil, **Informação e Sociedade: Estudos**, v.9, n. 2, p. 385-397, 1999.
- SMIT, J. W. A pesquisa na área de ciência da informação. **Transinformação**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 25-28, jan./jun. 2002.
- SMIT, J. W. ; BARRETO, A. A. Ciência da informação: base conceitual para a formação do profissional. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002.
- SMIT, J. W. ; DIAS, E. W.; SOUZA, R. F. Contribuição da pós-graduação para a Ciência da Informação no Brasil: uma visão. **DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação**, v.3, n.6, dez/2002.
- SMIT, J.W. Arquivologia/Biblioteconomia: interfaces das Ciências da Informação. **Informação & Informação**, Londrina, v.8, n.1, jun./dez., 2003.
- SMIT, J. W. ;TÁLAMO, M. F. G. M.; KOBASHI, N. Y. A determinação do campo científico da Ciência da Informação: uma abordagem terminológica. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, fev. 2004.
- SMIT, J. W. ; TÁLAMO, M.F.G.M. Ciência da Informação: uma ciência moderna ou pós-moderna. In: LARA, M.L.G.; FUJINO, A., NORONHA, D.P. (Org). **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007. p. 27-46.
- SOUSA, M.M., FUJINO, A. A função educativa do bibliotecário no século XXI: visão

brasileira. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 27 out./31 out. 2014, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt6/view>. Acesso: 10 Mai 2018.

SOUZA, A. M. **O coaching na atuação do profissional da informação**. 2013. 189 f. (Mestrado em CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SOUZA, F. C. A formação acadêmica de bibliotecários e cientistas da informação e sua visibilidade, identidade e reconhecimento social no Brasil. **Informação e Sociedade: Estudos**, v. 16, n. 1, p. 23-34, jan./jun. 2006a.

SOUZA, F. C. O discurso sobre a educação em Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil: caminhos teóricos-metodológicos para a compreensão. In: CUNHA, M. V.; SOUZA, F. C. (Org.). **Comunicação, Gestão e Profissão**: abordagens para o estudo da Ciência da Informação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006b.

SOUZA, F. C. Tendências em informação, educação e trabalho: As dimensões currículo e mercado profissional na pesquisa em Ciência da Informação no Brasil. **Revista Tendências da Pesquisa em CI**, v.1, n.1, p. 1-38, 2008.

SOUZA, F. C. **O ensino de Biblioteconomia no contexto brasileiro**: século XX. Florianópolis: EdUFSC, 2009. 189 p.

SOUZA, F. C. A ABEBD e o Currículo de Bacharelado em Biblioteconomia no Brasil, de 1967 a 200. **Informação e Sociedade: Estudos**, v. 21, n. 1, p. 203-212, 2011.

SOUZA, F. C. **A contribuição da ABEBD para a configuração política e ideológica das Diretrizes Curriculares Nacionais [DCN] do Curso de graduação em Biblioteconomia implantadas a partir de 2001**. Relatório da Pesquisa. Florianópolis: editora, 2012a.

SOUZA, F. C. Ciência da Informação no Brasil: o desenvolvimento da pesquisa e suas implicações na formação de mestres e doutores. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 22, n. 1, p. 79-94, jan./abr. 2012b.

SOUZA, R. B. **O papel do estágio na formação profissional do arquivista**: a experiência do Curso de Arquivologia da Universidade de Brasília. Disponível em : http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1446/1/CAPITULO_PapelEstagioFormacao.pdf. Acesso em : 21 maio. 2018.

SUGIMOTO, I. O ofício de cada um. **Jornal da Unicamp**, Campinas, n. 256, jun. 2004.

TÁLAMO, M.F.G.M. **R. bras. Bibliotecon. e doc.**, São Paulo, v. 26, n. 1/2, p. 64-71, jan./jun. 1993.

TARAPANOFF, K. **Perfil do profissional da informação no Brasil**: diagnóstico de necessidade de treinamento e educação continuada. Brasília, DF: IEL, 1997.

TARAPANOFF, K.; ARAÚJO JÚNIOR, R. H.; CORMIER, P. M. J. Sociedade da informação e inteligência em unidades de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 3, p. 91-100, set./dez. 2000.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes. 2014.

TARGINO, M. G. Universidade brasileira: uma visão crítica. **Cadernos de Biblioteconomia**, Recife, v. 5, n. 1, p. 13-21, 1982.

TOFFLER, A. **A terceira onda**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

TOMAÉL, M. I.; ALVARENGA, G. M. Profissional da informação: seu espaço e atuação em empresas industriais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 81-90, jan./jun. 2000.

ULRICH, D. **Os campeões de recursos humanos**: inovando para obter os melhores resultados. São Paulo: Futura, 1998.

VALENTIM, M. L. P. Atuação e perspectivas profissionais da informação. In: _____. (Org.). **Profissionais da informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000. p. 135-152.

VALENTIM, M. L. P. **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002.

VALENTIM, M. L. P. Formação: competências e habilidades do profissional da informação. In: _____. (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002, p. 117-132.

VARELA, A. V.; CASTRO, M. I.; GUIMARÃES, I. B. Ciência da informação: atuação profissional e as contribuições para o desenvolvimento do campo científico por parte dos egressos do PPGCI (ICI/UFBA). **Ciência da Informação**, Brasília, v. 37, n. 3, p. 76-87, set./dez. 2008.

VELHO, L. Indicadores científicos: aspectos teóricos y metodológicos. In: MARTINEZ, E.; ALBORNOZ, M. (org.) **Indicadores de ciência y tecnología**: estado del arte y perspectivas. Caracas: Nueva Sociedad, 1994. p. 307-348.

VELHO, L.; MOREIRA, M. L. Pós-graduação no Brasil: da concepção “ofertista Linear” para “Novos Modos de Produção do conhecimento” implicações para avaliação. **Avaliação**. Campinas, Sorocaba, SP. v.13, n.3, p.625-645, nov. 2008.

VIANNA, M. L. W. Política versus economia: notas (menos pessimistas) sobre globalização e Estado de bem-estar. In: GERSCHMAN, S., and VIANNA, M. L. W., orgs. **A miragem da pós-modernidade: democracia e políticas sociais no contexto da globalização** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/8fmv5/pdf/gerschman-9788575413975-11.pdf>>. Acesso em: 11 dez. 2017. p. 155-175.

VIEIRA, A. S. Na janela do tempo com o IBBD e Drummond: passagens, transformações e novos desafios em educação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, abr. 1995.

VIEIRA, D. V.; BAPTISTA, S. G.; CERVERÓ, A. C. As competências profissionais do bibliotecário 2.0 no espaço da biblioteca universitária: discussão prática. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 23, n. 2, p. 45-58, maio/ago. 2013.

VIEIRA, D. V.; BAPTISTA, S. G. O.; CERVERÓ, A. C. As competências profissionais do bibliotecário 2.0 no espaço da biblioteca universitária: discussão da prática. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 23, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/13563>>. Acesso em: 20 Jun. 2018.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Dimensões da competência informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 40, n. 1, p. 99-110, jan./abr. 2011.

WALTER, M. T. M. T. **Bibliotecários no Brasil**: representações da profissão. 2008. 345 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

WERTHEIM, J. A Sociedade da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p.71-77, maio/ago. 2000.

WILENSKY, H. L. The professions for everyone? Califórnia: University of Califórnia, 1964.

WILLIAMS, R. L.; BUKOWITZ, W. R. Knowledge managers guide information seekers. **HRMagazine**, p. 77-81, jan. 1997.

WITKOWSKI, M. S.; BEDIN, S. P. M. Os currículos de arquivologia e a contribuição para a formação do perfil empreendedor. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, v. 3, n. 2, p. 03-25, jul./dez. 2016.

ZARIFIAN, P. O modelo das competências e suas consequências para os ofícios profissionais. In: **Seminário Internacional Educação Profissional, Trabalho e Competências**. Rio de Janeiro, RJ: Centro Internacional para a Educação, Trabalho e Transferência de Tecnologia, 1996. (mimeo).

ZARIFIAN, P. **O modelo da competência**: trajetória histórica, desafios atuais e propostas. São Paulo: Senac, 2003.

ZUNDE, P.; GEHL, J. Empirical Foundation of Information Science. **Annual Review of Information Science and Technology (ARIST)**, v. 14, pp. 67-92, 1979.

APÊNDICES

APÊNDICE 1- Tabela A1.1 – Quantidade de artigos publicados em periódicos (2007 a 2016) com as temáticas da pesquisa (Base Brapci)

		Trabalhos apresentados/publicados											No. Autores por Trabalho						
Temática	Periódico	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016		1	2	3	4	5	6	7
Egressos																			
(31)/(10)	ENANCIB							1			1	2	1	7	2				
	Em Questão										1	1							
	Persp. Gestão Conhecimento									1	1								
	Encont. Bibli									1	1								
	Ponto de Acesso								1		1								
	Digital BB e CI							1			1								
	Persp. CI			1							1								
	Biblos			1							1								
Cien.Inf.		1									1								
											10								
Estágio																			
(42)/(10)	Ágora								1	2		3	4	5	2				
	ABC							1		1		2							
	Folha de Rosto									1		1							
	Biblionline		1						1			2							
	Archeion							1				1							
	Ponto de Acesso			1							1								
											10								
Projeto Pedagógico																			
(14)/(5)	REBECIN										1	1		5					
	ENANCIB									1		1							
	ARQ E ADM										1	1							
	Biblionline							1	1			2							
												5							
Museologia																			
(113)/(16)	Rev. Brasileira de Educ em CI										1	1	5	5	4	1			1
	Inf. & Prof										1	1							
	ENANCIB							1			2	3							
	Revista Ibero-Am em CI										1	1							
	Perspect. Em CI		1		1					3		5							
	Revista Dig em BB e CI								1			1							
	CI							1				1							
	Ponto de Acesso							1				1							
	Muitos Olhares em CI						1					1							
	Tend. Pesq. Em CI				1							1							
											16								
Educação à Distância																			
(134)/(26)	Revist Conhecimento em Ação										1	1	3	16	6	1			
	Encontros Bibliog									1	1	2							
	Inform e Societd										1	1							
	Perspect. Em Gestão e Conhecim.									1		1							
	Revist Bras.-BB e Doc		2					1		2		5							
	Inform & Inform					1				1		2							
	Perspect. Em CI									1		1							
	Revist Bras Ed CI									2		2							
	ENANCIB									2		2							
	DataGramaZero				1		1					2							
	Inf e Sociedade	1					1					2							
	Em Questão							1				1							
	Transformação			1								1							
	Revist Digital BB e CI			1								1							
	Biblos			1								1							
Revist AEB				1							1								
												26							
Mercado de Trabalho																			
(184)/(38)	ENANCIB										2	2	8	21	4	4	1		
	Revist Bras. De Educação CI									1	2	3							
	Encontros Bibli										1	1							
	Revist Dig de BB e CI		1								1	2							
	Tend. Da Pesq Bras. Em CI		1									1							
	BiblionLine	1				1			2		1	5							
	Revist Bras de BB e Doc	1								1		2							
	Perspectivas em CI	1									1	2							
	ENANCIB									3	1	4							
	Cinf		1									1							
	DataGramaZero		1									1							
	Revista ACB		1	2		1	1		1			6							
	Revist Informaç e Societd Estudos			1								1							
	Revist Analisando em CI									1		1							
	Inf & Informação					1	1					2							
	Biblos						1		1			2							
	CAJUR								1			1							
Multiplos olhares em CI								1			1								
												38							
		4	10	9	4	4	6	11	10	25	22		21	59	18	6	1	0	

Tabela A1-1 –(cont.)

Tabela A1.1 (cont.)		Trabalhos apresentados/publicados											No. Autores por Trabalho							
Temática	Periódico	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016		1	2	3	4	5	6	7	
Currículo																				
(154)/(17)	Revist Bras de Educ. em CI									1	2	3	6	10	1					
	Revist Analisando em CI										1	1								
	Revist Inf em Pauta										1	1								
	Inf Arquivística									1		1								
	ENANCIB							1			2	3								
	Perspectivas em CI									1		1								
	Tend. Da Pesq Bras. Em CI		1									1								
	Revista ACB							1				1								
	Inf & Informação							1				1								
	Revist Dig de BB e CI						1		1			2								
Revist Informaç e Sociedd Estudos						1					1									
Encontros Bibli			1									1								
												17								
Arquivista																				
(166) / (35)	Archeion Online								1		1	2	6	21	7	1				
	Informação e Profissões							1			1	2								
	Revist Analisando em CI									1	1	2								
	BiblionLine					1	1				1	3								
	Inf. Arquivística									2	1	3								
	Revist Bras de Educ. em CI									1	1	2								
	Tend. Da Pesq Bras. Em CI									1		1								
	Biblos				1				1	1		3								
	Inf. E Tecnologia									1		1								
	ENANCIB										3	3								
	Revista ACB			1								1								
	Ágora								1			1								
	Ponto de Acesso	1		1								2								
	Inf & Informação								1			1								
	Arq e Adm							1				1								
	Revist Íbero- Americ de CI		2				1					3								
	DataGramaZero						1					1								
Revist Dig de BB e CI				1							1									
Perspectivas em CI		1									1									
Arquivística.net	1										1									
												35								
Formação Continuada																				
(62) / (10)	Encontros Bibli									1	1	2	1	7	1	1				
	Revist Dig de BB e CI										1	1								
	ENANCIB									1		1								
	Revist Bras de BB e Doc	2						1				3								
	Perspectivas em CI				1							1								
	Revist Íbero- Americ de CI			1								1								
Revista ACB	1										1									
												10								
Competência Informacional																				
(188) / (17)	ENANCIB									3	2	5	1	14	2					
	Revist Analisando em CI										1	1								
	Revista ACB				1					2	1	4								
	BiblionLine										1	1								
	EmQuestão										1	1								
	Revist Dig de BB e CI				1					1		2								
	Ágora									1		1								
	Inf & Informação					1						1								
Tend. Da Pesq Bras. Em CI								1												
												17								
Bibliotecários																				
(436)/(58)	ENANCIB								1	4	3	8	10	37	8	2	1			
	Biblioteca Escolar em Revista								1		2	3								
	Revista Bras Educ em CI									1	1	2								
	Informação & Profissões							1	1		2	4								
	BiblionLine					1	1		2		2	6								
	Revista ACB			1		1				2	2	6								
	Brazilian Journal of Inf Science										1	1								
	Revista Digital de BB e CI										4	4								
	Bibliot. Universitária										1	1								
	Tend. Da Pesq Bras. Em CI				1					1		2								
	Revista Bras. De BB e Doc	1								1	1	3								
	Ciência da Informação										1	1								
	Biblos			1						1		2								
	Revist Analisando em CI									1		1								
	Revist Eletr de Com, Info, Inov Saude								1			1								
	Perspectivas em CI				1				1			2								
	DataGramaZero								1			1								
	Encontros Bibli				2				1			3								
	Múltiplos Olhares								1			1								
	Inf & Informação								1			1								
	Em Questão							1				1								
	Inform & Sociedade							1				1								
	Revist Íbero- Americ de CI		1					1				2								
	Revist Ponto de Acesso	1										1								
		7	5	6	9	8	6	10	13	36	37	58	24	89	19	4	1	0		

APÊNDICE 2 - Tabela A2-1 – Seleção POS-GRAD de pesquisas por ano, IES, autor, título, orientador. período (2007 a 2016)

	Ano	IES	Autor	Título – POS GRAD	Orientador	Endereço
1	2007	UFMG ME	PENA, André de Souza	A evolução do mercado de trabalho formal do profissional da Informação no Brasil: um estudo a partir da RAIS/MTE (1992-2005)	Crivellari, Helena M. T.	bdtd.ibict.br
2	2011	UnB ME	SANTOS, Thallita Franco dos	Competência Informacional no ensino superior um estudo de discentes de graduação em BB no estado de Goiás	Batista, Sofia Galvão	bdtd.ibict.br
3	2012	USP ME	MORAES, Marielle Barros de	As transformações dos processos de mediação da informação nos currículos de formação do bibliotecário brasileiro no contexto da Sociedade da Informação	Almeida, Marco Antônio	bdtd.ibict.br
4	2012	UFSC ME	GARCIA, Thais Xavier	Bibliotecas Públicas 2.0: serviços ofertados, perfil e percepção dos bibliotecários	Cunha, Mirian Vieira da	bdtd.ibict.br
5	2014	UNESP DO	MATA, Marta Leandro da	A inserção da Competência Informacional nos currículos de BB no Brasil e de Informação e Documentação na Espanha	Casarin, Helen de Castro Silva	bdtd.ibict.br
6	2014	USP DO	SOUSA, Margarida Ma. De	A função educativa do bibliotecário no século XXI: desafios para a sua formação e atuação	Fujino, Asa	bdtd.ibict.br
7	2015	UFF	PINTO, Fabiana de Melo Amaral Gonçalves	A formação do bibliotecário e sua atuação no mundo do trabalho	Rodrigues, Mara Eliane F.	bdtd.ibict.br
8	2016	USP DO	LIMA, Celly de Brito	O bibliotecário como mediador cultural: concepções e desafios à sua formação	Perrotti, Edimir	bdtd.ibict.br

APÊNDICE 2 - Tabela A2-2 – Seleção BRAPCI de publicações por ano, autor, título e periódico (2007 a 2016)

	Ano	Autores	Título - BRAPCI	Endereço
1	2009	SILVEIRA, João Paulo Borges da; GONÇALVES, Renata Braz	PERFIL DOS EGRESSOS DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE (1998-2007)	(Revista-ARTIGO); BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação , v. 23, n. 2, p. 127-135, 2009
2	2013	SANTOS, Charlene Maria dos; PINHO, Fábio Assis; AZEVEDO, Alexander Willian	PERFIL DOS EGRESSOS DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (2005 A 2010)	(Revista-ARTIGO); Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação , v. 11, n. 2, 2013
3	2014	FARIA, Ana Carolina Cintra; CASTRO FILHO, Claudio Marcondes	PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO: ESTUDO DOS EGRESSOS NO ESTADO DE SÃO PAULO, MUNDO DO TRABALHO, HABILIDADES E COMPETÊNCIAS	Ponto de Acesso , v. 8, n. 3, 2014 (Revista)
4	2016	SANTOS, Priscila Reis dos MESQUITA, José Marcos Carvalho de; NEVES, Jorge Tadeu de Ramos; BASTOS, Alessandra Mesquita	INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO E A EMPREGABILIDADE DE BACHARÉIS EM BIBLIOTECONOMIA	Perspectivas em Ciência da Informação , v. 21, n. 2, 2016 (Revista)
5	2015	MARIZ, Anna Carla Almeida; ALMEIDA, Regina Helena Sa	OS ESTÁGIOS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR E A LEI N. 11.788: UM ESTUDO DE CASO NA ÁREA DA ARQUIVOLOGIA	Ágora , v. 25, n. 50, p. 102-135, 2015 (Revista-)
6	2015	BEZERRA, Sarah Freire; PEREIRA, Nagila Naiara da Silva; PEREIRA, Deusimaria Dantas	RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA BIBLIOTECA DO SESC JUAZEIRO DO NORTE	Folha de Rosto , v. 1, n. 2, 2015 (Revista-)
7	2015	ANNA, Jorge Santa; CALMON, Maria Aparecida de Mesquita	RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA FERNANDO DE CASTRO DE MORAES: DIÁLOGOS COM RANGANATHAN	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina , v. 20, n. 2, p. 339-354, 2015 (Revista-)
8	2013	ALVES, Marília Amaral Mendes	ESTÁGIO: UTOPIA OU REALIDADE? A EXPERIÊNCIA DA COORDENAÇÃO DE ESTÁGIO DA ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIRIO PRÁTICA TRAINING: UTOPIA OR REALITY?	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina , v. 18, n. 1, 2013 (Revista-ANAIA)
9	2013	MARIZ, Anna Carla Almeida	O CAMPO PROFISSIONAL DO ESTUDANTE DE ARQUIVOLOGIA: ANÁLISE DOS ESTÁGIOS REALIZADOS PELOS ALUNOS DA UNIRIO	Archeion Online , 2013 (Revista-)
10	2014	LEON, Cristiano Bassetti de; BERGENTHAL, Francine; SILVA, Rita	CONTEXTO E GESTÃO DOCUMENTAL: REFLEXÕES A PARTIR DO ESTUDO DOS CONTRATOS DE ESTÁGIO	BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação , v. 28, n. 3, 2014

		de Cássia Portela da; Luciana CAROSIO, Simoes Schlinker; SENA, Marcia Rodrigues de	DA UFRGS	(Revista-)
11	2009	SOUZA, Francisco das Chagas de; NASCIMENTO, Sandra Mara do	PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA SOBRE A PRÁTICA DE ESTÁGIO REMUNERADO	Ponto de Acesso , v. 3, n. 3, p. 356-384, 2009 (Revista-ARTIG)
12	2008	RIMÁ, Jacqueline de Castro; DUARTE, Emeide Nóbrega	AS PRÁTICAS DE APRENDIZAGEM NO PROJETO POLÍTICO -PEDAGÓGICO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UFPB: UMA ANÁLISE	Biblionline , v. 4, n. 1/2, p. 0-0, 2008 (Revista-ARTIG)
13	2016	TREVISOL NETO, Orestes; MATTOS, Miriam de Cassia do Carmo; SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca da	GRADUAÇÕES DE BIBLIOTECONOMIA NA MODALIDADE À DISTÂNCIA NO BRASIL: DADOS INICIAIS DA PESQUISA	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina , v. 21, n. 3, 2016 (Revista-)
14	2008	WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão	FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO BIBLIOTECÁRIO	Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação , v. 13, n. 25, p. 84-103, 2008 (Revista-ARTIG)
15	2014	SOUZA, Renato Tarciso Barbosa de; OLIVEIRA, Flávia Helena de	O ENSINO UNIVERSITÁRIO DE ARQUIVOLOGIA NO BRASIL: UM ESTUDO SOBRE AS PROPOSTAS PEDAGÓGICAS E ESTRUTURAS CURRICULARES DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO	Arquivo & Administração , v. 13, n. 1-2, p. A07-133a16, 2014 (Revista-ARTIC)
16	2014	GUEDES, Maria Giovanna; SILVA, Patrícia; SILVA, Daiana Basilio da	OBJETOS DE APRENDIZAGEM COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO DA BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL: UM OLHAR SOBRE O LTI	Biblionline , v. 10, n. 2, 2014 (Revista-)
17	2015	RUSSO, Mariza; CARVALHO, Ana Maria Ferreira; SÁ, Nysia Oliveira de	PREPARAÇÃO PARA A OFERTA DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA A DISTÂNCIA NO BRASIL: RESULTADOS PARCIAIS	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação , v. 11, 2015 (Revista-)

APÊNDICE 2 - Tabela A2-3 – Seleção ENANCIB de artigos do GT-6 por ano, IES, autor, e palavras-chave, período (2007 a 2016)

	ANO	IES	AUTORES	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE
1	2007	FACEX /UFC	FARIAS, Gabriela Belmont de	REPRESENTAÇÕES DO SEGMENTO IMOBILIÁRIO SOBRE AS COMPETÊNCIAS DO GESTOR DA INFORMAÇÃO	Mercado de Trabalho Profissional Bibliotecário; Competências Gestão da Informação; Representações Sociais
2	2007	UFPB	ROCHA, Maria Meriane Vieira, ARAÚJO, Maria Giovanna	COMPETÊNCIA INFORMACIONAL E ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO - BIBLIOTECÁRIO	Competência informacional Profissional da informação Biblioteca Universitária
3	2007	UFSC	CUNHA, Miriam Vieira da, SILVA, Romário Antunes da	OS PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO: ESPAÇOS DE TRABALHO NA INTERNET: SEGUNDA PARTE – 2005-2007	Profissionais da informação Perfil Profissional; Internet (oferta de empregos)
4	2007	UFMG	ROSA, Regina Célia, CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi	CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO BIBLIOTECÁRIO NO CAMPO JURÍDICO EM BELO HORIZONTE	Bibliotecário; Campo Jurídico; Mercado de trabalho; RAIS; Belo Horizonte
5	2007	UFRGS	SOUSA, Rodrigo Silva Caxias de.	A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES	Biblioteca universitária Formação de professores; Pesquisa Cultura da virtualidade Tecnologias da informação e da comunicação
6	2007	UnB	BAPTISTA, Sofia Galvão, CAMPOS, Grazielle Noronha.	CARACTERÍSTICAS DOS BIBLIOTECÁRIOS DAS BIBLIOTECAS DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PRIVADAS DO DISTRITO FEDERAL, CRIADAS APÓS O DECRETO DO MEC EM 1996, E AS EXPECTATIVAS DOS EMPREGADORES	Bibliotecário – perfil profissional Biblioteca universitária; Bibliotecário universitário; Bibliotecário – Mercado de trabalho
7	2007	PUC /CAMP	BERAQUET, Vera Silvia Marão, CIOL, Renata, GARCIA, Leonardo G, PEREIRA, Sandra L., CHIAVARO, Natália M., CIRILO, Rosimeire C., TELLES, Cleusa.	BIBLIOTECÁRIO CLÍNICO NO BRASIL: EM BUSCA DE FUNDAMENTOS PARA UMA PRÁTICA REFLEXIVA	Biblioteconomia clínica Hospital universitário Informação em saúde Formação profissional
8	2008	UFSC	VITORINO, Elizete Vieira	A FORMAÇÃO CONTÍNUA DO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO: PRINCÍPIOS EPISTEMOLÓGICOS À COMPETÊNCIA INFORMACIONAL	Competência Informacional Profissionais da Informação Formação Contínua
9	2008		SANTOS, Silvio	CURRÍCULOS DOS CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO CONTEXTO DA INCLUSÃO SOCIAL	Formação bibliotecária Inclusão Social Currículo de Biblioteconomia

10	2013	UFMA	FERREIRA, Maria Mary, CRUZ, Priscila	A EVASÃO NO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO	Evasão universitária Evasão na Biblioteconomia Evasão na Universidade Federal do Maranhão
11	2014	UDESC	DAVOK ,Delsi Fries; SPUDEIT, Daniela	CAUSAS DA EVASÃO NO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA – HABILITAÇÃO EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO DA UDESC	Evasão – Curso de Biblioteconomia – UDESC Evasão – Cursos de Graduação Ensino superior – Evasão
12	2015	UFF	CURI, Cláudia Maria Gomes, RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca; LÜCK, Esther Hermes	FORMAÇÃO CONTINUADA E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD): APERFEIÇOAMENTO DAS COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DOS BIBLIOTECÁRIOS	Bibliotecários; Educação continuada Ensino a distância; profissionais de informação Tecnologias da informação e comunicação
13	2015	UFPB	FREIRE, Isa Maria, Freire, ARAÚJO, Gustavo Henrique de	AÇÕES DE INFORMAÇÃO PARA EDUCAÇÃO E TRABALHO NO LABORATÓRIO DE TECNOLOGIAS INTELECTUAIS - LTI	Regimes de informação; Ações de informação Formação profissional; Mediação da informação; CI– Responsabilidade social
14	2015	UFF	PRUDÊNCIO, Dayanne da Silva, RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca	DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS E A CONSTRUÇÃO DE PROPOSTAS CURRICULARES INOVADORAS: UM ESTUDO DE COTEJAMENTO DOS PROJETOS POLÍTICOS PEDAGÓGICOS	Projeto Pedagógico de Curso Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Diretrizes Curriculares para os Cursos de Biblioteconomia Ensino de Biblioteconomia Flexibilização curricular
15	2015		NASCIMENTO, Rosangela Maria, JUNIOR, Alberto Calil	A FUNÇÃO EDUCACIONAL DO BIBLIOTECÁRIO: O AUTO ARQUIVAMENTO EM REPOSITÓRIOS INSTITUCIONAIS COMO LOCUS PARA O LETRAMENTO INFORMACIONAL	Repositório institucional Letramento informacional Universidades públicas
16	2015	UFMG	ALVES, Thiara dos Santos, CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi, FROTA, Maria Guiomar da Cunha	O MERCADO DE TRABALHO DE ARQUIVISTAS E MUSEÓLOGOS	Arquivista; Museólogo; Classificação Brasileira de Ocupações; Relação Anual de Informações Sociais; Mercado de Trabalho
17	2016		CÂNDIDO, Ana Clara, VIANNA, William Barbosa, BEDIN, Sonali Paula Molin	APORTES CONCEITUAIS DE EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO EM NOVOS CONTEXTOS DE TRABALHO	Empreendedorismo Inovação; Profissional da Informação Atuação Profissional Mercado de trabalho
18	2016	UFMG	PIRES, Hugo Avelar Cardoso, DUMONT, Lúcia Maria Moreira	RELAÇÕES DE GÊNERO E BIBLIOTECONOMIA: O QUE MOVE O SEXO MASCULINO A INGRESSAR EM UM CURSO MAJORITARIAMENTE FEMININO	Estudos de gênero Biblioteconomia Divisão sexual do trabalho

APÊNDICE 3 – Trabalhos apresentados nos ENANCIB VIII (2007) a XVII (2016)

<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/index/schedConfs/archive>

❖ 2007 VIII ENANCIB- Salvador. GT 06 - Informação, Educação e Trabalho

Conteúdos informacionais para novas mídias e a legislação autoral: desafios para a equipe de profissionais de educação a distância via internet

Andréa Paula Osório Duque, Rosali Fernandez de Souza

Representações do segmento imobiliário sobre as competências do gestor da informação

Gabriela Belmont de Farias

Competência informacional e atuação do profissional da informação - bibliotecário

Maria Meriane Vieira Rocha, Eliany Alvarenga de Araújo

Os profissionais da informação: espaços de trabalho na internet: segunda parte - 2005-2007

Miriam Vieira da Cunha, Romario Antunes da Silva

Caracterização do trabalho bibliotecário no campo jurídico em Belo Horizonte

Regina Célia Rosa, Helena Maria Tarchi Crivellari

A biblioteca universitária e a formação de professores

Rodrigo Silva Caxias de Sousa

Características dos bibliotecários das bibliotecas de instituições de ensino superior privadas do Distrito Federal, criadas após o decreto do MEC em 1996, e as expectativas dos empregadores

Sofia Galvão Baptista, Grazielle Noronha Campos

Bibliotecário clínico no Brasil: em busca de fundamentos para uma prática reflexiva

Vera Silvia Marão Beraquet, Renata Ciol, Leonardo G. Garcia, Sandra L. Pereira, Natália M. Chiavaro, Rosimeire C. Cirilo, Cleusa Telles, Sara R. Valentim

❖ 2008 IX ENANCIB- São Paulo. GT 06 - Informação, Educação e Trabalho

A auto-imagem do bibliotecário na sociedade da informação: estudo na cidade de Salvador - Bahia

Alda Lima da Silva, Henriette Ferreira Gomes

A formação contínua do profissional da informação: princípios epistemológicos à competência informacional

Elizete Vieira Vitorino

A situação ocupacional dos egressos do curso de biblioteconomia da UNESP/Marília

Ely Francina Tannuri de Oliveira, Marta Lígia Pomim Valentim, José Carlos Abbud Gracio, Cristiane Luiza Salazar Garcia

Biblioteca como lugar de práticas culturais: uma discussão a partir dos currículos de biblioteconomia no Brasil

Fabício José Nascimento da Silveira, Alcenir Soares dos Reis

Competência informacional de formandos em sistemas de informação

Eliane Cristina de Freitas Rocha

Competências do profissional bibliotecário brasileiro: o olhar do sistema CFB/CRBs

Célia Regina Simonetti Barbalho, Helen Beatriz Frota Rozados

Currículos dos cursos de biblioteconomia, documentação e ciência da informação no contexto da inclusão social

Silvio Santos

Distribuição dos recursos de formação em pós-graduação: o caso da ciência da informação no nordeste do Brasil

Marcos Galindo, Carlos Xavier de Azevedo Netto

O museólogo como profissional da informação em Santa Catarina

Hermes José Graipel Junior, Miriam Vieira da Cunha

Novos caminhos para o profissional da informação bibliotecário: competências, habilidades e a MBE

Kátia de Carvalho, Maria da Graça Gomes Almeida

O ensino de biblioteconomia no Brasil e aspectos de sua dimensão curricular: um exame dos ditos e não ditos na coleção documentos ABEBD

Francisco das Chagas de Souza

Perfil da comunidade acadêmica da escola de ciência da informação da UFMG: relações de poder e hierarquias

Joana Ziller, Tatiana Lucia Cardoso

Perfil dos bibliotecários das bibliotecas de instituições de ensino superior privadas do Distrito Federal e as expectativas dos empregadores

Grazielle Noronha Campos, Sofia Galvão Baptista

Pesquisar o ensinar: uma proposta de avaliação da ação didático-pedagógica em biblioteconomia e documentação da Universidade de São Paulo

Asa Fujino, Vânia Mara Alves Lima

Produção do conhecimento e demandas sociais da biblioteconomia no Maranhão

Mary Ferreira, Cenídalva Miranda Teixeira, Cláudia Pecegueiro, Maria Cléa Nunes

Profissionais de sistemas de informação: descrição da profissão e notas sobre as dificuldades de uma análise comparativa com os profissionais da informação

Josmária Lima Ribeiro de Oliveira

Representações das práticas e da identidade profissional dos bibliotecários no mundo contemporâneo

Magali Lippert da Silva, Valdir José Morigi

❖ 2009 X ENANCIB- João Pessoa. GT 06 - Informação, Educação e Trabalho

A biblioteca universitária como ambiente de aprendizagem no ensino superior: desafios e perspectivas

Margarida Maria de Sousa, Asa Fujino

Bases para o desenvolvimento da Biblioteconomia Clínica no Hospital da PUC-Campinas: capacitação de bibliotecários

Vera Silvia Marão Beraquet, Renata Ciol

Ética na Ciência da Informação e Biblioteconomia Brasileiras: sua discussão em periódicos e anais de eventos

Francisco das Chagas de Souza, Katiusa Stumpf

Formação para a pesquisa no ensino superior: aprendizagens dos bolsistas na iniciação científica

Estela Maris Giordani, Adriane Maria Moro Mendes, Evelllyn Ledur da Silva, Camila Ribeiro Menotti, Cecilia Machado Henriques

EB3- Informação, educação e conhecimento: as contribuições da pesquisa em CI na formação do profissional da informação

Ivete Pieruccini

Multiculturalismo em Ciência da Informação: percepções e ações dos profissionais da informação em bibliotecas escolares

Miriam Mattos, Eduardo Ismael Murguia

O profissional da informação como agente de (des)colonialidade do saber

Alejandra Aguilar Pinto

Origem e fundamentos do processo de desenvolvimento de coleções no Brasil: estudo de caso da Biblioteca Nacional

Simone da Rocha Weitzel

Perfil de liderança e desempenho profissional em empresa de TI

Estela Maris Giordani, Soraia Schutel, Wesley Lacerda e Silva, Paula Silva

Questões sobre a identidade e a socialidade no trabalho informacional mediado pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação

Jaqueline Abreu Vianna, Helena Maria Tarchi Crivellari

Contribuição da Pós-Graduação para o desenvolvimento de competências: aportes do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFBA

Aida Varela, Bruno B. dos Anjos, Igor Baraúna, Marilene Abreu Barbosa

Estudo do uso das bibliografias dos cursos de graduação da UFBA em relação às demandas dos componentes curriculares

Nídia M. L. Lubisco, Vinícios Souza de Menezes, Sônia Chagas Vieira, Marilene Lobo Abreu Barbosa, Sérgio Franklin

Usuário da informação: análise dos planos de ensino das disciplinas ministradas nos cursos de Biblioteconomia das universidades brasileiras

Maria de Jesus Nascimento, Eliane Dittrich

❖ 2010 XI ENANCIB- Rio de Janeiro. GT 06 - Informação, Educação e Trabalho

Competência informacional: o discurso dos profissionais da informação dirigentes de bibliotecas vinculadas a instituições de educação superior (IES) - saberes em transformação

Elizete Vieira Vitorino, Daniela Piantola

A articulação ensino-pesquisa como indicador de inovação na formação do profissional da informação

Mara Eliane Fonseca Rodrigues Correio

A formação do arquivista na Universidade de Brasília e sua inserção no mercado de trabalho na capital federal

Flávia Helena Oliveira

Impactos da atuação da ABEBD entre os anos 1967 e 2000 na inovação curricular

Francisco das Chagas de Souza

EB5 Categorização de conteúdos informacionais: aplicabilidade teórico-prática em programas de EAD online

Andréa Paula Osório Duque

Aportes da pós-graduação à formação de docentes na área da ciência da informação: o tirocínio docente do PPGCI/UFBA em foco

Aida Varela Varela, Marilene Lobo Abreu Barbosa, Bruno Batista dos Anjos

Gestão da informação: institucionalização dos espaços de trabalho e conhecimento

Ana Maria Barcellos Malin

Estágios: reflexões sobre a ação didático-pedagógica na formação do profissional da informação

Asa Fujino, Michele de Oliveira Vasconcelos

Tecnologia e inovações no trabalho e no uso da informação: análise de bibliotecas universitárias na África do Sul, Brasil e Moçambique

Manuel Valente Manguê, Helena Maria Tarchi Crivellari

O fazer bibliotecário na percepção do profissional na contemporaneidade: um estudo na cidade de Salvador - Bahia

Alda Lima da Silva, Henriette Ferreira Gomes

O ensino em arquivologia na Universidade Estadual de Londrina: etapas de uma reestruturação curricular

Nelma Camelo de Araújo, Linete Bartalo, Rosane Suely Alvares Lunardelli

Internacionalização dos cursos de biblioteconomia e ciência da informação: tendências e desafios

Elizabeth Adriana Dudziak

Perfis do profissional da informação: considerações a partir de um estudo de egressos

Marco Antonio de Almeida, Cláudio Marcondes Castro Filho

EB6 Biblioteconomia nas IFES do Nordeste: currículo e educação na perspectiva da inclusão social

Silvio Marcos Dias Santos, Maria Isabel de Jesus Sousa Barreira, Isa Freire

Ética profissional do bibliotecário atuante no segmento empresarial de Santa Catarina

Daniella Camara Pizarro

Avaliação de bibliotecas universitárias da rede privada de ensino superior pelo Ministério da Educação / INEP

Joelma Gualberto de Oliveira, Lígia Dumont

Educação de usuários no sistema integrado de bibliotecas da UFPE: diretrizes para uma política

Sandra Maria Neri Santiago, Carlos Xavier de Azevedo Netto

O campo de estágio em biblioteconomia: o olhar dos estudantes, dos professores e dos bibliotecários das instituições concedentes

Eduardo da Silva Alentejo, Mariana Giesta Gouvin, Diogo Ramos Marinho

O acesso às informações nos arquivos escolares: possibilidades de ensino e aprendizagem na produção do conhecimento

Priscila Ribeiro Gomes

Comportamento informacional de médicos-residentes como subsídio para a atuação do bibliotecário clínico em hospitais universitários

Vera Silvia Marão Beraquet, Renata Ciol, Fábio Aparecido Hutter, Janet Harrison

Competências informacionais de formandos em Biblioteconomia na Universidade Federal de Goiás

Thalita Franco Santos, Sofia Galvão Baptista

❖ 2011 XII ENANCIB- Brasília UnB. GT 06 - Informação, Educação e Trabalho

Análise da evasão e retenção no curso de arquivologia da UFRGS no período de 2000/1 a 2009/2

Ana Maria Mielniczuk de Moura, Geraldo Ribas Machado, Rafael Port da Rocha, Maria do Rocio Fontoura Teixeira

As práticas pedagógicas no processo de ensino-aprendizagem do profissional da informação: desafios e perspectivas de mudanças

Mara Eliane Rodrigues

Os campos de atuação dos profissionais bibliotecários no município de ribeirão preto

Claudio Marcondes Castro Filho, Marcia Regina Silva, José Eduardo Santarém Segundo, Beatriz Santos Chaves

Desafios e perspectivas para a integração graduação/pós-graduação em Ciência da Informação: o caso do ICI/UFBA

Maria Yêda Falcão Soares de Filgueiras Gomes

Investigação sobre a preparação do formando em biblioteconomia da ufsc para atuar em biblioteca prisional

Francisco das Chagas de Souza, Maria Raimunda de Lira Cabral

Apontamentos sobre a matriz curricular dos cursos de biblioteconomia e ciência da informação do estado de são paulo

Solange Puntel Mostafa, Claudio Marcondes de Castro Filho, Márcia Regina Silva, Ana Carolina Cintra Faria

O impacto das narrativas na cultura de aprendizagem organizacional

Valério Brusamolín

O desenvolvimento da competência informacional: “achados e perdidos” no discurso dos profissionais da informação dirigentes de bibliotecas vinculadas a instituições de educação superior (ies)

Elizete Vieira Vitorino, Daniela Piantola

Formação de mestres para docência e pesquisa: relato da experiência da disciplina Epistemologia e Ciência da Informação

Aida Varela Varela, Henriette Ferreira Gomes

Um Sistema de Acompanhamento de Egressos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Geraldo Machado

Dimensões da competência em informação: resultados de um teste online para estudantes de turismo na era digital

Maria Helena de Lima Hatschbach, Gilda Olinto, Gilda Olinto

Emprego, estabilidade e carreira do bibliotecário brasileiro: análise de dados da RAIS e RAIS MIGRA nos anos de 1985 a 2009

Josmária Lima Ribeiro de Oliveira, Helena Maria Tarchi Crivellari

Sintonia entre o fazer profissional e o atendimento ao usuário: em foco o acesso ao conhecimento

Aida Varela Varela, Marilene Lobo Abreu Barbosa, Joilma Maltez Silva, Ícaro Vinicius Costa Santos

Proposta de sistema de gestão da qualidade do estágio curricular em biblioteconomia às escolas brasileiras

Eduardo da Silva Alentejo

ANÁLISE HISTÓRICA DA GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA DA ECI/UFMG: a inter-relação entre o contexto social e as dimensões de subjetividade

Alcenir Soares Reis, Gesner Francisco Xavier Junior, Hugo Avelar Cardoso Pires

A formação do profissional bibliotecário no ensino superior: o foco no desenvolvimento da competência informacional

Thalita Franco Santos, Sofia Galvão Baptista

❖ 2012 XIII ENANCIB- Rio de Janeiro. GT 06 - Informação, Educação e Trabalho

A contribuição das competências em informação no contexto das tecnologias digitais: uma exigência da sociedade em rede para professores da educação básica

Carlos Eugênio da Silva Neto, Gustavo Henrique de Araújo Freire

Entre discursos e práticas pedagógicas interdisciplinares: um estudo dos cursos de Biblioteconomia da UNIRIO e da UFF

Nina Rosa Silva Aguiar, Mara Eliane Fonseca Rodrigues

Ética profissional e autoavaliação do potencial de beneficência ou maleficência do trabalho realizado pelo bibliotecário atuante em bibliotecas públicas, empresariais e universitárias em Santa Catarina: uma perspectiva comparativa

Francisco das Chagas de Souza, Francisca Rasche, Daniella Camara Pizarro, Katiusa Stumpf

A formação docente da Biblioteconomia e Ciência da Informação: um retrato de cursos e programas de pós-graduação no Brasil

Dalgiza Andrade Oliveira, Marlene Oliveira

A pós-graduação em Ciência da Informação como espaço de formação docente

Mara Eliane Fonseca Rodrigues

A mediação da leitura no desenvolvimento da atitude científica: uma experiência no ensino da pós-graduação em Ciência da Informação

Henriette Ferreira Gomes, Aida Varela Varela

Desenvolvimento de competências informacionais em moradores de uma comunidade popular urbana

Maria Giovanna Guedes Farias, Aida Varela Varela

Reconhecimento das profissões da informação: uma leitura a partir de Bourdieu

Eliane Cristina de Freitas Rocha, Helena Maria Tarchi Crivellari

Tecnologia da informação e comunicação na formação em Ciências da Informação e da Documentação em Portugal

Ronaldo Ferreira de Araujo, Armando Malheiro da Silva

Avaliação do desempenho de alunos em atividades acadêmicas

Tânia Barbosa Salles Gava, Luciana Itida Ferrari

EBA 9 Informação para a tomada de decisão nas organizações: habilidades e competências do bibliotecário

Orlando de Almeida Filho, Edilankaster Nascimento Souza

A ética no pensamento expresso de líderes de bibliotecas comunitárias no Brasil

Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da Silva

Interação da pós-graduação com a graduação: uma experiência no tirocínio docente na disciplina fundamentos da informação ICI/UFBA

Iramaia Ferreira Santana, Andrea Rita Checcucci Guedeville Silveira, Cátia Duarte Andrade de Santana, Aida Varela Varela, Henriette Ferreira Gomes

Inserção de conteúdo de competência informacional e de formação pedagógica nos currículos dos cursos de Biblioteconomia do Brasil: uma análise por meio dos sites institucionais

Marta Leandro da Mata, Helen de Castro Silva Casarin

O bibliotecário de referência: estudo do desenvolvimento profissional nas bibliotecas da UECE e UFC

Gabriela Belmont de Farias, Maria Naires Alves de Souza

Competência em informação para profissionais da Saúde: relato de experiência

Maria Fátima Pereira, Ivan Claudio Pereira Siqueira, Ricardo Luiz Pereira Bueno

A clínica da atividade viabilizando o grupo como um dispositivo de análise do trabalho docente universitário

Dulcinea Sarmento Rosemberg

Centros de memória e documentação artísticas: formação do profissional documentalista

Eliane Serrão Alves Mey

Análise do GT6 (Informação, Educação e Trabalho) da ANCIB nos anos 2009 a 2011: autores, temas e metodologias

Martha Suzana Cabral Nunes, Basilon A. de Carvalho

Potencializando a atitude científica mediante o desenvolvimento de competências informacionais: missão da biblioteca

universitária

Aida Varela Varela, Marilene Lobo Abreu Barbosa, Ana Paula Santos Souza Teixeira, Ana Valéria de Jesus Moura, Joilma Maltez Silva

❖ 2013 XIV ENANCIB- Florianópolis. GT 06 - Informação, Educação e Trabalho

Ditos e não-ditos das práticas éticas dos bibliotecários das melhores universidades de pesquisa do Brasil: evidências nos discursos dos portais das bibliotecas

Francisco das Chagas de Souza

Construção do site da biblioteca nas nuvens: contribuição para a ciência da informação

Robéria Vasconcelos Andrade, Wagner Junqueira Araújo

Ações de informação de caráter relacional e formativo para intervenção em uma comunidade urbana

Maria Giovanna Guedes Farias, Aida Varela Varela, Isa Maria Freire

Reconhecimento e estabilidade profissional: estudo comparado entre bibliotecários, contadores e analistas de tecnologia da informação

Josmária Lima Ribeiro de Oliveira, Helena Maria Tarchi Crivellari

Informação e trabalho – Discussão das temáticas no gt6 da ANCIB (2007 a 2012)

Asa Fujino, Adaci A O Rosa da Silva

Habilidades em pesquisa jurídica de operadores do direito

Antonio Edilberto Costa Santiago, Maria Isabel de Jesus Souza Barreira

Aplicação de parâmetros de competência na perspectiva da ressignificação de protótipos curriculares, a partir de experiências acumuladas

Marilene Lobo Abreu Barbosa, Aida Varela Varela

A dimensão estética da competência informacional

Eliane Rodrigues Mota Orelo, Elizete Vieira Vitorino

Ações de informação para competências na formação bibliotecária

Isa Maria Freire, Gustavo Henrique de Araújo Freire

A evasão no curso de biblioteconomia da universidade federal do Maranhão

Maria Mary Ferreira

Os mestres do PPGCI/UFPB: trajetórias profissionais e representações

Edilson Targino Melo Filho, Edvaldo Carvalho Alves

BIBLIOTECÁRIO EDUCADOR: a formação como aliada no exercício do papel educativo

Laura Valladares de Oliveira Soares

❖ 2014 XV ENANCIB- Belo Horizonte. GT 06 - Informação, Educação e Trabalho

A busca do discurso do profissional da informação com o emprego da entrevista

Francisco das Chagas de Souza; Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da Silva; Daniella Camara Pizarro; Eliane Fioravante Garcez; Priscila Lopes Menezes

A dimensão técnica da competência informacional: visão dos bibliotecários de referência das bibliotecas universitárias da grande Florianópolis, SC.

Alexandre Pedro de Oliveira; Elizete Vieira Vitorino

A formação do bibliotecário em Alagoas mediando o acesso à informação por deficientes auditivos

Nelma Camelo Araújo; Francisca Rosaline Mota; Josilene Silva

A formação do bibliotecário para atuar na sociedade inclusiva

Rubens Alves Silva; Michelle Assunção Costa; Helena Maria Tarchi Crivellari

A função educativa do bibliotecário no século XXI: visão brasileira

Margarida Maria de Sousa; Asa Fujino

A realidade dos Quartieri Sensibili na Itália: a informação como instrumento de transformação social

Maria Giovanna Guedes Farias; Isa Maria Freire

Ações de inclusão digital nas instituições penitenciárias do Brasil e Espanha: um estudo comparado

Júlio Afonso Sá de Pinho Neto

Ações para competências em informação como apoio ao ensino

Isa Maria Freire; Gustavo Henrique de Araújo Freire

Causas da evasão no curso de biblioteconomia – habilitação em gestão da informação da Udesc

Delsi Fries Davok; Daniela Spudeit

Competência informacional em instituições de ensino superior de Moçambique: níveis de integração em bibliotecas universitárias

Ilídio Lobato Ernesto Manhique; Aida Varela Varela

Disseminação da informação no contexto das mídias sociais de olho na CI

Aline Poggi Lins de Lima

Elementos de comparação do emprego bibliotecário em tempos de crise

André de Souza Pena; Helena Maria Tarchi Crivellari; José Antonio Moreiro González; Manuel Valente Mangue

Formação do bibliotecário: planejando e avaliando por parâmetros de competência

Marilene Lobo Abreu Barbosa

Interação disciplinar entre a ciência da informação e biblioteconomia

Dalgiza Andrade Oliveira; Marlene Oliveira

Mediação da informação no fazer do bibliotecário no âmbito do interculturalismo

Patrícia Vargas Alencar

Mediação, cultura e tecnologia: questões para a formação nas ciências da informação

Marielle Barros de Moraes; Marco Antônio de Almeida

O ensino da normalização documentária na biblioteconomia brasileira

Naira Christofoletti Silveira; Marianna Zattar; Tatiana de Almeida

Por uma atuação empática do bibliotecário de referência na contemporaneidade

Adriana Silva Ornellas ; Patrícia Vargas Alencar

Sistema de educação a distância na UFBA: acesso, uso e comportamento informacional dos usuários

Iramaia Ferreira Santana Santos; Aida Varela Varela

Formação continuada e educação a distância (EAD): aperfeiçoamento das competências e habilidades dos bibliotecários

Cláudia Maria Gomes Curi, Mara Eliane Fonseca Rodrigues, Esther Hermes Lück

O ensino superior de arquivologia: no escurinho do cinema

Miriam Paula Manini, Cynthia Roncaglio

Ações de informação para Educação e Trabalho no Laboratório de Tecnologias Intelectuais - LTI

Isa Maria Freire, Gustavo Henrique de Araújo Freire

A relação entre a empatia e a prática da leitura literária e sua influência para o bibliotecário de referência

Adriana Silva Ornellas, Patrícia Vargas Alencar

Biblioterapia: percepção dos discentes de biblioteconomia da Ufsc e Udesc

Clarice Fortikamp Caldin, Inez Helena Garcia

Do Pó do livro aos bytes da informação: os processos de identificação discursiva do profissional da informação circulante nos canais informais na internet

Rodolfo Targino de Araújo, Lídia Silva de Freitas

A coerência entre uma metodologia de ensino-aprendizagem inovadora e sua metodologia avaliativa: o caso da disciplina tecnologias da informação

Antonio Wagner Chacon Silva, Jefferson Veras Nunes

O uso do material didático impresso de educação à distância na graduação presencial: estudo de caso.

Patrícia Mota Lourenço, Vera Lúcia Alves Breglia

Inclusão social no programa um computador por aluno: Análise a partir do Regime de Informação

Janecey Silveira de Lima, Edivanio Duarte de Souza

A dimensão ética da competência informacional dos bibliotecários do instituto federal de educação, ciência e tecnologia de Santa Catarina

Eliane Pellegrini, Elizete Vieira Vitorino

O desenvolvimento da competência informacional dos idosos: um olhar para as necessidades informacionais desses indivíduos

Djuli Machado De Lucca, Elizete Vieira Vitorino

O mercado de trabalho de arquivistas e museólogos

Thiara dos Santos Alves, Helena Maria Tarchi Crivellari, Maria Guiomar da Cunha Frota

Diferenças de gênero no uso das tecnologias da informação e da comunicação: um estudo na Biblioteca Parque de Manguinhos

Aline Gonçalves da Silva, Gilda Olinto

Mapeamento e análise do mercado de trabalho dos egressos do curso de biblioteconomia da universidade federal do Rio Grande do Norte

Drª Luciana Moreira

Diretrizes curriculares nacionais e a construção de propostas curriculares inovadoras: um estudo de cotejamento dos projetos políticos pedagógicos

DAYANNE DA SILVA PRUDENCIO, Mara Eliane Fonseca Rodrigues

A função educacional do bibliotecário: o autoarquivamento em repositórios institucionais como locus para o letramento informacional

Rosângela Maria Nascimento, Alberto Calil Junior

❖ 2016 XVII ENANCIB- UFBA- Salvador. GT 06 - Informação, Educação e Trabalho

Estado do conhecimento sobre biblioteconomia escolar no Brasil

Eduardo Valadares da Silva, Silvana Ventorim

Uma matriz para o desenvolvimento da competência em informação, sob o foco das dimensões técnica, estética, ética e política e a partir dos cenários de Brasil, Portugal e Espanha

Elizete Vieira Vitorino

Competência em informação digital: o ponto de vista dos bibliotecários gestores das bibliotecas universitárias da associação catarinense das fundações educacionais

Ana Claudia Philippi Pizzorno, Elisa Delfini Corrêa

Estudo investigativo sobre estágio curricular na ciência da informação

Adaci A O Rosa da Silva, Asa Fujino

Ações formativas para mediação da informação

Genoveva Batista do Nascimento, Isa Maria Freire, Maria Meriane Vieira Rocha, Patricia Silva

Conhecimento, trabalho e inovação: elementos analíticos para uma reflexão crítica da sociedade da informação

Vinicius Aleixo Gerbasí, Lidia Eugenia Cavalcante

Serviço de educação de usuários utilizando a gamificação

Diego Monsani, Jordan Paulesky Juliani

Relações de gênero e biblioteconomia: o que move o sexo masculino a ingressar em um curso majoritariamente feminino

Hugo Avelar Cardoso Pires, Lígia Maria Moreira Dumont

Estudo bibliométrico das publicações do gt6 – ENANCIB: análise do termo competência

Gabriela Belmont Farias, Maria Giovanna Guedes de Farias

Avaliação qualitativa de uma metodologia de ensino-aprendizagem inovadora na disciplina tecnologias da informação i

Antonio Wagner Chacon Silva, Jefferson Veras Nunes

Biblioteca universitária e o hábito informacional dos usuários: possíveis contribuições do bibliotecário na inserção do livro eletrônico na área de saúde

Livia Santos de Freitas, Henriette Ferreira Gomes, Raquel do Rosário Santos

Análise das práticas educacionais dos bibliotecários em bibliotecas universitárias com enfoque na educação de usuários e na competência em informação

Marta Leandro da Mata, Adriana Rosecler Alcará

Aportes conceituais de empreendedorismo e inovação para o desenvolvimento do profissional da informação em novos contextos de trabalho

Ana Clara Cândido, William Barbosa Vianna, Sonali Paula Molin Bedin

Competências digitais: comportamentos, percepções e atitudes dos docentes/pesquisadores dos PPGICs – 2008 a 2012

Marynice Medeiros Matos Autran, Maria Manuel Borges

Informação e educação: elementos para a formação de mediadores culturais

Solange Maria Rodrigues Alberto, Ivete Pieruccini

Análise do mercado de trabalho como estratégia para a mediação da formação do bibliotecário: o caso dos egressos do curso de graduação em biblioteconomia da universidade federal do Rio Grande do Norte

Luciana Moreira Carvalho, Pedro Alves Barbosa Neto

A extensão como ação de responsabilidade social universitária na perspectiva da ciência da informação

Elieny do Nascimento Silva, Maria Isabel de Jesus Sousa Barreira

Necessidades informacionais dos bibliotecários formados no nordeste brasileiro

JAIRES OLIVEIRA SANTOS, MARIA ISABEL DE JESUS SOUSA BARREIRA

A dimensão ética da competência em informação: a experiência narrada dos bibliotecários do instituto federal de educação, ciência e tecnologia de Santa Catarina (IFSC)

Eliane Pellegrini, Elizete Vieira Vitorino

Biblioterapia aplicada com estudantes de biblioteconomia da UFSC: uma vivência terapêutica com histórias

Carla Sousa, Clarice Fortkamp Caldin

Reflexões em torno da conduta ética do arquivista

Bianca Therezinha Carvalho Panisset, João Marcus Figueiredo de Assis

O desafio da acessibilidade e da inclusão em bibliotecas universitárias: a prática da biblioteca central da universidade federal do Maranhão

Isabel Cristina Diniz, Ana Margarida Almeida, Cassia Cordeiro Furtado